

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Dissertação de Mestrado

**Sucesso no Campo Escolar de Estudantes Oriundos de Classes Populares:
estrutura e trajetórias**

Fernando Gonçalves de Gonçalves

Orientadora: Prof.^a Dra. Clarissa Eckert Baeta Neves.

Porto Alegre, Março de 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

Fernando Gonçalves de Gonçalves

**Sucesso no Campo Escolar de Estudantes Oriundos de Classes Populares:
estrutura e trajetórias**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Clarissa Eckert Baeta Neves.

Fernando Gonçalves de Gonçalves

**Sucesso no Campo Escolar de Estudantes Oriundos de Classes Populares:
estrutura e trajetórias**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Clarissa Eckert Baeta Neves (orientadora)
PPGS – UFRGS

Prof. Dr. Leandro Raizer
DEC – UFRGS

Prof. Dr. Alexandre Silva Virgínio
Depto. Sociologia – UFRGS

Profa. Dra. Marília Patta Ramos
PPGS – UFRGS

*Dedico esta dissertação ao meu pai, Adão, tipógrafo e poeta,
que me transmitiu as disposições necessárias a realizá-la.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta dissertação se tornasse possível.

Em primeiro lugar, agradeço à professora Clarissa, pela maravilhosa orientação da qual dispus ao longo dos últimos anos e aos colegas do Grupo de Estudos sobre Universidade, pelo aprendizado e companheirismo no ofício da pesquisa.

Aos professores Alexandre, Marília e Leandro por terem aceitado o convite para participarem da banca, bem como pelos demais momentos em que nos encontramos ao longo da vida acadêmica.

Aos colegas da turma de 2013 do Mestrado, por terem tornado esta experiência tão impar.

À CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos que tornou possível esta dissertação.

Aos colegas do LAVIECS, também companheiros da vida acadêmica, pela grande experiência de trabalhar com educação à distância.

AO PPGS e a todos os professores do programa, por toda a estrutura e apoio para a realização do curso de mestrado.

Ao professor Rafael Arenhaldt, pelo seu apoio e apresentação aos interlocutores.

Aos interlocutores desta pesquisa, que dispuseram de um dos recursos mais preciosos na sociedade moderna, o tempo, apenas pelo desejo de ser útil ao progresso do conhecimento.

À professora Adriana Vargas, por ter me apresentado o universo da Sociologia, ainda no Ensino Médio.

À minha família, meus pais, irmãs, tios, tias e primos, especialmente à tia e madrinha Izete, por todo o apoio e pelo modelo intelectual.

Por fim, à Julia, minha companheira, por quem faltam palavras para expressar todo o meu agradecimento. Sem sua presença encantadora, este trabalho teria sido impossível.

RESUMO

Atingir o ensino superior brasileiro é uma situação de relativo “sucesso escolar”, pois apenas 15% dos jovens brasileiros o atingem atualmente. A presença de estudantes de classes populares com pouca incorporação dos capitais cultural e econômico é reduzida, mas não excepcional. Em 2012, mais de 70% dos estudantes desse nível provinham dos cortes de renda C, D e E (IBGE). A pesquisa tem por objetivo mapear as condições necessárias ao “sucesso escolar” desses estudantes, apesar dos poucos capitais que conseguem mobilizar. Combinaram-se técnicas quantitativas, a partir da regressão logística com dados do ENEM, para entender os condicionantes do “sucesso escolar”, e qualitativas, com entrevistas e análise de conteúdo. Apesar de o capital cultural ser importante, como mostra a influência dos indicadores que o representam (realização de cursinho, frequência de leitura, etc.), os dados indicam que o capital econômico é ainda mais determinante sobre as chances de sucesso. Cursos que necessitam de nota maior para ingresso filtram candidatos advindos das classes médias e altas, como prevê a teoria da reprodução. As entrevistas mostram que, ao contrário do que predizia a bibliografia sobre o tema, as trajetórias de “sucesso” escolar de agentes oriundos de classes populares se assemelham, apesar da heterogeneidade de disposições, àquelas típicas de frações intelectualizadas da classe média, rápidas e ascendentes, mesmo que apenas após superada a barreira do vestibular.

Palavras Chaves: Teoria da Reprodução, Sucesso Escolar, Classes Populares.

ABSTRACT

To reach Brazilian higher education is a situation of relative “scholar success”, because merely 15% of Brazilian young person reach it today. The presence of popular class students who have little annexation of cultural and economical capital is reduced, but not rare. In 2012, more than 70% of students in higher education came from economic classes C, D and E (IBGE). The purpose of this research is to map the conditions to get “scholar success”, instead of those students having not much capital to marshal. There are quantitative and qualitative methods. In quantitative method was used logistic regression with National Exam of High School (ENEM) to understand the predicting factors of scholar success. In qualitative method was used with interviews and content analysis. Instead of cultural capital to be important, as shown in variables’ influence which represent it (preparatory courses, reading habits, etc.), data show that economic capital is more determining in the success odds. Graduation courses that need a higher grade to enter in it selects contesters from middle and higher classes as indicated by the reproduction theory. Interviews show that, instead of reference about the theme, the scholar success trajectories from individuals who have popular class origins are similar to those typical of intellectualized portions of middle class: fast and ascendant, even as only after transposing the barrier of selections exams to university.

Key words: Reproduction Theory, Scholar Success, Popular Classes.

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Taxa líquida de Matrícula no Ensino Superior.....	15
Gráfico 2: Frequência de Jovens de 18 a 24 anos ao sistema de ensino.....	15
Gráfico 3: Curso frequentado por aqueles que estudam.....	16
Gráfico 4: Quintos de Renda - Rede Privada.....	17
Gráfico 5: Quintos de Renda - Rede Superior Pública.....	17
Gráfico 6: Escolaridade dos Pais dos Concluintes do Ensino Superior (2008).....	18
Gráfico 7: Tipo de Escola Cursado no EM pelos Concluintes do Ensino Superior (2008).....	19
Gráfico 8: "Sucesso" no SISU por nota mínima para acessar os cursos selecionados.....	48
Gráfico 9: Distribuição das notas no ENEM 2009.....	48
Gráfico 10: Distribuição das notas no ENEM 2009:.....	54
Gráfico 11: % de candidatos que atingem a nota mínima por idade.....	63
Gráfico 12: Cor/ Raça e chances de sucesso escolar.....	64
Gráfico 13: Religião e chances de sucesso escolar.....	65
Gráfico 14: Estado Civil e chances de sucesso no SISU.....	66
Gráfico 15: Número de filhos e chances de sucesso no SISU.....	67
Gráfico 16: Sexo e chances de sucesso no SISU.....	68
Gráfico 17: Renda familiar e chances de sucesso no SISU.....	69
Gráfico 18: profissão do pai e chances de sucesso no SISU.....	72
Gráfico 19: Escolaridade da mãe e chances de sucesso escolar.....	74
Gráfico 20: Realização de cursinho pré-vestibular e chances de sucesso no SISU.....	75
Gráfico 21: Curso de Língua Estrangeira e chances de sucesso no SISU.....	76
Gráfico 22: Frequência de Leitura de Jornais e Chances de Sucesso no SISU.....	79
Gráfico 23: Frequência de Leitura de Revistas de Informação Geral e Chances de Sucesso no SISU:.....	80
Gráfico 24: Frequência de Leitura de Revistas de Divulgação Científica e Chances de Sucesso no SISU.....	81
Gráfico 25: Frequência de Leitura de Revistas sobre Educação e Chances de Sucesso no SISU.....	81
Gráfico 26: Leitura de ficção e chances de sucesso no SISU.....	82
Gráfico 27: Frequência de Leitura de Livros de Não-Ficção e Chances de Sucesso no SISU.....	83
Gráfico 28: Leitura de enciclopédias, dicionários e manuais e chance de sucesso no SISU.....	83
Gráfico 29: Frequência de Leitura de Revistas de humor, quadrinhos ou jogos e Chances de Sucesso no SISU.....	84
Gráfico 30: Frequência de leitura de revistas para adolescentes e chances de sucesso no SISU.....	85
Gráfico 31: Frequência de Leitura de Revistas sobre Comportamento e Chances de Sucesso no SISU.....	85
Gráfico 32: Frequência de Leitura de Revistas sobre Esportes e Chances de Sucesso no SISU.....	86
Gráfico 33: Frequência de Leitura de Revistas sobre Saúde e Chances de Sucesso no SISU.....	87
Gráfico 34: Frequência de leitura de revistas sobre religião e chances de sucesso no SISU.....	87
Gráfico 35: Acesso à internet e chances de sucesso no SISU.....	88
Gráfico 36: Rede do EM e chances de sucesso no SISU.....	89
Gráfico 37: modalidade do EM e chances de sucesso no SISU.....	90
Gráfico 38: Turno do EM e Chances de Sucesso no SISU.....	91

Lista de Figuras

<i>Figura 1: Desigualdades escolares e sociais.</i>	40
<i>Figura 2: Visão geral do corpus de entrevistas.</i>	52
<i>Figura 3: Ambiente de Análise no Sonal.</i>	53
<i>Figura 4: Matriz de correlação dos hábitos de leitura dos candidatos.</i>	78
<i>Figura 5: Nuvem de palavras de termos mais recorrentes nas entrevistas.</i>	151
<i>Figura 6: interpretação sobre a influência de algumas categorias de análise sobre o sucesso escolar nos casos.</i>	152

Lista de Quadros

<i>Quadro 1: Quadro de análise quantitativo.....</i>	<i>50</i>
<i>Quadro 2: Quadro de análise qualitativa</i>	<i>51</i>
<i>Quadro 3: Síntese dos casos pesquisados.....</i>	<i>94</i>

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1: Resumo dos modelos logísticos binários.....</i>	<i>58</i>
--	-----------

Lista de Siglas

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes do Ensino Superior.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

FUNDARC – Fundação Municipal de Arte e Cultura

IF – Instituto Federal

PEIES – Programa de Ingresso ao Ensino Superior.

PROUNI – Programa Universidade para Todos.

REUNI – Programa de Expansão e Reestruturação do Ensino Superior

SISU – Sistema de Seleção Unificada.

Sumário

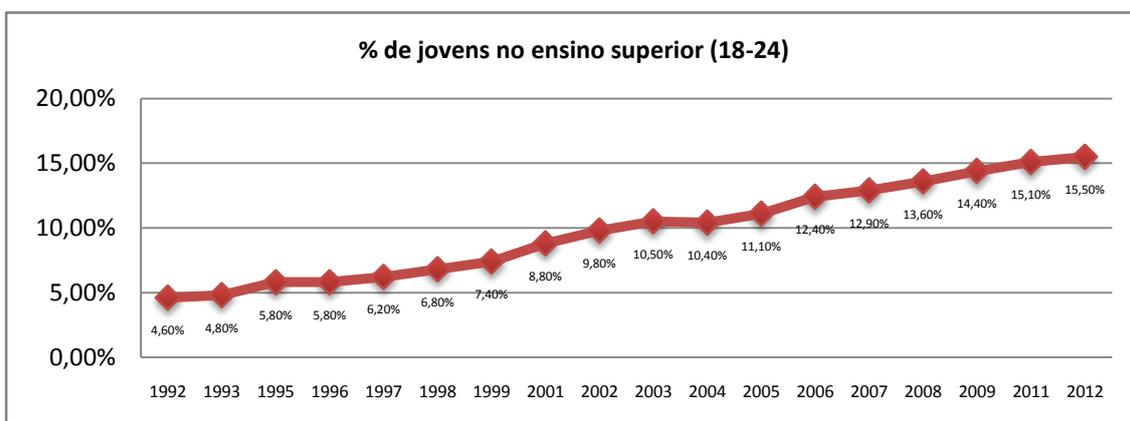
Capítulo 1 - Introdução	15
1.1 Problema:	20
1.2 Definição de “sucesso” e “insucesso”:	20
1.3 Justificativa:	21
1.4 Objetivos:	21
1.5 Hipótese:	22
Capítulo 2: A “produção” desigual dos indivíduos e as desigualdades no campo escolar.....	23
2.1 Capital Cultural e Reprodução:	23
2.2 Configurações:	27
2.3 Disposições:	28
2.4 Má-Fé Institucional, “ralé” e batalhadores no Brasil.	30
2.5 Estado da Arte.	37
2.5.1 <i>Classe social e desigualdades educacionais.</i>	37
2.5.2 <i>Reprodução em diferentes configurações sociais.</i>	40
2.5.3 <i>Educação e Classes populares brasileiras:</i>	41
2.5.4 <i>“Sucesso” escolar em classes populares brasileiras.</i>	42
Capítulo 3: Explicações Metodológicas	46
3.1 Nota Epistemológica: A Sociologia como um instrumento que permite ver o que é invisível.....	46
3.2 Estruturas do Sucesso Escolar no Brasil: um estudo multivariado com o uso da regressão logística.	47
3.3 Construção de retratos sociológicos: entrevistas em profundidade e análise de conteúdo.	50
Capítulo 4. Estruturas do “Sucesso” Escolar no Brasil.	54
4.1 Modelos logísticos.	56
4.2 Variáveis de controle:.....	63
4.3 Capital Econômico:	68
4.5 Capital cultural incorporado adquirido.....	75

4.5.1 Hábitos de Leitura:	77
4.6 Capital cultural institucionalizado.....	89
4.7 Comentários sobre os resultados.	91
Capítulo 5: Retratos Sociológicos: sucesso escolar em classes populares.	94
5.1 (caso 1) Lucas Bittencourt: ativismo político na socialização secundária e sucesso escolar.	95
5.2 (caso 2) Clara Kowalsky: a boa vontade cultural em um caso quase típico-ideal.....	102
5.3 (Caso 3) Bernardo Peres: uma trajetória escolar rápida e ascendente, apesar da raridade de capitais familiares.....	110
5.4 (caso 4) Tainã Pereira: socialização popular e ascensão social.....	121
5.5 (caso 5) Rodrigo Brasil: variabilidade de disposições e forte ascensão.....	127
5.6 (caso 6) Amanda Dutra: disciplina e boa vontade cultural.....	135
5.7 (caso 7) Jéssica Rauber: trajetória escolar instável, aliada a disposições culturais fortemente legítimas.....	142
5.9 Generalizações teóricas sobre os casos.	150
Considerações Finais:.....	155
Referências:.....	157
Anexo 1: Questionário do Estudante (ENEM 2009).....	160
Anexo 2: Roteiro de Entrevista.	166

Capítulo 1 - Introdução

É possível afirmar que quem chega ao ensino superior brasileiro se aproximou de uma situação de relativo “sucesso escolar”¹, já que apenas cerca de 15% dos jovens brasileiros atingem esse nível de ensino atualmente, proporção baixa se comparada com a de países desenvolvidos ou mesmo com a de países latino-americanos (Guadilla, 2007). Essa proporção, embora baixa, praticamente triplicou nos últimos 20 anos (gráfico 1).

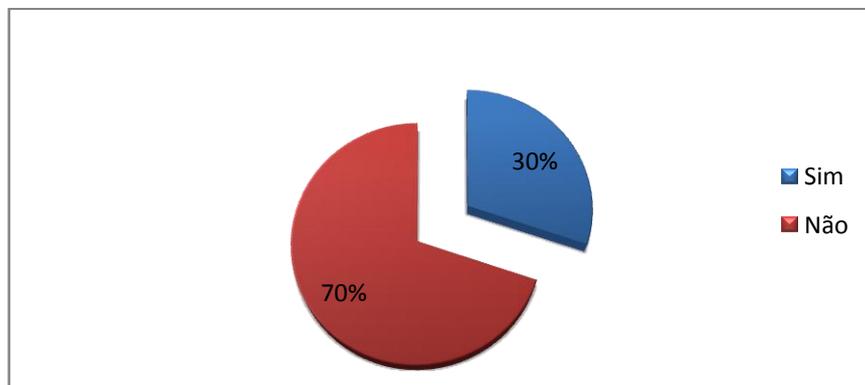
Gráfico 1: Taxa líquida de Matrícula no Ensino Superior



Fonte: elaboração própria cf. PNAD/IBGE.

Apesar dessa expansão, quase 85% dos jovens brasileiros em idade de atender aos bancos do ensino superior estão dele excluídos, o que reforça a nossa definição, já apontada pela literatura sobre o tema no Brasil, de que atingir o ensino superior brasileiro configura uma situação de “sucesso escolar”. Como mostra o gráfico 2, menos de um terço dos jovens brasileiros estão, de alguma forma, inseridos no sistema educacional.

Gráfico 2: Frequência de Jovens de 18 a 24 anos ao sistema de ensino

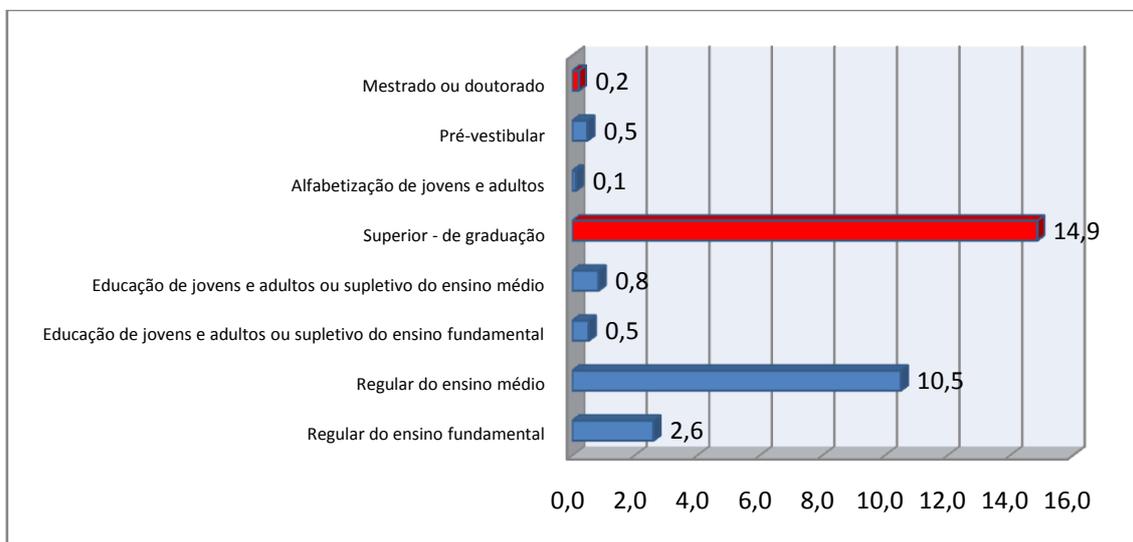


Fonte: elaboração própria cf. PNAD/IBGE (2012).

¹ Discutimos adiante a definição de “sucesso escolar”.

Entre os cerca de 30% que estudam, em algum nível, praticamente a metade está em alguma etapa defasada em relação ao nível que deveria estar frequentando, como nos mostra o gráfico 3.

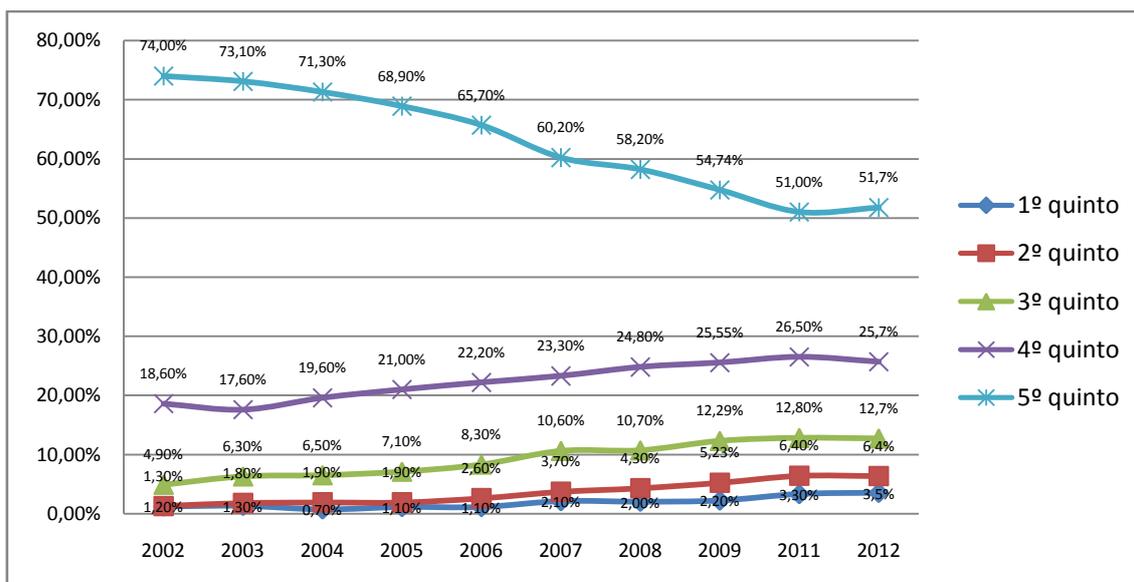
Gráfico 3: Curso frequentado por aqueles que estudam



Fonte: elaboração própria cf. PNAD/IBGE (2012).

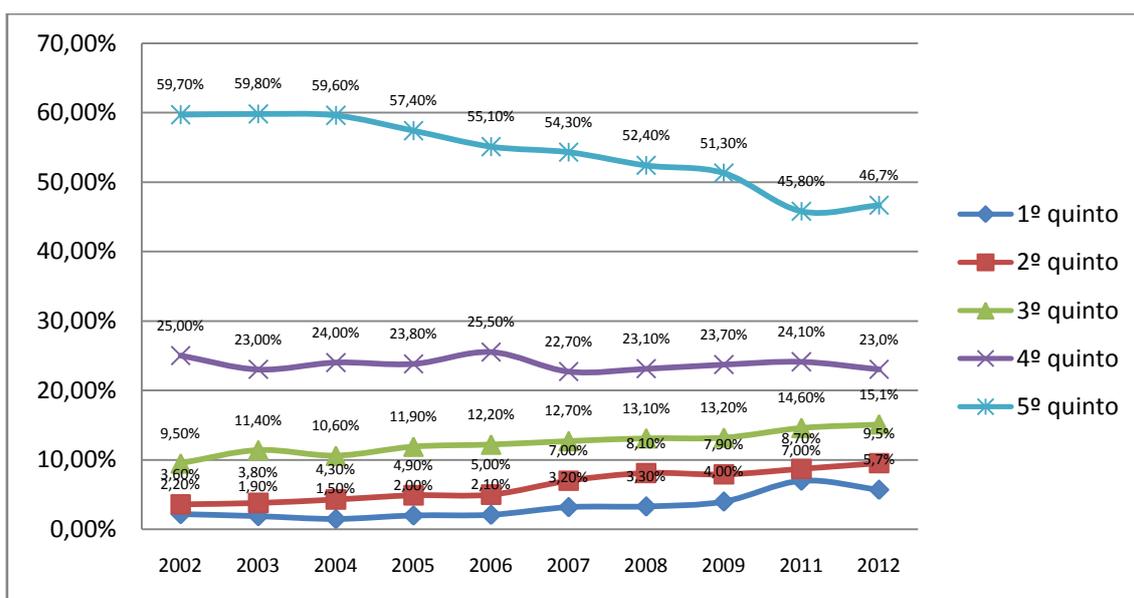
Como se pode observar, um número bastante elevado ainda se encontra retido no nível médio ou mesmo no nível fundamental da escolarização básica. O que faz, porém, com que alguns sejam retidos na educação básica enquanto outros atingem o ensino superior ou mesmo pós-graduações e outros, ainda, sejam excluídos prematuramente do sistema de ensino? Os dados disponíveis através das grandes amostragens nacionais, como a PNAD, nos mostram que o capital econômico parece ser um desses fatores que influenciam a apropriação desigual entre diferentes cortes de renda desse bem escasso que é o ensino superior, muito embora as desigualdades aqui também estejam diminuindo, tanto na rede pública (que congrega cerca de $\frac{1}{4}$ da matrícula nesse nível de ensino), quanto na rede privada (que congrega os $\frac{3}{4}$ restantes). Os gráficos 4 e 5 nos mostram essa evolução. Neles, a população brasileira é dividida em cinco faixas de tamanho igual (quintis) de renda, daqueles com maior renda (5º quintil) até aqueles com menor renda (1º quintil) e se observa de quais quintis provém os estudantes do ensino superior ao longo dos anos.

Gráfico 4: Quintos de Renda - Rede Superior Privada



Fonte: elaboração própria cf. PNAD/IBGE.

Gráfico 5: Quintos de Renda - Rede Superior Pública

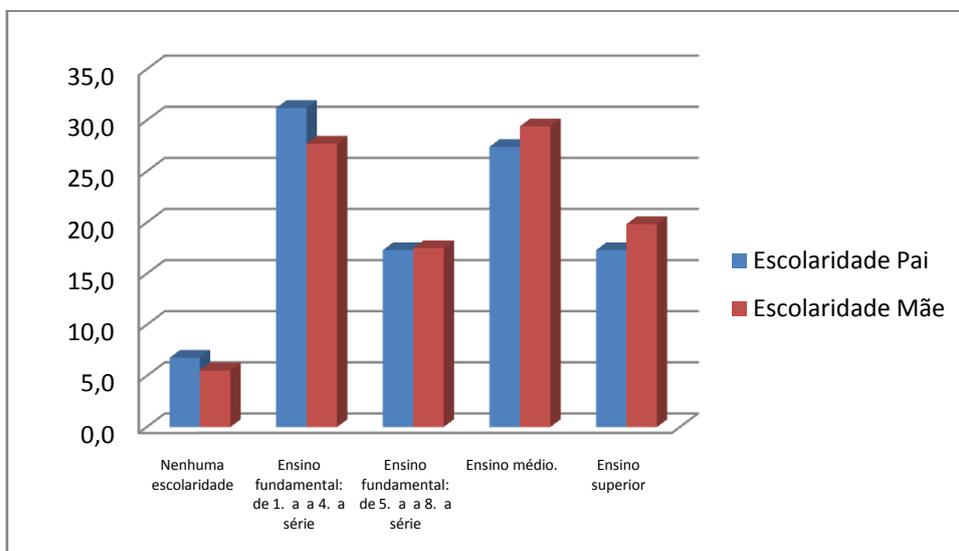


Fonte: elaboração própria cf. PNAD/IBGE.

Houve uma queda na proporção de estudantes advindos das faixas de renda mais elevadas: em 2002, 59% dos estudantes do sistema público de ensino superior provinham dos 20% com maior renda da população (5º quintil), enquanto que no sistema privado eram 74% provenientes nesse corte de renda; já em 2012, 46,7% dos estudantes do sistema público e 51,7% dos do setor privado pertenciam a essa faixa de renda.

Faixas de renda, porém, não são, por si só, classes sociais. O capital econômico não determina, sozinho, as classes sociais em uma sociedade seletivamente modernizada (Souza, 2000), como é o caso da sociedade brasileira. Nelas, outros capitais também contribuem para as desigualdades, como o capital cultural², por exemplo, herdado da família, na socialização entre pais diplomados, ou ainda no tipo de escola cursado no ensino médio, no qual, no Brasil, o ensino privado tende a ser mais valorizado e de melhor qualidade. Embora não temos muitos dados na PNAD que possam operacionalizar esse tipo de capital, podemos fazer algumas inferências com a ajuda dos resultados do questionário sócio-econômico do Exame Nacional de Avaliação do Ensino Superior – ENADE (INEP, 2008). Dentre os concluintes do ensino superior brasileiro naquele ano, que realizaram a prova (de caráter obrigatório para a obtenção de diploma) e responderam o questionário, a proporção de pais diplomados no ensino superior e a escolarização secundária em rede privada são maiores do que para a população em geral³, como nos indicam os gráficos 6 e 7.

Gráfico 6: Escolaridade dos Pais dos Concluintes do Ensino Superior (2008)

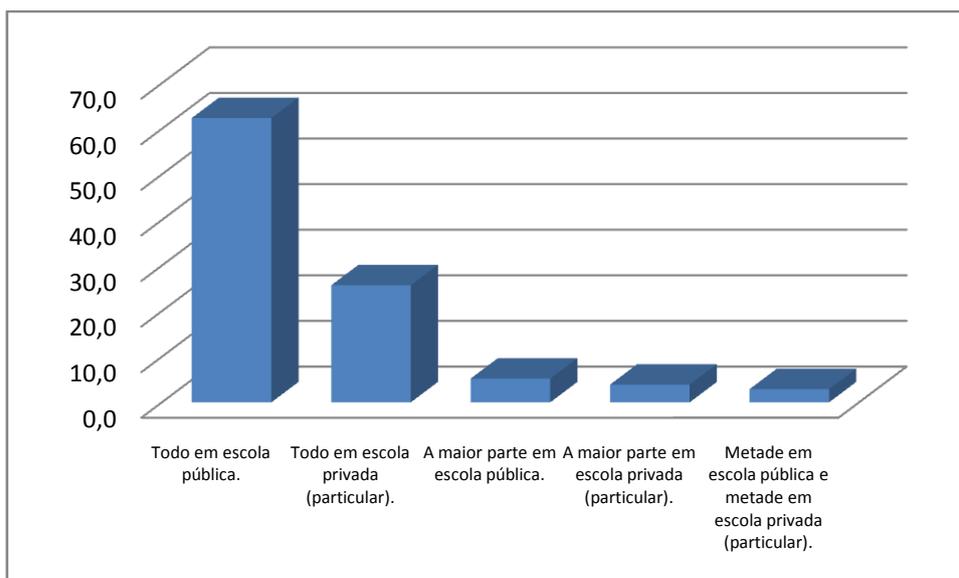


Fonte: elaboração própria cf. ENADE 2008.

² Uma discussão mais aprofundada sobre esse tipo de capital é feita na sessão do referencial teórico.

³ Ainda assim, chama a atenção o fato de que a maior parte dos estudantes de ensino superior estudou em escolas públicas, bem como não possui pais diplomados.

Gráfico 7: Tipo de Escola Cursado no EM pelos Concluintes do Ensino Superior (2008)



Fonte: elaboração própria cf. ENADE 2008.

O gráfico 6 nos indica que um número próximo a 20% dos pais dos estudantes concluintes do ensino superior em 2008 eram diplomados nesse nível de ensino, enquanto naquele mesmo ano apenas 9,5% da população adulta brasileira tinha concluído a universidade⁴. Da mesma forma, segundo o gráfico 7, quase 38% dos concluintes do ensino superior naquele ano havia cursado a escola privada em algum momento do seu ensino médio. No mesmo ano, a rede privada ofertava 11,6% das matrículas nesse nível de ensino.⁵ Assim, podemos inferir que, além do capital econômico, o capital cultural também contribui para as desigualdades de acesso ao ensino superior brasileiro.

Apesar das desigualdades acima mencionadas e da presença de estudantes oriundos de classes populares, com pouca incorporação dos capitais impessoais (cultural e econômico), ser relativamente reduzida, essa presença não é, de forma alguma, excepcional. Há um número significativo de estudantes oriundos das classes populares que atingem o ensino superior. Como os dados acima nos mostram, mais da metade desses estudantes pertencem às faixas de renda C, D e E (tanto no sistema público quanto privado) e também é superior a 50% a proporção daqueles estudantes cujos pais não concluíram o ensino médio.

⁴ <http://www.proac.uff.br/cede/provis%C3%A3o-de-educa%C3%A7%C3%A3o-superior-no-brasil-oferta-demanda-e-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-acesso> Acessado em 24/08/2014.

⁵ <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse> Acessado em 24/08/2014;

1.1 Problema:

Quais seriam as condições que propiciam o “sucesso” no campo escolar desses estudantes, oriundos das classes populares, apesar dos poucos capitais que eles podem mobilizar e como se configuram as estruturas objetivas de “sucesso” escolar e reprodução social na sociedade brasileira?

Como questões adicionais ao problema, temos: Como se deu a incorporação, nos diferentes espaços de socialização primária e secundária (família, escola, amigos, igreja, etc.), das disposições necessárias ao “sucesso escolar” desses estudantes oriundos de classes populares? Essa incorporação das disposições necessárias a esse sucesso passaria por algum tipo de “capital familiar”, ou seja, qual foi a importância de uma família “estruturada”⁶ nesse processo? Além disso, o que muda na configuração dos diferentes espaços de socialização que “produzem” estudantes aptos ao “sucesso escolar” em relação àqueles da maioria dos estudantes de classes populares que obtêm uma situação de insucesso na instituição escolar?

1.2 Definição de “sucesso” e “insucesso”:

Um dos pontos mais questionados por colegas e por professores durante as disciplinas do curso de mestrado, bem como nos eventos e encontros dos quais participamos, na construção do problema de pesquisa foi a definição do que é sucesso e insucesso escolar. Esta parece ser uma dicotomia bastante subjetiva, já que o que é entendido por ela tende a ser distinto de acordo com a posição do agente no espaço social. Enquanto em alguns contextos de extrema precariedade, a conclusão do ensino fundamental pode ser considerada um caso de sucesso escolar, em outros contextos, por exemplo, para famílias de classes populares cujos chefes são trabalhadores estáveis em uma grande metrópole, “parar os estudos” nesse nível pode ser considerado um caso de retumbante insucesso.

A perspectiva epistemológica⁷ a qual nos filiamos, ao mesmo tempo em que demonstra a impossibilidade de uma ciência social “neutra”, defende, todavia, a ciência

⁶ Entendemos, assim como Souza (2009), como família estruturada (ou organizada) aquela onde pelo menos uma das pessoas de referência (mais comumente o pai ou a mãe) é fonte de segurança econômica e/ou moral.

⁷(Bourdieu, 2008)

social objetiva, no sentido em que atinge a objetividade quando é capaz de explicitar todos os passos, escolhas e pressupostos da pesquisa. Assim, resolvemos o problema da definição de “sucesso” ao trazer a definição “oficial” de “sucesso” do *nomos* dominante no campo escolar, já que é essa a definição que concorre para a alocação das posições dos agentes no espaço social e ao acesso diferenciado e desigual de bens socialmente escassos, como a própria escolarização superior. Assim, entendemos o “sucesso” no campo escolar como *acessar e permanecer no seletivo ensino superior brasileiro*. Como exemplos de definição de “sucesso” escolar para fins heurísticos, Lahire (1997) define o sucesso escolar como ter atingido a nota 6 na avaliação nacional francesa da 3ª série do ensino fundamental. Piotto (2008) e Vianna (2005) também entendem, assim como nós, o “sucesso” escolar como a permanência dos estudantes até o ensino superior, o que também denominam de “longevidade escolar”. Pereira (2005), para fins de sua pesquisa, entende o “sucesso” escolar como o acesso a uma competitiva escola secundária mineira, com rígido e concorrido processo seletivo.

1.3 Justificativa:

Com este trabalho procuramos suprir uma lacuna nos estudos de sociologia da educação, que estão muito mais focalizados nos mecanismos de reprodução social a partir do campo escolar, e menos nas possibilidades de superação desses mecanismos que levam o campo educacional a funcionar como um reproduzidor das desigualdades sociais. Da mesma forma, a identificação dos fatores que, probabilisticamente, facilitam situações de “sucesso” escolar em classes populares pode contribuir para fornecer fundamentos para a elaboração de políticas públicas que busquem enfrentar alguns dos tantos problemas do sistema educacional no Brasil. Como também é rara, nas pesquisas sociológicas no Brasil, a combinação de metodologias quantitativas relativamente avançadas e metodologias qualitativas, cremos que este trabalho, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, também será inovador nesse quesito.

1.4 Objetivos:

Objetivo Geral:

Mapear, probabilisticamente, as estruturas objetivas do “sucesso” escolar no Brasil, a partir da influência da incorporação de capitais.

Objetivos específicos:

-Identificar as condições sob as quais ocorre o “sucesso” no campo escolar de estudantes de ensino superior oriundos de famílias de classes populares.

- Verificar porque alguns agentes encontram-se em situações “fora da curva”, ou melhor dizendo, por que alguns estudantes oriundos de classes popular obtém situações de sucesso escolar, apesar dos poucos capitais que eles podem mobilizar.

1.5 Hipótese:

O “sucesso” escolar em classes populares, para além das já clássicas noções da reprodução do capital escolar, está relacionado com a socialização em uma vida familiar minimamente organizada, ou estruturada, o que, juntamente com outras configurações de socialização, como a religião, a escola ou a política, dentre outras, permite a incorporação de disposições fundamentais para o sucesso escolar, tais como o controle do tempo, racionalização da vida e uma “personalidade resiliente⁸”.

O sucesso escolar está relacionado a disposições de “boa vontade cultural”, ou outras que o favorecem e que permitiriam a incorporação, já na socialização secundária, de capital cultural “legítimo”.

O sucesso escolar tem como condição necessária (embora não suficiente) a existência de um mínimo de segurança moral e econômica⁹, por parte das famílias, para que alguns estudantes oriundos delas possam conhecer uma situação de “sucesso escolar”.

O sucesso escolar é condicionado, embora não determinado, pelas estruturas objetivas de capitais e reprodução na sociedade brasileira.

⁸ “Resiliência é freqüentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (Yunes, 2003)

⁹ A segurança econômica, baseando se na obra de Souza (2009), pode ser algo tão simples como o pai trabalhador trazer o seu salário mínimo para a família, ao invés de gastá-lo no bar.

Capítulo 2: A “produção” desigual dos indivíduos e as desigualdades no campo escolar.

2.1 *Capital Cultural e Reprodução:*

É impossível pensar no sistema escolar e na estratificação social das sociedades modernas (ou *seletivamente modernizadas*¹⁰, como a brasileira) sem tomar por referência Pierre Bourdieu e seus colaboradores (Bourdieu, Pierre, 1989; Bourdieu, 2007). Três conceitos são fundamentais para entender sua teoria: *campo*, *habitus* e *capital*. As sociedades modernas passaram por um processo de complexificação onde os *campos* foram se autonomizando entre si, passando a funcionar com regras (*nomos*) próprias, independentes das regras dos campos dos quais se autonomizaram. O conceito de *campos* em Bourdieu é um desenvolvimento do conceito weberiano de *esferas de valor* (Weber, 1994; 2001). Primeiro foi a esfera política que se separou da esfera religiosa, no século XVI, a partir da publicação das obras de Maquiavel. No século XVIII, a partir da disseminação das ideias de *laissez faire*, a esfera econômica se autonomiza da esfera política. Outras esferas de valor analisadas por Weber foram a erótica, a científica e a artística, todas com suas próprias regras (ou valores, como preferiria Weber). Assim, uma das principais características das sociedades modernas são os campos que se multiplicam e se autonomizam, cada um com suas próprias regras. Luhmann (1998), teórico vinculado à Teoria dos Sistemas também adota posição semelhante, apesar de suas perspectivas epistemológicas distintas. Para ele, os sistemas se autonomizam a partir da adoção de um *código binário* e de um *medium* próprio. Por exemplo, o sistema econômico tem como *medium* o dinheiro e por *código binário* o pagar ou não pagar.

Segundo Bourdieu, os *capitais* são recursos escassos e valorizados socialmente com os quais os agentes contam para se posicionar no *espaço social* (o conjunto dos campos). Nas sociedades modernas, eles se constituem, basicamente, do capital econômico e do capital cultural, embora, um capital muito importante em sociedades tradicionais, o capital social, formado pelas redes de relação dos agentes, continue a ser importante. O capital econômico, como o nome diz, é o dinheiro, as propriedades, etc. O capital cultural, que ganha uma importância fundamental à medida que as sociedades se

¹⁰ (Souza, 2000). Voltaremos a essa discussão abaixo.

modernizam e racionalizam, é a relação do agente, privilegiada ou não, com o *arbitrário cultural dominante*.

O capital cultural pode existir sob três estados: incorporado (seja aquele herdado no ambiente familiar, seja incorporado na socialização secundária, por exemplo, o domínio de um idioma estrangeiro, o hábito de leitura de romances, etc.), objetivado (materializado sob a forma de obras de arte, bens de cultura, etc.) e o institucionalizado (sancionado pelo Estado na forma de diplomas, qualificações e credenciais) (Bourdieu, 1998). Há uma relação interessante entre o capital cultural objetivado e o capital econômico, pois é necessário algum capital econômico para adquiri-los, porém, para se aproximar de forma simbólica desses bens é necessário possuir os códigos necessários para sua interpretação, ou seja, possuir capital cultural incorporado. Por último, o capital cultural institucionalizado ocorre sob a forma de diplomas escolares. Bourdieu, como se pode notar, define capital não apenas em referência à sua dimensão econômica, mas também constrói teoricamente dois outros modelos de capital – o social e o cultural (além do simbólico¹¹, que permeia todos). O capital social é o conjunto de relações sociais que o agente mantém, que também podem ser mobilizadas e convertidas em outros tipos de capital.

O conceito de capital, advindo primeiramente da Economia, foi utilizado por Bourdieu para estudar e explicar as desigualdades escolares, como uma “figura” para falar de ganhos e vantagens que alguns agentes e suas famílias possuem e que são mobilizados, conscientemente ou não, para conduzi-los a um nível mais elevado no espaço social. Assim, ele constrói esses conceitos frente a evidências empíricas que demonstravam que as desigualdades não eram facilmente explicáveis apenas em termos de relação entre resultados educacionais e nível de renda.

O *Habitus* é a nossa *segunda natureza*¹², social, ou a sociedade incorporada no corpo dos agentes através da socialização primária e secundária. Ele condiciona as

¹¹ O Capital Simbólico é a apropriação, pelos agentes sociais, de diferentes *signos / símbolos*, valorizados ou não, que lhes ajuda a conferir uma dada posição em dado campo, ou no espaço social em geral.

¹² O sociólogo alemão Norbert Elias foi o primeiro a trazer o conceito de *habitus* para a sociologia e assim o definiu (Elias, 1994a). Temos uma primeira natureza, que é biológica, fruto de nossos instintos e de centenas de milhares de anos de evolução, mas a partir do momento que criamos a cultura e nos tornamos propriamente humanos, passamos a ter essa segunda natureza, composta por instituições e valores, transmitidos e modificados ao longo das gerações (ver, por exemplo, Berger, 2013). Para uma discussão sobre os fundamentos biológicos da primeira natureza humana ver Pinker (2004).

nossas formas de agir, pensar e sentir. O autor entende o “espaço social” como constituído de diferentes “campos” de conflitos onde os agentes desenvolvem estratégias que resultem em manter ou melhorar sua posição nesse mesmo espaço. A partir do volume de capitais acumulados e sua composição, os indivíduos são classificados na estrutura social em classes altas, médias ou populares, que possuem um *habitus* de classe próprio.

Assim, as sociedades modernas tenderiam a se estruturar não somente pela soma global de capital que os agentes possuem, mas também de acordo com a composição desse capital. As elites do campo educacional e do campo artístico tenderiam a possuir forte volume de capital cultural, profissionais liberais e altos funcionários públicos tenderiam a equilibrar volumes altos de capital econômico e de capital cultural enquanto empresários tenderiam a possuir alto volume de capital econômico. Quando se percebeu que as desigualdades entre os estudantes no sistema de ensino não poderiam ser explicadas apenas em termos de origem econômica, Bourdieu e Passeron criaram a teoria da reprodução (Bourdieu e Passeron, 1982; 2008). A partir da combinação de técnicas estatísticas e qualitativas, os autores comprovam a tese de que o que é realmente importante para o campo escolar é o capital cultural. Pais economicamente pobres, mas que tenham hábitos de leitura ou de valorização da cultura considerada socialmente legítima tendem a ter filhos que obtêm situações de “sucesso escolar”. Na prática, porém, o campo escolar valoriza as práticas culturais das classes médias e altas. Enquanto os filhos das classes trabalhadoras quando entram na escola se deparam com um universo novo, os filhos das classes médias trazem de berço a familiaridade com os conteúdos valorizados pela escola, através da transmissão afetiva e sentimental de disposições. A criança socializada na classe média se acostuma com o seu pai lendo jornal, sua mãe lendo um romance, seu tio falando inglês fluente, etc.

A escola pública universal francesa, sob uma aparência de igualdade, legitimaria as desigualdades, contribuindo para a reprodução das classes sociais. À medida que vai se avançando no campo escolar, menor se torna a presença de estudantes com origem em classes populares. Assim, os diplomas e credenciais, sancionados pelo Estado, garantem, depois, o acesso a empregos bem remunerados e valorizados socialmente, bem como ao ensino superior de elite, o que permite a reprodução das classes superiores. Essa situação levaria, com o tempo, a criar uma Elite de Estado, quase uma

nobreza hereditária, que monopolizaria as altas posições da sociedade francesa, sancionada pelos diplomas das *grandes écoles* (Bourdieu, P., 1989).

Focalizando-se no sistema educacional, Bourdieu e Passeron mostram as relações dos capitais com o sistema escolar. Os autores demonstram que, ao contrário do que muitos economistas afirmavam, as desigualdades escolares não podiam ser reduzidas a meras diferenças de condição econômica. Na verdade, o sistema educacional, sob uma aparência democrática e igualitária, opera como um potente mecanismo reprodutor das desigualdades sociais. O sistema educacional valoriza os signos culturais dominantes, que são os mesmos das classes que possuem uma relação privilegiada com a cultura dominante, a saber, frações das classes médias e altas. Enquanto os estudantes provenientes das classes com grande *quantum* de capital cultural transitam com facilidade pelo sistema escolar, sendo recompensados desde cedo por isso, os estudantes das classes populares se veem diante desse mundo novo, no qual não foram inseridos desde a sua socialização primária, fundamento da personalidade dos agentes, como aqueles outros – das classes dominantes – que, desde cedo, mantiveram contato com a palavra escrita, com a literatura, com as artes e outros signos culturais valorizados na sociedade ocidental moderna e no sistema escolar. Assim, as diferenças prévias de socialização são tratadas pelo sistema escolar como diferenças de mérito individual.

Enquanto o que caracteriza as classes altas é a posse, em quantidade significativa, de capital econômico, o que caracterizaria as classes populares seria a ausência ou quase ausência dos capitais impessoais. As classes médias (ou pelo menos grande parte de suas frações) se caracterizariam pelo domínio do capital cultural, em suas diferentes formas (principalmente na sua forma institucionalizada, a partir dos títulos sancionados pelo Estado), embora alguma quantidade de capital econômico sempre (ou quase sempre) esteja presente. O capital cultural – tornado legítimo simbolicamente em grande parte pelo sistema escolar – é a forma de capital que garante a posição social dominante da classe média, numa sociedade moderna.

Cabe lembrar também que, ao mesmo tempo em que o ensino, em seus diferentes níveis e gradualmente, se democratiza, ocorre um fenômeno identificado como *inflação de diplomas*. Os títulos, que anteriormente garantiam uma posição mais elevada ao agente que os detinha, depois que mais agentes passam a possuí-los, já não

valem a mesma coisa. Sendo assim, na medida em que antes do *boom* do ensino superior em alguns países europeus nos anos 50 e 60, um título de ensino médio já garantia uma posição relativamente confortável na alocação de cargos e posições, sejam públicas ou privadas, após a expansão do ensino superior (que na maioria dos países desenvolvidos atinge, hoje, de 25% a 50% da população adulta), passa a garantir apenas o acesso a posições subalternas. Os próprios títulos de ensino superior nesse novo momento precisam ser complementados por estudos pós-graduados para garantirem as mesmas posições que facilmente garantiam antes. (ver, por exemplo, Dubet, 2012)

2.2 Configurações:

Norbert Elias (1994a) criou aquela que foi, talvez, a primeira teoria sociológica capaz de resolver de forma eficaz o dilema entre estrutura social e agência individual. A partir de seus pioneiros estudos sobre o Processo Civilizador (Elias, 1993, 1994b) nos anos 30, ele desenvolveu uma teoria que ficou conhecida como *configuracional*. O que Elias chama de sociedade é resultado das redes de interdependência construídas em processos históricos por indivíduos¹³ em suas relações mútuas. Assim, quando viemos ao mundo, adentramos em uma corrente social de valores e instituições que já estava constituída antes de nossa existência individual e nossa socialização é a incorporação de uma segunda natureza, social, de um *habitus* específico, carregando o peso das gerações passadas e presentes.

Inspirado em Freud, mas mantendo distância de conceitos mais exóticos e pseudocientíficos do autor (como o Complexo de Édipo ou da Castração, por exemplo¹⁴), Elias considerava que a humanidade possuía uma primeira natureza que correspondia a nossos instintos (correspondente, de certa forma, ao *id* freudiano), comum a todos os seres humanos¹⁵ e as formas específicas e históricas sob as quais os indivíduos se colocam em redes de interdependência seria responsável pela interiorização, através da socialização, de um *habitus* específico (correspondente ao

¹³ O autor demonstra de forma brilhante como o próprio conceito de indivíduo se construiu com o surgimento das sociedades modernas.

¹⁴ Sobre o caráter pseudocientífico de vários conceitos freudianos ver, por exemplo, Bunge (2000) e Popper (2011),

¹⁵ Algo que prenunciou em décadas as modernas descobertas da psicologia evolutiva e da sociobiologia (Pinker, op. cit.)

superego). Através da interação (quase sempre conflituosa) entre a primeira e a segunda natureza surge o indivíduo único (o *ego*).

Assim, diferentes configurações sociais produzem diferentes *habitus* e indivíduos. Por exemplo, as instituições e valores da configuração européia medieval (fundada sobre a fragmentação política e o isolamento em unidades relativamente fechadas economicamente – os feudos) davam origem a um indivíduo que para os padrões modernos possuía baixo autocontrole emocional e corporal e um temperamento mais violento. Já as instituições e valores de sociedades modernas que passaram pelo processo civilizador, marcadas por intensa centralização política, monopólio estatal da violência física legítima, redes de troca, interdependência e especialização extremamente complexas dá origem a um indivíduo que, quando comparado ao seu correspondente medieval, possui forte autocontrole físico e emocional e é fundamentalmente menos violento¹⁶. Obviamente, essas redes configuracionais não variam apenas entre diferentes sociedades ou em uma mesma sociedade ao longo do tempo, mas variam também dentro de uma mesma sociedade. Como bem demonstrou Bourdieu – e Elias já pressentia¹⁷ – a formação do *habitus* social varia de acordo com a configuração específica de capitais e da posição relativa do indivíduo no espaço social.

2.3 Disposições:

A Sociologia ainda não atingiu (e, provavelmente, não atingirá, por razões epistemológicas¹⁸) o nível de algumas ciências da natureza¹⁹ de elaboração de leis que predizem, a partir de variáveis dadas, uma dada situação futura. Em “Sucesso Escolar em Classes Populares: as Razões do Improvável” (Lahire, 1997) combinam-se entrevistas em profundidade e observação de mais de duas dezenas de crianças – e suas famílias - oriundas de meios familiares pertencentes às classes populares e se encontram vários casos de “sucesso escolar”, em crianças que, teoricamente, estariam

¹⁶ Teoria que é sobejamente confirmada com a divulgação nas décadas recentes de estatísticas históricas de longo alcance sobre a violência. Por exemplo, os homicídios na Europa Ocidental decaíram de uma faixa de 50 a 100 mortes anuais por 100 mil habitantes no século XII (antes do início do atual processo civilizador) para menos de 1 homicídio por 100 mil habitantes atualmente. (Pinker, 2013).

¹⁷ Nos seus estudos sobre o processo civilizador, Elias notou que as normas de autocontrole e não-violência primeiro atingiam as classes aristocráticas, depois a burguesia e as classes médias e, por fim, as classes populares.

¹⁸ Por exemplo, (Weber, 1993)

¹⁹ Como a Física, mas não como a Ecologia, por exemplo.

“predestinadas” ao insucesso escolar. Esse sucesso improvável, não é, porém, aleatório. Assim como há regularidades tendenciais causando a reprodução social através da escola, da mesma forma, também há regularidades por trás desses casos de sucesso e é isso que Lahire procura explicar.

Os dados quantitativos produzidos por Bourdieu e Passeron comprovaram a tendência à reprodução. A Sociologia trabalha, porém, com regularidades tendenciais, não com leis semelhantes às das “*hard sciences*”, assim, toda tendência estatisticamente significativa possui seus *outliers*, ou casos fora da curva, já que os modelos não conseguem condensar em variáveis fechadas toda a complexidade do universo social. Assim, sempre resta um “erro” (advindo seja da precariedade dos instrumentos de medição, seja da própria complexidade e multicausalidade do mundo social), algo que as variáveis escolhidas não conseguiram captar.

As famílias populares, mesmo incorporando parcamente os capitais impessoais, já têm consciência do papel do sistema escolar na distribuição das posições sociais, sendo assim, muitas delas adotam *estratégias* de ascensão social através do sistema escolar. Assim, em diferentes graus, muitas delas *investem* fortemente no sistema escolar, sendo que devido a uma série de características familiares, esse investimento pode dar resultado ou não. Por outro lado, a simples existência de capital cultural em quantidade significativa não significa que ele será transmitido. Por exemplo, se o pai que detém o capital cultural não participa ativamente da educação do filho ou então, se há um grande investimento em capital cultural objetivado (livros, enciclopédias, dicionários, computadores, etc.), mas as crianças são deixadas sozinhas na apreensão desses signos culturais, sem que o adulto que possui capital cultural incorporado pratique a mediação necessária, então, não há essa transmissão.

Isso está de acordo com a teoria que Lahire desenvolve em outra obra (2004) sobre as *disposições*, que são um desenvolvimento do conceito bourdieano de *habitus*, a incorporação no corpo do agente social das estruturas sociais. As disposições, ao contrário do *habitus* (que são estruturas), são tendências de agir, pensar e sentir, adquiridas nas socializações, e dão uma ideia de heterogeneidade. Múltiplas disposições podem se combinar, principalmente em agentes que percorreram trajetórias ascendentes ou descendentes no espaço social.

Enquanto o *habitus* é um conceito de certa forma mais “fixo”, as *disposições* seriam *tendências de agir, pensar e sentir* que os agentes sociais teriam a seu dispor, dando coerência à noção de *pessoa plural*, possuidora de um conjunto de diferentes *disposições*, que podem ser mobilizadas quando elas se mostrem necessárias.

2.4 *Má-Fé Institucional, “ralé” e batalhadores no Brasil.*

Jessé Souza é um sociólogo brasileiro que tem o mérito de se apropriar das contribuições de Bourdieu, Lahire e outros (como Charles Taylor e Axel Honneth, por exemplo) para construir uma teoria robusta, articulada com pesquisa empírica, sobre a sociedade brasileira e sua estrutura de classes. Dialogando criticamente com a literatura sociológica “clássica” sobre a interpretação do Brasil (Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, etc.) e recorrendo aos avanços teóricos da Sociologia internacional ao longo do século XX, Souza chega à idéia de *modernização seletiva* (Souza, 2000).

Ao contrário da tese clássica das ciências sociais brasileiras (vinculada a Faoro, Holanda e outros), segundo a qual a modernização do Brasil iniciou com a chegada de imigrantes europeus²⁰ ao Sudeste, Souza afirma que o início de nossa modernização se deu com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808 e a consequente abertura dos portos ao comércio exterior. Segundo Souza, esses dois fatos marcaram a gênese do estado racional moderno brasileiro e do nosso mercado capitalista, as duas grandes instituições (ou esferas) do mundo moderno. A teoria tradicional de interpretação do Brasil via nossos valores (como um suposto *patrimonialismo*, a *cordialidade*, que estruturaria as relações interpessoais, etc.) como uma importação dos valores ibéricos. Souza, por outro lado, acredita que valores não estão desvinculados de instituições sociais. A sociedade brasileira colonial era totalmente estruturada em torno da instituição da escravidão, instituição esta que existia apenas marginalmente em Portugal. Essa instituição iria marcar profundamente os valores da sociedade brasileira até o presente.

Se até 1808 o Brasil era um país tipicamente não-ocidental²¹, a partir daí, os embriões do Estado Racional moderno e do mercado capitalista passariam a comandar

²⁰ Curiosamente, segundo essa teoria, os valores modernos teriam chegado ao Brasil com imigrantes que eram, em sua maioria, camponeses parcaamente escolarizados.

²¹ “(...) que mais parecia uma China que um país ocidental antes da abertura dos portos.” (Souza, 2010, p. 266).

um processo de “re-europeização²²” do país. Com as duas principais instituições do mundo moderno, vieram também, ao menos parcialmente, os valores da modernidade: igualdade jurídica²³, ética do trabalho e, principalmente, as primeiras possibilidades significativas de ascensão social²⁴. Aos poucos, a dominação racional-legal foi substituindo a dominação tradicional. E o mais importante, os valores da modernidade passaram a fazer parte do *habitus* ou das *disposições* de uma parte da população brasileira. A partir daí, houve a clivagem da população do país entre os brasileiros *europeizados* (que incorporaram os valores modernos) e os brasileiros que mantiveram um *habitus precário* (tradicional ou pré-moderno). Partindo do que considerou o primeiro estudo sociológico a identificar as causas não apenas econômicas (mas também psicossociais) da desigualdade brasileira (Fernandes, 1978), Souza expande a interpretação de Fernandes para além da raça e busca identificar as raízes da grande massa de *desclassificados* sociais que ocupam o ponto mais baixo da escala social brasileira (Souza, 2003).

O processo de *modernização seletiva* se intensificaria após a libertação dos escravos, que, sem incorporar as disposições necessárias para o trabalho produtivo nas sociedades modernas, foram (mas não só eles, também agregados e meeiros brancos) abandonados à própria sorte. A falta das condições psicossociais necessárias à vida significativa nas sociedades modernas, intensificadas por uma vida familiar *não estruturada*²⁵, contribuiu para a clivagem entre os brasileiros com as disposições *modernas* e aqueles sem estas disposições. O relato de algumas experiências paralelas, uma no início do século XX e outra no final, de pessoas que transitaram entre esses dois mundos pode nos ser útil para entendermos o fenômeno. Começamos com uma citação de Fernandes (1978):

²² Souza acredita que a primeira europeização do Brasil iniciou-se com o processo de colonização portuguesa no século XVI, por isso o uso do prefixo “re”.

²³ Obviamente uma sociedade com uma instituição como a da escravidão não possui igualdade jurídica. O conceito deve ser tomado numa dimensão relativa. Souza argumenta que, se no período colonial era impossível cobrar a dívida de um senhor de terras (que reinava absoluto com sua dominação tradicional de caráter patriarcal em suas propriedades), em meados do século XIX, a dominação racional-legal do Estado Moderno passou a imperar: dívidas eram cobradas com força policial, se fosse preciso.

²⁴ Seja através do próprio mercado ou das primeiras burocracias modernas no aparelho imperial.

²⁵ Cabe frisar mais uma vez, que, ao contrário da ideia de senso comum, que advoga que uma família estruturada é aquele com pai, mãe e filhos, o conceito de família estruturada (ou organizada), aparece na obra de Jessé Souza como definindo as famílias onde ao menos um dos progenitores seja responsável pela segurança moral e/ou econômica do núcleo doméstico.

Um dos sujeitos das histórias de vida, que vivia com a mãe e a irmã, "ao deus dará", relata o deslumbramento que sentiu, por volta de 1911, ao passar a viver, aos dez anos, na casa de um italiano. Viu, então, "o que era viver no seio de uma família, o que entre eles (os italianos) era coisa séria". Gostava porque comia na mesa... e podia apreciar em que consistia "viver como gente".

Agora uma citação de Sousa (2009) de uma situação semelhante, ocorrida no final do século XX, sobre uma moça de 14 anos, com origem numa família de cortadores de cana que vivia com um companheiro alcoólatra numa carvoaria

Para Leninha, a sensação de ver-se “toda bonitinha” era algo de novo e maravilhoso. Nos tempos do “fundo do buraco” só vestia roupa ganhada; suas calcinhas eram de saco de arroz e seu apelido, “Buraca”, por andar sempre com calças muito esburacadas. Acostumada aos trapos encardidos de carvão, Leninha percebe os contrastes de seu próprio comportamento em diferença ao comportamento dos membros da família. Percebe que certos eventos raros em sua vida, como tomar banho e vestir roupas limpas, eram hábitos cotidianos rígidos. Com sua patroa aprendeu a costurar para si as roupas que via nas revistas; e na cozinha, a variedade e fartura de alimentos davam um novo sentido ao ato de cozinhar, o apetite expandia-se agora mais para além do estômago, incluindo o paladar. Agregada ao seio da família burguesa, Leninha conhece um modo diferente de ser humano. Acostumada a sentar-se no papelão para comer a boia na latinha de goiabada, impressionou-se muitíssimo ao deparar-se com o “aparelho de jantar” usado todos os dias, quando se sentava à mesa de refeições junto a toda família.

Nesta obra, Jessé Souza denomina, provocativamente, essa classe que ocupa a base da pirâmide social brasileira de “ralé estrutural”, fruto da posição particular do Brasil enquanto uma sociedade da *modernidade periférica*. As principais características dessa classe, como já mencionamos, é a baixa incorporação de disposições como o autocontrole, o pensamento prospectivo, fundamentais para a vida significativa em uma sociedade moderna e a socialização em um ambiente de *desestruturação familiar*. Especificamente sobre sua relação com o campo escolar, Souza mostra como os estudantes provenientes dessa classe chegam, na maioria das vezes, à escola sem incorporar as disposições valorizadas pela instituição escolar e, obviamente, “fracassando” nesse campo. Esse fracasso é interpretado, na maioria das vezes, como causado por incompetência, falta de esforço, etc., inclusive pelos professores. Mesmo as poucas situações promissoras, onde uma vida familiar relativamente estruturada permitiu a incorporação de algumas disposições necessárias a um bom rendimento

escolar são transformadas pela escola pública em situações de insucesso devido à *má-fé institucional*.

Antes de nos referirmos à classe social que Jessé Souza coloca imediatamente acima da ralé estrutural, os *batalhadores* (Souza, 2010), vamos repassar brevemente as duas principais teorias que geralmente informam o debate público sobre as classes sociais no Brasil. Uma é aquela que tende a confundir classe social com renda, de viés tipicamente liberal-econômico/conservador (embora na propaganda governamental tenha aparência progressista). Vislumbrando que houve um crescimento das faixas de renda média na população, alguns autores classificam essas populações de emergentes como sendo de classe média (Lamounier e Souza, 2009; Neri, 2011). Outra visão corrente é aquela que vincula a classe social à ocupação. Embora seja uma visão mais refinada do que a simples associação com a renda, ela tem seus problemas, como discutiremos abaixo. Buscando inspiração, sobretudo, nas clássicas formulações de Erick Olin Wright e John Goldthorpe, que criaram modelos de estratificação social a partir das teorias clássicas de Weber e Marx (Scalon, 1999), esses trabalhos mapeiam a mobilidade social brasileira a partir das trajetórias intergeracionais entre diferentes categorias de ocupações (bem como a mudança morfológica dessas categorias) (Santos, 2002; Hasenbalg e Silva, 2003). Um trabalho interessante que mapeia as transformações na estrutura ocupacional brasileira é o de Pochmann (2012), onde o economista através de um uso sofisticado de uma ampla gama de dados estatísticos demonstra que não se pode falar de uma “nova classe média” no Brasil, dada a centralidade de ocupações manuais e semi-manuais entre aqueles classificados em tal estrato. Não obstante, essa população passou por um significativo processo de formalização, o que lhes garante uma série de direitos sociais, além de um aumento real da renda nem um pouco desprezível.

O Brasil era considerado um país com altas taxas de mobilidade social, se comparado a alguns países europeus, principalmente devido às altas taxas de mobilidade social experimentadas entre as décadas de 1930 e 1970, quando houve um crescimento gigantesco da economia. Nas décadas seguintes (1980 e 1990), porém, houve uma estagnação econômica²⁶ e o fim da *mobilidade social estrutural* (definida quando novas

²⁶ Em 1960, nosso PIB per capita anual correspondia a US\$ 1726 a preços do ano 2000, contra menos de US\$ 900 anuais na estimativa para a década de 20. Em 1980, o valor era de US\$ 4216. Em 2000, o valor praticamente não havia se alterado, US\$ 4406. Já em 2010, o valor era de US\$ 5618 (World Bank, 2014).

posições são criadas nos estratos superiores, como, por exemplo, quando há uma rápida industrialização e trabalhadores rurais podem se tornar operários). Obviamente, isso não implicou em um fim da mobilidade social, mas ela passou a ser *circular* (quando para alguém subir de estrato é necessário que quem ocupe a posição no estrato superior morra, caia para um estrato inferior ou suba mais ainda, “liberando” sua vaga), ao invés de *estrutural* (Pastore e Silva, 2000). Nos anos 2000, porém, as condições sócio-econômicas mais favoráveis, permitiram a volta da mobilidade social²⁷ estrutural, o que levou muitos dos autores acima citados a falarem em um “nova classe média”.

Apesar de a ocupação ser uma categoria útil para operacionalizar a classe social em estudos de caráter quantitativo, ela não é por si só sinônimo de classe social, nem a sua causa, mas antes é causada pela classe social (Souza, 2013). A classe social é, antes de tudo, a incorporação de um *habitus* e de *disposições* específicas (como já mencionamos, tendências de agir, pensar e sentir incorporadas em nosso corpo), além da maior ou menor incorporação de *capitais* escassos socialmente, como o cultural e o econômico. Assim, se o que define a verdadeira classe média no Brasil é a posse, em maior ou menor grau, de capital cultural, essa classe chamada de “nova classe média”, certamente, não pode ser classificada enquanto tal (Souza, 2010). Souza prefere chamar essa classe, situada logo acima da *ralé estrutural*, de *batalhadores*. Mesmo com uma renda relativamente baixa, essa classe conseguiu incorporar as disposições necessárias ao trabalho produtivo nas sociedades modernas, tais como o pensamento prospectivo e o autocontrole, fruto, principalmente, de uma estrutura familiar mais organizada do que aquela encontrada na *ralé*.

Com as condições econômicas e sociais favoráveis da década de 2000, à custa de jornadas de trabalho (e estudo muitas vezes) de mais de 15 horas diárias, essa classe consegue, por vezes, atingir rendimentos econômicos semelhantes aos da classe média tradicional, embora não tenha incorporado o capital cultural que garante a essa última classe ocupações socialmente valorizadas no Mercado e no Estado.

Esses dados evidenciam a estagnação econômica das décadas de 1980 e 1990 (apesar de esta última ter contado com a estabilização econômica e importantes melhorias nos indicadores sociais, embora menores que as da década seguinte).

²⁷ “A volta da mobilidade social.” Disponível em:

http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=521 (acessado em 23/09/2014)

Além das três classes referidas (ralé, batalhadores e classe média tradicional) também existiria no Brasil uma “pequena burguesia” de pequenos proprietários com incorporação principalmente de capital econômico, mas sem o capital cultural típico da classe média, uma classe de trabalhadores relativamente estáveis e qualificados do setor intensivo em capital (como os metalúrgicos da indústria automobilística, por exemplo), que formam o que há de mais próximo da “classe trabalhadora fordista” entre nós e, finalmente, a classe alta, caracterizada pela posse em escala significativa de capital econômico.

No caso brasileiro, as tendências de reprodução social determinadas pelo campo escolar podem ser ainda mais profundas, pois temos uma maioria de estudantes (mais de 80%) estudando em escolas públicas, que são, em geral, de baixa qualidade e, por outro, uma fração de estudantes, oriundos principalmente das camadas médias e altas, em escolas particulares de qualidade, em geral, superior às das públicas. No que se refere à educação da ralé estrutural, Souza faz a seguinte interpretação:

"Como se não bastasse, não se encontram na escola ares favoráveis à disciplina, pois lá estão os outros filhos da ralé, reproduzindo o comportamento adquirido em casa. “É um pocando a cara do outro dentro do colégio, pai já entrou dentro de sala pra bater em aluno (...) e eles chegam em casa tudo nervoso.” Esse triste cenário apresenta em toda a sua voracidade o que é a escola frequentada pelos filhos da ralé: um encontro cotidiano de crianças emocionalmente destruídas. Se restava aos filhos de Alberto algum potencial emocional e cognitivo para a aquisição do autocontrole corporal, fundamental para o sucesso na sociedade do mérito, este foi rapidamente devorado pelo espírito de violência vivido na escola. Como pode uma criança pôr em prática princípios morais como o respeito e a honestidade, se quando chega a seu primeiro ambiente de socialização fora do lar confirma logo, da forma mais traumática possível, tingida de sangue, a lógica do “cada um por si”? E isso quando tal encontro com a verdade não chega logo em casa, como parece ter sido com Francisco. Como podem esses meninos conceder credibilidade ao que escutam de sua mãe, quando na prática logo sentem que o que prevalece é o contrário? Essa percepção da incoerência do mundo é o que logo cedo os coloca diante da bifurcação fatal que marca a trajetória da ralé: ser honesto ou delinquente." (Souza, 2009, p. 152)

Algumas vezes, porém, uma configuração familiar mais estruturada – comum na classe dos “batalhadores” e na “elite da ralé” – permite a incorporação de algumas disposições como o “autocontrole”, o pensamento prospectivo, etc., o que, aliadas a métodos pedagógicos eficazes, seria capaz de levar esses estudantes ao “sucesso

escolar”. Acontece que, mesmo em famílias “estruturadas”, a falta de contato com os bens simbólicos valorizados pela escola, aliadas a uma forte “má-fé institucional” do sistema escolar, transformam esses casos relativamente promissores em insucessos escolares na maioria das vezes.

Essa má fé institucional teria múltiplas causalidades. A primeira e mais óbvia é a existência da classe que Souza chama de ralé – calculada em cerca de um terço da população brasileira. Este público, que acessa quase que de forma universal a educação básica pública não teria incorporado as disposições necessárias à aprendizagem dos conteúdos valorizados pela escola, o que teria “nivelado por baixo” a qualidade do ensino após sua massificação nas últimas décadas. Chama a atenção uma nostalgia disseminada no senso comum brasileiro em relação a um ensino público que supostamente possuía mais qualidade, o que se explicaria facilmente pela origem social dos estudantes que o frequentavam antes da massificação, em grande parte oriundos da classe média. Outra explicação seria a origem social da parcela significativa dos professores, a “pequena burguesia” bastante próxima socialmente da ralé (tanto em termos geográficos ou mesmo de relação com a cultura legítima), que nutriria um medo pré-reflexivo de ser identificada com esta classe.

É comum no meio acadêmico, segundo Souza, se cair no que ele chama de “ilusão do politicamente correto” e afirmar que “não existem famílias estruturadas ou desestruturadas e, sim, diferentes configurações familiares” e que “estamos sendo etnocêntricos ao rotular assim uma família, impondo certa valoração”. Essa ilusão, que se vê progressista, na verdade, legitima a dominação de classe. Nestes parágrafos o Souza define como encara o problema:

“Quando falamos de vida familiar organizada estamos nos referindo a qualquer configuração familiar que seja constituída por pessoas capazes de oferecer uma situação de vida segura, estável e emocionalmente equilibrada às crianças. Uma família organizada (ou estruturada) não é necessariamente aquela em que exista a figura biológica do pai e da mãe, mas sim aquela em que as funções sociais de pai e mãe sejam preenchidas, independentemente do vínculo biológico com a criança. Isso serve para qualquer pessoa que cumpra a função de amar, proteger e cuidar dessa criança, garantindo um ambiente seguro e emocionalmente equilibrado, e que seja capaz de satisfazer as demandas afetivas e de construir a autoconfiança infantil. Esse tipo de estrutura familiar se contrapõe ao que chamamos de família desorganizada, que é o tipo de configuração familiar marcada pela desorganização da vida econômica e moral de seus membros. A família desorganizada é aquela que não consegue cumprir a função de garantir o desenvolvimento satisfatório da segurança afetiva entre seus membros, não

conseguindo garantir aos seus filhos a segurança de “saber-se amado” (Souza, 2009, pp. 282-283).

Uma família estruturada é, em suma, aquela onde seus membros podem encontrar o mínimo de estabilidade econômica e moral. No seu estudo que trata dos “batalhadores” (2010), o autor trata de mecanismos que permitem a incorporação das disposições necessárias à ascensão. Os achados da pesquisa de Souza estão de acordo com o que Lahire também encontrou na sua obra sobre o sucesso escolar: há algo como um “capital familiar”, ausente na ralé, mas presente nos batalhadores.

2.5 *Estado da Arte.*

2.5.1 *Classe social e desigualdades educacionais.*

Como nos aponta Weis (2013), a discussão do conceito de classe social perpassa a sociologia da educação desde a consolidação do campo, mesmo na época dos estudos mais “quantitativistas”, que buscavam levantar grandes bases de dados e relacionar diferentes variáveis, este conceito já estava presente, embora de uma forma ainda estritamente econômica, relacionando ganhos de escolaridade e melhores condições econômicas (e o inverso, melhores condições econômicas levando a um melhor aproveitamento das oportunidades escolares). Esse tipo de estudos com grandes bases de dados levaram, porém, à compreensão de que muito mais do que a renda familiar estar correlacionada com boas notas, estas estavam correlacionadas com a escolaridade dos pais do educando. Assim, surgiram os estudos sobre a “herança cultural”, primeiro na Inglaterra e depois na França, cujos clássicos trabalhos de Bourdieu e Passeron nós já mencionamos. É um conceito de classe muito mais complexa e multidimensional do que as clássicas formulações “liberais” (a classe não passaria de um *continuum* de renda) ou marxistas (a classe relacionada a uma dada posição na esfera de produção econômica). Weis nos lembra que a classe

(...) deve ser entendida e teorizada primeiramente em relação à economia, mas devemos reconhecer, além disso, que ela se apoia fundamentalmente na esfera “vívida” na medida em que organiza o mundo social, cultural e material de formas excepcionalmente poderosas. Os livros que lemos, ou se, afinal, lemos; nossos destinos de viagem e modo de viajar; as roupas que vestimos; as comidas que comemos; se usamos aparelho ortodôntico; onde (e se) nossos filhos estudam, com quem e sob que expectativas e tratamento da parte dos professores; a “aparência” e a “essência” das intervenções domésticas, escolares, se nossos filhos “rodam”; onde nos sentimos mais a vontade e com quem; onde vivemos e a

natureza de nossa habitação; e, especialmente nos Estados Unidos, se temos planos de saúde e, nesse caso, que tipo e com que cobertura, são todas experiências profundamente perpassadas pela classe, enraizadas não apenas nas realidades materiais, mas nas expectativas e práticas de base cultural. [*op. cit.*, p. 448]

Derouet (2002) nos fala dos desafios postos à sociologia da educação francesa com a “segunda explosão escolar” na segunda metade do século XX. A “primeira explosão escolar” aconteceu ainda no século XIX com a criação de um modelo duplo: a escola primária, compulsória, universal e gratuita, para os filhos das classes populares e o modelo de liceus para as classes médias e superiores, que permitiam o acesso ao extremamente restrito ensino superior da época. Com a “segunda explosão escolar” o acesso à educação secundária praticamente se universalizou e a educação superior multiplicou várias vezes sua taxa de acesso, o que permitiu que vários estudantes com origem nas classes populares acessassem esse nível de ensino, mas acabou levando a uma desvalorização dos diplomas, tema bastante discutido por Bourdieu. Embora os cargos e funções aos quais determinados diplomas de nível médio ou superior garantiam o acesso antes da “segunda explosão” tenham aumentado de número com o crescimento econômico do pós-guerra francês, esse crescimento não acompanhou o aumento exponencial do número de formados. Logo, outros capitais, como o capital social, passaram a exercer muito mais influência no acesso aos cargos e posições aos quais antes apenas o capital cultural institucionalizado, na forma de diplomas, permitia fácil acesso.

No Brasil, é provável que estejamos passando por uma situação análoga à da segunda explosão escolar nas últimas duas décadas. Embora ainda estejamos longe de qualquer universalização do ensino médio (cerca de apenas metade dos jovens de 15 a 17 anos estudam nesse nível de ensino), o acesso à educação superior triplicou nos últimos anos (gráfico 1). Com exceção de algumas áreas, como a das Ciências Sociais Aplicadas, como nos mostra Filho (2012), porém, não houve inflação de diplomas de ensino superior no Brasil. Em áreas como tecnologia, engenharias e serviços sociais (educação, saúde, etc.) o aumento do número de graduados foi absorvido pelo crescimento econômico e ampliação dos gastos sociais brasileiros na última década.

Dimitriadis (2013) nos fala sobre três tradições da sociologia da educação ao tratar a temática da cultura popular, num momento em que muitos jovens, na ausência

de condições de apreensão da “cultura legítima” gravitam em torno de uma certa “cultura popular”, na maior parte das vezes produto da “indústria cultural” – e a escola contribui para essa disjunção entre “cultura na escola” e “cultura fora da escola”. A primeira tradição, originada na Escola de Chicago, cujas preocupações se focavam bastante numa certa “engenharia social”, capaz de resolver os problemas de uma sociedade que passava por rápida industrialização e urbanização, o que trouxe uma série de questões que foram rapidamente relacionadas com as classes populares: drogadição, alcoolismo, prostituição, delinquência juvenil, etc. A segunda tradição, vinculada aos “estudos culturais” de matriz anglo-saxônica, inspirada num certo neomarxismo e nas teorias pós-modernas trouxe ao debate a ideia dos “artefatos culturais” num campo de lutas simbólicas eivadas de dominação, hegemonia e resistência. Finalmente, a terceira tradição, a da “nova sociologia da educação”, foi iniciada na Inglaterra, mas seu apogeu se deu com o trabalho de Bourdieu e seus colaboradores, atingindo novo vigor com a chegada dessa tradição aos EUA, a partir da obra de Michael Apple.

Zanten (2013) nos apresenta o outro lado da reprodução social através da educação, aquela voltada para as elites econômicas e culturais. A autora apresenta em linhas gerais como o sistema de educação para as elites se desenvolveu, no último século, em três países hegemônicos no cenário global: França, Reino Unido e EUA. Nos EUA, o topo do sistema educacional ainda é composto pelas seletas universidades (na maioria fundações de direito privado sem fins lucrativos) da *Ivy League*, que tem grande autonomia no recrutamento de seus seletos estudantes, apesar da implantação de algum sistema de ações afirmativas, baseado principalmente em critérios étnicos²⁸. No Reino Unido, as universidades de ponta são Oxford e Cambridge, que a princípio possuíam bastante autonomia no recrutamento dos seus estudantes, mas com o aumento da participação estatal no seu financiamento, ao longo do século XX, a seleção se tornou mais próxima ao do restante do sistema de educação superior britânico. Na França, o topo do sistema escolar é composto pelas Grandes Escolas, que formam a elite dos quadros públicos e privados, cujo acesso há bastante tempo é, formalmente, universalista e meritocrático, apesar de já ter sido mostrado pelas teorias da reprodução

²⁸ Segundo a autora, a seleção para as altas escolas americanas continua sendo bastante vinculada ao capital econômico e ao capital social: largam na frente estudantes filhos de pais que estudaram nessas universidades e contribuíram financeiramente com doações, o que é bastante comum nos EUA. Segundo a autora, nos poucos momentos em que houve algum critério de seleção estritamente meritocrático e universalista, ele foi logo abandonado devido ao sucesso “desproporcional” de jovens estudantes judeus brilhantes, oriundos principalmente das novas classes médias e altas americanas.

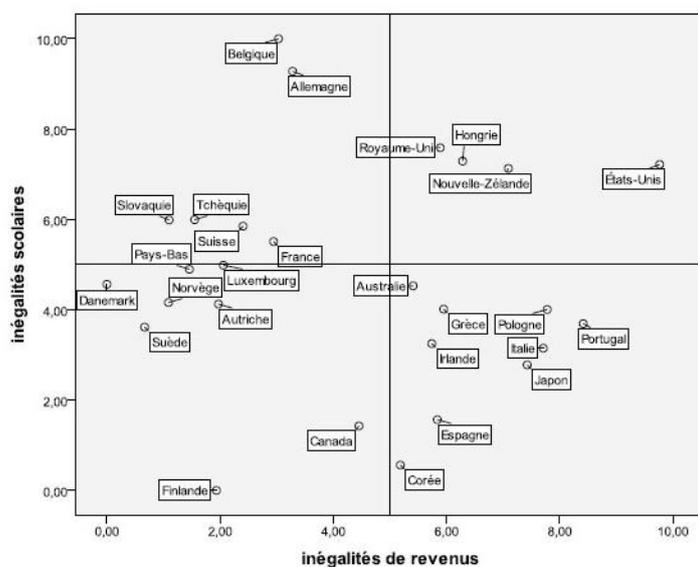
que nelas se formou uma “nobreza de estado” (Bourdieu, 1989), praticamente hereditária.

2.5.2 Reprodução em diferentes configurações sociais.

Dubet (2012) demonstra, de forma quantitativa, que a tendência à reprodução escolar pelo sistema de ensino varia fortemente de um país para outro (sua comparação se dá entre países relativamente comparáveis, todos eles “desenvolvidos”). Assim, várias variáveis influenciam no grau da reprodução social pela escola, tais como o nível de desigualdade na sociedade em geral, a influência do sistema escolar na alocação de cargos e posições, a duração do tronco comum de ensino, dentre outras. Assim, há países como a França que apesar da relativamente pequena desigualdade global na sociedade, ela é fortemente determinada pelo sistema escolar, enquanto em outros países, como nos EUA, também há forte influência do sistema escolar, apesar da desigualdade geral na sociedade ser maior. Por outro lado, há países relativamente pouco desiguais onde a alocação de posições sociais passa pouco pelo sistema escolar, como a Dinamarca. Por fim, há também países bastante desiguais cujas desigualdades são pouco determinadas pelo sistema escolar, como a Itália.

Figura 1: Desigualdades escolares e sociais.

Gráfico 1. Desigualdades escolares e desigualdades sociais (de renda)*



Nota de leitura: o gráfico classifica os países de acordo com o valor das desigualdades de renda (entre os adultos, a partir do indicador Gini disponível nos bancos de dados internacionais) e, ao mesmo tempo, com o valor do indicador de desigualdades escolares, que agrega o indicador de desigualdades dos conhecimentos escolares e o indicador de desigualdades sociais quanto a esses conhecimentos (dados Pisa). Em todos os gráficos, a classificação é realizada a partir dos valores normalizados das variáveis. Trata-se, portanto, de uma classificação e não de uma medida absoluta (por exemplo, as desigualdades de renda não são 8 vezes maiores em Portugal do que na Suécia).

Fonte: Dubet, 2012

Assim, o autor demonstra que a “lei” à reprodução social varia de acordo com diferentes arranjos societários e institucionais. Apesar da pouca comparabilidade do Brasil com os países escolhidos pelo autor, seria importante entender o quanto de nossa alta desigualdade social passa pelo sistema escolar.

2. 5.3 Educação e Classes populares brasileiras:

Um estudo brasileiro “clássico” sobre a educação nas classes populares brasileiras é o de Carvalho (1982), baseado em métodos quantitativos e qualitativos e realizado em Salvador, Bahia. Um dos achados que nos interessa e que estão de acordo com as pesquisas de Lahire (1997) e Souza (2009) é o de que as classes populares valorizam, de uma forma ou de outra, a educação. Elas sabem que a educação é um caminho de ascensão social, não apenas pela incorporação de uma ideologia meritocrática, mas por que alguns diplomas são requisitos para acessar determinados empregos que estão a sua disposição, pois os empregadores colocam, digamos, como pré-requisitos a conclusão do primeiro ou segundo grau para a obtenção de uma vaga, realizando assim uma “pré-seleção” dos candidatos. Da mesma forma, a baixa escolaridade e principalmente a não alfabetização é um estigma mesmo nas frações de classes populares que Souza (2009) quase três décadas depois chamaria de “ralé estrutural”. Outro achado interessante é que aqueles agentes sociais possuíam plena consciência dos mecanismos de “inflação dos diplomas”, ao afirmarem que “ginásio hoje é o primário de antigamente”²⁹.

Mesmo quando eram superadas as dificuldades relativas ao acesso à escola³⁰, uma alimentação precária e más condições sanitárias, que tornava o próprio desenvolvimento físico e motor inadequado ao ideal da idade, aliadas ao déficit cognitivo causado por uma socialização precária³¹, juntamente com a distância abissal

²⁹ O primário, até a década de 70, era constituído pelos quatro primeiros anos de escolarização. O ginásio era considerado o primeiro ciclo do ensino secundário, correspondendo aos quatro anos subsequentes ao primário.

³⁰ Um dos achados da fase quantitativa da pesquisa foi de que a frequência à escola, apesar da obrigatoriedade, já na época, dos oito anos do ensino fundamental para faixa etária dos sete aos 14 anos era de apenas 70% nas áreas pesquisadas de Salvador. E isso já levando em conta a recorrência a escolas particulares, em geral de baixa qualidade e precárias, dirigidas por professoras leigas, após a não obtenção de vaga nas escolas públicas. Mesmo quando a vaga aparecia, muitas famílias não conseguiam arcar com os custos que a escola exigia, tais como transporte, uniforme, material escolar, taxa de matrícula, etc.

³¹ A convivência familiar rústica, a precariedade moral e a inexistência do uso da palavra para fomentar o diálogo, aspectos típicos de uma família da ralé descritos por Souza (2009).

entre os signos culturais valorizados pela escola e aqueles das famílias desses estudantes tornava o processo educacional praticamente impossível. Mesmo com pais reconhecendo a importância da escola e da educação, pouco eles podem fazer se também não tiveram uma experiência consistente no sistema escolar. A má-fé institucional, encontrada por Souza (2009) também aparece na pesquisa de carvalho.

E os professores com quem as crianças interagem, desmotivados provavelmente pelos seus baixos salários e despreparados para entender e enfrentar as dificuldades de seus alunos, pouco ou nada contribuíam para superá-las. Nas escolas visitadas predominava uma pedagogia da improvisação e do descaso, os professores passavam tarefas no quadro negro e as crianças deveriam copiá-las e executá-las, na escola ou em suas casas. Mesmo em etapas fundamentais em termos de aproveitamento escolar, como o da alfabetização, não se fazia presente um trabalho prévio de estimulação que desenvolvesse as habilidades e a prontidão para a leitura e escrita. Castigos e práticas autoritárias eram frequentes, e certas professoras tentavam transferir para as famílias a responsabilidade de superação das dificuldades dos filhos (...) [Carvalho, op. cit. pp. 27-28]

2.5.4 “Sucesso” escolar em classes populares brasileiras.

Embora preponderem, no Brasil, pesquisas sobre o papel do campo escolar na reprodução social, além daquelas que nos lembram todos os problemas relacionados ao sistema educacional que já conhecemos, muitas vezes pela mídia cotidiana (repetência, evasão, incivildades, “péssima” qualidade do ensino, etc.), pesquisas que enfocam as possibilidades de “sucesso” de alguns estudantes que tinham tudo para “fracassar” no campo escolar não são totalmente desconhecidas³². Um dos trabalhos mais importantes nesse sentido é o de Vianna (2011, 2005) que entende o “sucesso” escolar como a longevidade escolar até o ensino de graduação ou pós-graduação (o estudo teve seu campo realizado na segunda metade dos anos 90). Baseado em métodos e técnicas qualitativos, o autor chega a alguns achados importantes, como, por exemplo, que não é um traço comum a existência de um projeto de escolarização de longo prazo. Na verdade, a escolarização segue um modelo, nesses estudantes, de degraus, onde ao se atingir dado degrau de escolaridade, vislumbra-se a possibilidade de atingir o imediatamente superior, ao contrário das frações das classes dominantes bem dotadas de

³² Cabe ponderar que se esses exemplos não existissem, provavelmente, a própria ideologia meritocrática ficaria bastante abalada, já que procura vender uma imagem de uma sociedade de competição justa, onde indivíduos competem em situação de igualdade.

capital cultural, para as quais a trajetória no campo escolar é vista como tendo “a rapidez e a precisão de uma flecha” (Nogueira, 2011).

Vianna faz coro com as descobertas de Lahire sobre a raridade de se encontrar na realidade a crença bastante difundida sobre a “omissão parental”. As famílias de classes populares já incorporaram os valores sobre a importância da educação. Embora muitas vezes essa incorporação seja inócua – dada a distância simbólica entre a esfera escolar e a esfera familiar – ocorre o que o autor identifica como “mobilização escolar familiar” nesses casos de “sucesso”, embora não necessariamente constituída daquelas práticas típicas das famílias das frações da classe média mais dotadas de capital cultural³³ e também distintas de uma “superescolarização” ou sobreinvestimento na escola³⁴. Vianna afirma que há *um tipo particular de presença familiar* na escolarização dos filhos em classes populares, uma presença que ele denomina como *periférica ao estritamente escolar*. Assim, um dos aspectos que se sobressaíram é a “liberação” de um estudante promissor pela família de parte de suas “obrigações econômicas”. Muitos filhos podem passar a contribuir menos para o orçamento doméstico, com um emprego de meio turno, de forma que possam dedicar mais tempo às suas obrigações escolares.

Piotto (2008), ao apresentar a revisão bibliográfica de sua pesquisa de doutorado em Psicologia sobre o “sucesso” escolar em classes populares, nos traz uma entrevista com um estudante cujos pais têm apenas as primeiras séries do Ensino Fundamental e trabalham em ocupações de baixo reconhecimento social. Ele trabalhou muitos anos como garçom antes de conseguir passar no vestibular da USP. Entre a conclusão do ensino médio e a aprovação em psicologia na USP, foram 11 vestibulares em cinco anos. Apesar de ele sempre ter trabalhado nesse período, o apoio da família foi fundamental, visto que a sua pequena renda pode ser investida em cursos pré-vestibulares. Esforço, ascetismo e resiliência marcaram a trajetória desse estudante até o acesso à universidade.

³³ “(...) acompanhamento minucioso da escolaridade dos filhos, escolha ativa do estabelecimento de ensino, contatos frequentes com os professores, ajuda regular nos deveres de casa, reforço e maximização das aprendizagens escolares, assiduidade às reuniões convocadas pela escola dos filhos, utilização do tempo extra-escolar com atividades favorecedoras do sucesso escolar, entre outras.” (Vianna, 2011, p. 53)

³⁴ Lahire (1997) demonstra que esse sobreinvestimento não é uma constante nos casos de sucesso escolar em classes populares, muito menos que ele, por si só, garanta o “sucesso” escolar.

Almeida (2011) pesquisa estudantes de famílias com origem em frações em ascensão da pequena burguesia paulistana, famílias com um capital cultural restrito, mas com significativo volume de capital econômico. Apesar de não se tratar de famílias de classes populares, mas já pertencentes às camadas médias, a boa vontade escolar e o esforço na incorporação de capital escolar, conversão de capital econômico em capital cultural, são evidentes. A pesquisa foi realizada em uma escola da Zona Leste paulistana, uma escola particular com alta taxa de aprovação nos vestibulares da USP, nas quais seus membros passam por uma rotina exaustiva de estudos voltados a aprovação no vestibular daquela universidade.

Lacerda (2006) pesquisa casos excepcionais de estudantes com origens em classes populares e baixa incorporação de capitais cultural e econômico, que foram aprovados no vestibular mais concorrido do Brasil, o do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). A partir de entrevistas com esses estudantes e suas famílias, ela procura entender que configurações pessoais ou familiares permitiram a execução desse projeto altamente improvável para estudantes pobres, visto que mesmo entre estudantes das melhores escolas, a aprovação em um exame tão concorrido é, quando muito, algo bastante improvável³⁵. Existem, segundo a autora, diferentes relações entre a família e o projeto escolar desses estudantes, algumas com maior envolvimento, outras com menos, mas sempre envolvendo uma intensa mobilização individual do estudante.

Finalizamos com Neves (2013), que realizou um estudo qualitativo com estudantes beneficiados com políticas de inclusão no ensino superior (PROUNI e Reserva de Vagas³⁶) em universidades públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre. Na última década, essas políticas fomentaram o acesso ao ensino superior brasileiro de estudantes de classes populares, que dificilmente teriam acesso ao restritivo sistema brasileiro sem elas. Apesar da importância dessas políticas, a autora encontra fortes evidências de que todos os beneficiários dessas políticas vinham de

³⁵ Lembramos que há anos nos quais nenhum estudante gaúcho é aprovado nesse vestibular.

³⁶ Muitas universidades públicas brasileiras, federais ou estaduais, têm reservado parcela de suas vagas para candidatos oriundos de escolas públicas, negros, indígenas ou portadores de deficiência. A porcentagem de vagas reservadas e as categorias beneficiadas variam de IES para IES, apesar de uma recente lei federal tenha estabelecido um prazo de alguns anos para que a reserva de vagas devesse ser de 50% para estudantes de escolas públicas, sendo que dentro dessa reserva, outro percentual deveria ser reservado para negros e indígenas, de acordo com a sua representação na população de cada Unidade da Federação.

famílias estruturadas, com familiares, em geral algum dos pais, atuando como fonte de segurança moral e econômica, o que as afastava do horizonte da raiz estrutural, mesmo em contextos de grande precariedade material.

Capítulo 3: Explicações Metodológicas

3.1 Nota Epistemológica: A Sociologia como um instrumento que permite ver o que é invisível.

A ocorrência de casos de “sucesso” escolar entre estudantes oriundos de classes populares tende a ser vista, numa explicação de “senso comum” como algo fora da ordem do explicável, como um “dom” ou “dádiva” sobrenatural (ou supra-social, pelo menos) que permite a existência de indivíduos excepcionais. Essa abordagem já foi feita de forma sociológica por Elias (1995)), quando se debruça sobre a vida de Mozart, considerado um dos maiores, senão o maior, gênio musical da civilização ocidental. O autor mostra que a trajetória do compositor está intimamente ligada à apropriação social da música naquele tempo e espaço, numa fase de reordenamento do espaço social da Europa, onde a antiga aristocracia, ainda dominante, perdia espaço para a burguesia ascendente. Quando a balança de poder se inverte, já na geração seguinte – a de Beethoven – nova apropriação social da música surge, o que permite a existência de compositores autônomos, sem a tutela de um mecenas, tutela da qual Mozart procurou se livrar sem que estivessem dadas as condições sociais para que isso fosse possível.

Se a explicação de “senso comum” é falha, o que não segue “regularidades” aparentes parece não ser passível de explicação sociológica. Afinal, quantos professores de Sociologia nunca enfrentaram a situação de, durante uma aula, algum estudante levantar a mão e vir com a clássica fala “mas eu conheço alguém que...” e o professor responder que “um caso não é representativo”. Sim, muitas vezes a explicação sociológica busca as tendências, porém, acreditamos que todas as trajetórias de agentes sociais, no espaço social, podem passar por uma satisfatória explicação sociológica. Mesmo os *outliers*, ou “pontos fora da curva”, podem, entre si, apresentar interessantes regularidades tendenciais.

Assim, esta dissertação busca a construção de uma “sociologia da discrepância”, desses casos que não seguem a tendência das clássicas leis da reprodução social a partir do campo escolar. Para nos aproximarmos desse objetivo foi necessária a ruptura com as duas visões acima apresentadas, que parecem evidentes, mas ainda estão no campo de uma “sociologia espontânea”. Afinal, qual seria a razão da Ciência se ela não desvelasse o que é oculto? Seria necessária uma ciência que nos trouxesse apenas resultados que já eram evidentes antes da pesquisa?

3.2 Estruturas do Sucesso Escolar no Brasil: um estudo multivariado com o uso da regressão logística.

Para compreender as estruturas do “sucesso” escolar no Brasil trabalhamos com o banco de dados gerado a partir do questionário sócio-econômico do ENEM de 2009³⁷ com o objetivo de verificar como indicadores de capital cultural (escolaridade dos pais, tipo de escola, realização de cursinho, dentre outras) e capital econômico (renda familiar, ocupação dos pais, etc.) influenciam nas chances de um estudante atingir uma situação de “sucesso” escolar.

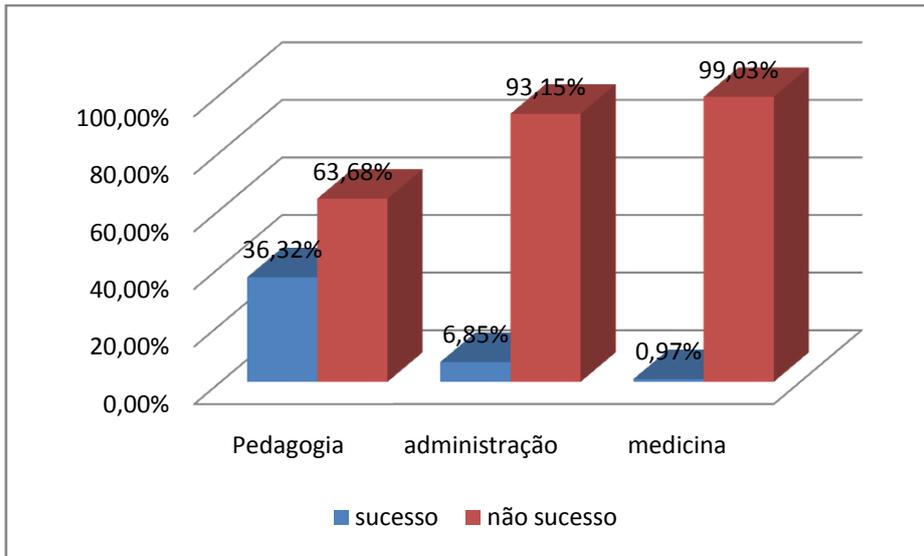
A escolha do ENEM se deu por que, naquele ano, pela primeira vez, ele seria utilizado para a seleção no recém criado Sistema de Seleção Unificada (SISU), que objetiva estabelecer o acesso unificado a todas as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras, em substituição ao antigo modelo fragmentado de vestibulares próprios para cada instituição. Sabemos que esse exame cobra aqueles conteúdos que são definidos pelos dominantes do campo escolar como legítimos³⁸, o que, imaginamos, favorecerá aqueles estudantes que possuem maior contato com esses bens simbólicos.

Como o “sucesso escolar” foi definido, para fins heurísticos como a manutenção do estudante até o ensino superior o quantificamos a partir das notas de corte mínimas para a seleção em alguns cursos ofertados pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) de 2010. Para este trabalho, selecionamos três cursos, em diferentes universidades federais, com as respectivas notas de corte: pedagogia (586), administração (699) e medicina (782). Acima dessas notas, em cada um dos modelos, obtém-se uma situação de “sucesso” escolar, abaixo uma situação de “não sucesso”, o que ficará mais claro analisando os gráfico 8 e 9.

³⁷ Para fins de análise selecionamos apenas os estudantes que compõem a “demanda qualificada”, ou seja, aqueles que não faltaram nenhum dia de prova e não zeraram nenhuma das provas. Ainda assim, restaram mais de 3 milhões de casos. Para fins de praticidade de análise no software utilizado, retiramos uma amostra aleatória de cerca de 50 mil casos, o que é uma amostra altamente significativa do ponto de vista estatístico.

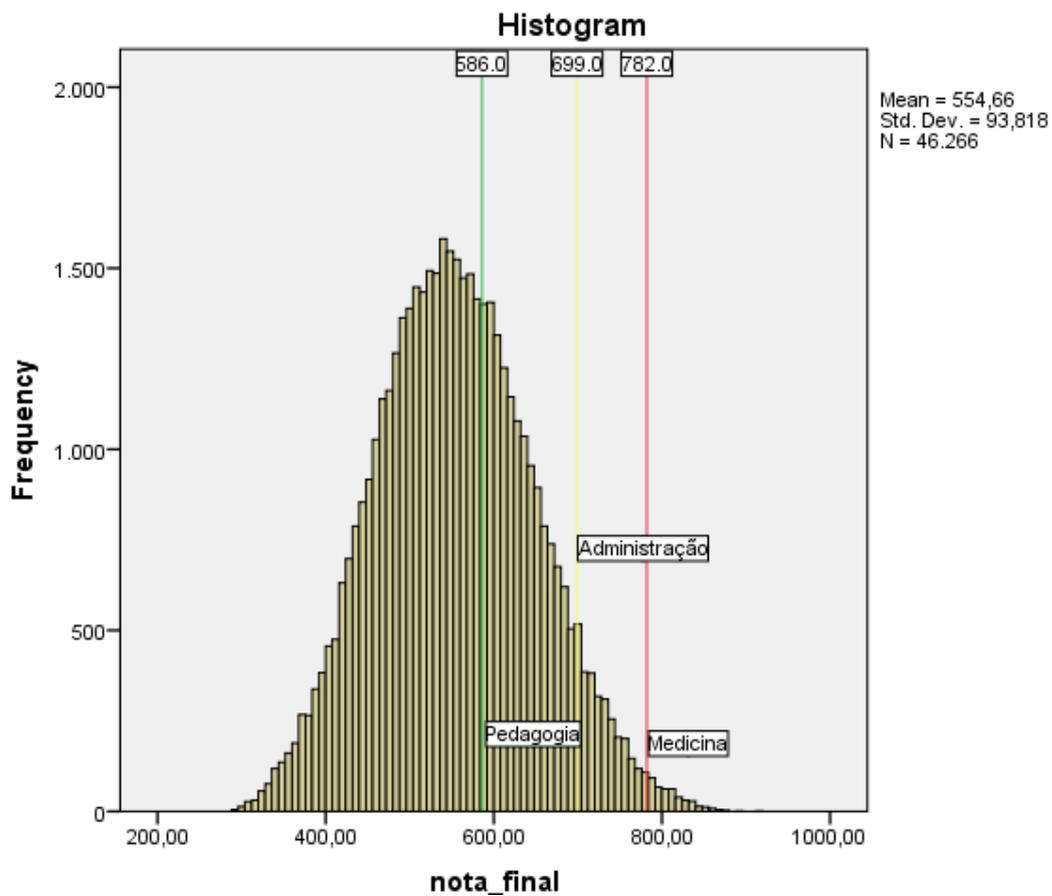
³⁸ O que Bourdieu chamava de arbitrário cultural dominante.

Gráfico 8: "Sucesso" no SISU por nota mínima para acessar os cursos selecionados



Fonte: elaboração própria cf. ENEM 2009.

Gráfico 9: Distribuição das notas no ENEM 2009



Fonte: elaboração própria cf. ENEM 2009.

No gráfico 8 vemos quantos estudantes do que chamamos de “demanda qualificada” atingiram uma situação de “sucesso” e “insucesso” em relação a cada curso. Assim, enquanto 36% dessa demanda qualificada atingiram a nota mínima necessária para entrar no curso de pedagogia, para medicina foram menos de 1%. O gráfico 9 mostra a distribuição geral das notas finais dos estudantes que realizaram o ENEM 2009. Cada linha representa o ponto de corte de cada curso analisado, portanto à esquerda de cada linha temos os estudantes que atingiram uma situação de “sucesso” e à direita aqueles que estão em uma situação de insucesso.

Presumimos que, quanto maior a nota de corte, maior a influência desses capitais. Como técnica estatística, valemo-nos da regressão logística binária. A *regressão logística binária*³⁹ (Field, 2009) é uma técnica estatística muito usada em pesquisa na área da saúde, pois permite “prever” probabilisticamente as chances de desenvolvimento de doenças a partir de algumas características preditoras. Em suma, ela permite prever se um fenômeno ocorre ou não e o aumento ou diminuição das chances causadas por cada categoria de variáveis independentes ou preditoras. No nosso caso, ao invés do aparecimento ou não de uma dada doença, temos como variável preditora o alcance ou não de uma nota mínima necessária para entrar em dado curso, o que configura uma situação de “sucesso” ou de “não sucesso”. Lembramos que, como se trata de um modelo multivariado, os efeitos das variáveis preditoras já são controlados uns pelos outros. Por exemplo, quando trabalhamos com um cruzamento de renda e aprovação, não sabemos se a diferença observada é efeito da renda em si ou de outras características que vêm acompanhadas de uma renda maior, por exemplo, realização de cursinho, ter estudado em escola particular ou ao próprio ambiente propício ao cultivo intelectual criado por uma maior escolaridade dos pais.

Assim, pudemos trabalhar com relações causais probabilísticas, mais do que com simples correlações, já que, assim, isolamos os efeitos de cada variável. Nesta etapa, valemo-nos principalmente dos conceitos bourdianos discutidos com mais detalhes acima, no capítulo teórico. O caminho seguido dos conceitos abstratos até

³⁹ Outra possibilidade de análise pela regressão estatística seria o uso da regressão linear, caso buscássemos o impacto de diferentes variáveis na variação da nota final. Optamos pela regressão logística porque mais do que querer explicar a nota, buscamos identificar as condições que aumentaria a chance do “sucesso” escolar numa dada definição deste.

indicadores observáveis empiricamente na realidade é demonstrado no seguinte quadro de análise.

Quadro 1: Quadro de análise quantitativo

variáveis	conceitos	dimensões	indicadores
independentes	Capital Econômico	-----	renda familiar em SM
	Capital Cultural	incorporado (herdado)	escolaridade da mãe / profissão do pai
		incorporado (adquirido)	curso de língua estrangeira / cursinho pré-vestibular / frequência de leitura (livros, revistas, jornais e internet)
		institucionalizado	tipo de escola em que cursou o ensino médio / turno em que cursou o EM / modalidade de EM /
variáveis de controle:			idade / sexo / cor ou raça / estado civil / religião / tem filhos (quantos)
dependentes	"sucesso escolar"	"extremamente competitivo"	nota de corte para o curso de medicina (1% dos estudantes): 782
		"altamente competitivo"	nota de corte para o curso de administração (7% dos estudantes): 699
		"relativamente competitivo"	nota de corte para o curso de pedagogia (36% dos estudantes): 586

Fonte: elaboração própria.

Assim, por exemplo, o conceito de *capital cultural* na sua dimensão institucionalizada (que é aquele que é sancionado pelo Estado) é observado empiricamente através de indicadores como o tipo de escola cursada no Ensino Médio (público ou privado), a modalidade do Ensino Médio (se propedêutico ou técnico) e ainda o turno no qual o ensino médio foi cursado.

Além daquelas variáveis nas quais estamos interessados do ponto de vista teórico, também trabalhamos com *variáveis de controle*, que são aquelas que, embora não sejam aquelas sobre as quais o questionamento teórico voltou-se, são importantes para entendermos o fenômeno analisado e evitar correlações espúrias. Por fim, cabe mencionar que foi utilizado o software SPSS para tabulação e realização dos testes.

3.3 Construção de retratos sociológicos: entrevistas em profundidade e análise de conteúdo.

Nesta etapa buscamos construir retratos sociológicos⁴⁰ de indivíduos com origens em famílias de classes populares que atingiram a situação que definimos como sendo de “sucesso” escolar. Com este método buscamos responder o ponto central de nosso problema de pesquisa, qual seja, entender as condições sob as quais ocorre o “sucesso” no campo escolar em classes populares. Foram realizadas 7 entrevistas semi-

⁴⁰ Seguindo o modelo proposto por Lahire (2004).

estruturadas⁴¹. Buscamos indivíduos com origem em famílias com pouca incorporação de capitais que atendessem ao critério de sucesso escolar discutido acima, ou seja, que tivesse atingido a educação superior. Para encontrar esses casos, foram utilizadas diversas estratégias: auxílio de professores, de colegas, dos próprios entrevistados (quando indicavam outra pessoa), nossas próprias redes de relações, etc. Foram identificados 17 casos, dos quais 12 retornaram o nosso contato. Destes, conseguimos marcar e efetivamente realizar entrevistas com 7 indivíduos. Em 5 casos a entrevista foi presencial, em Porto Alegre e em 2 deles realizada por teleconferência.

Após a coleta dos dados, os áudios das entrevistas foram codificados no software de análise qualitativa Sonal para posterior análise de conteúdo, cf. Bauer (2002), Almeida (2013) e Flick (2009). Os códigos foram criados a partir de conceitos de disposições (Lahire, 2006), trajetórias (Bourdieu, 2007) e de configurações (Elias, 1994), de acordo com o quadro de análise qualitativo abaixo (quadro 3).

Quadro 2: Quadro de análise qualitativa

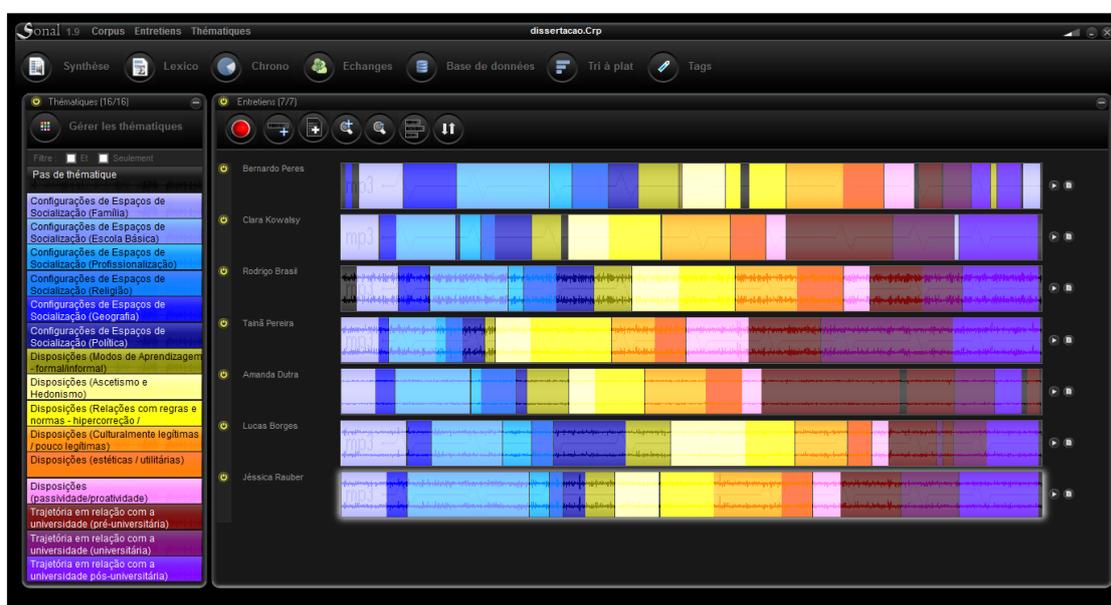
categorias de conceitos	conceitos	dimensões	indicadores
Configuração de Espaços de Socialização	Família	econômica	profissão dos pais / situação econômica e empregatícia da família
		cultural	escolaridade dos pais / membros da família com ensino superior ou profissões ligadas ao trabalho intelectual
	Escola básica	escola	tipo de escola / rede, proposta pedagógica / turno / modalidade
		professores e colegas	classe social dos colegas / características dos professores / quais deles foram marcantes
	profissionalização	x	como começou a trabalhar, onde e quando.
	religião	x	religião, participação em atividades religiosas e grupos religiosos, na infância e na idade adulta.
	geografia	x	bairros (tipo de) e cidades em que morou
disposições	modos de aprendizagem (formal/informal)	x	se considera autodidata / faz cursos regulares ou não-regulares (línguas, música, artesanato, etc.) / lê manuais, enciclopédias, guias, etc.
		e x	tem facilidade de se concentrar ao estudar, procrastina nos estudos / prefere a cultura "edificante" ou a "divertida" / regime alimentar (dietas ou hedonismo) / atividades físicas de concentração e investimento ou "para se divertir".
	relação com regras e normas (hipercorreção e espontaneidade)	x	hipercorreção ou rejeição das normas: regulamentos profissionais, horários de trabalho, uso da língua (situações oficiais e cotidianas) relação com prescrições médicas e normas dietéticas, por exemplo.
	culturalmente legítimas / pouco legítimas	x	relação com leitura / cinema / música / TV / teatro / esportes / museus
	estéticas / utilitárias	x	tipos de lazer, tipos de alimentos preferidos, vestuário, habitação
	passividade / proatividade	x	liderança em atividades políticas, profissionais, etc.
	trajetórias	trajetória em torno da universidade e campo de possibilidades	pré-graduação
graduação			relação com o conteúdo do curso, bolsas ou trabalho concomitante com o curso, intercâmbios
"pós-graduação"			formatura, realização de especialização, mestrado ou doutorado, emprego pós-curso

Fonte: elaboração própria.

⁴¹ O roteiro utilizado encontra-se no anexo 2 ao final desta dissertação.

No quadro acima demonstramos como partimos dos conceitos do referencial teórico às questões do roteiro da entrevista. Por exemplo, o conceito de disposições estéticas / utilitárias – que procura descobrir se o agente possui incorporadas disposições mais utilitaristas (comuns nas classes populares) ou mais estéticas (comuns em classes superiores) – é observado empiricamente, através do roteiro de entrevista, questionando-se sobre seus hábitos de lazer, de alimentação e de vestuário. Com a ajuda do software de análise qualitativa SONAL⁴², codificamos as entrevistas, de acordo com as categorias prévias, para posterior análise de conteúdo. Uma visão geral do *corpus* pode ser obtida com a figura 2.

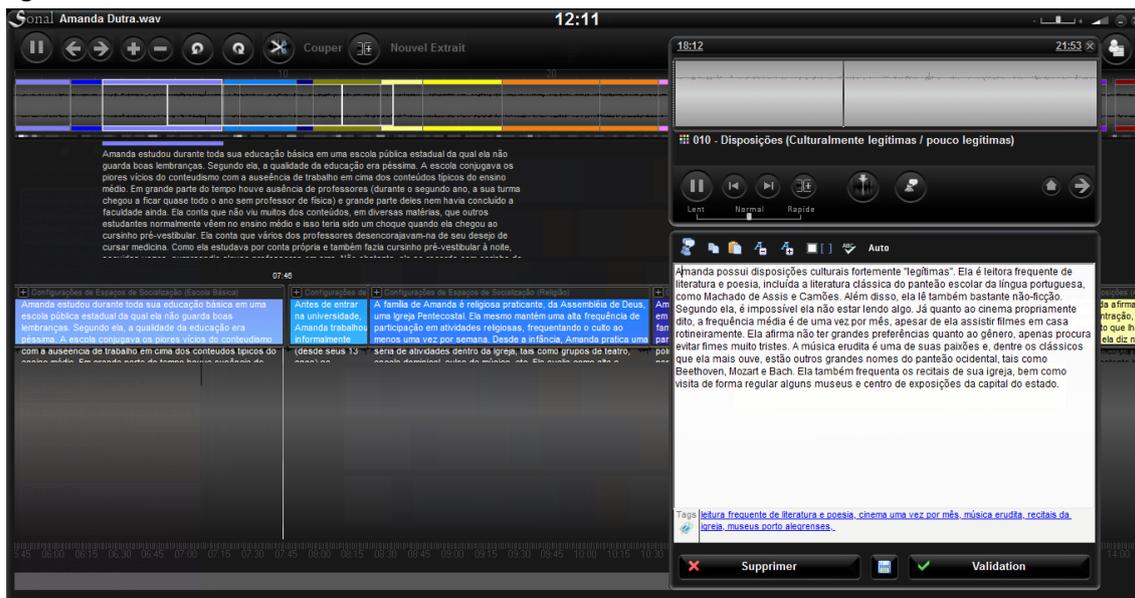
Figura 2: Visão geral do corpus de entrevistas.



Cada cor representa uma das diferentes categorias das quais nos valem para analisar os casos e sua distribuição ao longo das entrevistas representa os extratos das mesmas relacionados a essas categorias.

⁴² www.sonali-info.com (acessado em 20/03/2015)

Figura 3: Ambiente de Análise no Sonal.

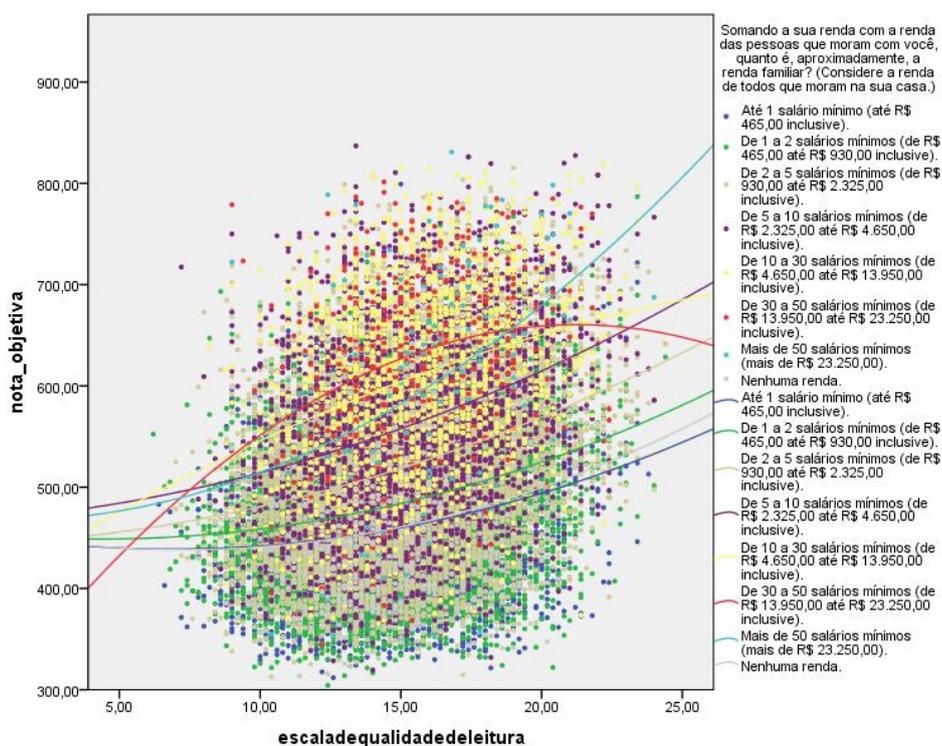


Assim, com a articulação de diferentes técnicas e métodos de produção e análise de dados, procuramos dar conta da complexidade do tema analisado. Antes de acreditarmos em alguma oposição epistemológica – ou mesmo política, como acreditam certas tradições intelectualmente rasas em diferentes ciências sociais – cremos na complementaridade entre os métodos e técnicas qualitativos e quantitativos. Os métodos quantitativos nos permitem a generalização, enquanto os qualitativos nos oferecem o aprofundamento. A boa ciência social ganha com isso.

Capítulo 4. Estruturas do “Sucesso” Escolar no Brasil.

Neste capítulo percorreremos os resultados dos modelos estatísticos trabalhados para tentar compreender a estrutura de capitais que rege o sucesso no campo escolar brasileiro. Para iniciar, vamos analisar o gráfico 10. Nele se distribuem os candidatos do ENEM de acordo com a nota objetiva alcançada (eixo vertical) e por uma escala que nós criamos a partir dos hábitos de leitura dos estudantes (eixo horizontal). Nos modelos, notamos que alguns hábitos de leitura (como a leitura de dicionários, revistas de divulgação científica, revistas de informação geral, etc.) estavam correlacionados com uma nota maior e outros (revistas para adolescentes, sobre religião, sobre saúde, etc.) estavam correlacionados com uma nota menor, criamos uma escala na qual o candidato ganha pontos caso tenha hábitos que estão correlacionados com uma nota maior e também ganha pontos caso não tenha os hábitos de leitura que estão correlacionados com uma nota menor. Chamamos esta escala de “escala de qualidade da leitura”. Cada caso possui uma cor que indica a qual faixa de renda familiar pertence e, para cada faixa, os dados são resumidos por uma linha de tendência que acompanha o aumento da nota em relação a uma maior pontuação na escala de leitura.

Gráfico 10: Distribuição das notas no ENEM 2009:



Fonte: elaboração própria cf. ENEM 2009.

Como o leitor deve ter percebido, tentamos captar a interação de variáveis de capital econômico e cultural com a nota objetiva na prova do ENEM, representando-a através de uma forma individual (ou seja, a partir dos casos individuais). Os resultados são muito interessantes. Na parte superior do gráfico há um predomínio das cores amarela e vermelha (que representam uma renda familiar de 10 a 30 SM e de 30 a 50 SM respectivamente), enquanto no meio do gráfico há um predomínio da cor roxa (renda familiar entre cinco e 10 SM) e na parte inferior do gráfico há um predomínio das cores cinza, azul e verde (todas representando rendas familiares abaixo de cinco salários mínimos). Há uma clara tendência de que uma renda familiar maior esteja correlacionada com uma nota maior. Da mesma forma, há também uma correlação entre a pontuação na escala de leitura⁴³ e a renda familiar. Apesar de haver muitos casos de candidatos com pouca renda com alta pontuação na escala de leitura (quadrante inferior direito), há uma concentração bem menor de casos com alta renda e baixa pontuação na escala de leitura (quadrante superior esquerdo). Isso poderia denotar que apesar de uma alta frequência de leitura não ser nem um pouco rara em classes populares, a ausência de hábitos de leitura é relativamente mais rara nas classes médias e altas.

Os resultados mais interessantes, porém, nos vêm das tendências de aumento da nota em relação à escala de leitura entre as diferentes faixas de renda. Cada linha representa a nota esperada de cada candidato de uma dada faixa de renda de acordo com a pontuação na escala de leitura. Em todas as faixas de renda, “melhores” hábitos de leitura (de acordo com o que é considerado culturalmente legítimo) tornam notas mais altas mais prováveis, mas o aumento não é linear. Notem que em todas as faixas de renda, uma baixa pontuação na escala prevê notas relativamente semelhantes, enquanto uma pontuação próxima da máxima faça aumentar a nota provável em todas as faixas, tornando as notas prováveis mais discrepantes. Enquanto candidatos que têm uma pontuação na escala de leitura de 10 pontos e renda familiar baixa estão a uma distância

⁴³ Esta escala foi composta por 14 variáveis relativas aos hábitos de leitura. As 6 variáveis que representam hábitos de leitura que diminuíam as chances de sucesso recebiam valores iguais a 0,5 quando o hábito é freqüente; 0,9 quando o hábito é regular e 1,5 quando o hábito não existe. Já as 8 variáveis que representam hábitos de leitura culturalmente legítimos, associados ao sucesso escolar, recebiam valores iguais a 0, quando o hábito é inexistente; 1 quando o hábito é regular e 2, quando o hábito é freqüente. Isso indica que o valor teórico máximo da escala seria 25 ($2 \times 8 + 1,5 \times 6$) e o valor teórico mínimo seria 3 ($6 \times 0 + 0,5 \times 6$). Na prática, os valores reais encontrados variaram de 6,2 a 24,40. A escolha de pesos diferentes para hábitos legítimos culturalmente e pouco legítimos culturalmente se justifica, em fins práticos, para aumentar a variação na escala e em fins teóricos para valorizar mais uma ação ativa (ler materiais considerados legítimos culturalmente) do que uma ação passiva (não ter hábitos de leitura pouco legítimos culturalmente). O valor do teste Alpha de Cronbach foi de 0,782. Quando o valor é superior a 0,600, temos uma escala confiável.

de cerca de 100 pontos daqueles com a mesma pontuação e uma renda alta, aqueles que atingiram uma pontuação alta na escala de leitura e têm uma renda baixa estão distantes cerca de 200 pontos daqueles com renda alta que possuem uma pontuação semelhante em relação a seus hábitos de leitura.

Hábitos de leitura considerados culturalmente “legítimos” dão um retorno bem maior em termos de nota na prova do ENEM se estiverem conjugados com um maior capital econômico, embora essa relação também não seja linear. Candidatos com rendas familiares entre 10 e 30 SM (linha amarela) e entre 30 e 50 SM (linha vermelha) à medida que aumentam sua pontuação na escala de leitura tem uma nota provável maior do que aqueles com uma renda familiar maior (mais de 50 SM) até uma pontuação bem alta da escala de leitura, quando são finalmente ultrapassados por esses candidatos com alta renda familiar.

Como explicar sociologicamente isso? É relativamente simples. As classes médias possuem sua reprodução social altamente vinculada à posse de algum capital cultural (que lhe permite o acesso tanto a posições no Estado quanto a vagas escassas nas universidades públicas), enquanto as classes altas, que se caracterizam pela posse significativa de capital econômico, não precisam vincular sua reprodução social ao domínio do capital cultural legítimo (embora a posse desse capital tenda a estar presente em alguma medida). Elas possuem outros mecanismos que garantem a sua reprodução social enquanto classe alta como heranças e casamentos, por exemplo. Existem frações das classes altas, porém, que valorizam a cultura legítima – e têm meios, inclusive, de acessar uma forma de capital cultural – o objetivado⁴⁴ – que é relativamente rara nas classes médias. Assim, esses candidatos com alta renda que atingiram pontuação elevada na escala de leitura provavelmente pertencem a essas frações.

4.1 Modelos logísticos.

Agora iniciamos a análise dos modelos que buscam entender, qual é, no Brasil atual, a estrutura de capitais que estrutura o sucesso no campo escolar. Os três modelos trabalhados (um para cada curso escolhido) estão resumidos na tabela 1, logo abaixo. Primeiramente, tento repassar o que significa cada um dos seus elementos. No *eixo*

⁴⁴ Na forma de objetos físicos de arte e de cultura, como quadros, esculturas, livros, etc.

horizontal temos as questões do questionário sócio-econômico do ENEM de 2009⁴⁵ e suas respectivas categorias de respostas, enquanto no *eixo vertical* mostramos os modelos relativos a cada um dos cursos. Cada coluna deve ser lida como um dos três modelos logísticos binários trabalhados.

Na subcoluna “Exp(B)” (Exponencial de Beta, que doravante denominaremos apenas como “exponencial”) temos a principal informação dos modelos. Em cada questão do questionário há uma categoria que é utilizada como referência. No caso da questão sobre cor ou raça (“como você se considera?”), essa categoria de referência é a “Branco(a)”. Na subcoluna do exponencial, todas as categorias de referência tem valor igual a **1**. Os valores dos exponenciais das outras categorias da questão devem ser lidos sempre em relação à categoria de referência. Assim, se os valores das demais categorias são maiores do que 1, o pertencimento àquela categoria aumenta as chances de atingir uma situação de “sucesso escolar” e se são menores há uma diminuição das chances em relação à categoria de referência. Por exemplo, na categoria “pardo(a)” no modelo relativo ao curso de medicina, o resultado foi de 0,859, o que denota que uma pessoa parda tem uma chance⁴⁶ de atingir a situação de sucesso escolar de 0,859 vezes a chance de uma pessoa branca, ou, de forma mais clara, 14,1% menor. Da mesma forma, alguém na categoria “amarelo(a)”, possui uma chance de 1,331 vezes (ou 33,1% mais de chances) de atingir uma situação de “sucesso” (a nota mínima para entrar no curso) do que uma pessoa da categoria branca.

Na subcoluna “Sig.”, temos os valores da significância estatística dos resultados dos exponenciais. Grosso modo, a significância indica a probabilidade daquela variação ser fruto do acaso, ou aleatória. Nas Ciências Sociais costumamos aceitar significâncias menores do que 0,05 (5% de probabilidade da variação ser fruto do acaso⁴⁷). Os resultados que atingiram tal significância estão em vermelho. Assim, por exemplo, os resultados relativos às categorias “amarelo” e “indígena” não foram significativas em

⁴⁵ Esse questionário pode ser encontrado no final desta dissertação no anexo 1.

⁴⁶ Lembramos que *chance* é um conceito diferente do de *probabilidade*. Enquanto probabilidade é a relação de uma situação acontecer sobre todas as situações possíveis (por exemplo, numa semana há 1/7 de probabilidade de hoje ser terça-feira), a chance é a relação de uma situação acontecer sobre ela não acontecer (na referida semana, a chance de hoje ser terça-feira é de 1/6).

⁴⁷ Obviamente outras áreas usam significâncias menores para aferir resultados. Imagine se 1 em cada 20 pacientes morressem com o efeito de um remédio ou se 1 em cada 20 prédios construídos por um engenheiro desmoronassem. Como nas Ciências Sociais, em geral, temos responsabilidades menores, podemos continuar utilizando $p < 0,05$.

nenhum dos modelos trabalhados, em parte devido ao baixo número de casos nessas categorias.

Ainda há dois elementos a serem explicados. Um é o **r² (R quadrado)**. Em regressões lineares e não lineares o r² mostra a proporção de variação da variável dependente (por exemplo, renda, pontuação numa escala, etc.) que pode ser explicada pelo modelo e pelas variáveis independentes escolhidas. Em regressões logísticas, se fala em *pseudo r²*. Há outros (como o de *Cox and Snell*), mas a literatura estatística por nós consultada (Field, *op. cit.*) recomenda, por razões matemáticas, o uso do *pseudo r²* de *Nagelkerke*, que foi o que utilizamos. Em ciências naturais, valores de r² da ordem de 0,8 ou 0,9 (80% ou 90% de explicação) são comuns. Nas Ciências Sociais (ainda mais quando a unidade de análise são indivíduos – dada a imensa variação individual), um valor de r² na casa dos 0,2 ou 0,3 (20% ou 30% de explicação) já é considerado satisfatório. Em nossos modelos, conseguimos explicações de 23,9% para o de pedagogia, 25,4% para o de administração e 26,4% para o de medicina. Isso denota, entre outras coisas, que quanto maior a dificuldade para auferir determinada nota, menos espaço há para variações individuais e mais a influência dos capitais aumenta. O outro elemento que falta para explicar é o *Teste de Hosmer and Lemeshow*, que indica a adequação dos modelos aos dados. Nele espera-se que haja resultados maiores que o limite de significância estatística adotado ($p > 0,05$). O único modelo cujo resultado não passou no teste foi o relativo ao curso de pedagogia (devido a uma divisão mais equânime entre as duas situações possíveis: por volta de 35% dos casos em situação de sucesso e 65% em situação de insucesso).

Tabela 1: Resumo dos modelos logísticos binários

		pedagogia		administração		medicina	
		Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)	Sig.	Exp(B)
Como você se considera:	(A) Branco(a).	0	1	0	1	,186	1
	(B) Pardo(a).	0	0,868	0,005	0,861	,268	,859
	(C) Preto(a).	0	0,782	0	0,629	,071	,619
	(D) Amarelo(a).	0,602	0,965	0,909	0,986	,285	1,331
	(E) Indígena.	0,756	1,052	0,194	1,471	,518	1,621
Qual a sua religião?	(A) Católica.	0	1	0	1	,103	1
	(B) Protestante ou Evangélica.	0,006	1,091	0,022	1,151	,241	1,209
	(C) Espírita.	0	1,365	0,007	1,332	,078	1,475
	(D) Umbanda ou Candomblé.	0,238	1,239	0,53	1,215	,561	1,445
	(E) Outra.	0,028	1,173	0,004	1,404	,082	1,556

	(F) Sem religião.	0	1,35	0	1,515	,019	1,464
Qual seu estado civil?	(A) Solteiro(a).	0	1	0,07	1	,520	1
	(B) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).	0	1,243	0,011	1,351	,186	,585
	(C) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).	0,33	1,121	0,264	1,333	,339	,364
	(D) Viúvo(a).	0,093	0,552	0,35	1,823	,997	,000
	(E) Não tenho filhos(as).	0,001	1	0,001	1	,704	1
Quantos(as) filhos(as) você tem?	(A) Um(a).	0	0,805	0	0,557	,693	,820
	(B) Dois(duas).	0,015	0,818	0,144	0,762	,270	1,766
	(C) Três.	0,009	0,737	0,088	0,618	,658	,623
	(D) Quatro ou mais.	0,021	0,705	0,029	0,407	,861	,832
	(A) Não estudou.	0	1	0	1	,551	1
Até quando sua mãe estudou?	(B) Da 1' à 4' série do ensino fundamental.	0,008	1,195	0,032	1,564	,839	,895
	(C) Da 5a à 8a série do ensino fundamental.	0,011	1,196	0,004	1,854	,492	,677
	(D) Ensino médio incompleto.	0,005	1,25	0,001	2,13	,846	,892
	(E) Ensino médio completo.	0,001	1,257	0,001	1,958	,814	,879
	(F) Ensino superior incompleto.	0,001	1,372	0,001	2,156	,668	,778
	(G) Ensino superior completo.	0	1,49	0	2,6	,971	1,021
	(H) Pós-graduação.	0	1,541	0	2,492	,583	,732
	(I) Não sei.	0,597	0,942	0,067	1,704	,268	,279
	Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?	(A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.	0	1	0	1	,063
(B) Na indústria.		0,001	1,172	0,204	1,141	,615	1,157
(C) Na construção civil.		0,015	1,147	0,912	0,986	,752	,888
(D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.		0	1,197	0,002	1,328	,445	1,220
(E) Funcionário público do governo federal, estadual ou municipal.		0,026	1,114	0,193	1,137	,237	1,376
(F) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.		0	1,45	0,003	1,396	,019	1,931
(G) Trabalhador fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador de carros, catador de lixo etc.).		0	1,275	0,006	1,379	,676	1,164
(H) Trabalha em sua casa em serviços		0,442	1,075	0,229	0,768	,191	,260

	(alfaiataria, cozinha, aulas particulares, artesanato, carpintaria, marcenaria etc).						
	(I) Trabalhador doméstico em casa de outras pessoas (faxineiro, cozinheiro, mordomo, motorista particular, jardineiro, vigia, acompanhante de idosos etc.),	0,124	0,844	0,862	1,045	,641	,619
	(J) No lar (sem remuneração).	0,806	1,048	0,087	0,176	,996	,000
	(K) Não trabalha.	0,696	0,958	0,256	0,72	,547	,537
	(L) Não sei.	0,102	1,099	0,567	1,075	,280	,629
Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?	(A) Até 1 salário mínimo (até R\$ 465,00 inclusive).	0	1	0	1	,000	1
	(B) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 465,00 até R\$ 930,00 inclusive).	0	1,252	0	1,532	,548	1,301
	(C) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00 inclusive).	0	1,737	0	2,234	,012	2,861
	(D) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 4.650,00 inclusive).	0	1,973	0	2,955	,001	4,277
	(E) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 4.650,00 até R\$ 13.950,00 inclusive).	0	2,724	0	3,873	,000	6,123
	(F) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 13.950,00 até R\$ 23.250,00 inclusive).	0	3,248	0	4,446	,000	6,371
	(G) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 23.250,00).	0,001	2,468	0	4,572	,016	4,536
	(H) Nenhuma renda.	0,858	0,976	0,008	2,136	,794	1,329
	Em que turno você cursou ou está cursando o ensino médio?	(A) Somente no turno diurno.	0	1	0	1	,103
(B) Maior parte no turno diurno.		0	0,864	0,195	0,912	,767	,949
(C) Somente no turno noturno.		0	0,644	0	0,598	,017	,436
(D) Maior parte no turno noturno.		0	0,794	0	0,656	,320	,702
Em que tipo de escola você cursou ou está cursando o ensino médio?	(A) Somente em escola pública.	0	1	0	1	,000	1
	(B) Maior parte em escola pública.	0,387	1,061	0,344	1,133	,370	1,365
	(C) Somente em	0	1,785	0	1,951	,000	2,127

	escola particular.						
	(D) Maior parte em escola particular.	0,004	1,268	0,289	1,169	,439	,694
	(E) Somente em escola indígena.	0,584	0,762	0,998	0	,998	,000
	(F) Maior parte em escola não-indígena.	0,059	2,786	0	13,973	,001	66,794
	(G) Somente em escola situada em comunidade quilombola.	0,196	2,189	0,999	0	,999	,000
	(H) Maior parte em escola não situada em comunidade quilombola.	0,317	0,344	0,999	0	,999	,000
Em que modalidade de ensino você concluiu ou vai concluir o ensino médio?	(A) Ensino regular.	0	1	0	1	,062	1
	(B) Educação para jovens e adultos (antigo supletivo).	0	0,586	0	0,388	,064	,413
	(C) Ensino técnico 1 ensino profissional.	0	1,268	0,016	1,227	,189	1,319
Curso de língua estrangeira	sim	0	1,229	0	1,262	,000	1,683
Curso preparatório para o vestibular (cursinho)	sim	0	1,36	0	1,543	,000	1,813
Jornais.	nunca	0,055	1	0,002	1	,199	1
	Às vezes	0,608	0,976	0,003	0,789	,081	,724
	Frequentemente	0,354	1,052	0,228	0,895	,107	,710
84. Revistas de informação geral (Carta Capital, Veja, Istoé, Época, Exame, Caros Amigos, Piauí, Forum etc.)	nunca	0	1	0	1	,063	1
	Às vezes	0	1,289	0	1,449	,450	1,176
	Frequentemente	0	1,539	0	1,755	,060	1,569
85. Revistas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística (Ciência, Galileu, Hoje, Geo, Mente & Cérebro, Linux Magazine, PC Magazine, Filosofia, Cult, Nossa História, História Viva, Entrelivros etc.).	nunca	0,001	1	0,007	1	,062	1
	Às vezes	0,003	1,094	0,01	1,156	,020	1,393
	Frequentemente	0,001	1,195	0,005	1,282	,329	1,224
86. Revistas de humor, quadrinhos ou jogos (Cassete & Planeta, Turmarda Mônica, PC Gemer etc.).	nunca	0	1	0,033	1	,542	1
	Às vezes	0	0,874	0,12	0,92	,341	,884
	Frequentemente	0	0,702	0,012	0,794	,838	1,043
87. Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades (Viração, TPM, Set, Rolling Stones, Capricho, Contigo, Caras etc.).	nunca	0	1	0	1	,000	1
	Às vezes	0	0,708	0	0,632	,000	,611
	Frequentemente	0	0,526	0	0,429	,000	,283
88. Revistas sobre comportamento, moda, estilo e decoração (Cláudia, Marie Claire, Pais & Filhos, Casa & Jardim, Bons Fluidos etc.).	nunca	0,008	1	0,682	1	,536	1
	Às vezes	0,004	0,909	0,77	0,982	,867	,975
	Frequentemente	0,031	0,885	0,381	0,906	,323	1,314

89. Revistas sobre automóveis, esportes e lazer (Quatro Rodas, Duas Rodas, Placar, Pesca & Cia., Náutica, Revista do Vôlei, Viagem & Turismo Terra etc.).	nunca	0	1	0	1	,152	1
	Às vezes	0	0,836	0	0,793	,093	,787
	Frequentemente	0	0,657	0	0,611	,169	,673
90. Revistas sobre saúde (Boa Saúde, Saúde, Vida Simples etc.).	nunca	0	1	0	1	,000	1
	Às vezes	0	0,782	0	0,714	,004	,675
	Frequentemente	0	0,599	0	0,544	,000	,324
91. Revistas sobre religião (Sophia, Revista das Religiões, Missões, Gospel, Orixás, Delfos etc.).	nunca	0		0,008		,157	
	Às vezes	0	0,882	0,033	0,875	,576	,911
	Frequentemente	0	0,778	0,006	0,738	,056	,512
92. Revistas sobre educação e estudos (Educação, Guia do Estudante, Almanaque Abril, Sociologia, Língua Portuguesa, Speak Up etc.).	nunca	0,081	1	0,32	1	,262	1
	Às vezes	0,732	0,988	0,422	1,05	,864	,976
	Frequentemente	0,129	1,072	0,132	1,125	,218	1,242
93. Livros de ficção (romances, contos, poesias etc.).	nunca	0	1	0	1	,000	1
	Às vezes	0	1,237	0	1,541	,009	1,859
	Frequentemente	0	1,53	0	2,078	,000	2,524
94. Livros de não-ficção e biografias (reportagens, livros científicos, filosóficos, históricos, documentários etc.).	nunca	0	1	0	1	,037	1
	Às vezes	0	1,291	0	1,365	,049	1,405
	Frequentemente	0	1,573	0	1,538	,010	1,669
95. Dicionários, enciclopédias e manuais.	nunca	0	1	0	1	,000	1
	Às vezes	0	1,206	0	1,373	,002	1,839
	Frequentemente	0	1,336	0	1,721	,000	2,759
96. Sites e matérias na Internet.	nunca	0	1	0	1	,142	1
	Às vezes	0	1,335	0,005	1,578	,304	1,766
	Frequentemente	0	1,648	0	1,77	,147	2,202
	IDADE	0,005	1,008	0,001	1,021	,155	1,025
	Sexo(feminino)	0	0,809	0,137	0,915	,162	,818
	Constant	0	0,137	0	0,003	,000	,000
	R ² do modelo (Negelkerke)	0,239		0,254		0,264	
	Teste de hosmer and Lemeshow	0,002		0,197		0,838	

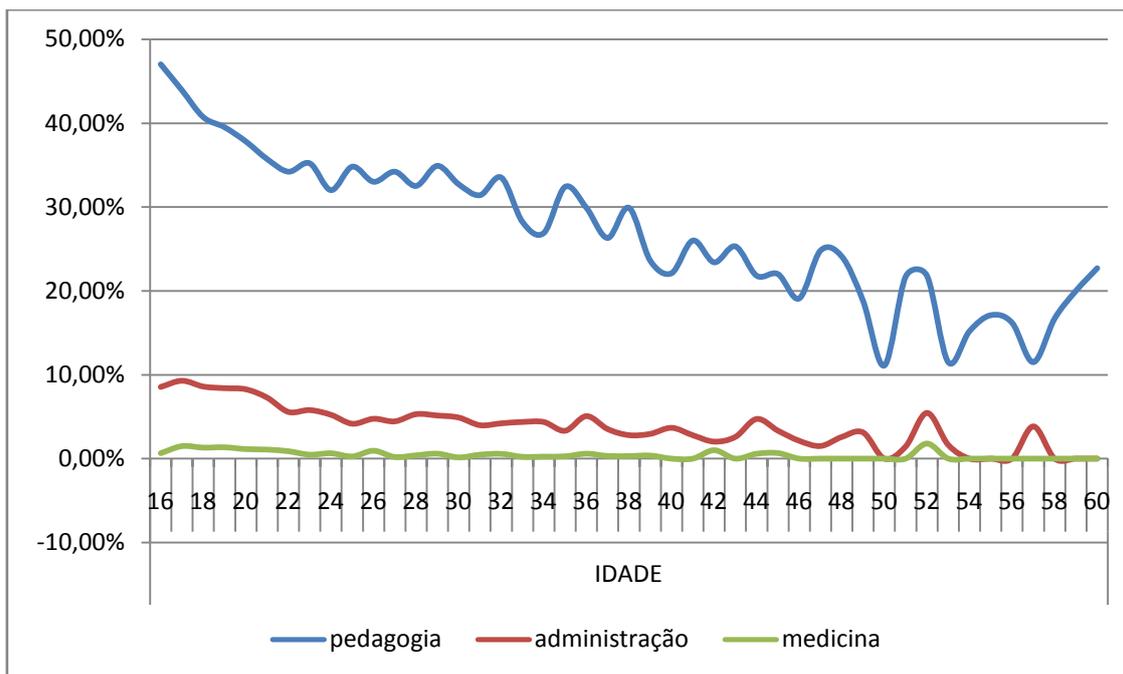
Fonte: elaboração própria cf. ENEM 2009.

Vamos, logo abaixo, tratar de cada um dos conceitos e indicadores trabalhados com maior detalhe. Utilizamos gráficos para retratar as razões das chances de forma visual, para tornar mais clara nossa análise do que ela seria se continuássemos a trabalhar apenas com números.

4.2 Variáveis de controle:

Aqui trabalhamos com características que, embora não sejam aquelas nas quais estejamos mais interessados, são necessárias para entendermos o fenômeno estudado e sem as quais o efeito das variáveis independentes – as quais derivamos de conceitos – poderia ser superestimado.

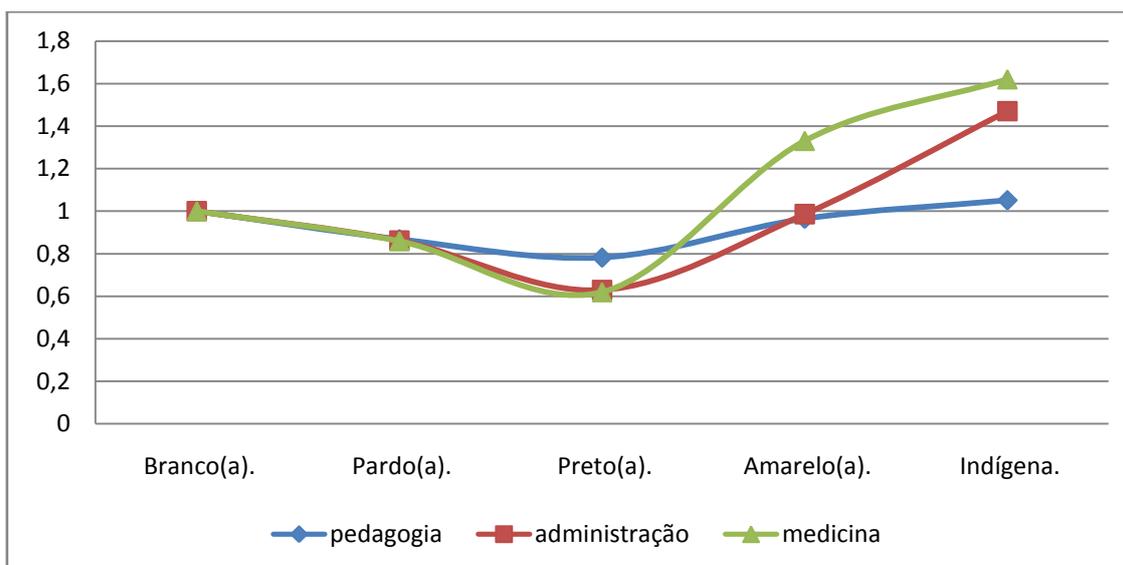
Gráfico 11: % de candidatos que atingem a nota mínima por idade



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Começamos pela idade dos candidatos. Nesse caso não são os resultados dos modelos logísticos, pois, como se trata de uma variável numérica, sua interpretação se torna mais fácil se feita a partir da estatística descritiva. Nos três cursos analisados, há uma clara tendência de queda na proporção de candidatos que atingem a nota mínima à medida que a idade aumenta. Assim, se entre os candidatos de 17 anos, 43,9% atingem a nota mínima para pedagogia, 9,3% para administração e 1,5% para medicina, aos 34 anos, são 26,9%, 4,4% e 0,2%, respectivamente. É provável que estudantes mais jovens se lembrem mais dos conteúdos vistos na escola, bem como estejam mais atualizados do ponto de vista do que é cobrado no exame.

Gráfico 12: Cor/ Raça e chances de sucesso escolar



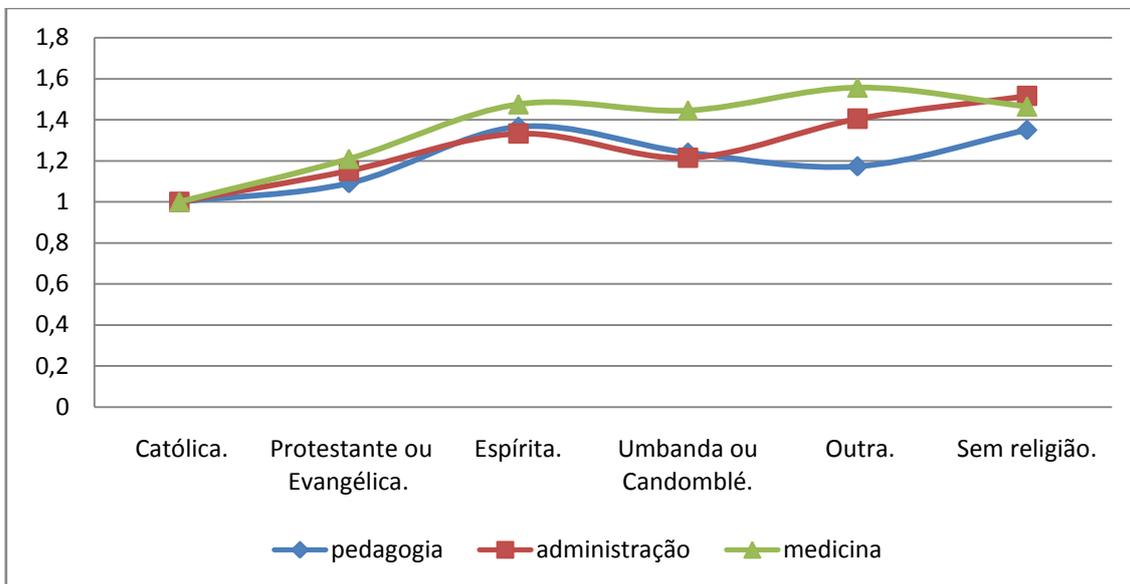
Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Este gráfico (11) é interessante, pois traz alguns resultados de certa forma inesperados. Pardos e negros têm uma diminuição das chances, quando comparados a brancos, da ordem de cerca de 20% e 40% respectivamente, em relação a brancos (para pedagogia, a diminuição continua sendo de cerca de 20% para “pretos). Este é um efeito que pode ser creditado em maior parte à raça em si, mas ainda assim é menor, como veremos mais tarde, do que efeitos ligados à renda ou escolaridade. Por outro lado, amarelos têm um aumento das chances de mais de 30% quando comparados a brancos especificamente para atingir a nota mínima para medicina. Já indígenas, surpreendentemente têm um aumento das chances de 40% em relação aos brancos para atingir a nota mínima para administração e 60% para atingir a nota mínima para medicina. Esses resultados, embora interessantes, não são estatisticamente significativos tendo em vista o pequeno número de indígenas e amarelos que prestaram o exame (ou mesmo na população em geral).

Mesmo com as demais condições (renda, tipo de escola, profissão dos pais, escola estudada, etc.) mantidas constantes, pretos e pardos possuem chances menores. Assim, negros pobres que compartilham com brancos pobres uma série de condições desfavoráveis, como baixa renda e escolas públicas de qualidade inferior, tem que carregar o peso extra do racismo. Por esta lógica, cotas étnico-raciais parecem se

justificar⁴⁸, além das cotas sociais, como uma forma de equalizar as chances de sucesso entre as diferentes categorias étnico-raciais.

Gráfico 13: Religião e chances de sucesso escolar.



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

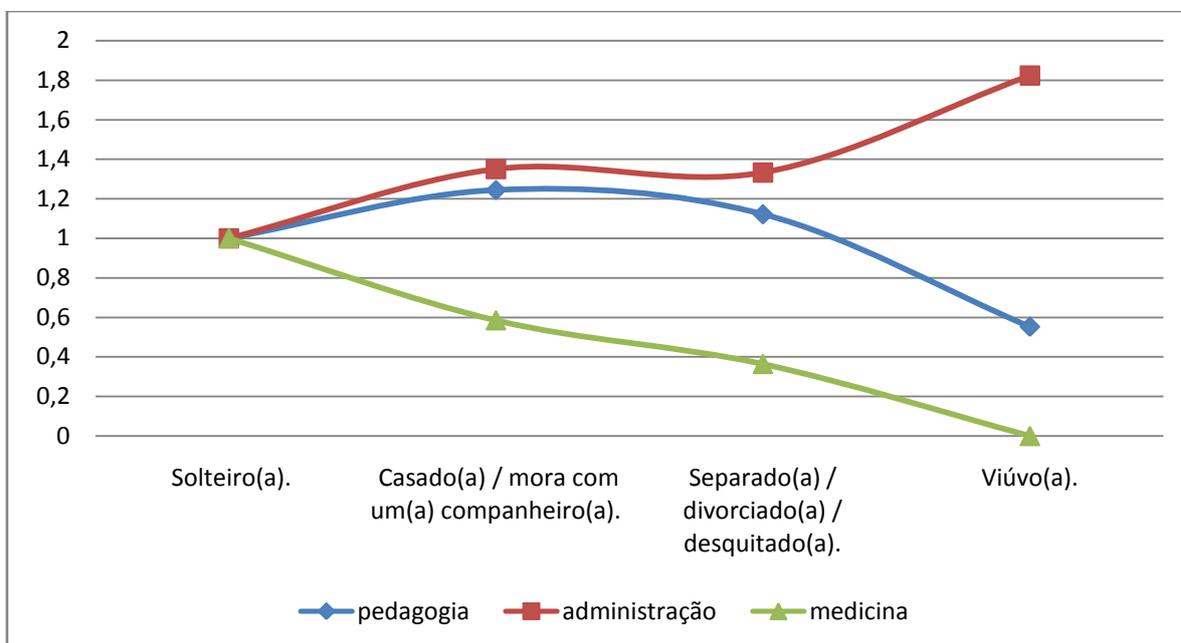
Apesar de espíritas terem a maior renda e escolaridade média entre as diferentes categorias aqui presentes, como nos mostra o censo, quando a influência da religião é controlada pela renda e escolaridade da família, notamos que o aumento das chances equivale ao dos “sem religião”, um grupo heterogêneo que engloba desde ateus e agnósticos (que tendem a ter uma relação privilegiada com a cultura legítima) a pessoas religiosas que não seguem uma denominação específica. Os católicos são o grupo que possui a menor chance de sucesso, até menor do que a dos protestantes e evangélicos, uma categoria também heterogênea, que engloba desde protestantes históricos (com renda e escolaridade acima da média) até neopentecostais, o grupo com menor renda e escolaridade, ainda de acordo com dados censitários⁴⁹. O bom resultado dos espíritas

⁴⁸ Alguns críticos das cotas raciais afirmam que, na verdade, as condições de acesso inferiores dos negros em relação aos brancos ocorrem porque há mais pobres negros do que pobres brancos. Assim, seriam asperezas enfrentadas por todos os pobres, não apenas pelos negros. Bem, pelo menos nos modelos trabalhados nessa dissertação, esse argumento se justifica apenas em parte: há um efeito estatisticamente significativo da raça mesmo quando controlado por renda e outras variáveis, embora outras variáveis, como veremos adiante, são ainda mais significativas. Para um exemplo dessa abordagem ver <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1018409-nao-somos-racistas-livro-polemica-de-ali-kamel-completa-5-anos.shtml> (acessado em 04/12/2014).

⁴⁹ <http://oglobo.globo.com/brasil/judaismo-se-destaca-pelos-altos-indices-de-renda-escolaridade-5369065> (acessado em 04/08/2014).

pode ser explicado pelo fato de se tratar de uma religião que exige hábitos de leitura constantes – e logo, uma maior familiaridade com cultura socialmente legítima.

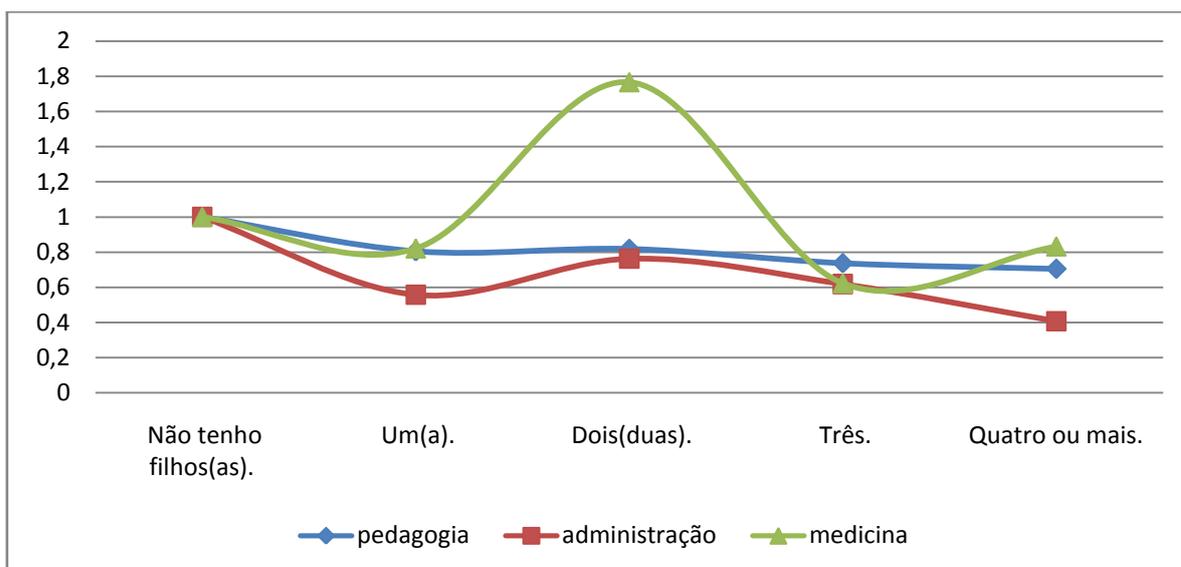
Gráfico 14: Estado Civil e chances de sucesso no SISU.



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009

Em relação ao estado civil dos candidatos a flutuação das chances pareceu relativamente aleatória. Os únicos resultados estatisticamente significativos ($p < 0,05$) foram os relativos aos casados/que moram com companheiros nos modelos relativos aos cursos de administração e pedagogia (todos os resultados nesta variável para o curso de medicina foram estatisticamente não significativos). Candidatos casados/que moram com companheiros/as tem pouco mais de 20% de chances a mais em relação aos solteiros para atingir a nota mínima para o curso de pedagogia e pouco menos de 40% de chance a mais, também em relação aos solteiros, para atingir a nota mínima para o curso de administração. Talvez isso se explique por uma maior “maturidade” (não é um efeito da idade, visto que a idade foi incluída como variável de controle no modelo) daqueles candidatos que já têm sua própria família – e logo possuem mais responsabilidades em relação aos candidatos solteiros.

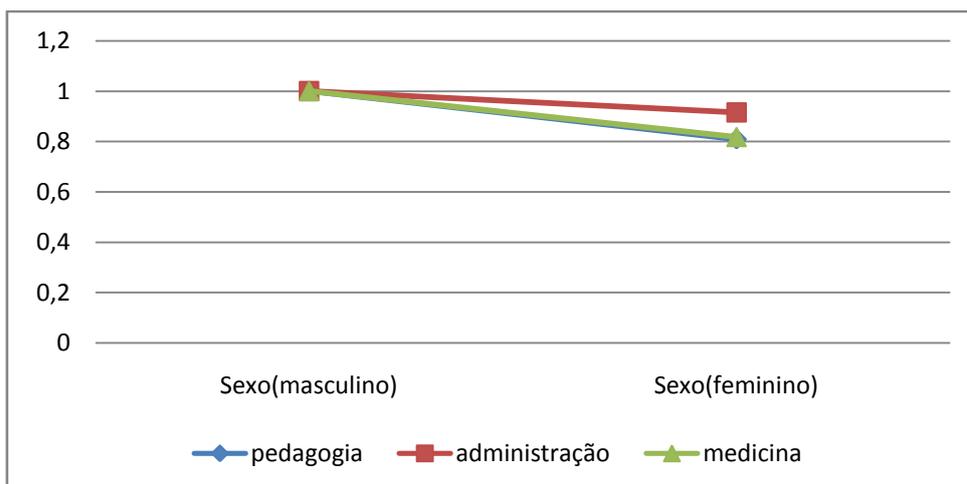
Gráfico 15: Número de filhos e chances de sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009

Se morar com um/a companheiro/a pode aumentar as chances de sucesso, o mesmo não se dá em relação aos filhos, com exceção do aumento (estatisticamente não significativo) das chances dos candidatos com dois filhos para medicina, a tendência para todos os casos é de queda acompanhando o número de filhos. Enquanto 1 filho diminui as chances em cerca de 20% para medicina ou pedagogia, ter 4 ou mais filhos chega a diminuir as chances em quase 60% para candidatos ao curso de administração em relação àqueles candidatos que não têm filhos. Provavelmente, ser pai ou mãe diminui bastante o tempo disponível para o estudo, sendo que cada filho a mais representa uma diminuição adicional das chances. Lembramos que tal efeito não está vinculado à idade dos candidatos, visto que já estamos levando em conta nos modelos os efeitos da idade.

Gráfico 16: Sexo e chances de sucesso no SISU.



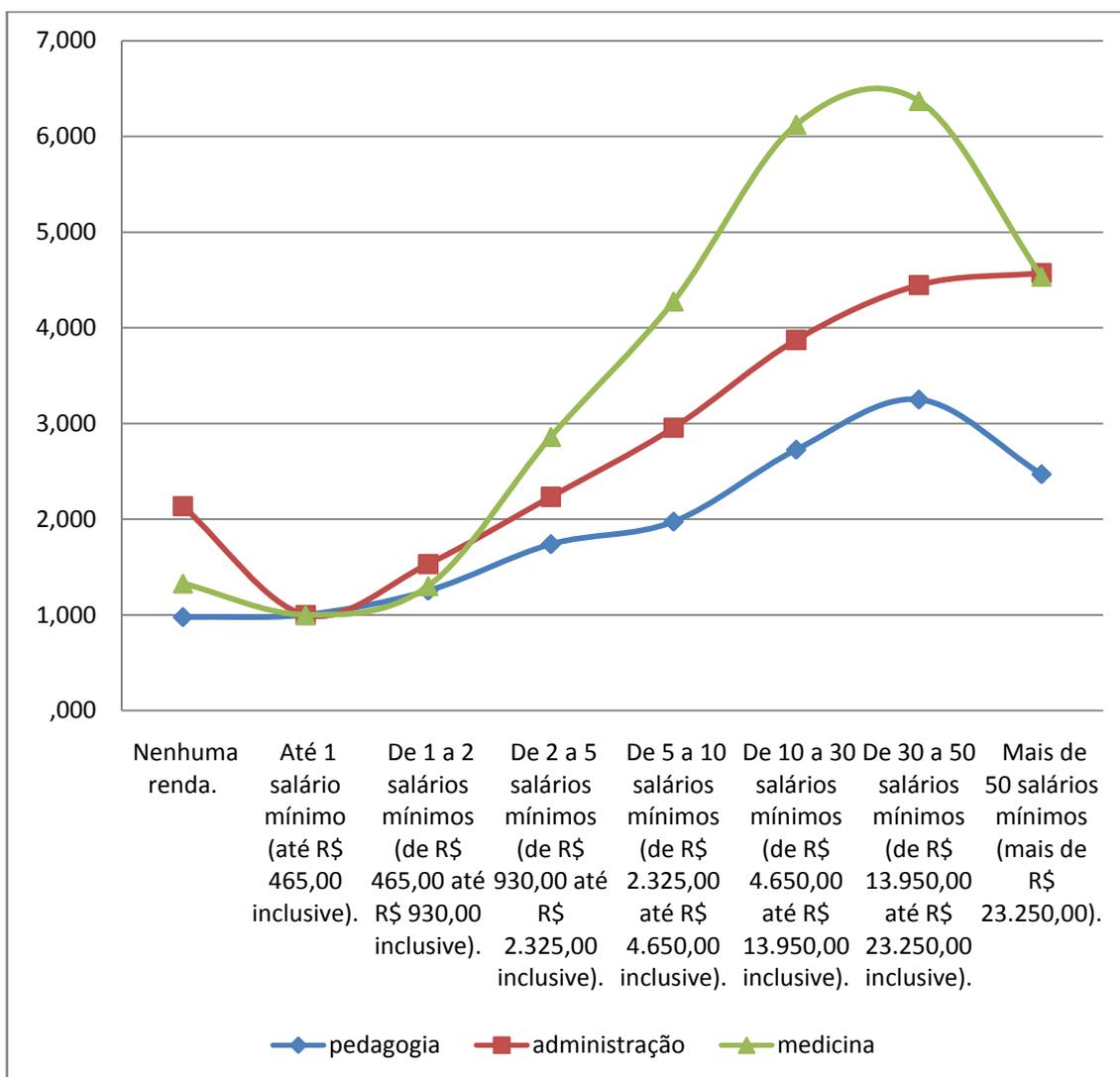
Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

O gráfico 15 nos mostra que pessoas do sexo feminino têm cerca de 20% menos de chances de sucesso nos cursos de medicina e pedagogia em relação aos candidatos do sexo masculino (para administração a diminuição das chances é da ordem de cerca de 10%). A comparação entre gêneros traz um resultado que contradiz a clássica proposição de que (ao menos na França, berço dessa teoria) meninas se saem melhor no sistema escolar do que meninos (dentre outras coisas, por serem socializadas para se mostrarem mais “dóceis, com diria Bourdieu (2011), o que as faria aceitar mais facilmente as regras e imposições da autoridade pedagógica). Isso pode ser verdade para a educação básica, mas no acesso ao ensino superior, ao que parece, rapazes tendem a optar por carreiras mais concorridas e com maior prestígio social (por exemplo, ligadas às engenharias e tecnologia), que necessitam de uma maior nota devido à concorrência, enquanto moças tendem a escolher carreiras mais ligadas ao social, como as licenciaturas, de menor prestígio e concorrência.

4.3 Capital Econômico:

Deixemos as variáveis de controle e nos foquemos agora na análise das variáveis que indicam os capitais dos quais dispõe o candidato na sua luta pela vaga no competitivo sistema de ensino superior brasileiro. Iniciaremos pelo único indicador de capital econômico, a renda familiar mensal do candidato. Aqui temos o maior e mais claro dos efeitos observados sobre o aumento das chances de sucesso. Nenhuma outra variável possui tendências tão claras e fortes do que esta.

Gráfico 17: Renda familiar e chances de sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

O efeito da renda familiar, mesmo controlado por outras variáveis, é enorme e aumenta com a concorrência do curso. Mesmo no curso menos concorrido, pedagogia, estudantes com uma renda familiar entre 30 e 50 SM mensais possuem mais de 3 vezes a chance de sucesso no SISU do que aqueles com renda familiar menor do que 1 SM. No caso do curso mais concorrido, medicina, o aumento das chances em relação àqueles com renda de 1 SM é de maior que 6 vezes (ou mais especificamente 537% a mais de chances). Quando a renda ultrapassa os 50 SM, porém, há uma queda nas chances (embora permaneçam elevadas em comparação com a dos candidatos de baixa renda) em relação à renda familiar típica da classe média alta. Isto, de certa forma, já era previsto pela teoria da reprodução. As classes altas, fortemente dotadas de capital econômico, possuem outros espaços de reprodução social que não o sistema de ensino,

como a herança e o casamento, por exemplo. Para as classes médias – pelo menos naquelas frações que dependem mais fortemente da incorporação de algum tipo de capital cultural – a relação com diplomas é fundamental para garantir sua reprodução social enquanto classe média, seja nas profissões liberais, seja no acesso a empregos públicos no Estado.

Esse resultado mostra que mesmo estando controlada por outras variáveis (como a escolaridade dos pais, a realização de cursinho ou ter estudado em escolas particulares) a influência do capital econômico é maior do que a de uma simples correlação com o sucesso escolar. Uma primeira explicação, óbvia, é de que os bons cursinhos, as boas escolas particulares de ensino médio custam bastante dinheiro, assim como a compra de livros, intercâmbios no exterior, bons cursos de línguas (apesar de variáveis como o tipo de escola, a realização de cursinhos pré-vestibulares e de línguas estarem presentes nos modelos, não sabemos nada sobre a qualidade deles), etc. o que favorece essa correlação positiva e forte entre renda e chances de sucesso. Também podemos auferir desses resultados que o *campo escolar*, no caso brasileiro, não está ainda autonomizado em relação a outros campos, sobretudo, o *campo econômico*. Ainda não adquiriu, como em outros contextos (sobretudo o francês), uma *doxa* e um *nomos* próprios, sendo *colonizado* pela *doxa* e *nomos* do campo econômico. Poder-se-ia dizer que um reflexo disso seria a “mercantilização” do sistema de ensino brasileiro, do ensino fundamental às pós-graduações *lato sensu*.

Enquanto em muitos países europeus, o ensino privado – na educação básica – é restrito a uma pequeníssima elite, no Brasil, assim que uma família passa a auferir uma renda um pouco maior, uma das primeiras providências é transferir seus filhos para o ensino particular. Mesmo entre as faixas de renda mais baixas (D e E) matricular os filhos em escolas particulares (mesmo de baixa qualidade) é sinônimo de distinção e status.⁵⁰ Um sistema público universal – no qual mesmo frações das classes altas estudem – embora não acabe com a *reprodução*, garante, ao menos, certa qualidade mínima para todos, pois a pressão da classe média por uma educação de qualidade,

⁵⁰ “Emergentes, famílias das classes D e E investem em escola particular” <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,emergentes-familias-das-classes-d-e-e-investem-em-escola-particular-imp-,719379> Acessado em 14/09/2014.

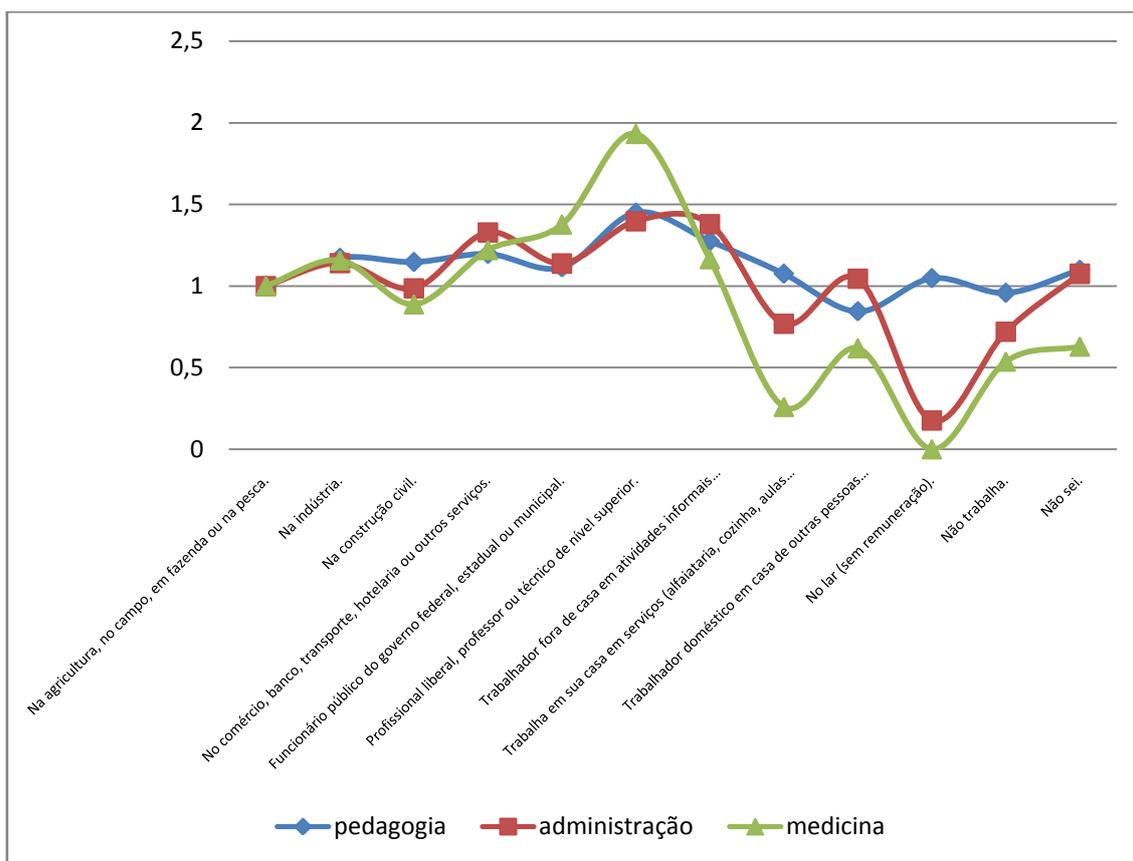
quando esta utiliza o serviço, tende a surtir mais efeitos do que pressões das classes populares, dada a maior influência política e capacidade de mobilização daquela classe.

4.4 Capital cultural incorporado herdado:

Aqui, em primeiro lugar, buscaremos o efeito da profissão do pai⁵¹. Embora este seja um indicador que poderia ser relativo ao capital econômico, preferimos colocá-lo com um indicador de capital cultural, pois entendemos que a ocupação, mais do que ganhos financeiros para a família (que já são analisados no gráfico anterior), também proporciona certa economia afetiva e de disposições familiares. Chefes de família com profissões mais ligadas ao “trabalho intelectual” influenciariam os filhos, desde cedo, dotando-os de familiaridade com o mundo da cultura legítima. Pense, por exemplo, que, enquanto um filho de pedreiro brinca com o carrinho de mão ou martelo de seu pai, um filho de professor universitário vê o pai lendo, falando inglês ou francês, estudando ao preparar uma aula. Como seres humanos, tendemos, principalmente na socialização primária, a imitar aqueles que amamos. Assim, desde cedo, ocorre a produção – social – diferenciada dos seres humanos.

⁵¹ Não podemos analisar ao mesmo tempo a escolaridade e profissão de ambos os pais, pois incorreríamos num problema de *multicolinearidade*, ou seja, são variáveis que estão tão correlacionadas que o modelo não consegue identificar o que é efeito de uma ou de outra. Assim, optamos pela escolaridade da mãe como indicador, pois a literatura afirma que o papel desta na formação escolar do filho é muito mais importante do que a do pai.

Gráfico 18: profissão do pai e chances de sucesso no SISU.



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

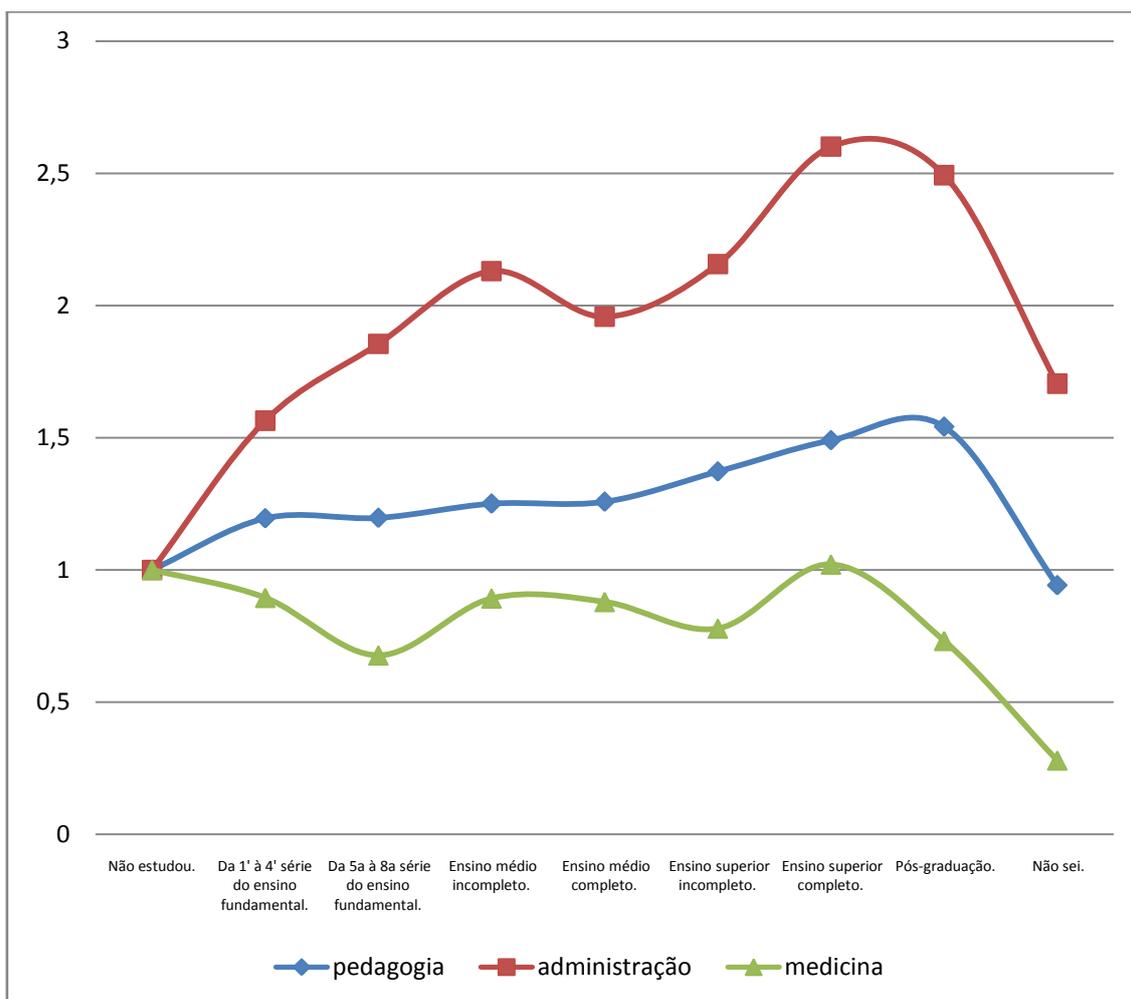
Os efeitos variam enormemente. Vamos nos a alguns mais significativos. Ser filho de um profissional liberal ou professor, mesmo levando em conta a renda familiar, dobra as chances de sucesso de um candidato na aprovação no SISU para medicina em relação ao candidato cujo pai é agricultor. Já ter um pai que trabalhe na indústria aumenta as chances do candidato em cerca de 10% em todos os cursos. No caso de pais funcionários públicos de qualquer esfera, há um aumento de cerca de 10% na chance de sucesso nos cursos de administração e pedagogia e de cerca de 40% no de medicina. Pais trabalhadores domésticos representam uma diminuição das chances mesmo em relação àqueles cujos pais são agricultores (a redução nas chances é de cerca de 15% para pedagogia e 40% para medicina e para administração a chance se mantém constante). No caso de pais que não trabalham, há a diminuição da chance em cerca de 50% para o curso de medicina, 30% para o curso de administração e no caso da pedagogia a chance é praticamente a mesma daqueles estudantes cujos pais trabalham no setor primário.

Obviamente essas categorias fechadas mascaram uma enorme heterogeneidade. Entre trabalhadores do setor primário pode haver desde proprietários rurais até “bóia frias”. Funcionários públicos podem ser “barnabés” de prefeituras do interior ou altos magistrados do governo federal. Ainda assim, a comparação – já que controlada pela renda – fornece uma série de informações interessantes.

As profissões com piores resultados são aquelas nas quais o trabalho se reduz, principalmente, à força física (trabalho primário, construção civil, trabalho doméstico), enquanto o trabalho na indústria (em cujo trabalho, geralmente, é necessária a incorporação de ao menos algumas qualificações técnicas) aumenta relativamente a chance de sucesso dos candidatos cujos pais nela trabalham (em relação aos trabalhos que exigem quase que exclusivamente força muscular). Os melhores resultados, porém, estão relacionados com profissões que exigem a incorporação de disposições valorizadas no mundo moderno, como a de profissional liberal, técnico de nível superior, professores (profissões eminentemente intelectuais, não por acaso aquelas dos pais dos candidatos que obtém melhores resultados), funcionários públicos e trabalhadores do setor terciário. São estas também as categorias profissionais mais relacionadas às duas grandes instituições modernizadoras do mundo ocidental identificadas por Souza (2000), o Estado Racional Legal e o Mercado Capitalista⁵².

⁵² Lembremos que, no Brasil, esta modernização teria iniciado em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa, que estabeleceu as bases do Estado moderno no Brasil, e a abertura dos portos, gênese de nosso mercado capitalista. Essas duas instituições, Mercado e Estado, engatilharam o processo de re-europeização do Brasil (até então um país “oriental”, ou, pelo menos, não ocidental) e implantaram os princípios (morais) do individualismo ocidental. Desde então esse processo segue e marca a clivagem entre os brasileiros não-europeizados (principalmente pobres) e brasileiros europeizados (principalmente os da classe média) e a percepção dos primeiros como “subcidadãos” pelos segundos, por isso o conceito do autor de *modernização seletiva* (Souza, 2000).

Gráfico 19: Escolaridade da mãe e chances de sucesso escolar



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

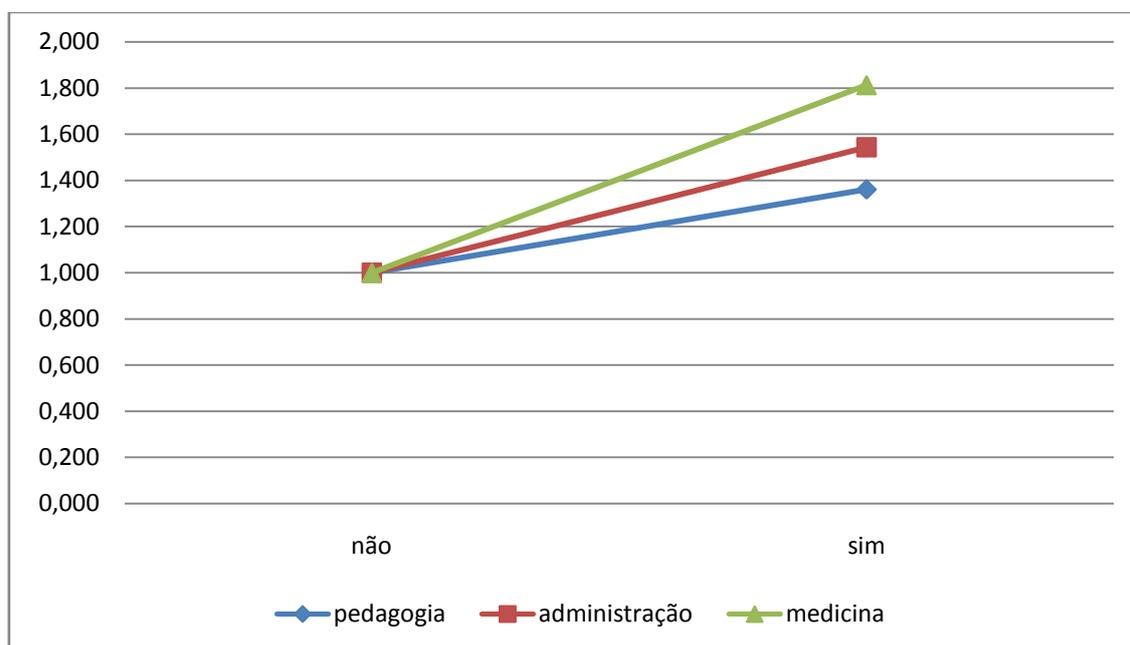
Com a notável exceção do curso de medicina, cujas chances de sucesso flutuaram de forma relativamente aleatória e de forma não estatisticamente significativa (provavelmente devido ao pequeno número de caso de estudantes que atingem a nota necessária), há uma tendência de aumento das chances praticamente constante nos outros dois modelos. Estudantes cujas mães possuem ensino superior completo ou pós graduação têm cerca de 50% mais chances de atingirem a nota necessária para o curso de pedagogia e cerca de 150% (2,5 vezes mais) mais chances no caso do curso de administração. Ambientes com familiaridade com o sistema escolar produzem estudantes com maior predisposição ao sucesso nele, mesmo levando em conta outros fatores. A escolha pela escolaridade da mãe (ao invés das dos pais) se deu, principalmente, por que, em geral, são elas, muito mais do que os pais, que se dedicam à acompanhar a trajetória escolar dos filhos.

Apesar de os efeitos serem menores do que os associados ao capital econômico, esses resultados mostram que a familiaridade com o sistema escolar e com a cultura legítima transitam de uma geração para outra, como uma herança imaterial que as famílias de classe média dispõem para dotar seus filhos das condições necessárias à competição pelos recursos socialmente escassos, como as vagas nas universidades públicas.

4.5 Capital cultural incorporado adquirido.

Agora analisaremos algumas características do próprio estudante, que embora estejam ligados ao ambiente familiar (principalmente ao capital econômico, no caso da realização de cursinho pré-vestibular e curso de línguas, por exemplo) e hábitos de leitura (relacionados com o ambiente cultural familiar e a uma transmissão cotidiana e afetiva de disposições) estão incorporados no candidato, pois são tanto conhecimentos quanto *gostos* que já fazem parte de seu *habitus*.

Gráfico 20: Realização de cursinho pré-vestibular e chances de sucesso no SISU.

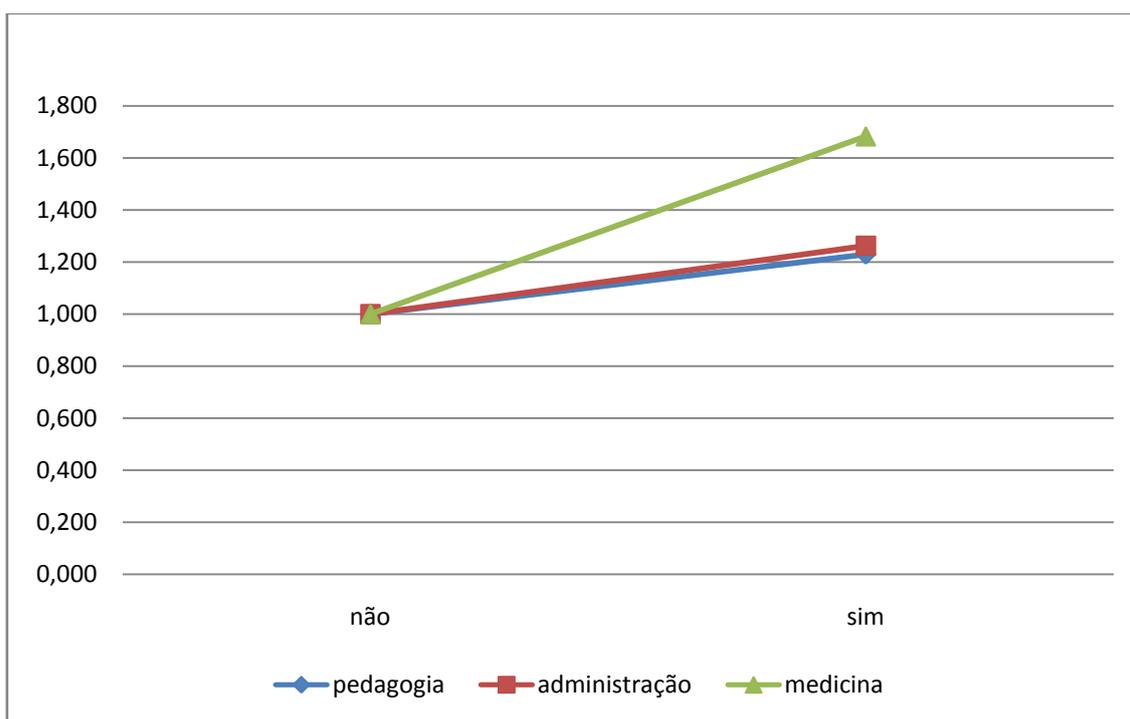


Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Como era de se esperar, a realização de um cursinho pré-vestibular (que costuma custar relativamente caro) aumenta as chances de sucesso do candidato de forma proporcional à dificuldade de atingir a nota do curso. Enquanto candidatos ao curso de pedagogia que realizaram cursinho têm cerca de 40% mais chances em relação àqueles

que não fizeram cursinhos, candidatos de medicina tem cerca de 80% mais chances. Embora esse aumento seja forte, o cursinho, sozinho, produz variação nas chances menores do que de outras variáveis que já vimos, relativas à herança do ambiente familiar. O cursinho é importante para treinar para o exame, inculcar macetes, etc., mas por si só não substitui um ambiente propício à incorporação da cultura escolar legítima, nem um ensino médio “de qualidade”, como veremos adiante.

Gráfico 21: Curso de Língua Estrangeira e chances de sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Já o domínio de línguas estrangeiras (gráfico 20), como também era de se esperar, produz um aumento relativo das chances. Estudantes que realizam esses cursos têm uma chance cerca de 20% maior de atingir a nota mínima para pedagogia ou administração e cerca de 60% mais chances de atingi-la para medicina em relação àqueles que não fizeram cursos de línguas. O domínio de línguas estrangeiras (principalmente do inglês, embora também seja possível optar pelo espanhol na prova do ENEM) é um dos principais “diferenciais”, um *capital cultural* importante em praticamente todas as áreas profissionais ou do saber. Ao contrário de outros países⁵³,

⁵³ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/11/brasil-sobe-em-ranking-de-ingles-mas-proficiencia-no-pais-ainda-e-baixa.html> (acessado em 04/12/2014).

onde o domínio de uma segunda ou mesmo terceira língua é comum, no Brasil esse é um capital restrito.

4.5.1 Hábitos de Leitura:

Em relação aos hábitos de leitura, é interessante notar, como já mencionamos no início deste capítulo, que há uma diferença entre aqueles considerados “culturalmente legítimos” e outros considerados “culturalmente ilegítimos”, com menor prestígio social. Enquanto aqueles produzem aumentos das chances, mesmo considerando outras variáveis constantes, esses produzem decréscimo nas chances. Antes, porém, vejamos como esses hábitos se correlacionam entre si, na figura 4. Quanto mais verde (ou mais próxima de 1,000) é a célula, maior é a correlação.

Figura 4: Matriz de correlação⁵⁴ dos hábitos de leitura dos candidatos.

	Jornais.	Revistas de informação geral	Revista de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística	Revistas de humor, quadrinhos ou jogos	Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades	Revistas sobre comportamento, moda, estilo e decoração	Revistas sobre automóveis, esportes e lazer	Revistas sobre saúde	Revistas sobre religião	Revistas sobre educação e estudos	Livros de ficção	Livros de não-ficção e biografias	Dicionários, enciclopédias e manuais.	Sites e matérias na Internet.
Jornais.		,320	,239	,117	,098	,136	,163	,209	,118	,214	,111	,212	,170	,111
Revistas de informação geral	,320		,401	,183	,184	,230	,175	,245	,131	,272	,194	,275	,201	,172
Revistas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística	,239	,401		,204	,115	,175	,280	,287	,225	,343	,170	,360	,253	,125
Revistas de humor, quadrinhos ou jogos	,117	,183	,204		,379	,246	,283	,217	,183	,186	,175	,108	,126	,051
Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades	,098	,184	,115	,379		,507	,152	,319	,197	,223	,261	,105	,088	,066
Revistas sobre comportamento, moda, estilo e decoração	,136	,230	,175	,246	,507		,163	,421	,279	,249	,216	,157	,118	,038
Revistas sobre automóveis, esportes e lazer	,163	,175	,280	,283	,152	,163		,241	,212	,191	-,015	,142	,136	,069
Revistas sobre saúde	,209	,245	,287	,217	,319	,421	,241		,402	,433	,176	,245	,230	-,006
Revistas sobre religião	,118	,131	,225	,183	,197	,279	,212	,402		,335	,092	,199	,190	-,056
Revistas sobre educação e estudos	,214	,272	,343	,186	,223	,249	,191	,433	,335		,250	,351	,339	,080
Livros de ficção	,111	,194	,170	,175	,261	,216	-,015	,176	,092	,250		,380	,212	,131
Livros de não-ficção e biografias	,212	,275	,360	,108	,105	,157	,142	,245	,199	,351	,380		,359	,147
Dicionários, enciclopédias e manuais.	,170	,201	,253	,126	,088	,118	,136	,230	,190	,339	,212	,359		,135
Sites e matérias na Internet.	,111	,172	,125	,051	,066	,038	,069	-,006	-,056	,080	,131	,147	,135	

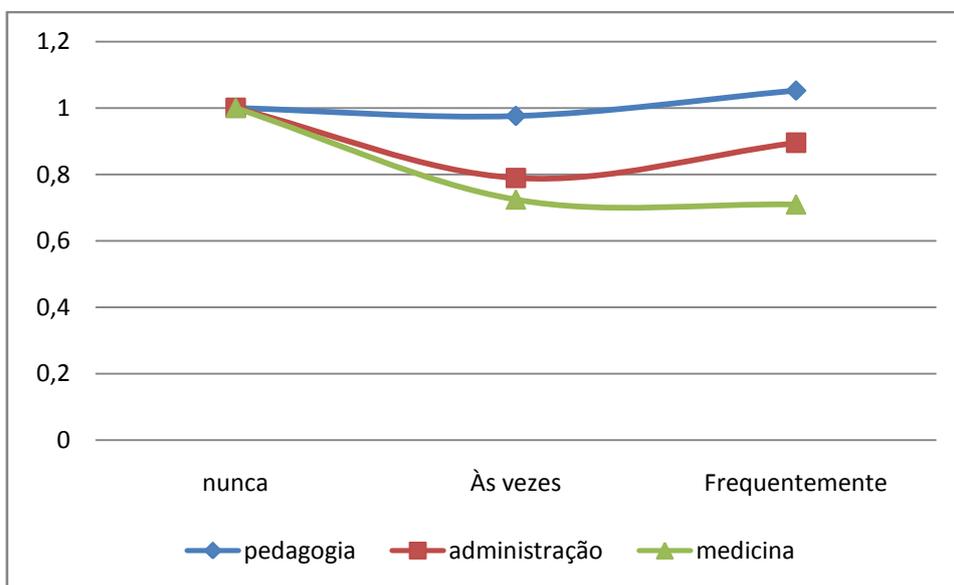
Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

⁵⁴ Correlação de Spearman, um teste estatístico não paramétrico (isto é, utilizado quando os dados numéricos não se distribuem de forma normal ou quando a variável é categórica ordinal). Quanto mais próximo de 1 o valor, mais perfeita é a correlação entre as duas variáveis.

Há uma tendência clara de que hábitos de leitura culturalmente legítimos – até com mais relação com o campo escolar – estejam positivamente correlacionados com hábitos de leitura culturalmente legítimos e hábitos pouco legítimos – em geral aqueles com menor relação com a cultura socialmente valorizada pela escola – também estejam correlacionados positivamente entre si. Assim, se por um lado, o hábito de leitura de revistas de divulgação científica está bastante correlacionado com o hábito de leitura de revistas sobre estudos (0,343), e a leitura de revistas sobre comportamento também está altamente correlacionada com a leitura de revistas para adolescentes (0,507), por outro, a leitura de revistas sobre automóveis, um hábito sem muita relação com a cultura escolar, está correlacionada negativamente com a leitura de ficção, como literatura (-0,015), assim como a correlação também é muito baixa (0,088) entre a leitura de revistas para adolescentes e dicionários, enciclopédias e manuais.

Começemos, agora, por listar os efeitos controlados de alguns hábitos de leitura considerados mais “legítimos”.

Gráfico 22: Frequência de Leitura de Jornais e Chances de Sucesso no SISU

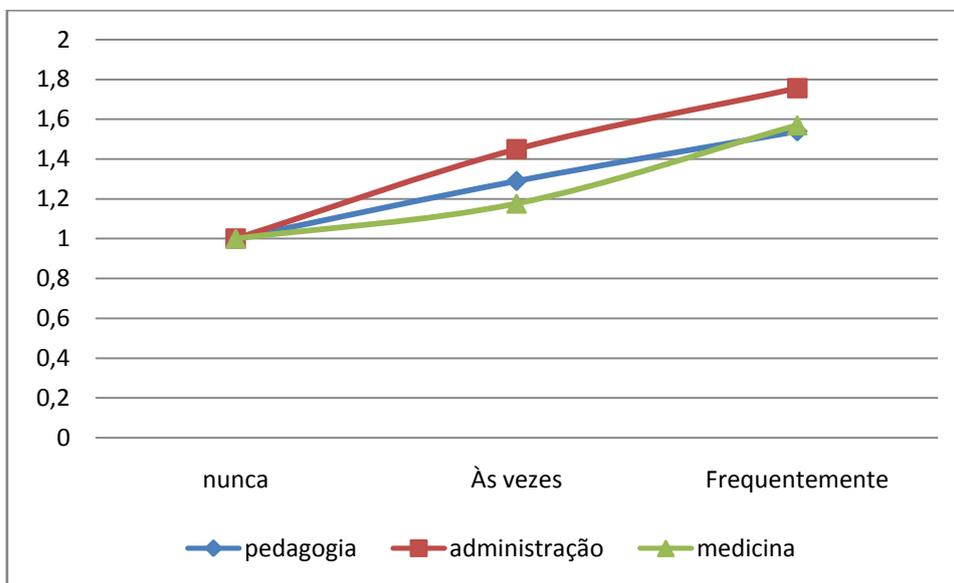


Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

O hábito de leitura de jornais, mesmo sendo considerado “culturalmente legítimo”, não tem grandes efeitos. No modelo relativo ao curso de pedagogia há uma estabilidade das chances relativas de quem lê jornal frequentemente em relação a quem nunca lê. Para os modelos relativos aos cursos de administração e medicina há mesmo uma diminuição das chances. Provavelmente esses resultados se devem ao fato de a

informação por jornais (impressos) ser um hábito de pessoas mais velhas, sendo que é mais comum entre os jovens se informarem pela Internet, cujo uso, como veremos mais adiante, tem um efeito altamente positivo sobre as chances de sucesso.

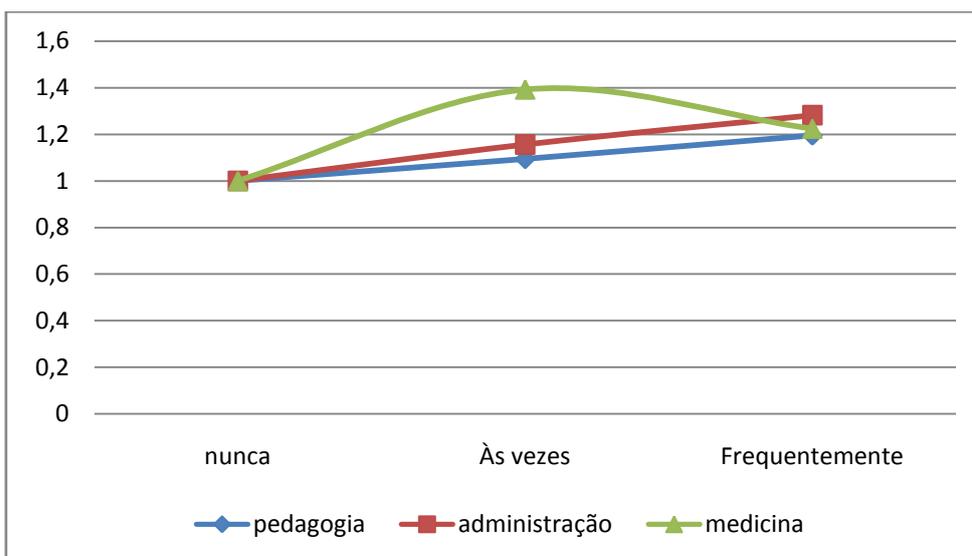
Gráfico 23: Frequência de Leitura de Revistas de Informação Geral e Chances de Sucesso no SISU:



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

A leitura de revistas semanais de informação geral (como Veja, Istoé, Época e Carta Capital) está associada, ao contrário dos jornais, ao aumento das chances em todos os modelos. Estudantes que tem o hábito de lê-las com frequência tem 75% mais chances de atingir uma situação de sucesso na seleção para administração do que aqueles que nunca lêem essas revistas. É um hábito que provavelmente ajuda mais que o da leitura de jornais, pois essas revistas, além de informarem sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo (como os jornais), tendem a ser mais analíticas, o que, dentre outras coisas, podem favorecer a capacidade de argumentação e síntese dos candidatos.

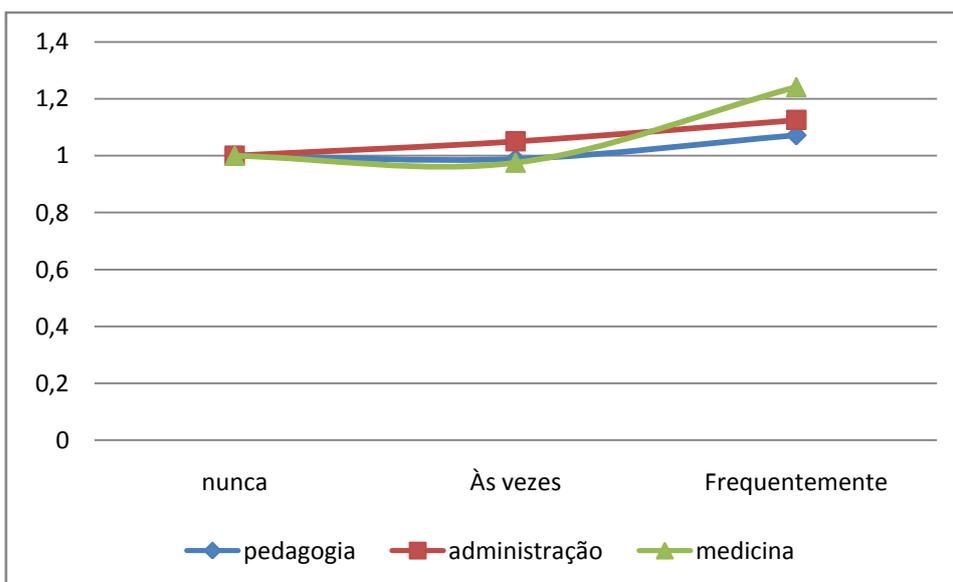
Gráfico 24: Frequência de Leitura de Revistas de Divulgação Científica e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

A leitura frequente de revistas de divulgação científica (como Superinteressante, Galileu, Ciência Hoje, etc.) também está relacionada com o aumento das chances da ordem de 20% em relação a quem não as lê. Aqui a relação é óbvia: além de temas “científicos” (das ciências naturais), essas revistas também trabalham com assuntos de informação geral, assuntos históricos, etc., tendo relação direta com a cultura considerada legítima.

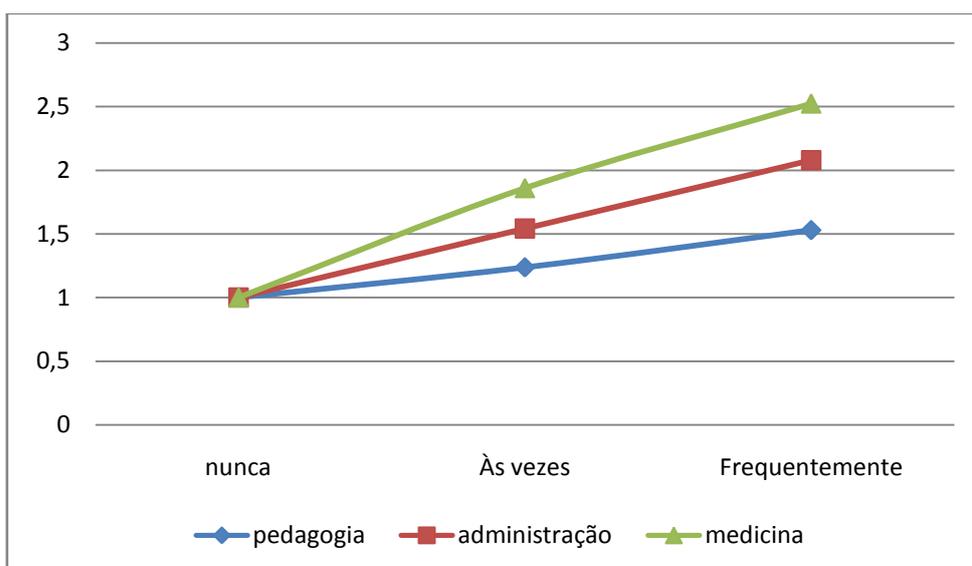
Gráfico 25: Frequência de Leitura de Revistas sobre Educação e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Nesta categoria estão incluídas publicações como Almanaque Abril, Guia do Estudante, além de revistas específicas de disciplinas escolares, tais como Sociologia, Speak Up (Língua Inglesa), etc. Aqui o aumento para quem as lê frequentemente varia de 7% (pedagogia) à 24% (medicina), em relação àqueles que nunca as lêem. Assim como no caso anterior, a relação com a cultura socialmente legítima cobrada pelo exame, é óbvia, o que justifica o aumento.

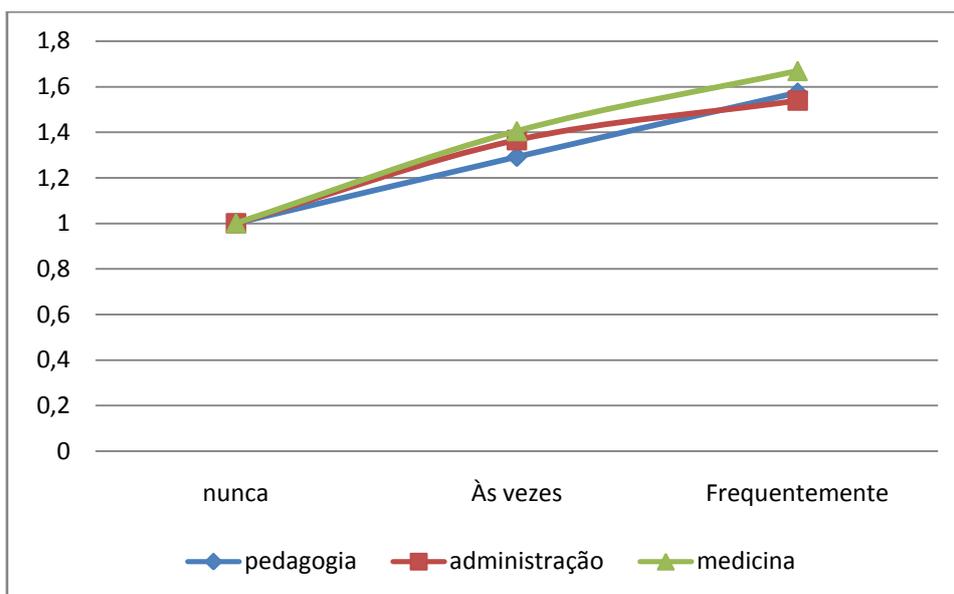
Gráfico 26: Leitura de ficção e chances de sucesso no SISU.



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

A leitura frequente de ficção (romances, contos, poesia, etc.) tem relação direta com o aumento das chances de atingir o sucesso. O aumento é de cerca de 50% para pedagogia, 100% para administração e de 150% para medicina. É um dos maiores aumentos que vimos até aqui (e um dos maiores levando em consideração apenas as disposições de leitura). Além de literatura ser um dos conhecimentos exigidos no exame, a leitura frequente aumenta o vocabulário, melhora o estilo e familiariza o leitor com a norma culta da língua portuguesa, além de permitir a ampliação de seus horizontes para muito além da experiência cotidiana. Como metade da nota da prova equivale à nota de redação, na qual todas essas habilidades são avaliadas, isso explica em grande parte o efeito. Se mencionar o fato de que a boa ficção literária é um dos itens culturais mais valorizados socialmente.

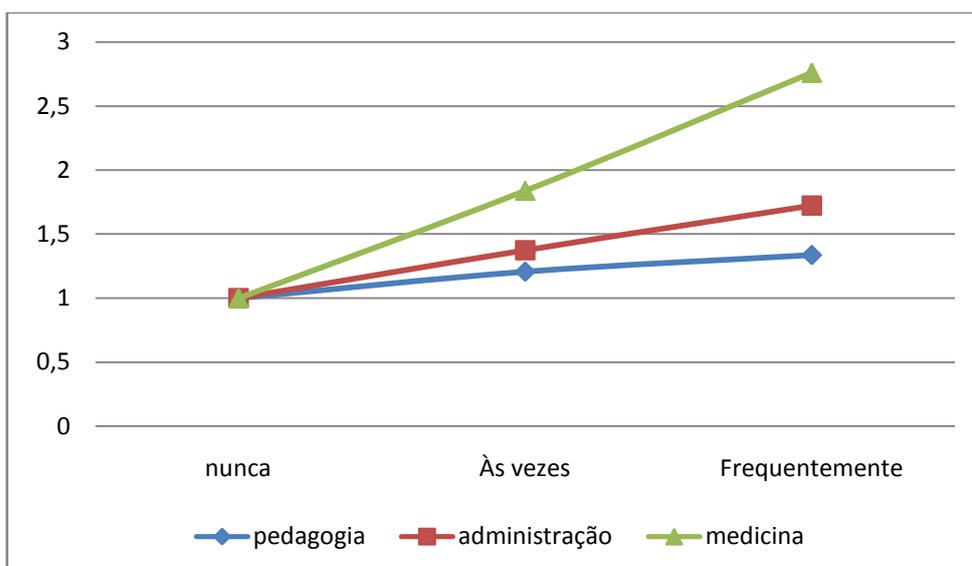
Gráfico 27: Frequência de Leitura de Livros de Não-Ficção e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

O hábito de leitura de não-ficção (biografias, livros filosóficos, de divulgação científica, reportagens, etc.) também está relacionado a aumento das chances de sucesso, sendo que quem tem o hábito frequente de ler esses livros tem cerca de 60% de chances em relação àqueles que nunca os lêem. Os motivos são os mesmos dos da leitura de ficção, como a ampliação dos conhecimentos do candidato (muitos deles exigidos na prova).

Gráfico 28: Leitura de enciclopédias, dicionários e manuais e chance de sucesso no SISU.

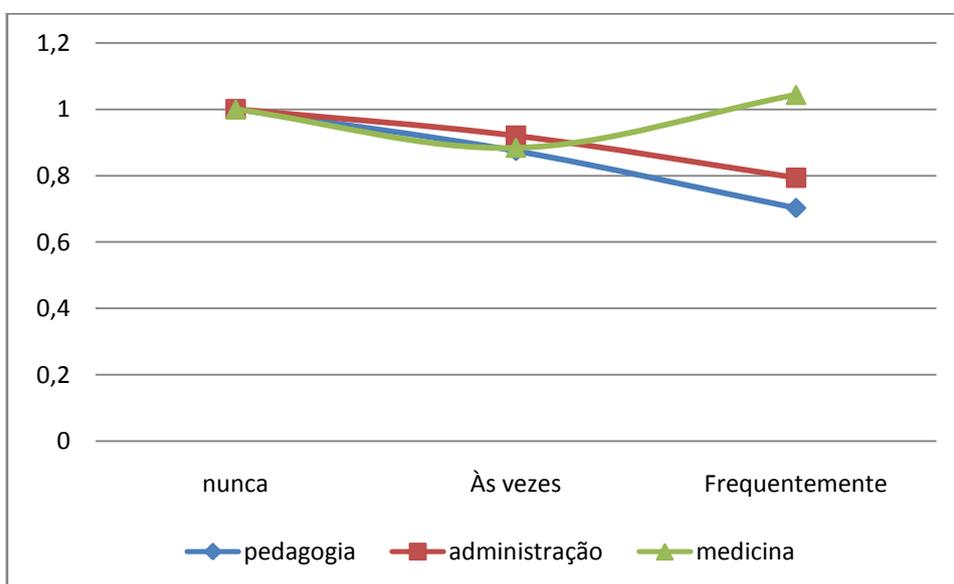


Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

A leitura de enciclopédias, dicionários e manuais também tem um efeito positivo sobre as chances de sucesso no SISU entre aqueles que tem o hábito frequente de ler esses materiais. O aumento é de 33% no modelo relativo ao curso de pedagogia, 72% para o curso de administração e 175% para o curso de medicina. Assim como nos casos anteriores, as causas desse efeito são óbvias, já que são leituras altamente relacionadas com os conteúdos escolares cobrados nos exames.

Até aqui, trabalhamos com os efeitos de hábitos de leitura considerados culturalmente legítimos e que estão correlacionados com o alcance da nota mínima para os cursos trabalhados. Obviamente, todos esses hábitos, além de requererem uma “boa vontade cultural”, também estão, em alguma medida, relacionados com o capital econômico. Livros custam dinheiro, assim como assinatura de revistas e jornais. Vamos, agora, avaliar alguns hábitos de leitura – esses considerados socialmente menos legítimos – que estão correlacionados com uma diminuição das chances em se atingir as notas mínimas para ingressar nos cursos trabalhados.

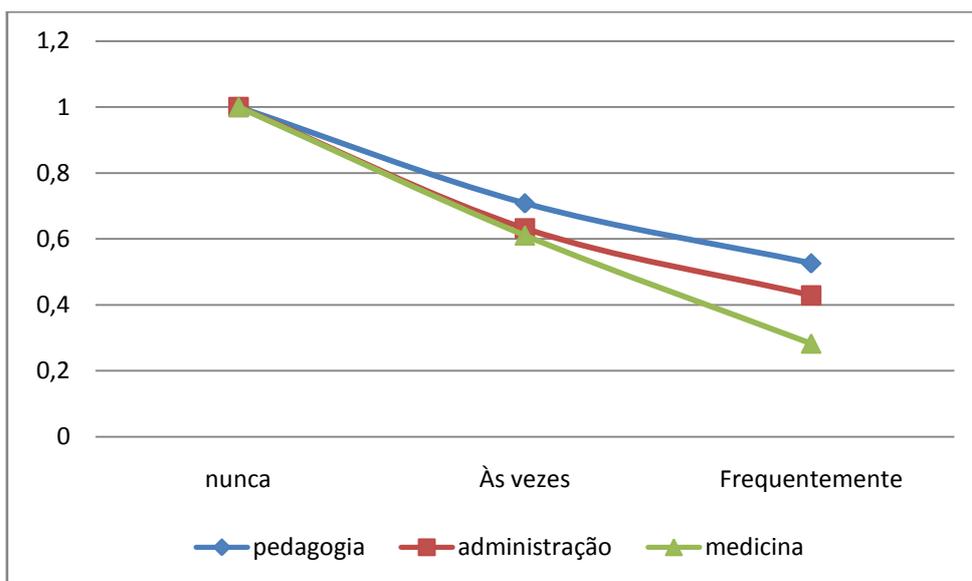
Gráfico 29: Frequência de Leitura de Revistas de humor, quadrinhos ou jogos e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Apesar da estabilidade (estatisticamente não significativa) para a leitura frequente de revistas de humor, quadrinhos ou jogos (PC Gamer, Turma da Mônica, etc.) no modelo relativo ao curso de medicina, a tendência é de queda das chances em relação à chance daqueles que nunca lêem esse tipo de revista.

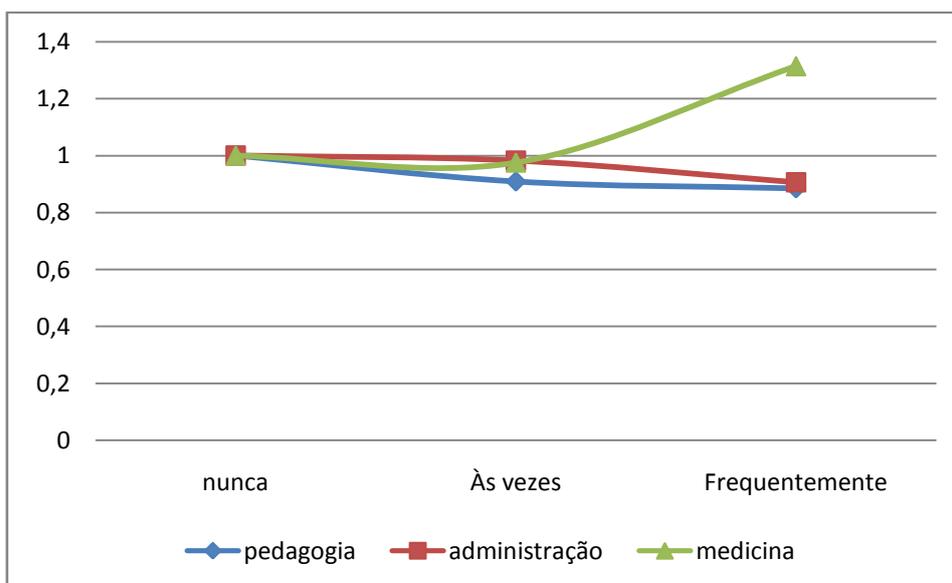
Gráfico 30: Frequência de leitura de revistas para adolescentes e chances de sucesso no SISU.



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Neste caso (gráfico 30), relativo à leitura de revistas voltadas a adolescentes (Capricho, por exemplo), a queda nas chances associadas à leitura frequente é ainda mais acentuada. A diminuição das chances de sucesso para quem lê frequentemente essas revistas é 48% para pedagogia, 57% para administração e 72% para medicina em relação àqueles candidatos que nunca as lêem.

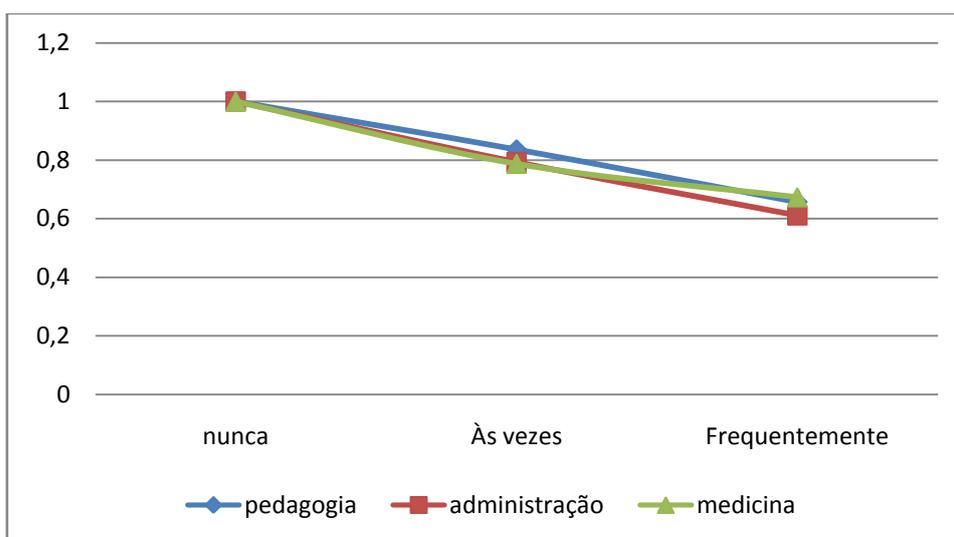
Gráfico 31: Frequência de Leitura de Revistas sobre Comportamento e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

No gráfico 31, temos os resultados dos modelos e das chances de sucesso relacionadas à leitura de revistas sobre comportamento (Nova, Pais & Filhos, Marie Claire, etc.). Apesar do aumento relativo das chances (estatisticamente não significativo) para leitura frequente, no caso do curso de medicina, a tendência geral é de uma pequena diminuição nas chances daqueles que lêem essas revistas de forma frequente em relação àqueles que nunca as lêem.

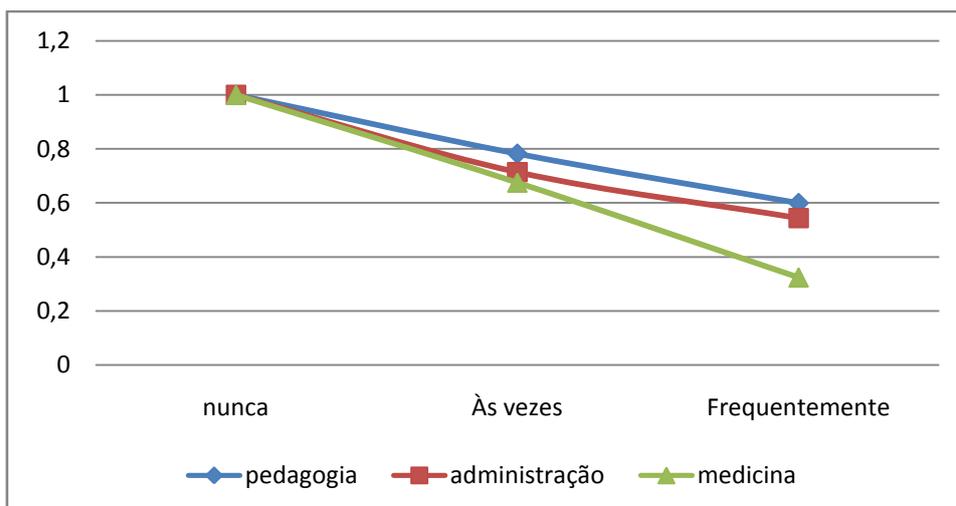
Gráfico 32: Frequência de Leitura de Revistas sobre Esportes e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Neste gráfico (32) vemos os resultados dos modelos em relação ao hábito de leitura de revistas sobre esportes (Placar, Quatro Rodas, etc.). A diminuição das chances relativas dos que as lêem frequentemente varia de 30% a 40% em relação às chances daqueles que nunca as lêem. Aqui fica clara a distância desse hábito com o conhecimento socialmente valorizado na escola: a educação física é uma matéria periférica dentro do currículo escolar.

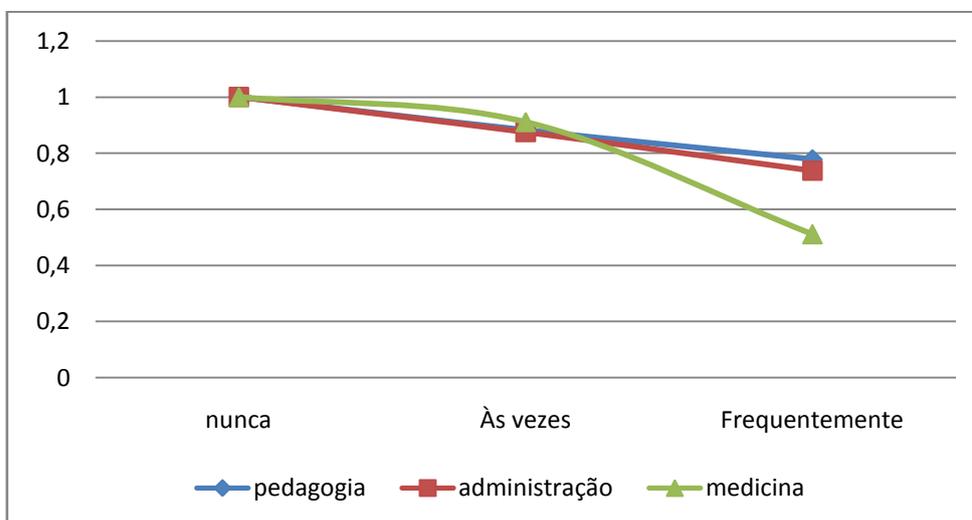
Gráfico 33: Frequência de Leitura de Revistas sobre Saúde e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Aqui (gráfico 33) vemos as chances encontradas em relação ao hábito de leitura de revistas sobre saúde (Boa Forma, Vida Simples, etc.). A diminuição das chances, associada ao hábito de leitura frequente dessas revistas chega a 40% para o modelo do curso de pedagogia, 45% para o curso de administração e 68% para o de medicina.

Gráfico 34: Frequência de leitura de revistas sobre religião e chances de sucesso no SISU



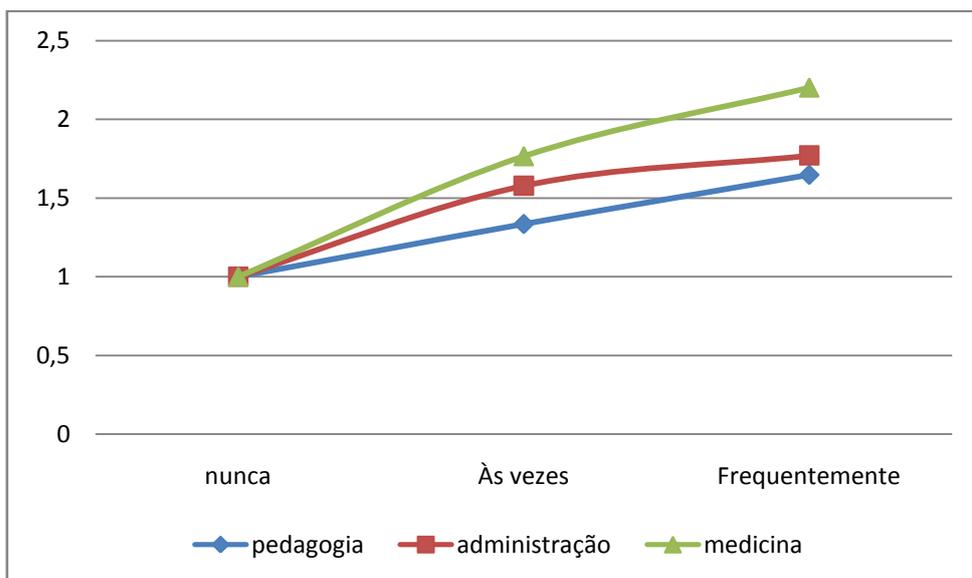
Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

O gráfico 33 mostra as chances associadas ao hábito de leitura de revistas sobre religião (Orixás, Delphos, etc.). A leitura ocasional diminui as chances do candidato em torno de 10% em todos os modelos em relação aos que nunca lêem essas revistas. A leitura habitual, por sua vez, diminui a chance do candidato em 22%, 26% e 49%,

respectivamente, nos modelos relativos aos cursos de pedagogia, administração e medicina.

Todas as leituras que analisamos neste segundo momento, são hábitos relacionados a uma diminuição das chances, não por acaso, aqueles que não têm relação com o “arbitrário cultural dominante”. Revistas sobre religião, sobre celebridades, sobre adolescentes, sobre jogos, etc. não tratam dos conteúdos valorizados pelo campo escolar. Aqui a relação com o capital cultural fica mais óbvia, pois se não estivéssemos trabalhando com modelos multivariados, ou seja, em que as variáveis independentes controlam umas às outras, provavelmente, a sua leitura frequente estaria associada a uma chance maior de aprovação, pois não levaria em conta o capital econômico. Assim como os hábitos de leitura “edificantes”, ou culturalmente legítimos, essas leituras também custam dinheiro, sendo necessário algum capital econômico para ter acesso a eles.

Gráfico 35: Acesso à internet e chances de sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

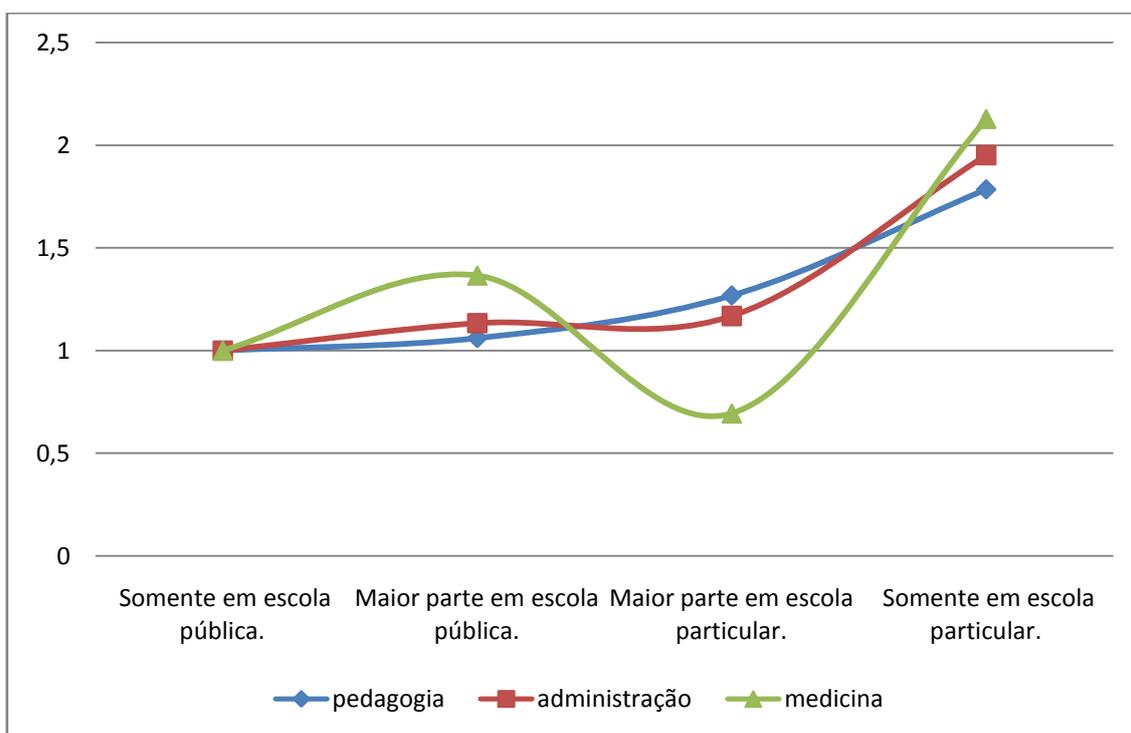
Por fim, para encerrarmos esta subsecção, vejamos o efeito do acesso à internet. A internet é, atualmente, uma das principais fontes de informação e conhecimento. É praticamente impossível um estudante de ensino superior passar sem ela na sua vida acadêmica. Da mesma forma, ela está suplantando os jornais impressos como fonte de notícias. Como era de se esperar, as chances de sucesso aumentam em relação ao maior acesso à rede mundial. O acesso esporso aumenta as chances de sucesso, em relação aos

candidatos que nunca acessam a internet em 33%, 57% e 76%, respectivamente, para os modelos dos cursos de pedagogia, administração e medicina. O acesso frequente, ainda em relação a quem nunca acessa a internet, aumenta as chances em 64% para pedagogia, 77% para administração e 120% para medicina.

4.6 Capital cultural institucionalizado.

Agora chegamos aos efeitos da trajetória na educação básica sobre as chances de sucesso. Lembramos que o capital cultural pode existir, além de em seus estados objetivado e incorporado, no estado institucionalizado, justamente aquele sancionado pelo Estado, legalmente. Primeiramente, vamos atentar à rede – se pública ou privada – a qual pertencia a escola de ensino médio do estudante.

Gráfico 36: Rede do EM e chances de sucesso no SISU

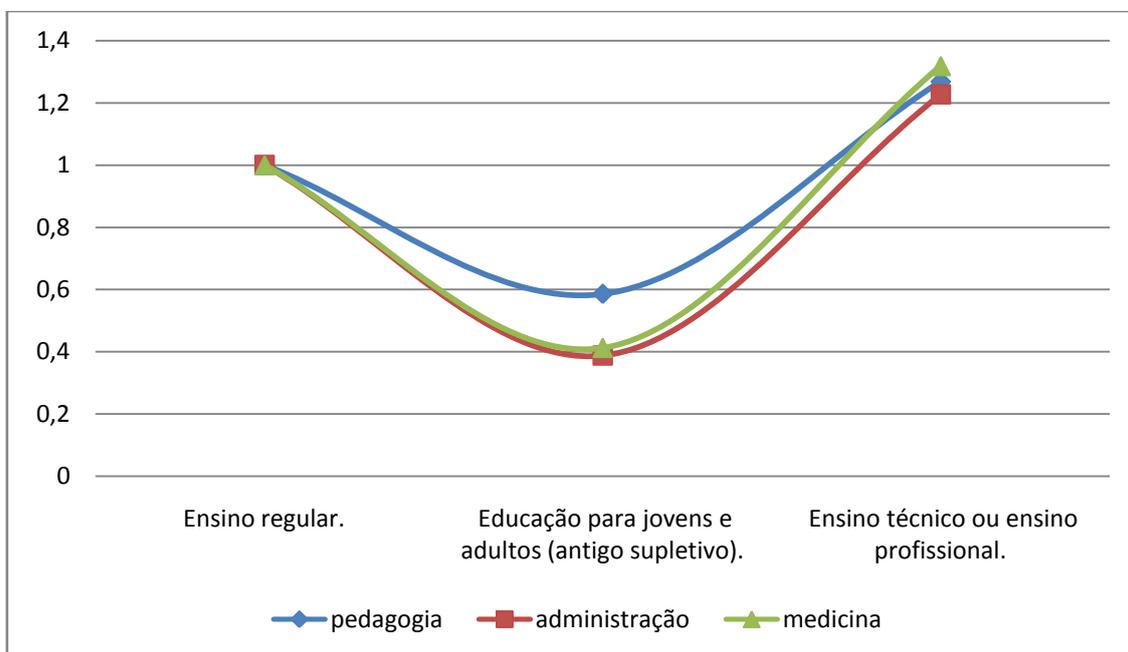


Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Em relação àqueles candidatos que estudaram todo o ensino médio em rede pública, estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas particulares têm cerca do dobro da chance de atingirem a nota mínima para os três cursos analisados. Apesar do comportamento menos linear da tendência para o curso de medicina, a tendência geral é o aumento das chances proporcional ao quanto do ensino médio foi cursado na rede particular. Isso denota que as escolas particulares, em geral, preparam os

candidatos melhor para o ENEM, visto que o efeito desse aumento já é controlado por outras variáveis, como a própria renda, por exemplo.

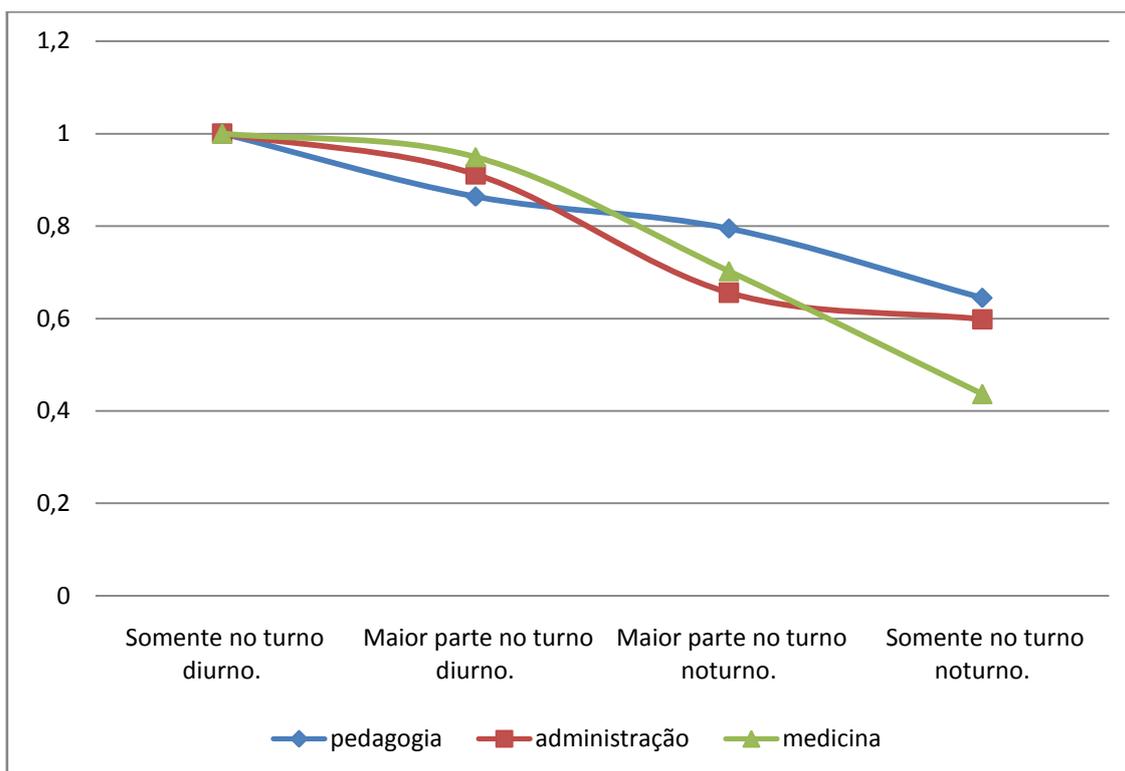
Gráfico 37: modalidade do EM e chances de sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

Embora a rede seja importante, a modalidade de ensino médio também influencia nas chances de sucesso. Estudantes que cursaram o ensino médio na modalidade EJA têm até 60% menos chance de atingir a nota mínima para administração e medicina do que aquelas que cursaram o ensino médio regular. Um achado inesperado, porém, é que estudantes advindos do ensino técnico possuem cerca de 20% a mais de chance do que aqueles que cursaram o ensino médio propedêutico. Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de grande parte da rede que oferece o ensino médio profissional concomitante ao propedêutico pertence ao governo federal (através dos Institutos Federais e CEFETs), que tendem a ofertar um ensino com qualidade superior ao da maioria das outras escolas, além de contar com professores mais qualificados e melhor pagos.

Gráfico 38: Turno do EM e Chances de Sucesso no SISU



Fonte: Elaboração própria cf. INEP 2009.

A influência do turno no qual o candidato estudou o ensino médio também é grande. Estudante que cursaram-no totalmente no turno noturno têm cerca de 40% menos de chance para atingir a nota mínima para os cursos de administração e pedagogia e cerca de 60% menos de chance para atingir a nota mínima no curso de medicina em relação àqueles que cursaram-no totalmente no turno diurno (já levando em conta os efeitos da rede e da modalidade, dentre outros). Estudantes do período noturno tem menos tempo para estudar, visto que grande parte trabalha, além de o ensino, provavelmente, ser de qualidade inferior, já que grande parte dos estudantes chegam na aula cansados e os professores não podem exigir tanto da turma quanto exigiriam num curso diurno.

4.7 Comentários sobre os resultados.

Nessa tentativa de ordenar a realidade a partir de modelos estatísticos representativos de uma massa enorme de dados que representam milhões de casos de abrangência nacional conseguimos, de certa forma, resultados que, se por um lado, subsidiam a teoria da reprodução num contexto nacional, por outro, também levam a algumas generalizações empíricas interessantes sobre as particularidades da situação

brasileira. Em primeiro lugar, muitos resultados foram, dentro de certa margem, uma verificação empírica de predições teóricas. O capital cultural é importante, tanto o herdado, quanto o adquirido, bem como o institucionalizado. O ambiente familiar, representado por indicadores de capital econômico – a renda – bem como de capital cultural (escolaridade da mãe, profissão do pai) tem um papel-chave sobre as chances de sucesso dos concorrentes.

Por outro lado, disposições culturalmente legítimas, como aquelas relacionadas a certos hábitos de leitura, cumprem igual papel. A desigualdade que se observa no sistema escolar como um todo, desde o início, tem, na passagem do ensino médio para o superior, o seu ponto fulcral. Nesse momento, o passado incorporado – mas também institucionalizado, indicado pelo tipo de escola frequentado, turno, modalidade, etc. – pode ser tanto um fardo, para uns, quanto um propulsor, para outros, nessa batalha desigual por recursos socialmente escassos.

Uma pesquisa, porém, sempre tem seus imprevistos e dados instigantes surgem para desestabilizar o estado atual de conhecimento e ajudar a levá-lo mais longe. A influência avassaladora do capital econômico, que, sozinho e com o efeito já controlado pelas outras variáveis, chega a elevar em mais de 500% as chances de um concorrente atingir uma vaga no curso de medicina, bastante superior a influência de qualquer indicador de capital cultural, sugere que o capital econômico ainda é um capital bastante influente no campo escolar – não que em outros contextos ele deixe de sê-lo de alguma forma influente – às vezes mais do que o próprio capital cultural, o capital por excelência do campo escolar.

Nosso campo escolar ainda pode não ser suficientemente autonomizado, como em sociedades plenamente modernizadas, onde a autonomia entre os campos é maior. Da mesma forma, a realização de cursos preparatórios para o vestibular (mesmo que custem bastante dinheiro em sua maior parte), apesar de seus efeitos positivos sobre as chances, não pode, sozinho e em poucos meses, reverter tendências de anos de incorporação de disposições e capitais.

Vamos agora descer ao observável e cotidiano. No próximo capítulo, tentaremos mostrar como essas grandes tendências estruturais agiram na vida de nossos casos de

análise, indivíduos, em grande parte, em situações não típicas dos modelos dos quais tratamos acima.

Capítulo 5: Retratos Sociológicos: sucesso escolar em classes populares.

Conforme explicamos no capítulo metodológico, construímos sete retratos sociológicos. Todos são de indivíduos com origem em alguma das diferentes frações de classes populares e passaram, ou estão passando, por alguma ascensão social: muito forte em alguns casos, moderada em outros, mas sempre com o ensino superior sendo central nesse processo. A partir das teorias sociológicas de Bourdieu, Lahire e Elias nós construímos um roteiro⁵⁵ de entrevista semi-estruturada que nos permitiu produzir os dados que aqui são novamente interpretados à luz da teoria social. Esse movimento dos conceitos para os indicadores fica claro com o quadro 2, exibido no capítulo metodológico. O perfil dos indivíduos pesquisados encontra-se expresso no quadro abaixo:

Quadro 3: Síntese dos casos pesquisados.

nome ⁵⁶	gênero	idade	Ocupação do pai/ocupação da mãe	Escolaridade do Pai/Escolaridade da Mãe	naturalidade	cor	curso frequente ou frequentou	Ocupação Atual
1. Lucas Bittencourt	masculino	34 anos	Guarda municipal / auxiliar de serviços gerais	Fundamental incompleto / médio completo (supletivo)	Porto Alegre (Restinga)	Branca	Filosofia	Professor de Ensino Básico / Bolsista de Doutorado
2. Clara Kowalsky	feminino	31 anos	Pedreiro/dona de casa	Fundamental incompleto / fundamental incompleto	Porto Alegre (Morro Santana)	Branca	Ciências Sociais	Professora de Ensino Básico e Superior / doutoranda
3. Bernardo Peres	masculino	33 anos	“faz-tudo” / servente escolar	Fundamental incompleto / fundamental completo	Campos de Goytacazes (pião)	Branca	Ciências Sociais	Professor de Ensino Superior / pesquisador
4. Tainã Pereira	feminino	29 anos	Metalúrgico / auxiliar de enfermagem	Fundamental incompleto / fundamental completo	Porto Alegre (Restinga)	Negra	Enfermagem	Enfermeira Padrão / mestranda
5. Rodrigo Brasil	masculino	38 anos	Relojoeiro / vendedora autônoma	Fundamental completo / fundamental incompleto	Itamaraju (Bahia)	Parda	Agronomia	Professor do Ensino Básico e Superior.
6. Amanda Dutra	feminino	24 anos	Mecânico de máquinas pesadas / dona de casa	Fundamental incompleto / fundamental incompleto	Mostardas (RS)	Branca	Fonoaudiologia	Estudante e auxiliar administrativa.
7. Jéssica Rauber	feminino	31 anos	Garçom Pequeno / Comerciante / garçomete e Aplicadora de Questionários	Fundamental incompleto / Fundamental Completo	Porto Alegre (Morro Santa Tereza)	Branca	Pedagogia	Supervisora Pedagógica

Fonte: elaboração própria.

Vamos agora aos nossos casos.

⁵⁵ Conforme já mencionamos, tais roteiros podem ser encontrados no anexo 2 da presente dissertação.

⁵⁶ Nome fictício, mas assim como na pesquisa de Lahire (2004), tenta manter a carga simbólica do nome original.

5.1 (caso 1) Lucas Bittencourt: ativismo político na socialização secundária e sucesso escolar.

Lucas tem 34 anos, é professor de filosofia nas redes estaduais e municipais de ensino básico, mestre em psicologia social e doutorando em educação. É oriundo de uma família de funcionários públicos municipais de baixo escalão da periferia da capital do estado.

Espaços de Socialização:

Família

O pai de Lucas inicialmente trabalhava como bancário e, após alguns períodos desempregado, foi aprovado no concurso para a guarda municipal, enquanto sua mãe foi auxiliar de serviços gerais da prefeitura municipal. Enquanto ela possui o ensino médio completo (pela modalidade EJA), seu pai não concluiu o ensino fundamental. Antes dele, uma de suas tias já havia concluído o ensino superior, em ciências contábeis. Além de seus pais, grande parte de seus parentes são baixos funcionários públicos da prefeitura municipal. Embora seu pai tenha entrado no serviço público por concurso, sua mãe conseguiu o emprego por indicação, quando ainda não havia a obrigatoriedade de concurso para provimento de cargos públicos. Sua família mantinha algumas relações com alguns políticos locais, o que constituía certo capital social.

Geografia

Lucas viveu, com sua família, em um grande bairro periférico da Zona Sul de Porto Alegre, até que, com 28 anos, passou a morar com sua atual companheira em uma cidade vizinha à capital do estado. Recentemente, eles se mudaram para uma cidade da zona de colonização alemã por motivos profissionais, mas que ainda fica relativamente próxima da capital, onde ele estuda. Depois de mais de cinco anos longe do bairro onde ele cresceu e viveu a maior parte de sua vida, ele se sente distanciado desse lugar, apesar de toda a ligação afetiva com o bairro, onde ele cresceu e militou, ele não consegue mais, por exemplo, andar tranquilamente no bairro, como ainda fazia até alguns anos atrás.

Escola Básica

Lucas iniciou sua vida escolar em uma escola municipal do município, perto de sua casa lá. Foi nessa escola que ele concluiu seu ensino fundamental. Quando iniciou o Ensino Médio, Lucas migrou para uma grande escola técnica estadual da zona central da cidade, uma escola que, na época (e mesmo atualmente), era bastante conceituada. Nessa escola, ele cursou o técnico em eletrotécnica concomitantemente às matérias propedêuticas do ensino médio. Ele recorda que aquela era uma escola muito tradicional, as aulas eram tradicionais (ele se recorda de um professor que usava a régua para bater nos seus alunos) e desmobilizada politicamente, em uma época (anos 90) na qual o movimento estudantil era bastante atuante na cidade.

Um dos únicos momentos mais interessantes que ele se lembra de ter vivido no ambiente escolar (pelo menos em relação aos conteúdos) foi quando um professor de história trouxe um radinho de pilha para a sala de aula e avisou aos alunos que eles iriam "ver a história acontecer ao vivo", quando houve a votação do impeachment do ex-presidente Fernando Collor, quando ele ainda cursava o ensino fundamental.

Como a escola de seu ensino médio oferecia um ensino técnico qualificado, acabava atraindo estudantes oriundos de diversas classes sociais. Grande parte deles eram estudantes pobres em busca de uma profissionalização, mas havia muitos estudantes de classe média, que moravam nos bairros centrais do entorno da escola.

Profissionalização

Lucas se formou no curso eletrotécnico em 2000, quando já estagiava na área. Assim que completou 18 anos, porém, foi convocado para o exército, que viu nele mão de obra útil, devido a seu curso de técnico eletricitista. Após servir no exército por um ano, ele continuou trabalhando na sua área de formação técnica por cerca de três anos, até ingressar na universidade. Após o ingresso, ele apenas fez pequenos trabalhos não formais na área para ganhar algum dinheiro extra.

Religião

A família de Lucas professava o espiritismo, que segundo ele não era nada ortodoxo, mas uma forma de religiosidade mais popular. Ele próprio foi um espírita

ferrenho até o ingresso na universidade, participava de evangelizações, fez curso mediúnico, etc. Atualmente, porém, ele se considera agnóstico, embora diga que sinta falta de uma religiosidade. Algumas vezes ele tentou retornar para o espiritismo, mas não o conseguiu, não é mais, segundo ele, uma religião que o satisfaça. Como é professor de filosofia, grande parte das indagações dos alunos é sobre a temática da religiosidade, ao que ele lhes responde que essa é uma questão que hoje ele considera indiferente. "Não digo se Deus existe ou não, isso para mim, hoje, não faz mais diferença".

Política

Como havíamos mencionado anteriormente, a família de Lucas possuía ligações com alguns políticos municipais, um de seus tios, por exemplo, era grande amigo de um vereador que ele conheceu quando jogavam futebol juntos em um clube da cidade. A atuação política familiar, porém, se dava mais nas relações sociais do que pela via de uma participação efetiva em partidos políticos, sindicatos ou associações. Já Lucas teve critérios bem diferentes de participação política. Primeiramente, como ele participava ativamente do espiritismo, acabou se envolvendo em várias demandas da comunidade. Concomitantemente a isso, ele fazia parte de uma banda de punk rock e, por conta disso, passou a integrar o movimento de artistas do bairro por uma maior infra-estrutura cultural no local, o que acabou culminando na criação dos núcleos de cultura locais. Lucas também se envolveu com o movimento de comunicação popular, de rádios comunitárias. Dentro desse movimento, Lucas passou a ter contato com grupos anarquistas, dentre eles a federação anarquista do estado, com o qual ele manteve contato por grande tempo. Lembramos que na sua escola de ensino médio, ainda não havia se constituído um grêmio estudantil atuante, mas ele se envolveu com o movimento estudantil dentro da universidade, participando inclusive como vice-presidente do diretório acadêmico de seu curso. Apesar de ser professor da educação básica há alguns anos, ele ainda não se filiou ao sindicato dos professores, segundo ele, principalmente, por ausência de tempo.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais

Lucas se considera autodidata em assuntos como línguas e informática. Ele participou durante algum tempo do movimento pelo software livre e, também, conta ter aprendido espanhol e inglês sozinho (apenas neste semestre, pela primeira vez, ele vai iniciar um curso regular de línguas). Ainda assim, nos últimos anos, ele fez alguns cursos de extensão, bem como um curso de complementação para o ensino religioso (que ele lecionava em algumas turmas de uma escola municipal). Nos últimos tempos, porém, ele ficou praticamente sem tempo para novos aprendizados devido à alta carga horária (ele trabalhava em duas redes diferentes de ensino).

Ascetismo e Hedonismo

Lucas afirma que sua capacidade de concentração é altamente variável, dependendo do horário do dia. Durante a tarde, por exemplo, ele tem bastante dificuldade para ler, preferindo para tal o "silêncio das madrugadas". No final do curso, ele conta ter tido problemas de concentração, pois acumulou várias cadeiras, como uma forma de terminar mais rapidamente seu curso e, portanto, precisou consultar o psicólogo, que o encaminhou para o psiquiatra. Ainda assim, ele não chegou a tomar remédios para resolver esse problema. Ele conta não conseguir trabalhar muito bem em casa, pois as fontes de distração são várias, preferindo a universidade, ou mesmo um bar (por incrível que possa parecer) para a leitura ou escrita. Ele evita procrastinar tarefas, embora algumas inevitavelmente acabam sendo feitas na última hora, devido ao seu acúmulo de atividades. Uma das coisas, porém, que ele conta sempre fazer com bastante antecedência é o planejamento de suas aulas.

Lucas tenta ter uma alimentação equilibrada, principalmente quando está em casa. Fora de casa, porém, tal controle se torna mais difícil. Atualmente ele faz academia algumas vezes por semana, como uma forma de praticar alguma atividade física.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade

Lucas conta ter ficado espantado com a rigidez da escola onde trabalha com os alunos. Há diversas normas, de postura ao vestuário (como a proibição do uso de bonés, por exemplo). Para ele, que tem uma trajetória próxima de movimentos anarquistas, isso foi um choque. Por outro lado, ele afirma que agora considera

importante que a escola ofereça um modelo de regras formais que os alunos tenham que cumprir, pois a escola é a entrada da maioria deles no espaço público, já que na vida o que não vai lhes faltar é uma série de regras e normas a cumprir. Ele também conta que a escola onde ele trabalha tem uma excelente estrutura, contando com um quadro funcional completo (com supervisores, orientadores pedagógicos, etc.), o que é raro em escolas estaduais. Assim, no geral, o ambiente de trabalho é considerado bom por Lucas.

Ele cultiva um hábito estranho aos brasileiros e latinos em geral, que é chegar adiantado aos compromissos. Lucas é uma pessoa que cultiva a pontualidade e muitas pessoas consideram isso estranho. Quando entrou na universidade, ele não chegou a ter grandes dificuldades em se adaptar à norma culta da língua portuguesa, pois escrevia bastante (tinha, inclusive, um blog quando isso era bastante incomum).

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Lucas conta ter lido pouca literatura em sua vida, embora goste de algumas obras específicas que relê várias vezes, como as de alguns autores alemães, além de algumas poesias. O seu foco é a leitura de filosofia. Além disso, ele gosta de ler revistas e jornais (ele assina o Correio do Povo, o Brasil de Fato e o Le Monde Brasil). Segundo ele, o cinema é de baixa qualidade em sua cidade atual, assim, ele não costuma frequentá-lo com assiduidade. Afora isso, ele vê documentários e filmes do cinema alemão, seus gêneros preferidos. Quando era mais jovem, ele fez parte de uma banda de rock, que durou 10 anos (entre seus 14 e 24 anos, mas que acabou se dissolvendo com o envelhecimento dos integrantes). Ainda assim, apesar de dizer ter um gosto musical eclético, até hoje sua preferência recai sobre o rock. Além de o cinema ser de baixa qualidade em sua cidade, ele conta que a oferta cultural é reduzida por lá, raramente há algum evento de música erudita (ele compareceu a um há quase um ano). Ele conta gostar de visitar museus e cidades históricas (nas últimas férias visitou os pontos de interesse histórico de Rio Pardo) e tem grande fascinação por Igrejas. Sempre que conhece alguma cidade, procura conhecer a Igreja, mas pelo seu valor estético-arquitetônico, pois atualmente se considera pouco religioso. Afora isso, ele conta não gostar de teatro.

Disposições estéticas e utilitárias

Nos últimos tempos, Lucas andava bastante estressado, assim comprou um videogame para se distrair um pouco nos seus momentos de lazer. Afora isso, ele costuma "zapear" na internet em seus momentos livres. Nas últimas férias, ele não fez nenhuma viagem mais longa, pois sua esposa cursa doutorado e está em processo de escrita, assim, falta-lhe tempo. Ainda assim, ele aproveitou o tempo para visitar parentes, ir ao centro da cidade ou à capital.

Ele prefere alimentos salgados a doces e tenta manter uma alimentação saudável, com exceção de algum dia específico da semana, no qual ele come algo menos nutritivo, como uma pizza, por exemplo. Ele conta não haver diferenciação entre suas roupas no trabalho e fora dele, comprando-as aleatoriamente, sem preferência por algum local específico. Ele inclusive conta que, numa formatura recente de seus alunos do ensino médio, eles se surpreenderam por ter ido de terno e gravata ao evento.

Passividade e proatividade

Segundo Lucas, ele não tem perfil de direção, não assumindo posições de coordenação. Atualmente, ele coordena a disciplina de seminário integrado, sendo que essa é a situação mais próxima de uma coordenação que ele teve. Afora isso, nos tempos de graduação, foi vice-presidente do diretório acadêmico, mas concorrendo por chapa única.

Trajetória acadêmica:

Pré-universitária

Já em 1997, Lucas fez seu primeiro vestibular, após a conclusão do terceiro ano de seu curso de ensino médio concomitante ao técnico (apesar de o curso total ter quatro anos, ao final do terceiro ano, o estudante já recebia o diploma de ensino médio). Esse primeiro vestibular foi para o curso de Ciências Sociais, no qual ele não passou. Em 2000, ele se inscreveu mais uma vez, para física, mas dessa vez nem chegou a ir fazer a prova. Em 2003, finalmente, ele presta o vestibular para filosofia, no qual foi aprovado. Inicialmente, ele pretendia cursar história, mas a concorrência alta desse curso o fez optar pela filosofia. Apesar de fazer um curso técnico voltado para as exatas, Lucas

tinha preferência pelas humanas desde o ensino médio. No Comitê Popular de Resistência passou a manter contato com vários estudantes de ciências humanas, alguns formados, que passaram a ser seus amigos, que lhe incentivaram para tentar o vestibular mais uma vez, seis anos após a primeira tentativa. Segundo ele, para sua família, essa era uma questão que não importava: "até hoje, minha mãe nem sabe o que é filosofia". Na última e vitoriosa tentativa, Lucas estudou por conta, com livros emprestados de uma amiga e conseguiu a aprovação, apesar de, segundo ele, o vestibular em si ter sido uma experiência massacrante.

Ele estava indiferente quanto à aprovação. Ele conta que estava por algum motivo qualquer no centro quando da divulgação da lista de aprovados e resolveu passar na reitoria da universidade para verificar sua situação. Seu nome estava lá e ele ligou para sua mãe. Sua família e seus amigos do bairro ficaram muito contentes com sua aprovação, realizando, inclusive, uma festa numa praça perto de sua casa. Naquela época, ele conta que um morador do bairro ser aprovado na universidade federal era uma raridade, mas hoje, com as políticas de acesso, seria uma situação mais corriqueira.

Universitária

Ele conta ter tido alguma dificuldade inicial para acompanhar o curso, pois os professores pressupunham a leitura e o conhecimento de obras que não faziam parte do universo do estudante que não teve a matéria de filosofia no ensino médio. Da mesma forma, outro ponto de grande dificuldade, foi que muitos já indicavam como leitura obrigatória para as cadeiras textos em línguas estrangeiras, pressupondo que os alunos já entravam na universidade conhecendo-as. Lucas acredita que começou a superar essas dificuldades iniciais de adaptação ao curso por volta do 6º semestre, quando iniciou as cadeiras da licenciatura, na Faculdade de Educação. Nesse momento, ele passou a se identificar mais com o curso e passou a imaginar que poderia se tornar um bom professor de filosofia.

Além dos "bicos" como eletricitista que Lucas fazia para se manter na universidade, ele teve uma série de bolsas no período da graduação. Assim que iniciou, teve uma bolsa-trabalho na biblioteca da Faculdade de Comunicação, além de duas bolsas de extensão universitária. Ele concluiu o curso em cinco anos e se formou em gabinete.

Pós-universitária

Logo antes de se formar, Lucas foi aprovado na seleção do mestrado em psicologia social, área com a qual ele tinha contato devido à participação em uma série de atividades de extensão. Ele também conta não gostar do tipo de pesquisa que é feita em filosofia, na qual os pesquisadores se tornam especialistas em um assunto específico. No mestrado na psicologia, Lucas estudou políticas públicas para a juventude. No final do mestrado, que ele cursou com bolsa, foi chamado para ser professor na rede municipal de um município da Região Metropolitana. Após mais um tempo, foi aprovado e nomeado no concurso público para professor de filosofia do Governo do Estado. Após um período fora da academia, ele resolveu voltar e fez a seleção para o doutorado em educação, que ele iniciava justamente no dia da entrevista. Ele recebeu bolsa de estudos e se licenciou de um dos seus empregos de professor. Ele conta que a escolha pela educação foi bastante profissional, pois há pouco mercado para graduados em filosofia e mestres em psicologia (concursos na área de filosofia tendem a demandar mestres em filosofia e concursos na área da psicologia demandam graduados em psicologia). Assim, educação pode ser uma área "coringa" no sentido profissional. No doutorado, ele pretende pesquisar políticas de avaliação da educação.

5.2 (caso 2) Clara Kowalsky: a boa vontade cultural em um caso quase típico-ideal.

Clara é uma moça ruiva e alta. Seu pai é pedreiro e sua mãe dona de casa e ambos têm apenas o ensino fundamental incompleto. Natural da zona leste de Porto Alegre, ela viveu até os 23 anos em uma cidade operária da região metropolitana. É licenciada e bacharel em ciências sociais, especialista em educação à distância, mestre em sociologia e doutoranda na mesma área. Há quatro anos é professora dos ensinos técnico e superior em um Instituto Federal.

Espaços de Socialização:

Família

O pai de Clara é pedreiro e sua mãe dona de casa. Eles não passavam fome, mas o dinheiro era bem restrito. A temática da questão financeira estava sempre presente. Seu pai passava por alguns períodos desempregado, mas não muito tempo (o período

mais longo foi de cinco meses). O pai tinha ensino fundamental incompleto, assim como sua mãe. Clara é da primeira geração de sua família com diploma. Alguns de seus primos - de sua geração - também conquistaram seus diplomas.

Geografia

Clara nasceu em Porto Alegre, em um morro da zona leste, onde viveu até os 10 anos. Aos 10 anos, foi morar no bairro operário de uma cidade industrial da região metropolitana, onde morou até os 23 anos. Após essa idade, ela morou primeiramente na Cidade Baixa e depois no Bonfim, onde ela reside até hoje. Ao contrário dos dois primeiros locais de residência, esses são bairros tipicamente de classe média.

Escola Básica

Clara sempre estudou em escolas públicas. No primeiro ano do ensino médio, ela estudou no turno diurno e os demais anos no turno noturno, em uma grande escola técnica estadual em Cachoeirinha, cidade que se situa entre Gravataí (onde ela morava então) e Porto Alegre. Apesar de estudar em uma escola técnica, Clara cursou o ensino regular (foi um período onde a orientação educacional era acabar com o ensino técnico concomitante ao ensino médio). Ela conta que a proposta pedagógica de sua escola era bastante tradicional. Apesar de faltar a várias aulas, era exigido apenas que ela fosse bem nas provas para que fosse aprovada. O município onde se situava a escola não contava, à época, com muitas escolas particulares de boa qualidade, assim, a pequena classe média em ascensão local costumava colocar seus filhos para cursarem escolas públicas estaduais, como a escola onde Clara estudava. Era, assim, uma escola com bastante prestígio em nível local. Havia, inclusive, um processo seletivo para adentrar a escola, no qual ela ficou de suplente (foi, porém, chamada uma semana depois do início das aulas). Por conta dessas particularidades, a escola contava com estudantes de pessoas de classes populares e de algumas frações das classes médias.

Ela conta que havia um ou dois professores que tinham um enfoque um pouco mais inovador (um de geografia e outro de física). São os professores dos quais ela guarda melhores lembranças. Apesar de se sair bem em matérias das disciplinas das "exatas", Clara conta ter uma facilidade maior com as disciplinas das "humanas" desde o seu ensino médio.

Profissionalização

Clara trabalhou antes de iniciar a universidade, um pouco antes de completar 16 anos. Sua socialização profissional iniciou em um estágio na Fundação de Arte e Cultura do município de Gravataí (FUNDARC). Ela trabalhou por lá por dois anos. Depois de sair da FUNDARC, Clara passou seis meses desempregada até começar a trabalhar com um tio (em uma pequena empresa de venda de computadores em Porto Alegre) por um ano. Após concluir o ensino médio, Clara passou um tempo apenas trabalhando, visto que só conseguiu ser aprovada em seu terceiro exame vestibular.

Religião

Os pais de Clara são católicos praticantes (pelo menos durante sua infância), participavam das atividades da paróquia, de festas religiosas, etc. Clara, por outro lado, não se considera uma pessoa religiosa, apesar de, na sua infância, ter participado das atividades juntamente com seus pais.

Política

No ensino fundamental, Clara iniciou um envolvimento com política, o que contribuiu para que ela se interessasse mais ainda pelas disciplinas de ciências humanas. Apesar de seu envolvimento com política, essa não foi uma disposição que Clara herdou de sua família, que não tinha nenhum envolvimento formal com a política. O pai de uma amiga sua era membro de um partido político de esquerda (que à época governava tanto o município no qual Clara morava quanto o município onde ela estudava no ensino médio). Ela passou a acompanhar essa amiga nas atividades do partido e passou, então, a se envolver. Essa amiga era sua colega da escola de ensino fundamental (o qual ela cursou em suas séries finais em uma escola próxima a sua casa).

Hoje, Clara, não é filiada a nenhum partido, embora continue envolvida com política (mas não a política partidária). Ela continua se considerando uma pessoa de esquerda, participa de uma organização política e se definiria, atualmente, como anarquista (ideologia com a qual ela foi se identificando ao longo de seu curso de graduação).

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais.

Clara não se considera autodidata em nenhum assunto e acredita que tem péssima disciplina. Nas suas palavras, ela precisa "estar envolvida com o processo de ensino-aprendizagem". Além do curso de ciências sociais, Clara não iniciou ou cursou nenhum outro curso técnico ou superior. Quanto aos cursos não regulares, ela fez alguns cursos de línguas estrangeiras, como inglês, espanhol e, mais recentemente, francês. No ensino fundamental, Clara participou de um grupo de teatro na sua escola.

Ela relata ter o hábito de ler materiais de "como fazer" na Internet. Quando criança, Clara gostava muito de ler dicionários enciclopédias, buscar o significado das palavras que ela ainda não conhecia. Levando em consideração esses dados, não fica claro qual tipo de disposição de aprendizagem predomina em seu habitus. Se por um lado, Clara não se considera uma pessoa autodidata, que necessita de modos formais de aprendizagem para "se disciplinar", por outro, tem relações um pouco mais fluídas e informais com a cultura escolar em outros momentos.

Ascetismo e Hedonismo

Clara acredita ter facilidade para concentrar-se e não sofre com dispersão. Apesar disso, como é "velha" (ou seja, de acordo com ela, foi socializada numa época em que internet não era tão comum), antigamente, esse problema era ainda menor, pois a Internet é uma ferramenta dispersiva muito poderosa. Quando necessita dedicar muitas horas a alguma tarefa que exija bastante concentração, ela prefere ir para alguma biblioteca, para "desligar do mundo".

Atualmente, devido aos seus compromissos profissionais e acadêmicos (lembramos que ela é doutoranda e professora de um Instituto Federal), Clara acaba tendo muitas tarefas para realizar e, por conta disso, acaba deixando para última hora ou mesmo atrasando algumas delas. Raramente, porém, ela diz atrasá-las de fato, apesar de citar a qualificação de seu projeto de tese de doutorado, que, no momento da entrevista estava atrasada.

Ela relata não ter hábitos de alimentação pré-determinados, diz que costuma comer o que lhe dá vontade. Quanto às atividades físicas, ela diz que pratica caminhada, embora não seja um hábito que ela consiga manter de forma constante. Aqui, da mesma

forma, vemos tensões entre disposições ascéticas (que parecem predominar) com algumas disposições mais hedonistas (principalmente aquelas ligadas à alimentação e às atividades físicas). Não obstante, a incorporação de disposições ascéticas em relação ao mundo da cultura socialmente legítima parece tê-la favorecido na sua trajetória no espaço social.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade:

Clara atualmente trabalha como professora em um instituto federal. Ela acredita que as regras no seu ambiente de trabalho são bastante justas e adequadas, pois há bastante tempo disponível para atividades extraclasse. Ela considera "chata", porém, a burocracia e papelada a que os professores estão submetidos em relação às atividades administrativas. Ela raramente se atrasa para algum compromisso.

Como, desde a infância, Clara lia muito, isso a ajudou a desenvolver uma boa memória visual. Assim, ela não recorda ter tido, em nenhum momento, dificuldades de adequação com a norma culta da língua portuguesa escrita. Por outro lado, ela conta ter demorado certo tempo até "se soltar" com a fala, visto que, no começo, estranhou o jargão acadêmico da universidade. Assim, a fala necessitava de uma maior hipercorreção em relação à escrita: todo o cuidado com a concordância, os plurais, etc. que na língua escrita já não eram necessários, pois vinham "naturalmente". A habilidade de usar a fala de forma formal teve que ser adquirida conscientemente. Quanto às prescrições médicas, Clara diz que, atualmente, costuma cumpri-las quase que integralmente.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Ela tem, de longa data, a disposição para a leitura de ficção. Atualmente, devido à alta carga de atividades, ela não lê tanto. Ainda assim, até o momento da entrevista (em Agosto), ela havia lido quatro livros não relacionados com a sua área de trabalho. Quanto a livros de não-ficção, como biografias, livros históricos, de divulgação científica, etc. ela lê menos. Auto-ajuda ela diz nunca ter lido. Além disso, sua profissão (professora da área das ciências humanas e doutoranda) faz com que ela tenha que estar constantemente lendo materiais relativos à sua área.

Ela procura ir ao cinema, ao menos, uma vez por mês. Mesmo assim, ela afirma assistir muitos filmes em casa, sempre que há algum tempo disponível. Quanto ao gênero, ela prefere dramas, filmes históricos, a produção recente do cinema nacional, cinema argentino e latino-americano em geral (um hábito que ela criou enquanto estudava a língua espanhola). De vez em quando, ela vê filmes europeus e americanos. Esse hábito de assistir a filmes vem desde a sua infância, pois uma de suas tias costumava levá-la frequentemente ao cinema. Quanto ao estilo de música, Clara prefere MPB, algo que, segundo ela, vêm desde sua adolescência (algo ligado à sua militância política, pois ela preferia não escutar músicas em inglês e buscava valorizar "o que é nacional"). Nos últimos 12 meses, Clara foi duas vezes a concertos, a vários museus e, também, ao teatro (lembramos que ela participou de um grupo teatral em seu ensino fundamental). Ela não acompanha nenhum esporte e quase não vê TV. Como se nota por essas informações, suas disposições são, atualmente, as disposições típicas das frações da classe média mais dotadas de capital cultural.

Disposições estéticas e utilitárias

Nos seus momentos de lazer, Clara gosta muito de sair, ir a shows, etc. Nos últimos dois anos, desde que foi nomeada no Instituto Federal, seu principal investimento é viajar nas férias (ela conta que, agora, devido à maior disponibilidade financeira isso é possível). Suas últimas viagens foram para países da América do Sul, México e para a Inglaterra.

Entre alimentos doces ou salgados, ela prefere alimentos doces e sua carne preferida é peixe. De modo geral, ela não varia as suas vestimentas de trabalho e de lazer. Ela prefere comprar suas roupas em lojas pequenas e não gosta de usar roupas de marcas.

Aqui também notamos disposições que são típicas das frações de classe média fortemente dotadas de capital cultural. Seus hábitos de lazer, sua alimentação, seus hábitos de se vestir, tudo lembra essas frações de classe.

Passividade e proatividade

Clara nunca precisou coordenar uma equipe e, mesmo com seu envolvimento com a política, ela nunca concorreu a nenhum cargo, com exceção, de, recentemente,

para a coordenação de um curso no seu local de trabalho (sendo que não conseguiu ser eleita). Nesse sentido, não encontramos nenhuma tendência à proatividade visível em suas disposições.

Trajectoria acadêmica:

Pré-universitária

Como os pais de Clara não estudaram além do primeiro grau, ela acreditava que valorizar os estudos era algo muito importante, mesmo que não houvesse o exemplo dentro de sua casa. Devido à situação econômica da família, a única possibilidade - na época - de prosseguir os estudos além do nível médio era a universidade federal.

Seu primeiro vestibular foi para jornalismo (no qual ela não foi aprovada), embora afirme que não estava, naquele momento, muito motivada com as perspectivas profissionais abertas pelo curso. Já a escolha do curso de ciências sociais foi, segundo ela conta, pautada por uma relação de custo e benefício. A partir das áreas com as quais tinha afinidade, ela procurou escolher alguma que pudesse lhe garantir uma melhor situação no mercado de trabalho. Na época, ela imaginou que ciências sociais era o curso, dentre aqueles com os quais ela tinha afinidade, que melhor cumpria esse papel, embora ela não pensasse em se tornar professora. A baixa densidade de candidatos também ajudou na escolha. Mesmo assim no primeiro vestibular para esse curso (o seu segundo vestibular geral) ela também não foi aprovada, devido ao ponto de corte. Já no seu terceiro exame, ocorreu, finalmente, a tão esperada aprovação (e dessa vez classificada entre os primeiros colocados).

Dentre as pessoas que lhe incentivaram a cursar ensino superior, Clara lista sua mãe, alguns professores do ensino médio e uma amiga, que foi sua colega de estágio na Fundação de Arte e Cultura, que estava iniciando o mestrado (algo que Clara diz que nem sabia que existia) e a partir de então, passou a acompanhar os assuntos relacionados ao mundo acadêmico.

No ano em que foi aprovada, Clara foi agraciada com uma bolsa parcial em um cursinho pré-vestibular de Porto Alegre, o que ela acredita que tenha contribuído bastante para sua aprovação, dado o enfoque que o cursinho dava nos conteúdos e "macetes" necessários para o exame. Os vestibulares em si não foram uma experiência

agradável. Na época eram cinco dias de provas, o que era muito cansativo, sem mencionar o estresse psicológico advindo das camisetas dos cursinhos famosos e das fisionomias típicas da classe média porto-alegrense com as quais Clara não estava acostumada. Ela esperava a aprovação, embora não imaginasse que acabaria entre os primeiros colocados (o que foi para ela um alívio e a possibilidade de iniciar uma trajetória diferente).

Universitária

Clara sentiu dificuldades iniciais para acompanhar os conteúdos e pensava que sabia menos que muitos de seus colegas. Como ela trabalhava durante o dia, tinha pouco tempo para efetuar as (muitas) leituras exigidas no curso. "Quando, na primeira aula, o professor falou em 'estruturas estruturadas e estruturantes', eu me perguntei sobre o que estava fazendo ali". Embora, até hoje, ainda sinta algum estranhamento com a área, ao longo do curso, tudo foi se tornando mais claro.

Durante todo o curso, ela trabalhou. No primeiro ano, ela trabalhou fora da universidade, mas logo no segundo ano trabalhou em uma das revistas acadêmicas do *campus* e depois em uma bolsa de extensão, na qual permaneceu por dois anos. Após isso, voltou a trabalhar fora da universidade, como freelancer um grupo de teatro. Ela também contou com alguns benefícios da assistência estudantil da universidade. Clara não participou de intercâmbio ao longo da graduação. Ela se formou em cinco anos na licenciatura (e um ano e meio depois ela concluiu o bacharelado). A sua formatura foi em palco, com a presença de sua família. Como foi a primeira pessoa de sua família a ingressar em uma universidade pública e também a primeira a se formar, isso dá uma carga emocional especial à cerimônia de colação de grau em palco, no salão de atos da universidade.

Pós-universitária

Depois de se formar na licenciatura, ela cursou uma especialização *lato sensu* em educação à distância. Ela acredita que o curso de ciências sociais tende a valorizar, mais que outras áreas, a pós-graduação *stricto sensu*. Assim, o mestrado e o doutorado são as "saídas" profissionais mais legítimas e valorizadas. Sendo assim, ao longo do curso, a disposição para cursar o mestrado foi se definindo cada vez mais. Após concluir

o curso de bacharelado (depois de concluir a licenciatura), ela conseguiu um contrato emergencial no mesmo instituto federal no qual ela trabalha hoje. Assim, ela nem pretendia fazer a seleção para o curso de mestrado naquele ano, porém foi incentivada pelo professor que havia a orientado no seu trabalho de conclusão de curso. Ela aproveitou o recesso de final de ano para estudar para a prova teórica, o que rendeu bons resultados, visto que foi aprovada na seleção (também entre os primeiros colocados).

Ela ganhou bolsa de mestrado desde o início, o que a fez se exonerar do contrato temporário no instituto federal. Alguns meses depois, porém, ela foi aprovada em um concurso para a mesma instituição, dessa vez de forma efetiva, o que a fez desistir da bolsa para ser nomeada. Ela concluiu o mestrado e, alguns meses depois, foi aprovada no doutorado (ainda na mesma universidade em que ela estudou desde o início da graduação). Atualmente, ela está cursando o doutorado e continua como professora do Instituto Federal, onde dá aulas de sociologia na educação de jovens e adultos, ensino médio e graduação.

5.3 (Caso 3) Bernardo Peres: uma trajetória escolar rápida e ascendente, apesar da raridade de capitais familiares.

Bernardo Peres tem 33 anos e é professor universitário. Casado, pai de um filho, é técnico em telecomunicações, graduado em ciências sociais, mestre em políticas sociais e doutor em sociologia por uma universidade alemã. Seus pais têm apenas o ensino fundamental e eram trabalhadores precários no interior carioca.

Espaços de Socialização:

Família

O pai de Bernardo nunca teve uma profissão definida, sempre foi um trabalhador precário em várias atividades... já teve uma pequena venda e uma Kombi para vender coco na praia. Atualmente trabalha com peixe. Durante uma época ele teve um pequeno sítio, que foi a atividade mais estável que ele exerceu. A mãe de Bernardo é auxiliar de serviços gerais, terceirizada, em uma escola do município. A família, porém, nunca chegou a passar necessidades. Nunca chegaram a passar fome, nem nunca faltou dinheiro para coisas muito básicas, como remédios. Era uma época, contudo, de muita

preocupação com isso. Se por um lado, havia dinheiro para coisas básicas, por outro, não sobrava dinheiro para coisas "supérfluas", como gastar nas festas da pequena localidade ou com brinquedos, por exemplo.

Seu pai chegou a ficar desempregado algumas vezes. Como ele nunca chegou a ter um emprego fixo, ficar desempregado era muito mais ficar sem alguma atividade que garantisse o sustento da família, já que ele nunca teve vínculos formais. Quanto a escolaridade, o pai de Bernardo tem a quarta série. A sua mãe concluiu, recentemente, a oitava série, através de curso EJA. Bernardo é da primeira geração de sua família que tem diploma, nenhum tio teve qualquer diploma. Por outro lado, quase todos os primos - e seus irmãos - obtiveram diploma após ele. Temporalmente, porém, por ser o primo mais velho, Bernardo foi o primeiro.

A família de Bernardo, apesar de incorporar poucos capitais, era uma família, ao que parece, bastante estruturada do ponto de vista moral. Ele ressalta que, apesar de ter nascido em uma família pobre, teve uma "socialização primária" típica de classe média. Foi poupado da obrigação do trabalho, principalmente por influência de sua mãe. A prioridade total era o estudo, nada diferente do que acontece em uma família típica de classe média, apesar da origem popular da família. Tanto é que ele se recorda de amigos inteligentíssimos, colegas até a 5ª série, que após esse período, precisaram trabalhar. Ele tem dois irmãos mais novos. Sua irmã, cinco anos mais nova que ele, cursou serviço social e seu irmão, 14 anos mais novo, está começando a graduação agora. Tanto um quanto outro entrou na universidade logo após o ensino médio, assim como Bernardo.

Geografia

Bernardo nasceu em uma pequena vila rural do interior do município de Campos dos Goytacazes, no norte do Rio de Janeiro. Na época a vila possuía cerca de 400 habitantes. Na verdade, seu nascimento se deu em uma maternidade, mas ele foi à cidade apenas para nascer. O lugarejo rural onde Bernardo morou até os 15 anos fica a 50 km da universidade onde hoje ele trabalha. Como seus pais ainda vivem lá, ele o visita com bastante frequência. É uma vila rural com uma pequena concentração urbana, com uma pequena rua. Ele tem boas lembranças de sua infância, mas no lugarejo não havia muitas atividades além de jogar futebol e o circo que vinha às vezes. Como a vila situa-se próxima da BR 101, havia muito movimento. Logo, apesar de situar-se no

interior, a vila era de fácil acesso. Os moradores da vila eram, em geral, trabalhadores rurais. Os que não eram trabalhadores rurais tinham uma propriedade pequena, de no máximo 20 hectares.

Após os 15 anos, Bernardo se mudou de lá. Com essa idade, ele passou a morar na sede de um distrito de Campos, já que estava estudando na sede urbana, em uma escola técnica federal. Como ele precisava levantar todo dia cedo, isso inviabilizaria que ele fosse da sua pequena vila rural até a escola diariamente, mas na sede do distrito havia ônibus até a cidade, mas mesmo assim ele perdia de uma hora a uma hora e meia no trajeto. Assim, ele precisava permanecer durante toda a semana na casa de uma tia, na sede do distrito, embora ele continuasse a ir aos fins de semana para a vila onde seus pais até hoje moram. Quando Bernardo passou para a graduação, ele passou a morar em Campos, perto da universidade, onde reside até hoje. É um bairro que, atualmente, é de classe média, mas fora um bairro de classes populares, que ficava numa região periférica da cidade, sem nenhuma grande atividade que o valorizasse, mas com a chegada da universidade, em 1993, iniciou-se a gentrificação do local. Ainda assim, existem muitos outros bairros mais elitizados na cidade. Além de remanescentes da população original, no local vivem muitos estudantes e alguns professores da universidade.

Escola Básica

O ensino fundamental de Bernardo foi cursado em uma escola rural da vila onde passou a infância. Já no ensino médio, ele estudou em uma escola técnica federal, um CEFET de Campos. Como ele cursava, então, o ensino médio e técnico (em telecomunicações), durante a manhã, ele estudava no ensino médio propedêutico e à tarde no curso técnico em comunicações, de forma concomitante. Bernardo se lembra de sua escola média como um espaço fundamentalmente progressista, onde novos horizontes foram abertos para ele: uma escola pública, mas ao mesmo tempo melhor - sob qualquer critério - do que as próprias escolas particulares locais. Não que ele considerasse que as suas outras escolas públicas tivessem sido ruins, mas o CEFET era muito melhor - havia quadras, piscinas, etc. e a própria socialização política, com grêmios, política partidária, etc. a liberdade de não precisar permanecer na aula caso não quisesse, não havia qualquer tipo de fiscalização nos pátios. Era um ambiente, que, para ele, era totalmente progressista.

O CEFET, naquela época, era uma escola na qual todos desejavam ingressar. Havia um primo seu que havia estudado lá, além de outra pessoa da pequena vila. Assim, desde pequeno, ele via esses indivíduos como duas referências de pessoas que estudaram e conseguiram mudar de vida através do estudo. Da mesma forma, ele tinha, à época, muito interesse por eletrônica. Ele considera que era o máximo de aspiração possível a se ter naquela época, embora fosse uma escola que era desejada por muitas pessoas da classe média. Seus colegas provinham de várias classes sociais e a escola era um ambiente fundamentalmente policlassista, embora a maioria deles fosse de classe média, da própria sede do município, provavelmente algo como dois terços. A presença de estudantes de classes populares, nessa escola, não era rara. Havia um programa que oferecia cursos preparatórios para a prova de ingresso (semelhante a um vestibular na época) nessa escola para candidatos oriundos de classes populares. Apesar disso, Bernardo não chegou a fazer a prova, porque, nesse programa, os alunos que tirassem as notas mais altas, como foi seu caso, "passavam" direto.

Vários professores o marcaram, principalmente três professores de história, sendo um no ensino fundamental (na escola na sede do distrito, onde ele estudou as séries finais do ensino fundamental, pois em sua pequena vila só era oferecida até a quarta série) e duas no CEFET. Esse professor do ensino fundamental foi para Bernardo uma espécie de inspiração, pois ele admirava muito suas aulas. Já no CEFET, apesar de fazer um curso técnico, ele se interessava muito pelas aulas de ciências humanas. Eram duas professoras de história, sendo que ele ficou amigo de uma delas, já que faziam várias atividades políticas juntos. Essas duas professoras o marcaram muito, provavelmente, elas influenciaram-no bastante em seguir uma carreira na área de ciências humanas.

Profissionalização

Antes da universidade, Bernardo nunca trabalhou de forma formal e regular, mas, durante as férias, iniciando por volta de seus 15 ou 16 anos, trabalhava em alguns trabalhos ocasionais e precários - de servente de pedreiro a lavouras de café, como uma forma de obter seu próprio dinheiro e "tomar umas cervejas" de vez em quando. Não houve, porém, qualquer pressão de sua família para que ele fizesse tais trabalhos. Houve uma vez, inclusive, na qual ele conseguiu um estágio no próprio CEFET, que, para as necessidades de um adolescente de classe popular pagava um "bom dinheiro", algo

como meio salário mínimo. Seus pais, porém, acharam melhor que ele se dedicasse somente aos estudos. Bernardo foi poupado do trabalho por sua família, que, através de certo esforço, permitiu-lhe uma escolarização típica das classes médias, onde um recurso escasso - o tempo para o estudo - é um dos principais aliados dos estudantes delas oriundos.

Religião

A família de Bernardo é católica praticante. Bernardo participava das atividades da Igreja junto com sua família, fez catequese, crisma. Até hoje, ele se considera uma pessoa religiosa, católico que vai à missa pelo menos uma vez por semana, participa de festas de padroeira, etc., apesar de ter se distanciado de alguns ritos, como a confissão. A sua esposa, porém, é evangélica, da Igreja Metodista. Ele considera que a religião tem, até hoje, uma grande importância na sua vida. Apesar disso, houve momentos de sua vida na qual ele se sentiu menos religioso, desde um pouco antes da graduação até a metade do seu curso, embora nunca tenha se considerado ateu - um ateu é, em sua opinião, outro tipo de religioso. Ele considera que, nessa fase de sua vida, seus interesses estavam voltados para outras esferas que não a religião. Contudo, após o nascimento de seu filho (há três anos), seu sentimento religioso voltou com toda a força.

Política

A sua família nunca participou de associações, sindicatos, partidos, etc., com exceção de um tio, que participava de uma associação de produtores de leite, principalmente devido aos benefícios que os membros dessa associação auferem por fazer parte dela. Por outro lado, ele próprio teve uma socialização política bem mais forte. Ele chegou a participar do grêmio estudantil do CEFET onde estudou, como militante e vice-presidente da entidade, bem como também foi vice-presidente da associação de estudantes de Campos. Partidariamente, ele já militou em partidos de esquerda. Apesar disso, durante a graduação, ele diminuiu bastante sua militância política, visto que a sua prioridade, no momento, era o bom aproveitamento do curso. Atualmente, segundo ele próprio, sua militância política se dá quase que só pelas redes sociais virtuais. Se pudesse definir sua ideologia, ele se diria uma pessoa de esquerda nacionalista e brizolista.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais.

Bernardo não se considera exatamente um autodidata em assuntos não relacionados exatamente a sua área de trabalho atual - a Sociologia. Ele relata ter tido muita dificuldade para aprender línguas estrangeiras. Ele consegue ler em inglês, apesar da língua estrangeira na qual ele é realmente fluente ser o alemão (lembramos que seu doutorado foi cursado na Alemanha), idioma que ele estudou por alguns anos antes de ir para lá - foi um projeto deliberado de longo prazo.

Com exceção de sua formação escolar (ensino técnico, graduação, mestrado e doutorado), ele não fez nenhum outro curso formal ou informal, a não ser os cursos de línguas e cursos religiosos. Ele nunca teve o hábito de ler guias, manuais, enciclopédias, etc. Um hobby relacionado à leitura que ele afirma ter tido foi o de revistas como a National Geographic, já que ele gostava bastante - por volta de seus 10 anos de idade - de paisagens, principalmente paisagens urbanas. É possível inferir que suas disposições para a aprendizagem estão, sobretudo, relacionadas à - e foram incorporadas na - educação formal e escolar. Apesar de ter estudado alemão durante três anos, antes de ir cursar seu doutorado em Leipzig, Bernardo estudou essa língua com o objetivo claro de utilizá-la em seu doutorado. Mesmo após três anos de estudo, ele ainda teve bastante dificuldade com o idioma germânico, que, como todos sabem, é uma língua bastante complexa para se aprender. Sua tese precisou ser escrita em alemão, o que deve ter sido bastante complicado. Ao contrário das crianças de classe média de sua época, que se relacionavam com a cultura escolar principalmente através de enciclopédias impressas, Bernardo não teve esse hábito em sua infância. Como ele diz, "o que eu lia na infância eram gibis".

Ascetismo e Hedonismo

Ele acredita que tem uma enorme facilidade para se concentrar, apesar de hoje tê-la menos do que em outras épocas. Segundo ele, essa foi uma das características pelas quais já foi bastante elogiado. Durante a graduação em Ciências Sociais, ele dava aulas em uma escola bastante problemática. Muitas vezes, ele delegava tarefas para os alunos realizarem, de forma que ele pudesse estudar (o que ele conseguia, mesmo com todo o

barulho). Segundo ele, sua graduação foi bastante ascética. Ele também acredita que tem bastante capacidade de concentração, apesar de, segundo ele, essa capacidade ter diminuído um pouco recentemente. Quando necessita realizar alguma tarefa que exija concentração, ele tem um lugar específico para isso. Mesmo quando, no seu ensino fundamental, ele não possuía um quarto só seu, ele reservava um canto para isso na sua sala - ou então em alguma biblioteca. O "ritual" pelo qual se desliga do mundo cotidiano para entrar no mundo do saber escolar precisava ser cumprido. Durante a graduação, ele e um amigo costumavam realizar "noites de estudo", quando coavam uma garrafa térmica de café para virar a madrugada lendo.

Ainda de um tempo para cá, ele acredita que passou a "relaxar" um pouco. Enquanto antes nunca deixava alguma tarefa importante para a última hora, agora o faz algumas vezes, embora não costume atrasá-las (no momento da entrevista, por exemplo, ele tinha várias provas aguardando a correção). Não obstante, sempre foi bastante disciplinado com prazos. Para se ter uma ideia, ele afirma nunca ter ido a uma aula da graduação sem ter lido a bibliografia específica para aquela aula. Quanto à sua alimentação, agora ele se mostra mais regrado, embora não por orientação médica, mas porque "já não é mais um menino". Costuma ficar um tempo sem beber, corta a gordura muitas vezes, etc., embora afirme que "come de tudo". No momento, ele não pratica nenhuma atividade física, o que considera um problema na sua vida, embora antigamente praticasse atividades mais lúdicas, como futebol, ciclismo amador, corrida. Durante sua infância, como a maioria as crianças de classes populares, passava grande parte de seu dia brincando na rua.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade

Atualmente, Bernardo é professor de uma grande universidade pública do norte do RJ, mesmo que há pouco tempo (desde o segundo semestre de 2014), mesmo local onde foi bolsista de pós-doutorado (e concluiu sua graduação e mestrado). Assim, ele conhece bastante as normas e regulamentos de seu local de trabalho, que ele considera muito adequados. São duas aulas por semana e há bastante tempo para produzir e fazer pesquisa.

Quando entrou na graduação, Bernardo sentiu dificuldades com a adequação à norma escrita da língua portuguesa, já que no ensino médio, de caráter técnico, não

havia tanto necessidade dessa habilidade quanto numa graduação em ciências humanas. Essa adaptação, segundo ele, não foi natural, inclusive ele teve que fazer um curso de produção textual acadêmica. Havia um professor, que hoje é seu colega, que fazia a correção de seus textos. Segundo ele, os problemas eram muito mais de estilo que gramaticais ou ortográficos. Durante toda a entrevista, seu discurso se manteve dentro dos padrões da norma culta, tanto no estilo quanto na entonação.

Nas poucas vezes nas quais recebe prescrições médicas, Bernardo afirma segui-las à risca. Ele acredita ter uma boa saúde, embora se ressinta da atual falta de atividade física. Talvez, daqui a cinco anos, se mantiver o sedentarismo, ele acredita que não estará com tão boa saúde. Como se vê, sua relação com regras, normas não é exatamente problemática, ainda que não chegue àquela disposição por hipercorreção típica de frações em ascensão da “pequena burguesia”.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Até o ensino médio, ele nunca leu um livro de literatura, o que ele somente foi fazer durante a graduação. Apesar de não costumar ler ficção (literatura, contos, poesia, etc.) até a conclusão do ensino médio, Bernardo diz que, ao longo da graduação, criou tal hábito, que mantém até hoje. Mesmo assim, ele lê pouco, cerca de um livro por semestre. Ele costuma escolher um autor que gosta. Segundo ele, é possível contar nos dedos os livros de ficção que leu, dentre eles, alguns autores do panteão escolar, como Machado de Assis e Guimarães Rosa. Quanto à não-ficção (não relacionadas à sua área de trabalho), ele costuma ler biografias, divulgação científica (para se inteirar do que está sendo discutido em outras áreas, ele diz).

Como a oferta de cinema em sua cidade não é das melhores, ele acaba vendo muito filmes em casa, sendo que seu gênero preferido é o de documentários. Quanto aos cineastas, ele tem uma enorme admiração por Mazaropi (segundo ele, ninguém consegue captar o drama do processo de modernização na transição do rural para o urbano no Brasil tão bem quanto este cineasta). Houve um tempo em que tentou se interessar por impressionismo alemão, por Bergman, etc. Ele até não acha ruim, mas, não é seu tipo de filme preferido. Desde o início da graduação, ele não tem o hábito de ouvir música muito frequentemente, embora tenha passado todo o doutorado sem praticamente nunca fazê-lo. É uma disposição que, segundo ele, está atrofiada.

Nos 12 meses anteriores à entrevista, Bernardo não foi a nenhum concerto de música erudita, ópera, etc. Segundo ele, a única vez na qual ele foi a uma dessas atividades, um balé, foi quando fazia o doutorado na Alemanha, em Leipzig, mas mesmo assim "obrigado" pelo professor. Dependendo dele, ele não iria, pois não é algo de seu gosto. Também nos últimos 12 meses, ele foi a alguns museus ou exposições. Museu do Índio no Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa, Palácio do Catete, etc. Já ao teatro, ele não foi durante os últimos 12 meses. Ele acompanha futebol, vôlei e basquete pela TV, mas o futebol é o centro de suas atenções em matéria de esportes. Seu time do coração é o Flamengo.

Suas disposições em relação à cultura legítima são ambivalentes. Não é de total oposição, mas Bernardo não tem incorporadas muitas das disposições necessárias a ela. Não obstante, em alguns momentos de sua vida, ele tentou incorporar uma boa vontade cultural para apreciá-las, como evidencia sua relação com o cinema e a literatura.

Disposições estéticas e utilitárias

O trabalho de professor universitário e de pesquisador não tem como uma de suas características uma distinção muito forte entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, como há em outras profissões. Atualmente, no seu tempo de lazer, Bernardo "toma cerveja, assiste filmes e faz sexo". Ainda assim, nas férias, ele costuma viajar, principalmente para casas de seus parentes, seus pais, seus avós, para a praia, quase sempre no estado do Rio de Janeiro. Quase nunca ele vai para um hotel. Talvez, agora que sua situação econômica está mais sólida, ele pense em viajar de uma forma mais "tradicional", mas até agora, viajar é ficar na casa de alguém.

Quanto à alimentação, Bernardo prefere equilibrar a alimentação entre comidas leves e pesadas, mas atualmente tenta fazer a balança pender para os alimentos leves, quase nunca usa gordura, procura fazer a comida no forno, come muita salada, etc. Entre alimentos doces e salgados, ele prefere os salgados. Quanto ao vestuário, não há uma distinção clara entre seu vestuário no trabalho e no lazer, visto que não há a necessidade de uso de roupas formais na universidade. A única distinção, segundo ele, é quando, aos fins de semana, vai visitar seus pais no campo. Ele não possui um lugar específico para comprar suas roupas, mas quase sempre o faz em lojas populares. Aqui

notamos que, apesar da forte ascensão social, Bernardo mantém disposições bastante utilitárias, típicas das classes populares.

Passividade e proatividade

Ele conta já ter coordenado uma equipe de pesquisa sociológica, num amplo trabalho qualitativo. Ele era o primeiro na hierarquia após o coordenador, um renomado sociólogo brasileiro. A equipe se dividia em dois pólos, um em Minas Gerais e outro no norte do Rio de Janeiro, sendo que era esse que Bernardo coordenava. Era, porém, uma orientação de estilo "comunitária", onde não havia uma hierarquia muito clara. Sua tarefa era mais gerar uma "coesão grupal" de forma mais informal.

Bernardo já concorreu para alguns cargos, como para o grêmio estudantil de sua escola, embora na graduação não tenha feito isso (durante essa fase de sua vida fica claro que foi dada uma prioridade à formação). Ele ainda não é filiado ao sindicato dos professores, mas pretende fazê-lo em breve.

Quando coordenava a equipe de pesquisa, se aparecia algum problema que demandava uma resolução sua, ele tentava fazê-lo através da negociação, da conversa, "desviando o conflito", principalmente quando havia problemas entre bolsistas, por exemplo. Nesses casos, fazia-se necessária, segundo suas palavras, uma "intermediação afetiva".

Trajetória acadêmica:

Pré-universitária

O momento no qual Bernardo decidiu cursar ensino superior se deu "totalmente por acaso", segundo suas palavras. Alguns amigos seus disseram que estavam indo à universidade realizar a inscrição e ele resolveu ir junto. Quando chegou lá, resolveu se inscrever para ciências sociais. Até aquele momento, sua ideia era seguir carreira no curso técnico que ele estava concluindo, o de telecomunicações. A escolha do curso se deu principalmente por causa da militância, uma motivação muito comum entre aqueles que resolvem cursar ciências sociais: conhecer a realidade como uma forma de transformá-la. A preparação foi bastante "natural", em casa, já que ele não fez nenhum cursinho. A experiência do vestibular não foi considerada difícil por ele, já que sua

formação de nível médio era bastante boa. O curso não era muito concorrido, mas ele estudou bastante as matérias de ciências humanas, já que seu curso técnico privilegiava bastante a formação nas disciplinas exatas.

Universitária

Assim que entrou no curso de ciências sociais, Bernardo não sentiu nenhuma dificuldade em acompanhar o conteúdo do curso. Trabalhou fora da universidade, dando aulas à noite, numa escola privada que oferecia ensino fundamental, médio e supletivo. Fora isso, teve uma bolsa sócio-econômica de apoio acadêmico, no valor de um salário mínimo, no início dos anos 2000. Ele não participou de nenhum intercâmbio. A conclusão do curso se deu em quatro anos, o tempo mínimo do curso. A formatura foi em gabinete, não houve cerimônia, dado que ele estava muito ocupado com outras coisas, como a seleção do mestrado.

Pós-universitária

Bernardo entrou no mestrado, na mesma universidade, logo após se formar. O curso era em políticas sociais, no qual ele defendeu a dissertação em dois anos e meio, sobre o fenômeno do neopentecostalismo. Ele ganhou bolsa de mestrado. Após o curso, não entrou diretamente no doutorado, mas foi trabalhar em uma pesquisa em Minas Gerais, por cerca de um ano e meio, com um professor com o qual ele trabalhava desde 2004. Após esse período trabalhando em Minas Gerais, Bernardo partiu para o doutorado na Alemanha, muito influenciado por esse pesquisador, que também se doutorou lá. Desde o final da graduação, Bernardo já pretendia fazer o doutorado na Alemanha, assim foi um projeto de longo prazo. Ele ficou os quatro anos do doutorado na Alemanha, com bolsa do governo alemão (DAAD). Foi, segundo ele, um período de muito trabalho, embora nada imprevisível. A maior dificuldade foi a língua alemã, mesmo ele tendo estudado alemão por alguns anos no Brasil. Durante a tese, ele passou a trabalhar com teoria dos sistemas e exclusão social. Assim que terminou o curso em 2012, ele ficou um ano com bolsa de pós-doutorado na sua universidade de origem e, recentemente, foi aprovado e assumiu como professor adjunto.

5.4 (caso 4) Tainã Pereira: socialização popular e ascensão social.

Tainã é uma bonita jovem negra de 29 anos de idade. Advinda de uma família operária típica da periferia porto alegre, atualmente é chefe de enfermagem em um grande hospital da cidade e cursou pós-graduação nas áreas de ciências da saúde e ciências humanas.

Espaços de Socialização:

Família

Tainã nasceu em uma família operária típica: pai metalúrgico e mãe técnica em enfermagem. Enquanto ele tinha o ensino fundamental incompleto, ela tinha concluído o ensino fundamental. Apesar de estar longe da miséria econômica, a família de Tainã passou por grandes dificuldades quando o seu pai precisou se aposentar por invalidez devido a uma doença grave. Assim, a sua pequena aposentadoria era toda consumida com clínicas e remédios, restando a sua mãe o sustento da família com seu ordenado de técnica de enfermagem. De qualquer forma, ao menos, a família não foi acometida pelo flagelo do desemprego, muito comum na época, pois a enfermagem era uma profissão que sempre teve bastante demanda.

Embora seus pais tenham baixa escolaridade, parentes colaterais de Tainã conquistaram diplomas antes dela. Uma tia é formada em história e outra em terapia ocupacional, ambas formadas em faculdades privadas. Nota-se, assim, que a família possui um forte envolvimento com a área da saúde.

Geografia

Tainã nasceu em um grande bairro periférico da zona sul de Porto Alegre, bairro no qual ela habitou até os 19 anos. Quando iniciou o curso superior, a distância até a universidade, na zona central da cidade, ocasionaria um grande desperdício de tempo de deslocamento e de dinheiro das passagens. Assim, ela se mudou para um bairro próximo à universidade, inicialmente dividindo-o com colegas. Ela habita nesse bairro até hoje.

Escola Básica

Tainã estudou seu ensino fundamental em uma escola pública do mesmo bairro onde ela passou grande parte de sua infância e juventude, mas no ensino médio percorreu um caminho comum para muitos jovens da periferia e passou a estudar em um grande colégio estadual da zona central da cidade. Essa escola, segundo ela dotada de uma proposta pedagógica tradicional, recebia estudantes de classe média baixa dos bairros do seu entorno, além daqueles que vinham da periferia.

Cabe mencionar que, nessa época, uma professora de matemática a estimulou bastante a tentar ingressar no ensino superior, inclusive lhe ministrando aulas particulares gratuitas aos finais de semana. Foi ela que a orientou para seguir uma carreira na área da saúde: a princípio, Tainã gostaria de cursar física, matéria que segundo a professora não tinha nada a ver consigo, apesar de, na escola secundária, ela não possuir nenhuma preferência especial por alguma matéria.

Profissionalização

Ela iniciou no mundo do trabalho antes do início da universidade, trabalhando em uma empresa que distribuía cartões telefônicos para "orelhões", que naquela época ainda eram bastante utilizados. Depois de ser aprovada, ela ainda continuou nessa empresa por mais de meio ano, quando decidiu não mais continuar lá, visto que isso começava a atrapalhar seus estudos devido aos complicados horários cruzados das cadeiras dos cursos de graduação da universidade federal, que não foram pensadas para o típico estudante trabalhador, mas sim para o estudante em tempo integral.

Religião

Tainã não cresceu em uma família religiosa estritamente praticante, embora formas de religiosidade sincréticas e informais se mostrassem presentes. Sua mãe frequentava o centro espírita e ela se recorda de seu falecido pai ir, às vezes, à missa. Ela própria não se considera mais uma pessoa religiosa, embora afirme tê-lo sido até os 25 anos. Não obstante, ela diz sentir falta de uma maior religiosidade.

Política

A sua família teve contato com algumas formas de socialização política: sua mãe participava do sindicato dos trabalhadores da área da saúde e, por algum tempo, militou

em um partido político. Já Tainã não participou do grêmio estudantil no seu ensino médio, embora o fizesse no diretório acadêmico do curso de enfermagem, posteriormente. Apesar disso, era uma participação mais esparsa, auxiliando em algumas atividades, não sendo colocada em um local central de sua vida.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais.

Tainã não se considera uma pessoa autodidata, não fez outros cursos técnicos ou superiores além do de enfermagem, não teve o hábito de ler guias, manuais, etc. além dos de sua área. Tainã parece ter disposições de aprendizagem muito mais voltadas ao modelo formal do que informal.

Ascetismo e Hedonismo

Tainã se considera uma pessoa dispersiva, com baixa capacidade de concentração. Muitas vezes, porém, fazê-lo se torna necessário para evitar atrasos e para que tarefas não ultrapassem os prazos. Quando ela necessita se concentrar, ela procura algum lugar específico, como uma biblioteca da universidade, por exemplo. Acontece que, devido ao trabalho e estudo acumulado (atualmente ela cursa pós-graduação), alguns atrasos acabam se acumulando.

Ela procura se alimentar de forma saudável durante a semana, embora, aos fins de semana, costume relaxar um pouco na alimentação. Quanto às atividades físicas, ela faz academia três vezes por semana, embora muitas vezes não consiga cumprir o horário à risca, devido aos compromissos profissionais e acadêmicos.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade:

Tainã trabalha em um grande hospital voltado ao público feminino. Como enfermeira-padrão, lhe cabe papéis de chefia e coordenação em relação à equipe de enfermagem. Muitas vezes, porém, ela acredita que alguns de seus colegas não cumprem suas responsabilidades, o que acaba lhe sobrecarregando. Ela acredita que deveria haver maior cobrança da direção quanto a isso. Ela procura sempre chegar antes

do horário, não tanto por medo de se atrasar, mas para ir adiantando alguns procedimentos e não deixar nada para a última hora.

Ela diz não ter sentido muita dificuldade com o uso da norma culta da língua portuguesa quando entrou na universidade, principalmente porque ela fez três anos de curso pré-vestibular e uma das matérias que ela mais estudou foi o português. Ao menos em relação ao seu trabalho, nem sempre ela cumpre as prescrições médicas, afirma, pois, muitas vezes, ela, pelo seu conhecimento da área da saúde, sabe que elas não estão corretas. Por vezes, ela acredita que há muita arrogância médica, mas ela crê que no setor no qual ela trabalha, uma UTI, o diálogo entre as áreas seja maior.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Tainã mantém disposições culturais relacionadas às classes populares. Apesar de afirmar que já teve o hábito da leitura de literatura, atualmente ela prefere dedicar seu tempo para leituras mais utilitárias, relacionadas a sua área. Além disso, ela lê algumas obras de não ficção relacionadas a temáticas religiosas ou "paranormais". Ela vai quase toda a semana ao cinema, assistindo principalmente filmes de ação e aventura, o que ela também costuma fazer em casa. Ultimamente, ela não tem ouvido música e também não foi, nos últimos 12 meses, a nenhum recital ou apresentação de obras eruditas. Ela foi uma vez ao teatro nesse período e, quando viaja, costuma visitar museus e outros pontos turísticos da localidade visitada.

Disposições estéticas e utilitárias

Tainã, além das atividades relatadas no item anterior, utiliza seu tempo de lazer para passear em um parque próximo à sua casa, visitar seus familiares, ir a algum show próximo a seu local de moradia. Seu grande momento de lazer, porém, é nas férias. Nas últimas férias, ela foi para o Nordeste, visitando cidades tais como Salvador e Aracaju. Nas próximas férias, ela pretende ir ao Caribe. Ela não tem preferência especial por algum alimento específico, não importando se leve ou pesado, segundo ela, ela gosta de

comer de tudo. Ela também não tem preferência por algum local específico para a compra de roupas, geralmente seguindo as promoções.

Passividade e proatividade

Como é enfermeira padrão em um grande hospital feminino, Tainã coordena uma equipe de vários técnicos em enfermagem. É uma posição à qual ela custou a se adaptar. Algumas vezes, teve que lidar com insubordinação de alguns técnicos que não aceitam estar sob autoridade de uma chefe mulher e negra. Houve um caso mais grave, em um hospital onde ela trabalhava anteriormente (mas que pertence à mesma rede do hospital onde atualmente ela trabalha), de um técnico de enfermagem que, apesar de ser enfermeiro formado, trabalhava ainda como técnico e não se submetia hierarquicamente à Tainã, sendo necessário que ela se valesse de sanções administrativas contra ele.

Trajetória acadêmica:

Pré-universitária

Não houve nenhum evento especial que tenha feito Tainã decidir a cursar ensino superior. Se por um lado, ela já tinha exemplos de parentes colaterais que eram diplomados (embora não por uma universidade pública), ela conta que sabia que o ensino superior era uma das formas pelas quais ela poderia ascender socialmente. Durante a maior parte do tempo, ela queria cursar medicina. Seu sonho era se tornar médica. Após a conclusão do ensino médio, ela fez três vestibulares e três anos de cursinho pré-vestibular, todo o período com bolsas parciais. Os dois primeiros vestibulares foram para o curso de medicina, no qual ela não foi aprovada. Ela costumava trabalhar durante o verão para conseguir pelo menos parte do dinheiro necessário para custear o curso pré-vestibular, sendo que durante o restante do ano ela contava com a ajuda financeira de sua mãe (seu pai estava falecido desde quando ela tinha a idade de 13 anos). Após a segunda reprovação no vestibular para medicina, ela se deu conta que não teria condições de rodar mais uma vez, pois já havia gasto bastante tempo tentando entrar nesse curso, assim, ela resolveu trocar de curso, para um que fosse um pouco menos concorrido. Como ela se interessava pela área da saúde, a escolha do curso de enfermagem foi relativamente óbvia. Depois do vestibular, ela já imaginava, pelos prognósticos, que seria aprovada, fato que se confirmou no dia da

divulgação do listão (ela fez questão de ir até a reitoria da universidade para ter acesso ao listão antes que ele fosse divulgado pela internet ou pela imprensa).

Universitária

Durante a graduação, Tainã tentou conciliar algumas atividades remuneradas para se manter em seu curso. Primeiramente, ela trabalhou em uma bolsa administrativa dentro da própria universidade, após fez parte de um projeto de extensão voltado para alunos oriundos de classes populares, que dava acesso a uma bolsa um pouco melhor para os padrões da época, o que foi de grande valia para ela. Antes de se formar, ela ainda estagiou na prefeitura municipal e assumiu como concursada na companhia de energia elétrica. Ela conta que no final do curso, era difícil conciliar tantas atividades. Não obstante ela se formou no tempo mínimo do curso, em cinco anos, tendo uma trajetória acadêmica satisfatória. Ela conta não ter se deparado com grandes dificuldades em relação ao conteúdo do curso. A sua formatura, em grande parte devido à sua família, foi feita em palco, com direito à cerimônia e discurso seu, diante do reitor, em defesa das políticas de reserva de vagas.

Pós-universitária

Um pouco antes de se formar, Tainã prestou concurso público para um grande grupo hospitalar do governo federal, concurso no qual ela foi aprovada, sendo empossada pouco mais de um ano após sua formatura. Ela trabalhou no principal hospital da rede por cerca de três anos e, após, pediu transferência para outro hospital, tanto para mudar um pouco de ambiente quanto para poder trabalhar mais próxima de sua casa. Ela cursou pós-graduação em especialização em saúde pública, na Escola de Saúde Pública do Estado e, após a conclusão da especialização, ingressou no mestrado em Sociologia, na segunda seleção que tentou. Atualmente, ela está em fase de conclusão da dissertação, após ter trancado o curso por um período, e planeja o ingresso no doutorado. Seus planos para o futuro estão ligados ao trabalho como pesquisadora na área de saúde ou sociologia da saúde, em alguma instituição do ministério da saúde, ou mesmo em alguma universidade.

5.5 (caso 5) Rodrigo Brasil: variabilidade de disposições e forte ascensão.

Rodrigo tem 38 anos, é alto, forte, com pele morena. Natural do sul da Bahia, atualmente é professor universitário na Região Centro-Oeste do Brasil. Vêm de uma família com baixíssima incorporação de capitais e em suas disposições notamos as contradições típicas daqueles que passam por forte ascensão social: por um lado disposições típicas das classes populares em algumas esferas e em outras, disposições mais típicas das classes médias e altas.

Espaços de Socialização:

Família

O pai de Rodrigo era proprietário de uma pequena relojoaria no Sul da Bahia, enquanto sua mãe era dona de casa. Se seu pai havia completado o ensino fundamental, a sua mãe havia interrompido os estudos ainda nesse nível. De qualquer forma, seus pais se separaram quando ele ainda era uma criança pequena, o que fez com que o sustento de Rodrigo e de suas três irmãs passasse a ser responsabilidade de sua mãe. Segundo Rodrigo, a situação econômica de sua família até o momento em que seu pai os deixara era tipicamente de classe média baixa (eles tinham carro, casa própria e nada faltava para suas necessidades básicas). Como desde então ele deixou de contribuir totalmente para o sustento dos filhos, a situação da família piorou bastante, apesar dos grandes esforços da mãe de Rodrigo, que se engajava em vários trabalhos precários para tentar suprir minimamente as necessidades familiares básicas. Durante a maior parte do tempo, ela foi revendedora avulsa de roupas e calçados "de porta em porta".

Apesar da sua família paterna possuir capital econômico de pequeno monta, tanto ela quanto sua família materna parecem ser despossuídas de capital cultural. Rodrigo foi o primeiro a conquistar um diploma de nível superior. Depois dele, com a ajuda dos programas recentes do governo federal, um irmão de seu pai se formou dentista.

Geografia

Rodrigo nasceu em uma cidade de porte pequeno para médio no sul da Bahia, na zona cacauzeira, cidade na qual passou sua infância e adolescência. Ele descreve o bairro

onde morava como um espaço de classes populares. A maioria das casas era de alvenaria, mas muitas delas eram incompletas, sem reboco, ou com tijolos à mostra. Após se mudar dessa cidade, sua trajetória geográfica acompanhou sua trajetória de ascensão no campo escolar. Como sua cidade natal distava bastante de Salvador (o grande centro de ensino baiano), algumas cidades do Espírito Santo eram opções mais realistas. Assim, ele se tornou interno de uma escola agrícola federal situada em uma cidade do norte capixaba. Lá ele não pagava nada e recebia comida e alojamento. Após um período trabalhando como técnico agrícola na mesma cidade da escola, Rodrigo foi aprovado para o curso de agronomia, em uma universidade federal do mesmo estado. Assim, ele se mudou para outra cidade, na serra capixaba (na qual sua família reside atualmente). A pós-graduação, porém, ele foi cursá-la em uma grande cidade do norte carioca, em uma universidade estadual daquele estado. Mesmo assim, ele se deslocava frequentemente até a cidade da serra capixaba na qual cursou a graduação, onde morava sua namorada e atual esposa. Houve o intervalo de alguns meses no qual ele morou em Portugal, onde fez seu doutorado sanduíche e, após seu retorno e defesa da tese, voltou a morar na cidade da sua agora esposa (agora com bolsa de pós-doutorado).

Alguns meses depois, porém, ele foi aprovado em um concurso para docente de um Instituto Federal no Mato Grosso do Sul, onde mora desde então (não obstante, sua família continua morando no Espírito Santo, onde ele procura estar com a máxima frequência). Ele pretende pedir transferência para algum Instituto Federal capixaba onde possa trabalhar mais próximo de sua família, mas antes é necessário que se cumpra o período do estágio probatório.

Escola Básica

Rodrigo, ao longo de toda sua trajetória de escolarização, estudou em escolas públicas. Primeiro foi o ensino fundamental, ainda em sua cidade natal, cumprido de forma regular e, depois de um lapso de alguns anos sem estudar, seu ensino médio foi cumprido em uma escola técnica agrícola mantida pelo governo federal, no qual ele estudava sob regime de internato. Logo após concluir seu ensino fundamental, Rodrigo necessitou trabalhar de forma integral para a manutenção dele próprio e de sua família. Aos 18 anos, quando trabalhava como ajudante de pedreiro, ele viu uma oportunidade de concluir seus estudos sem onerar sua família, quando ouviu falar dessa escola, que fornecia alimentação e moradia de forma gratuita para seus internos. Havia um processo

seletivo (ao qual se candidatavam cerca de quatro ou cinco candidatos para cada vaga), no qual Rodrigo foi aprovado. O ensino era de tempo integral: num turno os estudantes cursavam as matérias comuns do ensino médio propedêutico e no outro se dedicavam às disciplinas específicas do curso de técnico agrícola. Havia um alto grau de exigência, visto que a média necessária para aprovação era de 7,5, assim era necessário bastante esforço para atingir essa nota - o que também não era muito difícil, ele conta, visto que não havia muitas oportunidades de distração, já que eles passavam a semana reclusos na escola. Por outro lado, graças a essa grande exigência por parte da escola, Rodrigo cita que a maior parte dos seus colegas foi aprovada em vestibulares assim que concluíram a escola técnica, sem precisar recorrer aos cursos pré-vestibulares. Aliás, em relação à classe social de seus colegas, ele lembra que havia uma "cultura" de, no Mato Grosso e em Goiás, grandes fazendeiros enviarem seus filhos para as escolas agrícolas do Sudeste, que eram consideradas de melhor qualidade. Assim, se misturavam colegas "ricos" e pobres, estes atraídos pela possibilidade de qualificação profissional, aliada à comida e alimentação gratuita fornecida pela escola.

Ainda dessa escola, Rodrigo lembra com carinho de seu professor de cooperativismo, que também era de origem popular e foi um grande modelo para seu estímulo de continuar estudando. Ele conta com orgulho que, muitos anos depois, teve a oportunidade de ser colega, agora doutor, desse professor em uma universidade do Espírito Santo.

Profissionalização

Como havíamos citado anteriormente, Rodrigo iniciou sua trajetória profissional bem cedo. Com 10 ou 11 anos já vendia verduras para auxiliar na renda de sua família. No final da adolescência, ele trabalhava de forma integral como auxiliar de pedreiro, ocupação que ele exerceu até a entrada na escola técnica. Após sua diplomação, trabalhou como técnico agrícola, Rodrigo ainda trabalhou dois ou três anos nessa área, como celetista, antes de ser aprovado no vestibular para o curso de Agronomia.

Religião

A vida familiar de Rodrigo denota alto grau de sincretismo religioso. Sua mãe é umbandista e todos os membros da família frequentavam os locais de culto dessa

religião em sua infância. Hoje em dia, além da mãe umbandista, duas de suas irmãs são evangélicas, duas irmãs não têm religião e ele próprio se define como maçom. Porém, por 12 anos ele foi membro da Igreja Batista, uma igreja pentecostal, até iniciar a sua faculdade, após o que ele foi se afastando aos poucos. Não obstante, ele diz manter vários amigos desse período, um tempo que ele lembra com carinho.

Política

Apesar de não herdar de sua família nenhum grau de socialização política - dada a não participação ativa dela em nenhuma instância associativa, seja partidos, sindicatos, associações de moradores, etc., Rodrigo esteve envolvido com grupos políticos ao menos desde a escola técnica, onde participava do grêmio estudantil. Durante a universidade, houve uma relativa redução no grau de participação, mas ele conta sempre estar, de alguma forma, ligado ao movimento estudantil, embora não fosse um protagonista, já que, naquele momento, a prioridade era o estudo. Hoje, Rodrigo tem participação em várias instâncias políticas. É membro de um partido político, participa ativamente da maçonaria e também participa das eleições para cargos dentro do Instituto Federal, sendo eleito para uma das comissões superiores do órgão. Ele se define como uma pessoa de esquerda, pois acredita que tudo que conquistou em termos profissionais e de escolarização se deve às políticas adotadas por governos de esquerda.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais.

Rodrigo se considera uma pessoa musical e afirma ter bastante facilidade para aprender a tocar instrumentos de forma autodidata. Ele toca gaita, pandeiro, violão, atabaque, triângulo, violino, etc. Atualmente está aprendendo saxofone. Além do curso de graduação em agronomia e do curso técnico em agricultura, Rodrigo também cursou licenciatura em biologia, após ter concluído o curso de agronomia. Além dos cursos regulares, Rodrigo começou alguns cursos não regulares como inglês, que ele não terminou, e alguns cursos complementares vinculados a sua profissão.

Ascetismo e Hedonismo

Rodrigo afirma ter bastante facilidade de concentração e senso de responsabilidade com suas tarefas e compromissos. Como o tempo na escola técnica era bastante regulado, havendo horários especificados para a realização de cada atividade, ele mantém, desde então, o hábito de programar o horário de suas tarefas e cumpri-los. É raro acontecer de ele ter que procrastinar alguma tarefa importante, ou mesmo se atrasar com alguma pendência. Quando isso ocorre, ele conta, é por algum motivo de força maior. Apesar dessa organização toda, ele não tem um lugar específico para se concentrar e realizar tarefas que demandem desligamento do mundo. Utiliza-se, para isso, de seu próprio quarto. Nem mesmo utiliza de uma mesa: quando as tarefas precisam ser feitas no computador, ele deita-se, em sua cama, com seu notebook e as faz assim mesmo.

Por outro lado, em relação à sua própria saúde, Rodrigo é um pouco mais displicente. Como não teve "fartura" na infância, agora que suas condições financeiras são melhores, ele procura não se privar de suas vontades. Assim, quando sente vontade de comer alguma coisa mais cara, ele conta não se fazer de rogado e a compra mesmo assim, hábito que lhe garantiu um leve sobrepeso. Da mesma forma, ele já tentou iniciar a academia algumas vezes, mas nunca ficou muito tempo, não praticando, ademais, nenhuma atividade física.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade

Como o órgão no qual Rodrigo está atualmente trabalhando é relativamente novo, muitas regras internas ainda não estão muito bem definidas. Assim, há muita controvérsia relativa ao número de horas-aula que os professores precisam cumprir em sala de aula. Muitos, inclusive Rodrigo, reclamam da alta carga horária, restando pouco tempo para atividades administrativas, de pesquisa e extensão. Para complicar mais ainda a situação, a administração defende que 80% da carga horária dos professores seja cumprida em sala de aula, o que deixaria Rodrigo com apenas 8 horas semanais fora dela. Como essas regras ainda não estão definidas, porém, é mister tentar copiá-las de outros Institutos Federais que já tenham seus procedimentos internos mais formalizados, o que faz com que Rodrigo se envolva com várias questões burocráticas locais. Ele conta ter se atrasado cerca de duas vezes para compromissos no seu local de trabalho.

Como Rodrigo afirma ter cursado um ensino fundamental de péssima qualidade, em uma escola estadual, ele precisou "correr atrás" quando iniciou a escola federal. Uma das maiores deficiências em sua formação, segundo ele, foi relativa à língua portuguesa. Ele conta ter enfrentado bastante dificuldade nessa área, ainda hoje cometendo alguns deslizes. Mesmo assim, ele procura se policiar com a ajuda de corretores ortográficos.

É interessante notar que ele afirma cumprir à risca as prescrições médicas, pois, segundo ele, tem respeito pela opinião de quem estudou determinado assunto, como os médicos em relação à saúde humana.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Em relação às suas disposições culturais, Rodrigo as mantém bem próximas daquelas típicas das classes populares. Ele já leu livros de literatura leve, como os da Coleção Vaga-lume, e alguns clássicos da literatura brasileira, como Dom Casmurro, mas hoje diz preferir se dedicar às leituras de sua área, principalmente as de biologia, que é a matéria que atualmente ele leciona. Por outro lado, ele também não tem o hábito de leitura de não-ficção, exceto aquelas relacionadas a sua vida acadêmica. Ele não costuma frequentar o cinema, mas gosta bastante de assistir filmes, que ele baixa em casa. A maioria desses filmes são produções hollywoodianas, embora ele também afirme gostar de filmes brasileiros. Musicalmente, também, ele afirma ser bem eclético, escutando de tudo, "menos funk". Apesar de tocar vários instrumentos, nunca fez disso um hobby mais sistemático e nunca se apresentou tocando algo. No tempo em que frequentava a Igreja, porém, ele cantava no coral. Ele não foi a nenhum museu ou exposição nos últimos 12 meses e suas idas a recitais ou ao teatro estão relacionados a apresentações de sua filha no Espírito Santo, que faz cursos de música na Igreja Batista e de teatro na Escola. Ele também acompanha esportes pela TV: futebol, basquete e outros e é um torcedor do Corinthians.

Disposições estéticas e utilitárias

Quando morava no Espírito Santo, Rodrigo gostava de praticar montanhismo amador em seu tempo de lazer. Agora no Mato Grosso do Sul, pratica bastante pescaria e, na cidade, joga futebol aos fins de semana. O verão seguinte à entrevista será o

período das primeiras férias de verdade de Rodrigo em muitos anos, pois este é o primeiro ano no qual ele tem um emprego formal desde seus tempos de técnico agrícola. Assim, ele planeja aproveitar esse período para ir para a Irlanda realizar um curso intensivo de inglês.

Quanto aos seus hábitos alimentares, ele prefere alimentos gordurosos a alimentos leves, alimentos salgados a alimentos doces, gostos associados a disposições populares. No seu local de trabalho, há a opção de uso de uniforme, mesmo que não obrigatória, à qual ele adere. Assim, há essa distinção entre seu vestuário de trabalho e de lazer. Mesmo assim, não há uma preferência para a compra de suas roupas pessoais. Suas calças, segundo ele, são adquiridas em promoções e suas camisas no shopping local ou quando ele vai ao Paraguai fazer compras, já que a cidade fica a algumas horas de carro da fronteira paraguaia.

Passividade e proatividade

Rodrigo já orientou alunos, em contextos de pesquisa, em seu pós-doutorado. Alunos de graduação e de mestrado estavam vinculados a seu projeto. Rodrigo concorreu ao grêmio estudantil da escola de ensino médio, assim como para representante dos alunos durante seu mestrado na UENF. Em algumas situações, Rodrigo já teve que propor soluções para problemas que não eram de sua alçada, no IF onde trabalha.

No geral, Rodrigo parece ter incorporado, ao longo de sua trajetória, disposições pró-ativas. Isso pode ser um dos fatores que o levam a se imaginar, no futuro, em uma situação de direção (como chefe de departamento, por exemplo).

Trajectoria acadêmica:

Pré-universitária

O estímulo imediato para que Rodrigo decidisse fazer o curso superior ocorreu quando ele estava finalizando a escola técnica agrícola, quando ele teve sua primeira

filha. Se, por um lado, ele sempre quis fazer ensino superior, por outro, a necessidade de sustentar de forma digna sua filha no futuro fez com que ele se decidisse de uma vez. No primeiro ano após o término da escola técnica, ele trabalhou, como já havíamos mencionado, como técnico agrícola e, concomitantemente, se preparando, sozinho, para a prova. Na primeira tentativa, apesar de ser aprovado, não pode assumir a vaga, visto que não teria como se manter na capital do estado, onde o curso era oferecido. No ano seguinte, ele continuou a estudar, de forma autônoma, para a prova. Lia almanaques, revistas de informação geral, etc. Quando a prova chegou, não se sentiu intimidado, pois, por um lado, ele não havia investido dinheiro em cursinhos pré-vestibulares e não perderia nada se não passasse. Por outro, a preparação própria, somada ao bom ensino a que teve acesso na escola técnica lhe davam a segurança da aprovação no curso de agronomia, que era uma escolha relativamente óbvia para alguém que cursou o ensino técnico em agropecuária. Mais uma vez, Rodrigo foi aprovado, porém, desta vez, não houve desistência. Ele conseguiu vaga no alojamento da universidade e começou a trabalhar em um laboratório, o que lhe garantiu o dinheiro para a alimentação.

Universitária

No começo da graduação, Rodrigo sentiu bastante dificuldade com as disciplinas ligadas às exatas, comuns a todas as engenharias, inclusive a agrônômica. Porém, como ele já tinha a base do técnico agrícola, quando se iniciaram as disciplinas específicas do curso de agronomia, ele teve bastante facilidade, pois, ao contrário da maioria dos seus colegas, não era um novato naqueles assuntos. Rodrigo não trabalhou ao longo do curso, com exceção de alguns "bicos", como o de segurança, por exemplo. Não obstante, contou com várias bolsas ao longo do curso: trabalhou em um laboratório, após foi agraciado com uma bolsa da Petrobrás e, finalmente, teve uma bolsa de iniciação científica do CNPQ. Ele não fez nenhum intercâmbio acadêmico durante a graduação e se formou no tempo mínimo do curso, em cinco anos, apesar das constantes greves de professores e funcionários, que eram bastante frequentes naquela época. Ele conta que se formou em palco, com cerimônia de formatura, que era gratuita, oferecida pela instituição. Sua mãe e seu padrasto vieram prestigiá-lo. Apesar disso, ele conta que só foi à festa de formatura porque sua então namorada e atual esposa comprou o ingresso para eles, pois, naquele momento, ele ainda não tinha condições financeiras de adquiri-los.

Pós-universitária

Assim que se formou, Rodrigo conseguiu um emprego como agrônomo no Sul da Bahia. Logo que estava iniciando no novo emprego, ele recebeu a notícia de sua aprovação no curso de mestrado em uma universidade estadual no norte do Rio de Janeiro. Após consultar seus familiares, sua então namorada e alguns de seus professores, ele se decidiu a cursar o mestrado, mesmo que isso adiasse mais um pouco o retorno financeiro pelo investimento que ele fez em sua educação. No mestrado, em agronomia, ele foi agraciado com bolsa de estudos. Após defender sua dissertação, ele foi chamado para um concurso do INCRA, para trabalhar no Acre, concomitantemente a sua aprovação no doutorado, o que fez mais uma vez ele consultar sua família e seus professores. Mais uma vez, ele decide pela continuidade de seus estudos. No doutorado, ele continuou a estudar na mesma universidade na qual ele concluiu seu mestrado, mas desta vez, fez intercâmbio através do doutorado sanduíche em uma universidade portuguesa. Após seis meses em terras lusitanas, ele retorna ao Brasil para a conclusão do seu doutorado. Mais uma vez, ele foi chamado para um concurso público (no Instituto do Café) e mais uma vez ele desiste, desta vez para a realização do pós-doutorado, agora na universidade federal na qual ele cursou a graduação. O pós-doutorado duraria três anos, mas quando estava concluindo o segundo ano, ele foi chamado para o Instituto Federal no qual hoje ele trabalha, na Região Centro-Oeste. Vendo que não havia mais nenhum curso que ele pudesse fazer após o pós-doutorado, ele decidiu, finalmente, ingressar no mercado de trabalho e aceitou a nomeação. Após o estágio probatório do serviço público, ele pretende conseguir transferência para onde moram sua esposa e suas filhas, de forma a ficar mais próximo de sua família e, lá, galgar os degraus da carreira e chegar ao posto de professor titular.

5.6 (caso 6) Amanda Dutra: disciplina e boa vontade cultural.

Amanda é uma jovem de 24 anos, baixa, de cabelos louros e olhos verdes escondidos atrás de óculos de grau. Neta de agricultores do litoral e filha de mecânico, ela atualmente está finalizando o curso de fonoaudiologia, após anos de tentativas de ingresso no curso de medicina.

Espaços de Socialização:

Família

A família de Amanda é originária do litoral gaúcho, em uma região de colonização açoriana, na qual prevalece o cultivo de arroz. Seus avós eram agricultores que dispunham de uma pequena propriedade naquela região, onde ela veio ao mundo. Quando ela ainda era bebê, seus pais se mudaram para uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Seu pai exercia a profissão de mecânico de máquinas pesadas e sua mãe era dona de casa, apesar de trabalhar esporadicamente com a organização de festas. Ambos possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Apesar da pouca incorporação de capitais, Amanda conta ter passado uma infância e adolescência com relativa estabilidade financeira, mesmo com a presença intermitente do desemprego. Ela é da primeira geração de sua família a cursar a universidade pública. Antes dela, alguns primos distantes já haviam se diplomado, embora não em instituições públicas.

Geografia

Apesar de ter nascido em uma pequena propriedade rural do interior, ela passou praticamente toda sua infância em um bairro de classe média baixa de uma grande cidade industrial da região metropolitana. Após ter se casado, há pouco mais de um ano, ela se mudou para outro bairro, também de classe média baixa, na mesma cidade.

Escola Básica

Amanda estudou durante toda sua educação básica em uma escola pública estadual da qual ela não guarda boas lembranças. Segundo ela, a qualidade da educação era péssima. A escola conjugava os piores vícios do conteudismo com a ausência de trabalho em cima dos conteúdos típicos do ensino médio. Em grande parte do tempo houve ausência de professores (durante o segundo ano, a sua turma chegou a ficar quase todo o ano sem professor de física) e grande parte deles nem havia concluído a faculdade ainda. Ela conta que não viu muitos dos conteúdos, em diversas matérias, que outros estudantes normalmente vêem no ensino médio e isso teria sido um choque quando ela chegou ao cursinho pré-vestibular.

Ela conta que vários dos professores desencorajavam-na de seu desejo de cursar medicina. Como ela estudava por conta própria e também fazia cursinho pré-vestibular à noite, seguidas vezes, surpreendia alguns professores em erro nas próprias disciplinas

que lecionavam. Não obstante, ela se recorda com carinho de sua professora de química, que inclusive dava aulas gratuitas de reforço fora de seu horário de trabalho, além de possuir uma ótima didática (ao que consta, essa professora atualmente mudou de área profissional, abandonando o magistério estadual). Apesar de tudo, seus colegas eram de classes sociais variadas, havendo desde pessoas próximas da miséria a filhos de prósperos pequenos empresários.

Profissionalização

Antes de entrar na universidade, Amanda trabalhou informalmente (desde seus 13 anos) na confecção de salgados, apesar de esta não ser uma atividade formal, o que ela somente veio a ter após seu ingresso na universidade.

Religião

A família de Amanda é religiosa praticante, da Assembleia de Deus, uma Igreja Pentecostal. Ela mesma mantém uma alta frequência de participação em atividades religiosas, frequentando o culto ao menos uma vez por semana. Desde a infância, Amanda pratica uma série de atividades dentro da Igreja, tais como grupos de teatro, escola dominical, aulas de música, etc. Ela avalia como alta a importância da religião em sua vida.

Política

Amanda não tem, em seu histórico familiar, relatos de participação política, seja em partidos, sindicatos ou associações de moradores. Ela própria também não participa ou participou, dessas instituições, nem de grêmios estudantis ou diretórios acadêmicos.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais

Amanda se considera bastante autodidata, tendo facilidade para dominar sozinha uma série de assuntos. Ela não se atém apenas à sua própria área (fonoaudiologia), mas fez algumas cadeiras de curso 2 em áreas tão distantes quanto a engenharia civil e física, por exemplo. Além disso, ela fez uma infinidade de cursos não regulares, tais como os do SEBRAE, FGV, línguas estrangeiras (inglês e espanhol), etc. Ela diz que busca fazer todo curso que tem a oportunidade de cursar. Ela diz ter, desde cedo, o hábito de ler manuais, enciclopédias, etc.

Ascetismo e Hedonismo

Amanda afirma ter grande capacidade de concentração, desde que esteja motivada pelo assunto que lhe demanda a atenção. Apesar disso, ela diz não necessitar de algum local específico para tal, podendo ser mesmo um lugar com bastante barulho, bastando apenas, mais uma vez, que ela esteja motivada. Ela chegou a construir um escritório para ser seu local de trabalho em casa, mas ainda assim tem trabalhado mais na mesa da cozinha. Segundo ela, ela jamais deixa atividades importante para a última hora, sendo uma inimiga da procrastinação.

Apesar de atualmente não praticar nenhuma atividade física, ela diz ser totalmente saudável quanto à alimentação, evitando frituras, por exemplo.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade

Um dos grandes desafios profissionais a serem enfrentados por Amanda, segundo ela, é a falta de reconhecimento da profissão de fonoaudiologia. Há, na área da saúde, uma hegemonia da medicina - ela conta que, quando estagiou no hospital universitário, os residentes de medicina mal olhavam para o rosto dos estagiários de outras áreas das ciências da saúde.

Ela conta que sempre procurou evitar atrasos, nem que tivesse que sair de madrugada de sua casa. Apesar das deficiências de sua formação na escola básica, ela não teve maiores dificuldades com a língua portuguesa assim que entrou na universidade, pois ela foi uma área que ela estudou bastante para os vestibulares, além de gostar bastante de ler. Quando recebe uma prescrição médica, ela procura sempre avaliar se aquela prescrição é a mais correta, pois afirma ter estudado vários tópicos relacionados à medicina, muitas vezes por conta própria.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Amanda possui disposições culturais fortemente "legítimas". Ela é leitora frequente de literatura e poesia, incluída a literatura clássica do panteão escolar da língua portuguesa, como Machado de Assis e Camões. Além disso, ela lê também bastante não-ficção. Segundo ela, é impossível ela não estar lendo algo. Já quanto ao cinema propriamente dito, a frequência média é de uma vez por mês, apesar de ela assistir filmes em casa rotineiramente. Ela afirma não ter grandes preferências quanto ao gênero, apenas procura evitar filmes muito tristes. A música erudita é uma de suas paixões e, dentre os clássicos que ela mais ouve, estão outros grandes nomes do panteão ocidental, tais como Beethoven, Mozart e Bach. Ela também frequenta os recitais de sua igreja, bem como visita de forma regular alguns museus e centro de exposições da capital do estado.

Disposições estéticas e utilitárias

Em seus momentos de lazer, Amanda gosta de passear e ir a parques. Já em seus períodos de férias, ela prefere atividades com bom custo-benefício, dando preferência por visitas a cidades históricas, principalmente as do próprio estado. Nas próximas férias, ela pretende conhecer Parati, no RJ, embora não tenha certeza se conseguirá juntar dinheiro suficiente.

Ela tem preferência por alimentos leves e saudáveis e não gosta muito de alimentos doces. Quanto ao seu vestuário, ela conta que é uma pessoa "sem estilo", vestindo o que lhe dá vontade. Como ela veste um tamanho bem pequeno, típico de adolescentes, conta que não costumam lhe restar muitas opções de roupas.

Passividade e proatividade

Amanda não teve posições de coordenação ou de chefia, embora tenha participado da organização de alguns cursos, por exemplo. Ela diz que procura não intervir em situações que lhe fogem da alçada, embora quando é autorizada a tal, costuma fazê-lo.

Trajectoria acadêmica:

Pré-universitária

Amanda conta que, desde a infância, manifestou uma preocupação por continuar estudando, em grande parte motivada por preocupações financeiras. Ela imaginava que a única forma de estar livre da pobreza e ganhar o suficiente para ter uma vida digna e confortável seria através da educação. Como era uma menina estudiosa, várias pessoas a incentivaram para que fizesse medicina, especialmente uma então amiga, que também queria cursar tal área, além do apoio de sua família.

Quando iniciou o ensino médio, se inscreveu em um programa de seleção seriada de uma universidade federal do interior, que oferecia essa modalidade de ingresso para além do vestibular tradicional. Assim, ao final do primeiro ano, ela fez a prova e foi muito bem (era uma prova ao final de cada ano do ensino médio), o que a incentivou a seguir adiante. No final do segundo ano do ensino médio, porém, suas notas foram bem piores. Para além do PEIS, ela prestou 5 vezes o vestibular da universidade federal da capital (foi aprovada na quarta vez, mas tentou mais uma vez quando já estava cursando fonoaudiologia), além de outros vestibulares de universidades públicas do interior e pelo ENEM. Desde o final do ensino médio, no terceiro ano, quando ela iniciou a preparação para valer, ela obteve liberação do trabalho por parte de sua família. Eles lhe pagariam o cursinho (o extensivo noturno, que era o mais barato), mas ela precisaria cuidar do serviço da casa. Assim, pela manhã ela concluía o ensino médio, à tarde cuidava do serviço doméstico e de seu irmão, que então tinha cinco anos de idade, e à noite ia para o cursinho em uma cidade vizinha. Como a rotina era bastante cansativa, ela acabava chegando muito cansada à noite, chegando a dormir em algumas aulas.

Ela tirou uma boa nota na primeira vez que prestou o vestibular da universidade federal, o que a motivou mais ainda, embora tal nota não fosse o suficiente para que ela fosse aprovada. Após nova tentativa, em 2009, após mais um ano de cursinho intensivo, seu pai a matriculou em um cursinho mais caro, intensivo, da capital, mobilizando um enorme esforço financeiro. Após mais um ano, no vestibular de 2010, ela chegou muito perto da aprovação, embora mais uma vez seu objetivo não tenha se concretizado. Desta vez, porém, seu pai lhe disse que não mais poderia continuar lhe pagando o cursinho. Assim, durante o ano de 2010, ela apenas trabalhou. Ela diz que ficou bastante triste nesse momento, pois acreditava que com mais um ano de cursinho intensivo seria

aprovada finalmente. Assim, ela decidiu escolher um curso com maiores chances de aprovação: dentre os da área de saúde, escolheu fonoaudiologia, por ser o de menor concorrência. Desta vez, ela foi aprovada facilmente, o que foi bastante comemorado pela sua família e amigos, mas não por ela: "Eu pensava: o que eles estão comemorando? Eu nem escolhi isso, eu nem sei o que se faz."

Amanda finaliza afirmando que foi muito julgada, que algumas pessoas lhe faziam piadinhas, por ela ter ficado tanto tempo apenas estudando na preparação para o vestibular: "Às vezes as pessoas têm a visão de que tu só estudas e tens todo o tempo livre do mundo, isso não era verdade, pelo menos para mim, eu não trabalhava, mas eu fazia tudo em casa, cuidava de meu irmão. Eu não estava em casa estudando a tarde inteira, pois eu tinha coisas para fazer. E eu fui muito julgada por isso, isso me incomoda".

Universitária

Assim que iniciou o curso, que é de período integral, Amanda começou a trabalhar em um projeto chamado "Mais Educação", o que lhe garantia a manutenção econômica durante o período inicial do curso. Ao terceiro semestre, foi agraciada com uma bolsa de pesquisa no Hospital Universitário. Ela chegou a se inscrever para uma bolsa de intercâmbio para a Alemanha, mas para evitar se afastar de seu namorado (atual marido), ela preferiu retirar sua candidatura. Ela pretende se formar em palco, após cinco anos de curso, não tanto por vontade dela, mas por que seria algo que valeria muito para seus pais. Amanda conta que ainda não se identificou totalmente com o curso de fonoaudiologia, sendo que uma das características da profissão que mais lhe assustam é a baixa remuneração para os profissionais recém-formados.

Pós-universitária

Atualmente, entrando na reta final do curso, ela tem planos para um possível mestrado, pois sente atração pela carreira acadêmica: o ensino e a pesquisa lhe atraem. Porém, ela tem medo de ficar cinco anos na graduação, mais dois no mestrado e não conseguir um trabalho que compense tal investimento. Assim, ela pesquisou algumas áreas, tais como linguística ou neurociências, nas quais um curso de mestrado lhe garantiria uma colocação mais bem posicionada no mercado de trabalho. Ainda assim

Amanda não descarta ainda a possibilidade de uma troca completa de área, iniciando um curso de engenharia, por exemplo.

5.7 (caso 7) Jéssica Rauber: trajetória escolar instável, aliada a disposições culturais fortemente legítimas

Jéssica tem 31 anos, mas parece mais jovem devido à sua jovialidade. É uma moça clara e sardenta. Filha de um garçom e uma garçonete que moravam em um dos morros da capital gaúcha, ela é especialista em educação integral e coordenadora pedagógica de uma escola particular de Florianópolis.

Espaços de Socialização:

Família

O pai e a mãe de Jéssica possuem baixa escolaridade: ele parou de estudar na quarta série e ela completou o primeiro grau. A família de sua mãe tem origem na zona sul do estado, enquanto a de seu pai carrega um sobrenome germânico da Serra. Quando chegaram a Porto Alegre, entre os anos 70 e 80, ergueram sua casa em uma área de ocupação, em um dos morros da capital, onde já residia uma das avós de Jéssica. Alias, tanto seu pai quanto sua mãe são filhos de mães solteiras, não tendo vindo a conhecer seus genitores. Assim como eles, outras pessoas da família ergueram suas casas, vindos do interior, na zona de ocupação que lhes acolhia na capital. Ambos trabalhavam como garçons em bares e restaurantes, até que o pai de Jéssica iniciou um pequeno estabelecimento comercial, onde sua mãe também trabalhava, auxiliando-os.

Embora na primeira infância, Jéssica e sua família passassem por alguma dificuldade financeira, a situação, aos poucos, foi se tornando mais estável. A essa altura, porém, seus pais se separaram e sua mãe ficou desempregada, até que começou a trabalhar como entrevistadora para pesquisas políticas e de mercado. Jéssica faz parte da primeira geração de sua família com diploma de ensino superior.

Geografia

Jéssica viveu até os 28 anos nessa zona de ocupação em Porto Alegre. Ela conta ser um bairro com estrutura bastante precária (o asfalto só chegou à sua rua nos anos 2000). O bairro era habitado por muitos migrantes e seus descendentes, a maioria do

interior do estado, mas outros de lugares tão distantes quanto a Paraíba, a imensa maioria deles identificada com as classes populares. Um ano após se formar na faculdade, aos 28 anos, Jéssica se mudou para a capital de Santa Catarina, onde passou a trabalhar.

Escola Básica

A sua trajetória escolar é marcada por uma relativa instabilidade: ao todo, ela passou por cerca de nove escolas durante os ensinos fundamental e médio. Sua entrada no ambiente escolar foi bastante promissora. Na transição da pré-escola para a primeira série, devido a sua facilidade com a leitura, ela foi adiantada de ano após algumas entrevistas. Não obstante, ela passou por várias escolas estaduais durante o ensino fundamental, todas na zona central da cidade. O período da separação de seus pais foi concomitante com uma sequência de repetências: ela rodou uma vez na quinta série e duas na sétima série (o que acabou não sendo cronologicamente tão danoso, pois ela havia sido "adiantada" e ingressou na primeira série com cinco anos de idade).

O final de seu ensino fundamental, porém, voltou a apresentar uma trajetória ascendente, em grande parte devido a algumas professoras, como uma de história e outra de literatura. Ela conta que, por volta da oitava série, tomou um gosto pela leitura tão grande que não saia das bibliotecas. Por volta dessa época, ela conquistou uma bolsa de estudos em uma escola privada de orientação católica, onde cursaria o ensino médio normal, de forma a se tornar professora primária. Nessa escola, de ensino rigidamente tradicional, grande parte de suas colegas também era bolsista, embora a maioria fosse de classe média. Ela conta que a escola tinha um perfil bastante tradicional, o que somado a uma decepção com o curso, fez com que ela desistisse da bolsa, retornando ao ensino público no segundo ano, no turno noturno, em uma escola estadual do centro da cidade. Depois disso, houve mais uma troca de escola e Jéssica foi estudar em uma tradicional escola pública, onde ela finalmente concluiu o ensino médio. Essa escola, devido à sua localização e tradição, recebia, ao menos no período diurno (ao qual ela retornou), um grande contingente de estudantes de classe média que se preparavam para o vestibular.

Profissionalização

Jéssica conta não se lembrar da data exata em que passou a exercer atividades remuneradas, pois desde cedo auxiliava seu pai, esporadicamente, em seu pequeno estabelecimento, como garçõete e, ao mesmo tempo, também trabalhava informalmente com vendas. Sua primeira colocação "oficial" veio no segundo ano do ensino médio, quando passou a estagiar na prefeitura, na secretaria de esportes, onde ela ficou por quatro anos (até um período logo após iniciar sua graduação).

Religião

Jéssica conta que seus pais não eram religiosos praticantes, embora ela tenha feito catequese, seus pais nunca lhe obrigaram a nada, possuindo aquela religiosidade sincrética das classes populares. Ela conta que apesar de já ter sido uma pessoa religiosa, hoje não o é mais.

Política

Sua trajetória é bastante marcada por alguma forma de envolvimento político. Sua avó (que foi a primeira a chegar ao local onde hoje sua família mora) teve um envolvimento forte com a associação de moradores do bairro, o que a levou a se relacionar com alguns partidos de esquerda na época. A própria Jéssica, em sua juventude, participava ativamente das plenárias do Orçamento Participativo em seu bairro e foi militante do grêmio estudantil em uma das escolas onde ela estudou no ensino médio. Quando foi estagiária na prefeitura, participava de algumas atividades do partido que então estava no governo. Muito tempo depois, quando já era professora, teve uma aproximação com um partido de extrema-esquerda, devido ao sindicato dos professores. Apesar disso, tal aproximação não durou muito tempo. Ela conta que se considera uma pessoa de esquerda e o centro não a atrai, embora a extrema-esquerda também não a tenha atraído.

Disposições:

Modos de Aprendizagem formais e informais.

Jéssica passou por uma alfabetização precoce, tendo aprendido a ler antes dos cinco anos de idade, antes ainda de iniciar a primeira série. Assim, talvez em parte a isso, ela, desde que se recorda, está escrevendo (atualmente, por exemplo, ela mantém

um blog). Mesmo possuindo poucos livros em sua, durante sua infância, ela conta tê-los lidos várias vezes.

Depois que se mudou para Santa Catarina, ela passou a participar de um coral universitário, mas vendo que talvez não desse conta de aprender o que buscava na música de forma autodidata, ela pediu reingresso para diplomados na universidade estadual daquele estado. Afora esses cursos, ela fez um curso regular de línguas estrangeiras (espanhol).

Ascetismo e Hedonismo

Jéssica conta ser uma pessoa dispersiva, com pouca facilidade de concentração, o que acaba dificultando a realização de algumas tarefas. Talvez até por isso, ela tenha se especializado, em sua profissão, na área de educação informal, que envolve processos mais abertos e dinâmicos que os da educação tradicional (apesar de requerer planejamento, o que é óbvio, não envolve atividades mais burocráticas, como o fechamento de cadernos, por exemplo. Apesar da dificuldade de sistematização, quando é necessário que ela se concentre (como recentemente, quando participou de um processo seletivo), alguns lugares funcionam bem como forma de se desligar do mundo, como algumas bibliotecas (o centro cultural na área central de Porto Alegre, onde a entrevista foi realizada, também é um exemplo). Segundo ela, a procrastinação é uma constante em sua vida, o que dificulta que ela continue a estudar, o que é um dos seus projetos.

Devido à descoberta recente de intolerância ao glúten, é necessário que ela siga uma dieta bastante específica, de forma a evitar uma ampla gama de alimentos. Apesar de não ser algo contínuo, ela pratica natação e caminhada, no que ela aufere grande prazer.

Relações com regras e normas - hipercorreção e espontaneidade:

Jéssica trabalha em uma escola privada que atende a população de baixa renda mediante a concessão de bolsas de estudo em uma comunidade de Florianópolis. Inicialmente, ela trabalhou como arte-educadora e atualmente é coordenadora pedagógica das séries iniciais do ensino fundamental. Segundo ela, a escola tenta ser bastante inovadora e busca o diálogo com os alunos e comunidades, buscando diminuir

a distância simbólica entre o espaço escolar e o espaço extra-escolar. Ela simpatiza bastante com o ideário da escola, embora diga que as cargas de trabalho muitas vezes sejam excessivas: "na iniciativa privada, temos horário para entrar, mas não para sair".

Quando ainda estava na universidade, ela tinha dificuldade para escrever alguns trabalhos mais formais (como um relatório de pesquisa, por exemplo), considerando-os repetitivos e pouco interessantes. Por outro lado, era uma das estudantes mais elogiadas quando o trabalho requerido exigia mais criatividade do que sistematização.

Em relação à sua saúde, como ela tem a prescrição da dieta que evita o glúten, ela precisa seguir com bastante rigor as orientações médicas. Ela conta que essa observância é, em grande parte, fruto de seu "amadurecimento", sendo que se ela tivesse descoberto essa condição quando era mais jovem, provavelmente teria mais dificuldades de seguir as orientações.

Disposições culturalmente legítimas e pouco legítimas

Jéssica tem uma relação duradoura com a literatura, que ela lê de forma sistemática desde o ensino fundamental. Ultimamente, porém, conta ter diminuído drasticamente a frequência de leitura em relação a períodos mais prolíficos (como o ensino médio, quando conta ter sido uma leitora compulsiva), lendo, atualmente, cerca de cinco livros por ano. Nos últimos tempos, apesar de não ter abandonado os romances e a poesia, tem desenvolvido uma preferência por contos, que cabem mais facilmente em sua rotina (nos últimos meses, ela tentou iniciar a leitura de "100 anos de solidão", mas não conseguiu levá-la adiante). Ela fala com entusiasmo de sua recente descoberta dos contos de Caio Fernando Abreu. Para além da ficção, ela lê pouca coisa não relacionada a sua área, apesar de ter lido alguma autoajuda (apesar de não ter sido uma de suas melhores experiências).

A oferta de cinema em sua cidade atual é limitada, pelo menos em relação ao que ela experimentava em Porto Alegre, já que ela diz não gostar do "cinema de shopping", preferindo filmes que passam fora do circuito comercial (o que a leva a assistir a filmes principalmente pela internet quando está em Florianópolis). Quanto à música, apesar de gostar muito de samba, nos últimos tempos, ela tem se focado nas músicas que são executadas pelo coral do qual participa, há dois anos, como soprano.

Como é um coral misto, onde há profissionais e amadores (como em grande parte dos corais universitários), muitas vezes ela gostaria de "ir além" (o que a fez iniciar sua segunda graduação, em música).

A música é uma disposição cultural que Jéssica desenvolveu principalmente no seu local atual de residência, já que sua frequência atual a eventos de música erudita é muito maior lá do que fora em Porto Alegre. Ela também visita museus com regular intensidade (o último foi o Museu Oscar Niemeyer em Curitiba) e também gosta bastante de teatro (fazia algum tempo que ela não ia a peças, mas duas semanas antes da entrevista foi a uma peça da qual gostou muito). Quando questionada se acompanhava algum esporte, mesmo que fosse pela TV, ela disse que não, que nem mesmo tinha TV, o que também denota certa busca por consumo cultural menos massificado.

Disposições estéticas e utilitárias

Jéssica atualmente tem pouco tempo de lazer e fica pouco tempo em sua casa, sendo que uma de suas atividades preferidas quando está livre é visitar a casa de amigos. Ela gostaria de poder vir mais a Porto Alegre para visitar sua família e amigos. Quanto a férias, ela conta não tê-las tido ainda, devido a uma peculiaridade da rede pública estadual de Santa Catarina, onde ela trabalhava até recentemente. Como ela trabalhava como professora contratada (na área de artes), quando o ano letivo terminava, ela (assim como os demais professores contratados) era demitida para ser recontratada no início do ano letivo. Assim, ela se obrigava a exercer algum tipo de atividade remunerada durante o verão. Como este é o primeiro ano em um emprego com direitos trabalhistas garantidos, ela, finalmente, terá direito a férias remuneradas, nas quais ela pretende viajar.

Ela conta que suas preferências alimentares ficaram limitadas devido a sua dieta restritiva, não podendo escolher livremente sua alimentação, embora goste muito de carne, não pode comê-la todos os dias. Assim como na maioria dos casos anteriores, ela não difere significativamente em seu vestuário de trabalho e de lazer, sendo que também não possui nenhum local específico para comprar suas roupas.

Passividade e proatividade

Como atualmente é coordenadora pedagógica, ela precisa dar conta das tarefas de coordenação de uma equipe, no que ela conta estar se saindo relativamente bem. A escola adota um modelo de avaliação contínua, procurando dar *feedbacks* constantes para os professores que nela trabalham. Obviamente, ocorrem algumas situações de insubordinação com as quais Jéssica diz não se abalar. O que mais a chateia é quando é necessário que ocorra a demissão de alguém, embora isso nunca seja uma grande surpresa para o demitido, dado o processo de avaliação contínua do corpo funcional adotado pela escola.

Trajetória acadêmica:

Pré-universitária

Jéssica conta não se lembrar de algum momento específico no qual ela tenha decidido prestar o vestibular. Ela acredita que foi um processo mais contínuo. Na época, quando ainda cursava o ensino médio, ela participava de um grupo de jovens de um centro espírita e vários de seus amigos estavam se preparando para o vestibular. Logo que concluiu o segundo ano, ela prestou o primeiro vestibular, como uma forma de testar seus conhecimentos (e para que quando ela prestasse a prova "de verdade", isso não fosse uma experiência inédita). No final do terceiro ano, ela prestou mais uma vez, novamente para pedagogia, mas não foi aprovada.

Na época, ela ainda estagiava na prefeitura e conseguiu uma bolsa parcial em um curso pré-vestibular privado, o que, segundo ela, foi fundamental, já que o cursinho prepara especificamente para a seleção, ensinando aos alunos os macetes e truques que formam parte significativa do que é exigido na prova. O terceiro vestibular foi uma experiência traumática para Jéssica, pois a pressão, desta vez, era maior do que nunca (até porque ela não poderia continuar por mais tempo seu estágio na prefeitura). Na época, as provas duravam 5 dias e ela foi alocada em uma escola do outro lado da cidade, o que contribuiu para que a experiência se tornasse cansativa. No dia da prova de redação, ela conta ter saído chorando da sala, acreditando que seria reprovada. Mesmo não esperando, porém, a aprovação para o curso de pedagogia finalmente veio.

Universitária

Ela iniciou o curso no segundo semestre de 2004. Quando questionada se enfrentou alguma dificuldade para acompanhar o conteúdo do curso, após uma pausa, Jéssica responde que sim, que houve uma disciplina de sociologia no início do curso na qual, apesar de a professora ser muito boa, ela teve dificuldades em acompanhar a alta carga de leituras. Depois de terminado o seu estágio na prefeitura, após o primeiro semestre de curso, ela procurou algo dentro da universidade com o que pudesse auferir os recursos financeiros para se manter. Inicialmente, ela teve uma bolsa trabalho em um arquivo morto, o que ela conta ter sido uma péssima experiência (dentre outras coisas, o lugar era bastante poeirento).

Após tentar, sem sucesso, conseguir alguma bolsa de iniciação científica, ela finalmente conseguiu participar de um projeto de extensão, no qual trabalhou por dois anos (ela conta que foi uma das situações que mais lhe acrescentaram dentro da universidade). Por algum tempo antes de se formar, ela ainda trabalhou como estagiária de pedagogia em um projeto social, atuando como monitora de ensino. Ela se formou no tempo mínimo de curso, pois queria trabalhar, em uma cerimônia de palco. Ela conta que considerou a experiência vazia de significado, embora tenha realizado a formatura pensando em seus oito sobrinhos e que eles verem uma tia sua se formando em uma universidade federal iria ter uma alta carga simbólica.

Pós-universitária

Questionada se não pensou em seguir os estudos de pós-graduação logo depois que se formou, Jéssica diz que o curso de pedagogia oferece uma formação muito fraca para a pesquisa. Eles possuem apenas uma disciplina metodológica, no primeiro semestre e só. O próprio TCC, segundo ela, foi um artigo relatando o estágio docente. Assim, ela não se sentia, na época, segura para seguir os estudos na pós-graduação, o que inexoravelmente envolve pesquisa. Mesmo assim, após se formar, ela cursou disciplinas avulsas no Programa de Pós-Graduação em Educação, enquanto trabalhava (agora como efetiva) no projeto social onde antes estagiava.

Após permanecer seis meses desempregada (o que foi bastante difícil em termos financeiros), ela iniciou em um novo projeto social na zona norte da cidade, o que não foi algo muito bom, visto que ela conseguiu trabalhar lá por apenas dois meses. Ela ainda deu aulas particulares, trabalhou na Bienal e em projetos em escolas municipais (o

que ela afirma ter gostado bastante). As dificuldades financeiras persistiam, porém, e ela não gostaria de voltar a morar com sua mãe (no momento, dividia moradia com uma amiga). Isso a levou à decisão de "mudar de ares", já que em Porto Alegre nada estava dando certo, e transferir-se para a capital catarinense, onde ela já havia trabalhado de forma esporádica. Logo depois de chegar à cidade, ela já conseguiu emprego como professora contratada do estado (no regime de demissão anual que já mencionamos) para lecionar na rede estadual. Nesse período, ela também cursou uma pós-graduação lato sensu em educação integral. Algum tempo depois, ela participou de uma greve de professores e, ao voltar ao trabalho, sofreu um acidente de trânsito que lhe valeu uma licença saúde.

Após essa licença, ela finalmente começou a trabalhar como orientadora educacional na escola particular que mencionamos anteriormente. Seus planos para o futuro próximo são iniciar um mestrado em Santa Catarina ou mesmo voltar para Porto Alegre e seguir seus estudos nesta cidade.

5.9 Generalizações teóricas sobre os casos.

Finalizamos este capítulo tentando sintetizar da melhor forma possível os sete retratos sociológicos que procuramos construir até o momento. Na figura 4, temos um *tag cloud* com os termos que apareceram mais frequentemente⁵⁷ ao longo das entrevistas.

⁵⁷ Gerada a partir do Software CAQDAS NVivo 10

Figura 6: interpretação sobre a influência de algumas categorias de análise sobre o sucesso escolar nos casos.

Caso	configurações						disposições					
	Família	Escola básica	profissionalização	religião	geografia	política	modos de aprendizagem (formal/informal)	ascetismo e hedonismo	relação com regras e normas (hipercorreção e espontaneidade)	culturalmente legítimas / pouco legítimas	estéticas / utilitárias	passividade / proatividade
1. Lucas Bittencourt	Red	Yellow	Red	Red	Red	Green	Yellow	Yellow	Red	Yellow	Red	Yellow
2. Clara Kowalsky	Yellow	Yellow	Yellow	Red	Red	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Yellow
3. Bernardo Peres	Green	Green	Red	Yellow	Red	Green	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Red	Green
4. Tainã Pereira	Yellow	Yellow	Red	Red	Red	Red	Red	Yellow	Red	Red	Red	Yellow
5. Rodrigo Brasil	Red	Green	Red	Yellow	Red	Red	Yellow	Yellow	Red	Red	Red	Green
6. Amanda Dutra	Green	Red	Red	Green	Red	Red	Green	Green	Yellow	Green	Red	Red
7. Jéssica Rauber	Yellow	Yellow	Yellow	Red	Red	Yellow	Red	Red	Red	Green	Yellow	Yellow

Fonte: Elaboração Própria

A primeira coisa que notamos é que algumas categorias de análise não foram fortemente importantes em nenhum dos casos, tais como a dimensão geográfica da socialização (um exemplo que não foi nem ao menos medianamente relevante para o sucesso escolar em nenhum dos retratos sociológicos) ou mesmo algumas disposições, tais como a hipercorreção. Um caso, porém, também não apresentou nenhuma categoria fortemente relevante para explicar a ocorrência de situações de sucesso escolar, o caso 4. Por outro lado, casos como o 3 e o 6 chegam a apresentar 5 categorias fortemente relevantes.

Vamos iniciar pela análise das configurações de socialização. A *família* se mostrou relevante fortemente relevante nos casos 3 e 6, nos quais, dentre outras coisas,

os estudantes foram poupados do trabalho por uma mobilização familiar, de forma a terem uma experiência escolar próxima a da classe média, com o tempo integralmente – ou quase integralmente – disponível para os estudos. Outras famílias, ao contrário, não parecem ter tido uma participação tão ativa, notavelmente nos casos 1 e 5, casos nos quais os pais, devido a um volume muito baixo de capital cultural incorporado, mal sabiam o que é um curso superior.

A *escola básica*, por sua vez, foi fortemente relevante naqueles casos onde a escola se destacava em termos de qualidade das demais escolas públicas (casos 3 e 5). Não por acaso, eram duas escolas técnicas federais, que superavam, inclusive, a maioria das escolas particulares das localidades nas quais estavam inseridas (cabe lembrar o aumento das chances dos candidatos que cursaram o ensino médio técnico nos modelos logísticos).

A *profissionalização* teve uma influência mediana nos casos 2 e 7. Essas experiências de profissionalização pré-universitária se destacam por terem ocorrido em órgãos públicos, onde os nossos interlocutores entraram em contato com pessoas para as quais a realização do curso superior era uma realidade.

A *religião* teve influência forte no 6, onde Amanda teve uma participação constante em uma Igreja Pentecostal desde a infância e menor, mas de alguma forma presente, nos casos 3 e 5 (nos casos de Rodrigo, batista, e Bernardo, católico).

A *geografia*, como já citamos, não foi relevante em nenhum dos casos, até por que todos foram socializados em espaços tipicamente populares. Alguns em ocupações, outros em bairros operários, mas sempre em espaços pertencentes a alguma das frações das classes populares.

Por fim, a *socialização política* foi altamente influente em três casos (1, 2 e 3), não por acaso são estudantes que optaram pela área das ciências humanas, mesmo que em alguns desses casos, o grau de engajamento militante foi diminuindo ao longo do curso.

Quanto às *disposições, modos de aprendizagem* parecem ter tido uma influência mais forte no caso 6 (lembrem-se que Amanda fazia todos os cursos que tinha oportunidade), enquanto *disposições ascéticas* tiveram uma enorme influência em seu

caso e, também, no caso 3. *Disposições culturalmente legítimas* são evidentes em três casos (2, 6 e 7), enquanto *disposições estéticas* parecem ser impactantes no caso 2 (Clara). Por fim, *disposições pró-ativas* foram muito importantes em dois casos (3 e 5).

Caberia fazer um adendo para citar Harris (2009), que demonstrou em seu revolucionário trabalho no âmbito da psicologia social que, quando deixamos de lado os genes, e procuramos mapear as influências de pais (e do ambiente familiar em geral) e pares (os amigos que fazem e as redes de relações nas quais as crianças se inserem em instituições como a escola, a igreja, etc. em suma, no que a sociologia chama de socialização secundária), quase sempre, a influência dos pares vence. Isso explicaria por que filhos de imigrantes costumam crescer muito mais parecidos com a cultura circundante do que com a da família (mesmo que em casa os hábitos do local de origem tentem ser preservados de maneira ferrenha) e aprendem rapidamente a nova língua praticamente sem nenhum sotaque. Talvez isso seja uma pista para pensarmos esses casos improváveis.

O que fica evidente, a partir da análise desses casos, é que a construção do “sucesso” escolar se dá por múltiplas formas, espaços e através da incorporação de variadas disposições. Grande parte dos estudos encontrados sobre o assunto dá atenção especial para o núcleo familiar. Obviamente, ele é deveras importante, mas, como pudemos acompanhar, não é a única causa possível do improvável sucesso escolar em classes populares.

Considerações Finais:

Obviamente um trabalho deste porte é apenas mais um pequeno tijolo na construção do conhecimento sociológico. Um esforço quantitativo, como o que realizamos aqui, representando milhões de casos, talvez não dê conta de todas as possibilidades que podem surgir e aspectos relevantes podem ter ficado ocultos sob as generalizações que são necessárias nesse tipo de empreendimento. Por outro lado, o pequeno número de entrevistas, apesar de terem sido trabalhadas em profundidade, pode representar algum enviesamento.

O longo capítulo quantitativo, com suas dezenas de gráficos, cumpre um papel central na dissertação: a partir do uso de técnicas estatísticas refinadas e relativamente raras nos trabalhos de ciências sociais no Brasil, tentamos mapear as estruturas sociais que regem o sucesso escolar no Brasil. Considerando a complexidade do mundo social, com sua enormidade de variáveis inter-relacionadas, o grau de explicação dos modelos trabalhados pode ser considerado bastante satisfatório. Neles, porém, não ocorreram grandes surpresas. A teoria previu, tranquilamente, a maioria dos efeitos dos capitais impessoais nas variações das chances de sucesso escolar.

Em nosso esforço qualitativo, as hipóteses se confirmaram parcialmente. Apesar de todas as famílias dos casos analisados contarem, de alguma forma, com algum membro que era a fonte de segurança econômica e moral, o que está de acordo com o que prevíamos sobre esta ser uma condição necessária para a existência desses casos de sucesso escolar, ela nem sempre foi o espaço de socialização mais importante para a incorporação das disposições que permitiram a ocorrência desses casos. Outros espaços, como a religião, a escola ou mesmo a socialização política também foram importantes.

Todos os nossos casos observados, porém, estavam longe das condições que Jessé Souza descreve como sendo típicas da ralé estrutural brasileira, mas também estavam distantes de qualquer classe média tradicional em termos de incorporação e composição de capitais, o que nos leva a crer que os casos de sucesso escolar nas classes populares ocorrem nas frações dessas classes mais identificadas com o que ele chama de *batalhadores* ou ainda das classes trabalhadoras tradicionais. Não por acaso, são essas frações, dentre as classes populares brasileiras, aquelas que incorporaram as

disposições mais valorizadas no mundo moderno, tais como uma *ética do trabalho* e valores de mérito individual.

Tentamos, neste trabalho, fazer algo minimamente inovador. O uso de regressões logísticas para mapear estruturas e a descrição exaustiva dos casos individuais que procuraram mapear trajetórias no espaço social certamente revelou alguns resultados interessantes que, minimamente, fizeram avançar o conhecimento sobre a temática. Não obstante, em muitos pontos se pode ainda avançar. O nosso *corpus qualitativo* foi construído com indivíduos oriundos de posições relativamente próximas no *espaço social*. Um esforço comparativo, mapeando diversas situações de *sucesso* e *insucesso escolar* em diferentes frações de diferentes classes sociais certamente pode lançar luz, de forma aprofundada, sobre o tema das desigualdades sociais e sua relação com o campo escolar, o que é, certamente, um dos problemas mais candentes do Brasil contemporâneo.

Referências:

- ALMEIDA, Ana. Ultrapassando o pai: Herança Cultural Restrita e Competência Escolar. In NOGUEIRA et al. (org.). **Família & Escola: Trajetórias de Escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 6ª edição.
- ALMEIDA, Marilis Lemos de. Análise de dados: tecendo o diálogo entre escolhas epistemológicas, modelos de análise e pesquisa qualitativa. in Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Salvador, 2013.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Vozes, 2008.
- BERGER, P. L. **A construção social da realidade : tratado de sociologia do conhecimento**. LUCKMANN, T. Petrópolis: Editora Vozes 2013.
- BOURDIEU & PASSERON, P.; J.C. **Los Herederos: los estudiantes e la cultura**. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2008.
- _____. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- _____. **El oficio de sociólogo**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, Zouk Editora, 2007.
- _____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **O poder simbólico**. Lisboa : DIFEL, 1989a
- _____. **La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Editions de minuit, 1989b.
- BUNGE, Mario. **Física e filosofia**. São Paulo: Perspectivas, 2000.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. A escolarização em famílias da classe trabalhadora. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 42, Aug. 1982 . Available from <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741982000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Nov. 2013.
- DEROUET, J.-L. A sociologia das desigualdades em educação posta à prova pela segunda explosão escolar: deslocamento dos questionamentos e reinício da crítica. **Revista Brasileira de Educação**, p. 5-16, 2002. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300002&nrm=iso>.
- DIMITRIADIS, Greg. Cultura Popular e a Sociologia da Educação. In APPLE et al. (org.). **Sociologia da Educação: Análise Internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- DUBET, F.; As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. **Sociologias**, v. 14, p. 22-70, 2012. ISSN 1517-4522. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222012000100003&nrm=iso>.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994a.
- _____. **O Processo Civilizador: uma Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- _____. **O Processo Civilizador: uma história dos Costumes**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994b.
- _____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro 1995.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática 1978.
- FIELD, A. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FILHO, Naércio Menezes. **Apagão de Mão de Obra Qualificada? As Profissões e o Mercado de Trabalho Brasileiro entre 2000 e 2010**. INSPER – Instituto de Ensino e Pesquisa. Online. Disponível em <http://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2012/10/Apag%C3%A3o-de-M%C3%A3o-de-Obra-Qualificada-Naercio-Menezes-Filho.docx.pdf> (acessado em 02 de Dezembro de 2013).
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre : Artmed, 2009.
- GUADILLA, Carmen García. Financiamento de la educación superior en América Latina. **Sociologias**, Porto Alegre , n. 17, June 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Dec. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000100004>.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1992-2012)**. Microdados. Disponível em www.ibge.gov.br
- INEP, **MICRODADOS ENADE 2008**. Disponível em www.inep.gov.br

- INEP-MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação (2010). **Censo da Educação Superior 2009**. Brasília: INEP/Ministério da Educação.
- HARRIS, Judith Rich. **The Nurture Assumption: Why Children Turn Out the Way They Do**. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2009
- HASENBALG, C.; SILVA, N. D. V. **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: IUPERJ 2003.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. [2006]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- LAMOUNIER, B.; SOUZA, A. D. **A Classe Média Brasileira**. Rio de Janeiro: Elsevier 2009.
- LUHMANN, Niklas. **Teoría de la sociedad**. 2. ed. Mexico: Universidad Iberoamericana Triana, 1998.
- NERI, M. **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. Editora Saraiva, 2011.
- NEVES, C. E. B. . **Trajетórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no ensino superior brasileiro**. In: Romanelli, G.; Nogueira, M.A.; Zago, N.. (Org.). **Família & Escola: NOVAS PERSPECTIVAS DE ANALISE** ., 1ed.Petrópolis RJ: Vozes, 2013, v. 1, p. 278-311.
- NOGUEIRA, Maria Alice. **A construção da Excelência Escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes das camadas médias intelectualizadas**. In NOGUEIRA et al. (org.). **Família & Escola: Trajetórias de Escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 6ª edição.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.
- PASTORE, J.; SILVA, N. D. V. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Macron Books 2000.
- PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares**. Dissertação de Mestrado. PUC-MG, 2005.
- PINKER, S. **Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- _____. **Os anjos bons de nossa natureza**. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- PIOTTO, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, p. 701-707, 2008. ISSN 0100-1574. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000300008&nrm=iso >.
- POCHMANN, M. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo Editorial 2012.
- SANTOS, J. A. F. **Estrutura de Posições de Classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda**. Belo Horizonte: Editora da UFMG 2002.
- SCALON, M. C. **Mobilidade Social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: IUPERJ 1999.
- SOUZA, Jessé. EM DEFESA DA SOCIOLOGIA: O ECONOMICISMO EA INVISIBILIDADE DAS CLASSES SOCIAIS. *Revista Brasileira de Sociologia-RBS*, v. 1, n. 01, p. 129-158, 2013.
- _____. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Editora UFMG, 2010.
- _____. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Editora UFMG, 2009.
- _____. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Editora UFMG, 2003.
- _____. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Ed. Universidade de Brasília, 2000.
- VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares. In NOGUEIRA et al. (org.). **Família & Escola: Trajetórias de Escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 6ª edição.
- _____. **As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares**. *Educação & Sociedade*, v. 26, p. 107-125, 2005. ISSN 0101-7330. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100005&nrm=iso >.
- WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez 1993.
- _____. **Economia e Sociedade: Fundamentos de Sociologia Compreensiva**. Brasília: Editora dq UnB 1994.

- _____. **Ensayos sobre sociología de la religión**. Madrid: Taurus 2001.
- WEIS, Lois. Classe Social e Educação. *In* APPLE et al. (org.). **Sociologia da Educação: Análise Internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>.
- ZANTEN, Agnès Van. **A Sociologia da Educação de Elites**. *In* APPLE et al. (org.). **Sociologia da Educação: Análise Internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013.

Anexo 1: Questionário do Estudante (ENEM 2009).

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

PREZADO PARTICIPANTE,

ESTE QUESTIONÁRIO TEM COMO OBJETIVO CONHECER O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAQUELES A QUEM O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM) SE DIRIGE, A SABER: ESTUDANTES QUE CONCLUÍM O ENSINO MÉDIO (ANTIGO 2º GRAU) EM 2009, PESSOAS QUE JÁ O CONCLUÍRAM HÁ MAIS TEMPO OU QUE DESEJAM OBTER A CERTIFICAÇÃO DO ENSINO MÉDIO.

COM AS SUAS INFORMAÇÕES, O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC) PRETENDE APERFEIÇOAR TANTO A SUA POLÍTICA EDUCACIONAL QUANTO A FORMA COMO ESTE EXAME É APLICADO.

DESDE JÁ, AGRADECEMOS SUA VALIOSA COLABORAÇÃO.

PROCEDIMENTOS PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

O PREENCHIMENTO DESTES QUESTIONÁRIOS DEVERÁ SER FEITO ANTES DA REALIZAÇÃO DO EXAME. VOCÊ PODERÁ RESPONDÊ-LOS PREENCHENDO O CARTÃO-RESPOSTA QUE ESTÁ NA PARTE INFERIOR DA CONFIRMAÇÃO DE INSCRIÇÃO E DEPOIS DEVOLVÊ-LO NO PRIMEIRO DIA DO EXAME.

ATENÇÃO: A DEVOLUÇÃO DESTES QUESTIONÁRIOS É NECESSÁRIA E INDISPENSÁVEL PARA O SUCESSO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO.

TODOS OS DADOS OBTIDOS DESTES QUESTIONÁRIOS SERÃO CONFIDENCIAIS.

TODAS AS QUESTÕES VISAM APENAS À COLETA DE INFORMAÇÕES OU DE OPINIÕES. NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS. PORTANTO, POR FAVOR, NÃO DEIXE NENHUMA QUESTÃO SEM RESPOSTA.

É DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA SUA ATENÇÃO A TODAS AS QUESTÕES.

IMPORTANTE! APÓS RESPONDER A TODO O QUESTIONÁRIO, VOCÊ DEVE PREENCHER O CARTÃO-RESPOSTA. SIGA COM ATENÇÃO A NUMERAÇÃO DAS QUESTÕES: A NUMERAÇÃO DAS QUESTÕES NO QUESTIONÁRIO E NO CARTÃO-RESPOSTA É A MESMA. VOCÊ DEVE APENAS PREENCHER O ESPAÇO REFERENTE À RESPOSTA ESCOLHIDA.

INFORMAÇÕES

As perguntas deste Questionário têm três objetivos principais: conhecer os dados socioeconômicos e profissionais seus e de sua família, conhecer a sua avaliação sobre os seus estudos no Ensino Médio e conhecer algumas de suas opiniões sobre assuntos gerais, seus interesses e planos para o futuro. Portanto, leia com atenção todas as informações do Questionário antes de responder às questões.

VOCÊ E A FAMÍLIA

1. Qual o seu sexo?

- (A) Feminino.
(B) Masculino.

2. Qual a sua idade?

- (A) Menos de 17 anos.
(B) 17 anos.
(C) 18 anos.
(D) Entre 19 e 25 anos (inclusive).
(E) Entre 26 e 33 anos (inclusive).
(F) Entre 34 e 41 anos (inclusive).
(G) Entre 42 e 49 anos (inclusive).
(H) 50 anos ou mais

3. Como você se considera:

- (A) Branco(a).
(B) Pardo(a).
(C) Preto(a).
(D) Amarelo(a).
(E) Indígena.



4. Se você Indígena, qual(is) língua(s) você domina:

- (A) Minha língua materna é o português.
(B) Uma língua indígena e o português.
(C) Mais de uma língua indígena e o português.
(D) Uma língua indígena, o português e o espanhol.
(E) Mais de uma língua indígena, o português e outra(s) língua(s) estrangeira(s).

5. Qual a sua religião?

- (A) Católica.
(B) Protestante ou Evangélica.
(C) Espírita.
(D) Umbanda ou Candomblé.
(E) Outra.
(F) Sem religião.

6. Qual seu estado civil?

- (A) Solteiro(a).
(B) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).
(C) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).
(D) Viúvo(a).

7. Onde e como você mora atualmente?

- (A) Em casa ou apartamento, com minha família.
(B) Em casa ou apartamento, sozinho(a).
(C) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
(D) Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república etc.
(E) Outra situação.

Quem mora com você?

(Marque uma resposta para cada item.)

	Sim	Não
8. Mora sozinho(a)	(A)	(B)
9. Pai e/ou mãe	(A)	(B)
10. Esposo(a) / companheiro(a)	(A)	(B)
11. Filhos(as)	(A)	(B)
12. Irmãos(as)	(A)	(B)
13. Outros parentes, amigos(as) ou colegas	(A)	(B)
14. Outra situação	(A)	(B)

15. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).

- (A) Duas pessoas.
(B) Três.
(C) Quatro.
(D) Cinco.
(E) Mais de seis.
(F) Mora sozinho(a).

16. Quantos(as) filhos(as) você tem?

- (A) Um(a).
(B) Dois(duas).
(C) Três.
(D) Quatro ou mais.
(E) Não tenho filhos(as).

17. Até quando seu pai estudou?

- (A) Não estudou.
(B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
(C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
(D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
(E) Ensino médio completo.
(F) Ensino superior incompleto.
(G) Ensino superior completo.
(H) Pós-graduação.
(I) Não sei.



18. Até quando sua mãe estudou?

- (A) Não estudou.
(B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
(C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.
(D) Ensino médio incompleto.
(E) Ensino médio completo.
(F) Ensino superior incompleto.
(G) Ensino superior completo.
(H) Pós-graduação.
(I) Não sei.



18. Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- (A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
- (B) Na indústria.
- (C) Na construção civil.
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Funcionário público do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.
- (G) Trabalhador fora de casa em atividades informais (pintor, electricista, encanador, feirante, ambulante, guardador de carros, catador de lixo etc.).
- (H) Trabalha em sua casa em serviços (alfabetaria, cozinha, aulas particulares, artesanato, capintaria, marcenaria etc.).
- (I) Trabalhador doméstico em casa de outras pessoas (faxineiro, cozinheiro, mordomo, motorista particular, jardineiro, vigia, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Não trabalha.
- (L) Não sei.



20. Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- (A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
- (B) Na indústria.
- (C) Na construção civil.
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Como funcionária do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- (G) Trabalhadora fora de casa em atividades informais (feirante, ambulante, guardadora de carros, catadora de lixo etc.).
- (H) Trabalha em sua casa em serviços (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato etc.).
- (I) Como trabalhadora doméstica em casa de outras pessoas (cozinheira, arrumadeira, governanta, babá, lavadeira, faxineira, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Outro.
- (L) Não trabalha.
- (M) Não sei.



21. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar? (Considere a renda de todos que moram na sua casa.)

- (A) Até 1 salário mínimo (até R\$ 465,00 inclusive).
- (B) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 465,00 até R\$ 930,00 inclusive).
- (C) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00 inclusive).
- (D) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 4.650,00 inclusive).
- (E) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 4.650,00 até R\$ 13.950,00 inclusive).
- (F) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 13.950,00 até R\$ 23.250,00 inclusive).
- (G) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 23.250,00).
- (H) Nenhuma renda.



Quais e quantos dos itens abaixo há em sua casa? (Marque uma resposta para cada item.)

	1	2	3 ou mais	Não tem
22. TV	(A)	(B)	(C)	(D)
23. Videocassete e/ou DVD	(A)	(B)	(C)	(D)
24. Rádio	(A)	(B)	(C)	(D)
25. Microcomputador	(A)	(B)	(C)	(D)
26. Automóvel	(A)	(B)	(C)	(D)
27. Máquina de lavar roupa	(A)	(B)	(C)	(D)
28. Geladeira	(A)	(B)	(C)	(D)
29. Telefone fixo	(A)	(B)	(C)	(D)
30. Telefone celular	(A)	(B)	(C)	(D)
31. Acesso à internet	(A)	(B)	(C)	(D)
32. TV por assinatura	(A)	(B)	(C)	(D)

Como e onde é sua casa?

	Sim	Não
33. Própria	(A)	(B)
34. É em rua calçada ou asfaltada	(A)	(B)
35. Tem água corrente na torneira	(A)	(B)
36. Tem eletricidade	(A)	(B)
37. É situada em zona rural	(A)	(B)
38. É situada em comunidade indígena	(A)	(B)
39. É situada em comunidade quilombola	(A)	(B)

40. Por que você vai fazer o ENEM?

- (A) Para testar meus conhecimentos / minha capacidade de raciocínio.
- (B) Para entrar na faculdade / conseguir pontos para o vestibular / conseguir bolsa do governo.
- (C) Para ter um bom emprego / saber se estou preparado(a) para o futuro profissional.
- (D) Para obter minha certificação do Ensino Médio.
- (E) Não sei.

41. Se você está participando do Enem para conseguir sua certificação do ensino médio, indique abaixo o principal motivo que o(a) levou a escolher esta forma de certificação:

- (A) Porque não encontrei outro modo de conseguir o certificado de conclusão do ensino médio.
- (B) Porque era a melhor alternativa para conseguir o certificado de conclusão do ensino médio.
- (C) Porque achei que era uma boa forma de avaliar meus conhecimentos.
- (D) Os(as) professores(as) do meu curso recomendaram.
- (E) Quero continuar meus estudos na educação superior.
- (F) Porque era a melhor maneira para conciliar estudo e trabalho.
- (G) Porque não quero ou não gosto de estudar no curso regular.

VOCÊ E O TRABALHO

42. Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

- (A) Trabalho, estou empregado com carteira de trabalho assinada.
- (B) Trabalho, mas não tenho carteira de trabalho assinada.
- (C) Trabalho por conta própria, não tenho carteira de trabalho assinada.
- (D) Já trabalhei, mas não estou trabalhando.
- (E) Nunca trabalhei. (Passe para a pergunta 72)
- (F) Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho. (Passe para a pergunta 72)

43. Você trabalhou ou teve alguma atividade remunerada durante seus estudos?

- (A) Sim, todo o tempo.
- (B) Sim, menos de 1 ano.
- (C) Sim, de 1 a 2 anos.
- (D) Sim, de 2 a 3 anos.
- (E) Sim, mais de 3 anos.
- (F) Não. (Passe para a pergunta 72)

44. Quantas horas você trabalhava durante seus estudos?

- (A) Sem jornada fixa, até 10 horas semanais.
- (B) De 11 a 20 horas semanais.
- (C) De 21 a 30 horas semanais.
- (D) De 31 a 40 horas semanais.
- (E) Mais de 40 horas semanais.

45. Com que finalidade você trabalhava enquanto estudava? (Marque apenas uma.)

- (A) Para ajudar meus pais nas despesas com a casa, sustentar a família.
- (B) Para meu sustento e o de minha família (esposa, filhas etc.).
- (C) Para ser independente (ter meu sustento, ganhar meu próprio dinheiro).
- (D) Para adquirir experiência.
- (E) Para ajudar minha comunidade.
- (F) Outra finalidade.
- (G) Nunca trabalhei enquanto estudava.

46. Se você trabalhou durante seus estudos, com que idade você começou a exercer atividade remunerada?

- (A) Antes dos 14 anos.
- (B) Entre 14 e 16 anos.
- (C) Entre 17 e 18 anos.
- (D) Após 18 anos.
- (E) Nunca trabalhei enquanto estudava.

47. Se você está trabalhando atualmente, qual a sua renda ou seu salário mensal?

- (A) Até 1 salário mínimo (até R\$ 465,00 inclusive).
- (B) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 465,00 até R\$ 930,00 inclusive).
- (C) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00 inclusive).
- (D) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 4.650,00 inclusive).
- (E) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 4.650,00 até R\$ 13.950,00 inclusive).
- (F) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 13.950,00 até R\$ 23.250,00 inclusive).
- (G) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 23.250,00).
- (H) Não estou trabalhando. (Passe para a pergunta 72.)

48. Você está trabalhando em alguma atividade para a qual você se preparou?

- (A) Sim.
- (B) Não.

49. Em que você trabalha atualmente?

- (A) Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca.
- (B) Na indústria.
- (C) Na construção civil.
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- (G) Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, electricista, encanador, feirante, ambulante, guardador(a) de carros, catador(a) de lixo).
- (H) Trabalho em minha casa em serviços (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, capintaria etc.).
- (I) Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheira, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineira, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Outro.
- (L) Não trabalho.
- (M) Não sei.

50. Há quanto tempo você trabalha?

- (A) Menos de 1 ano.
- (B) Entre 1 e 2 anos.
- (C) Entre 2 e 4 anos.
- (D) Mais de 4 anos.

Você considera que seus conhecimentos adquiridos no ensino médio: (Se não cursou ensino médio, passe para a questão 64.)

	Sim	Não
51. Foram adequados ao que o mercado de trabalho solicita?	(A)	(B)
52. Tiveram relação com a profissão que você escolheu / que você exerce?	(A)	(B)
53. Foram bem desenvolvidos, com aulas práticas, laboratórios etc.?	(A)	(B)
54. Proporcionaram cultura e conhecimento?	(A)	(B)

65. Como você avalia ter estudado e trabalhando, simultaneamente, durante o ensino médio?

- (A) Atraiçou meus estudos.
 (B) Possibilitou meu crescimento pessoal.
 (C) Atraiçou meus estudos, mas possibilitou meu crescimento pessoal.
 (D) Não atraiçou meus estudos.
 (E) Não trabalho / não trabalhei.

66. A escola que você frequenta ou frequentou durante o ensino médio levou em conta que você trabalhava ao mesmo tempo em que estudava?

- (A) Sim.
 (B) Não. (Passe para a pergunta 64.)
 (C) Não sei. (Passe para a pergunta 64.)

Quais dos itens abaixo mostram que sua escola considera (ou considerou) o fato de você trabalhar (ou ter trabalhado) ao mesmo tempo em que cursa (ou) seus estudos no ensino médio?

	Sim	Não
67. Horário flexível	(A)	(B)
68. Menor carga de trabalho ou de tarefas extras/classe	(A)	(B)
69. Programa de recuperação de notas	(A)	(B)
70. Abono de faltas	(A)	(B)
71. Aulas mais dinâmicas, com didática diferenciada	(A)	(B)
72. Aulas de revisão de matéria(s) para interessados(as)	(A)	(B)
73. Fomento de relação aos (às) estudantes	(A)	(B)

Que condições você acha que a escola deve oferecer para o(s) estudante(s) que trabalha?

	Sim	Não
74. Horário flexível	(A)	(B)
75. Menor carga de trabalho ou de tarefas extras/classe	(A)	(B)
76. Programa de recuperação de notas	(A)	(B)
77. Abono de faltas	(A)	(B)
78. Aulas mais dinâmicas, com didática diferenciada	(A)	(B)
79. Aulas de revisão de matéria(s) para interessados(as)	(A)	(B)
80. Atendimento extras/classe	(A)	(B)
81. Fomento relação	(A)	(B)

VOCÊ E OS ESTUDOS

72. Quantos anos você levou para concluir o ensino fundamental?

- (A) Menos de 5 anos.
 (B) 5 anos.
 (C) 6 anos.
 (D) 10 anos.
 (E) 11 anos.
 (F) Mais de 11 anos.
 (G) Não cursou.

73. Em que tipo de escola você cursou o ensino fundamental?

- (A) Somente em escola pública.
 (B) Parte em escola pública e parte em escola particular.
 (C) Somente em escola particular.
 (D) Somente em escola indígena ou em escola situada em comunidade quilombola.
 (E) Parte na escola indígena e parte em escola não-indígena.
 (F) Parte em escola situada em comunidade quilombola e parte em escola fora de área quilombola.
 (G) Não frequentei a escola.

74. Em que ano você concluiu ou concluirá o ensino médio?

- (A) Vou concluí-lo após 2009.
 (B) Vou concluí-lo no segundo semestre de 2009.
 (C) No primeiro semestre de 2009.
 (D) Em 2008.
 (E) Em 2007.
 (F) Em 2006.
 (G) Em 2005.
 (H) Em 2004.
 (I) Entre 2003 e 2002.
 (J) Antes de 2002.
 (K) Não cursou o ensino médio. (Passe para a pergunta 79.)

75. Quantos anos você levou para cursar o ensino médio?

- (A) Menos de 3 anos.
 (B) 3 anos.
 (C) 4 anos.
 (D) 5 anos.
 (E) 6 anos.
 (F) Mais de 6 anos.

76. Em que turno você cursou ou está cursando o ensino médio?

- (A) Somente no turno diurno.
 (B) Maior parte no turno diurno.
 (C) Somente no turno noturno.
 (D) Maior parte no turno noturno.



77. Em que tipo de escola você cursou ou está cursando o ensino médio?

- (A) Somente em escola pública.
 (B) Maior parte em escola pública.
 (C) Somente em escola particular.
 (D) Maior parte em escola particular.
 (E) Somente em escola indígena.
 (F) Maior parte em escola não-indígena.
 (G) Somente em escola situada em comunidade quilombola.
 (H) Maior parte em escola não situada em comunidade quilombola.



78. Em que modalidade de ensino você concluiu ou vai concluir o ensino médio?

- (A) Ensino regular.
 (B) Educação para jovens e adultos (antigo supletivo).
 (C) Ensino Médio 1 ensino profissional.



Assinale, no quadro abaixo, a(s) atividade(s) ou o(s) curso(s) que você realiza ou realizou:

	Sim	Não
79. Curso de língua estrangeira	(A)	(B)
80. Curso de computação ou informática	(A)	(B)
81. Curso preparatório para o vestibular (curso)	(A)	(B)
82. Outros	(A)	(B)

Com qual frequência você lê:

	Frequentemente	Às vezes	Nunca
83. Jornais	(A)	(B)	(C)
84. Revistas de informação geral (Carta Capital, Veja, Istoe, Época, Exame, Caros Amigos, Piauí, Fórum etc.)	(A)	(B)	(C)
85. Revistas de divulgação científica, tecnológica, científica ou artística (Ciência, Galileu, Hoje, Geo, Mens & Ciência, Linux Magazine, PC Magazine, Planeta, Cult, Nova História, História Viva, Entalho etc.)	(A)	(B)	(C)
86. Revistas de humor, quadrinhos ou jogos (Cassete & Planeta, Turbante Mônica, PC Gamer etc.)	(A)	(B)	(C)
87. Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades (Veja, TFM, Gal, Rolling Stone, Capricho, Contigo, Caras etc.)	(A)	(B)	(C)
88. Revistas sobre comportamento, moda, estilo e decoração (Cludia, Marie Claire, Paix & Fúria, Casa & Jardim, Dona Flávia etc.)	(A)	(B)	(C)
89. Revistas sobre automóveis, esportes e lazer (Quatro Rodas, Duas Rodas, Placar, Pesca & Cia., Náutica, Revista do Vôlei, Viagem & Turismo Tem etc.)	(A)	(B)	(C)
90. Revistas sobre saúde (Boa Saúde, Saúde, Vida Simples etc.)	(A)	(B)	(C)
91. Revistas sobre religião (Sophia, Revista das Religiões, Mística, Gospel, Oráculos, Deuses etc.)	(A)	(B)	(C)
92. Revistas sobre educação e estudos (Educação, Guia do Estudante, Almanaque Abril, Sociologia, Língua Portuguesa, Speak Up etc.)	(A)	(B)	(C)
93. Livros de ficção (romances, contos, poesias etc.)	(A)	(B)	(C)
94. Livros de não-ficção e biografias (reportagens, livros científicos, filosóficos, históricos, documentários etc.)	(A)	(B)	(C)
95. Dicionários, enciclopédias e manuais	(A)	(B)	(C)
96. Sites e matérias na Internet	(A)	(B)	(C)

Faça uma avaliação da escola em que você realiza ou realizou o Ensino Médio. (Se não cursou o ensino médio, passe para a pergunta 146.)

	Insuficiente a Regular	Regular a Bom	Bom a Excelente
97. O conhecimento que os(as) professores(as) têm das matérias e a maneira de transmiti-lo.	(A)	(B)	(C)
98. A dedicação dos(as) professores(as) para preparar aulas e atender aos(as) estudantes.	(A)	(B)	(C)
99. As iniciativas da escola para realizar excursões, passeios culturais, estudos do meio ambientais.	(A)	(B)	(C)
100. A biblioteca da escola.	(A)	(B)	(C)
101. As condições das salas de aula.	(A)	(B)	(C)
102. As condições dos laboratórios.	(A)	(B)	(C)
103. Acesso a computadores e outros recursos de informática.	(A)	(B)	(C)
104. O ensino de línguas estrangeiras.	(A)	(B)	(C)
105. O interesse dos(as) estudantes.	(A)	(B)	(C)
106. Trabalho de grupo.	(A)	(B)	(C)
107. Práticas de esporte.	(A)	(B)	(C)

	Insuficiente a Regular	Regular a Bom	Bom a Excelente	
108. Atenção e o respeito do(a)s funcionário(a)s e do(a)s professor(a)s.	(A)	(B)	(C)	
109. A direção da escola.	(A)	(B)	(C)	
110. A organização dos horários de aulas.	(A)	(B)	(C)	
111. A localização da escola.	(A)	(B)	(C)	
112. A segurança (iluminação, policiamento etc.).	(A)	(B)	(C)	
113. O acesso à disciplina.	(A)	(B)	(C)	
114. A acessibilidade física e os recursos e os materiais para estudantes com deficiência (rampas, corrimãos, luzes etc.).	(A)	(B)	(C)	
115. A atenção às questões ambientais.	(A)	(B)	(C)	
A escola em que você estuda ou estudou no Ensino Médio realiza algumas das seguintes atividades extracurriculares?	Sim	Não		
116. Palestras/debates	(A)	(B)		
117. Jogos/esportes/campeonatos	(A)	(B)		
118. Música/corais/coral/institui	(A)	(B)		
119. Fábula do meio ambiente / passeios	(A)	(B)		
120. Fairs de cultura / feira cultural	(A)	(B)		
121. Festas / simpósios	(A)	(B)		
122. Atendimento educacional especializado	(A)	(B)		
123. Pensando nos conhecimentos adquiridos no Ensino Médio, como você considera o seu preparo para conseguir um emprego, exercer alguma atividade profissional?		Sim	Não	
(A) Eu me considero preparado(a) para entrar no mercado de trabalho.		(A)	(B)	
(B) Apesar de ter frequentado uma boa escola, eu me considero despreparado(a), pois não aprendi o suficiente para conseguir um bom emprego.		(A)	(B)	
(C) Eu me considero despreparado(a) devido à baixa qualidade do ensino de minha escola, que não me preparou o suficiente.		(A)	(B)	
(D) Não sei.		(A)	(B)	
O que você pensa sobre o(a)s professor(a)s de sua escola quanto aos seguintes aspectos?		Sim	Não	
124. O(a)s professor(a)s têm autoridade, firmeza.		(A)	(B)	
125. O(a)s professor(a)s são distantes, têm pouco envolvimento.		(A)	(B)	
126. O(a)s professor(a)s têm respeito pelo(a)s estudante(s).		(A)	(B)	
127. O(a)s professor(a)s são indiferentes, ignoram sua existência.		(A)	(B)	
128. O(a)s professor(a)s são preocupado(a)s e dedicad(a)s.		(A)	(B)	
129. O(a)s professor(a)s são autoritário(a)s, rígid(a)s, abusam do poder.		(A)	(B)	
130. O(a)s professor(a)s valorizam as diferenças e ensinam a respeitá-las.		(A)	(B)	
Qual é sua avaliação sobre sua escola quanto aos seguintes aspectos?		Insuficiente a Regular	Regular a Bom	Bom a excelente
131. Liberdade de expressar suas ideias		(A)	(B)	(C)
132. Respeito(a)s estudante(s), sem discriminações		(A)	(B)	(C)
133. Amizade e respeito entre estudantes e trabalhadores da escola (funcionário(a)s, professor(a)s)		(A)	(B)	(C)
134. A escola leva em conta as opiniões do(a)s estudante(s)		(A)	(B)	(C)
135. Nas aulas são discutidos problemas da atualidade		(A)	(B)	(C)
136. Convivência entre estudantes		(A)	(B)	(C)
137. A escola se organiza para apoiar a resolução de problemas de relacionamento entre estudantes		(A)	(B)	(C)
138. A escola tem iniciativa para apoiar a resolução de problemas de relacionamento entre estudantes e professor(a)s		(A)	(B)	(C)
139. A escola leva em conta seus problemas pessoais e familiares		(A)	(B)	(C)
140. Realização de projetos e palestras contra drogas		(A)	(B)	(C)
141. Realização de projetos e palestras sobre promoção da saúde e prevenção à Aids e a doenças sexualmente transmissíveis		(A)	(B)	(C)
142. Realização de projetos e palestras sobre direitos humanos e violência		(A)	(B)	(C)
143. Adoção de medidas para garantir a acessibilidade a estudantes com deficiências físicas ou mentais		(A)	(B)	(C)
144. Capacidade de a escola relacionar os conteúdos das matérias com o cotidiano		(A)	(B)	(C)
145. Reconhecimento e valorização da identidade étnica do(a)s estudante(s)		(A)	(B)	(C)
146. A escola leva em conta a opinião do(a)s participante(s)		(A)	(B)	(C)

147. Que nota você daria para a formação que você obteve no Ensino Médio? (Atenção: 0 é a pior nota e 10 é a melhor nota.)

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Não sei	Não cursou
(A)	(B)	(C)	(D)	(E)	(F)	(G)	(H)	(I)	(J)	(K)	(L)	(M)

Para as próximas perguntas, queremos conhecer seus valores sobre alguns pontos. Por favor, leia com atenção!

148. Você se considera racista?

(A) Sim.
(B) Não.

Você conhece algum racista?

	Sim	Não
149. Pais/mãe(s).	(A)	(B)
150. Amigo(a)s ou colegas de escola e/ou de trabalho.	(A)	(B)
151. Vizinho(a)s ou conhecidos.	(A)	(B)
152. Professor(a)s ou funcionários(a)s da escola.	(A)	(B)
153. Pessoas em geral (nas ruas, nos ambientes públicos).	(A)	(B)

Você acredita possuir algum preconceito contra pessoas abaixo mencionadas?

	Sim	Não
154. Pessoas mais pobres / participantes de programas sociais do governo (Bolsa-Família etc.).	(A)	(B)
155. Negros(as), indígenas, orientais, cigano(a)s ou de outras etnias.	(A)	(B)
156. Mulheres.	(A)	(B)
157. Homossexuais ou gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuals.	(A)	(B)
158. Pessoas muito religiosas.	(A)	(B)
159. Pessoas de outra religião.	(A)	(B)
160. Pessoas sem religião.	(A)	(B)
161. Pessoas de outras cidades, do interior, da zona rural ou de outras regiões do país ou do exterior.	(A)	(B)
162. Pessoas idosas.	(A)	(B)
163. Pessoas com deficiência física ou mental.	(A)	(B)
164. Pessoas muito gordas ou muito magras.	(A)	(B)
165. Meninos(as) de feição ou de peleira.	(A)	(B)
166. Meninos(as) em situação de rua.	(A)	(B)
167. Jovens (in)trusos(a)s / jovens em conflito com a lei.	(A)	(B)
168. Usuário(a)s de drogas.	(A)	(B)

Você já sofreu algum tipo de discriminação?

	Sim	Não
169. Discriminação econômica.	(A)	(B)
170. Discriminação étnica, racial ou de cor.	(A)	(B)
171. Discriminação de gênero (por ser mulher ou por ser homem).	(A)	(B)
172. Por ser ou ter sido identificado como homossexual / gay, lésbica, bissexual, travesti ou transsexual.	(A)	(B)
173. Por causa de sua religião.	(A)	(B)
174. Por não ter religião.	(A)	(B)
175. Por causa do local de seu nascimento (em outra cidade, no interior, em outra região, no exterior etc.).	(A)	(B)
176. Por causa de sua idade.	(A)	(B)
177. Por ser pessoa com deficiência física ou mental.	(A)	(B)
178. Por causa de sua aparência física (gordura, magreza, altura, barba etc.).	(A)	(B)
179. Por causa do lugar de sua moradia.	(A)	(B)

Você já presenciou algum tipo de discriminação?

	Sim	Não
180. Discriminação econômica.	(A)	(B)
181. Discriminação étnica, racial ou de cor.	(A)	(B)
182. Discriminação contra mulheres.	(A)	(B)
183. Discriminação contra homossexuais / gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuals.	(A)	(B)
184. Discriminação religiosa.	(A)	(B)
185. Por causa do local de nascimento (em outra cidade, no interior, na zona rural, em outra região etc.).	(A)	(B)
186. Discriminação contra jovens menores de 18 anos.	(A)	(B)
187. Discriminação contra pessoas idosas.	(A)	(B)
188. Discriminação contra pessoas com deficiência.	(A)	(B)
189. Por causa de aparência física.	(A)	(B)
190. Por causa do lugar de moradia.	(A)	(B)

Você se incomoda se tivesse como parente ou colega de escola uma pessoa

	Sim	Não
191. de outra classe social.	(A)	(B)
192. de outra cor ou etnia.	(A)	(B)
193. de outra religião.	(A)	(B)
194. com posições políticas diferentes das suas.	(A)	(B)
195. de outra origem geográfica (de outra cidade, da zona rural, de outra região etc.).	(A)	(B)
196. homossexual / gay, lésbica, bissexual, travesti ou transsexual.	(A)	(B)
197. muito mais nova ou muito mais velha.	(A)	(B)
198. com deficiência física ou mental.	(A)	(B)

O quanto você se interessa pelos assuntos abaixo?

	Muito	Pouco	Não me interessa
196. Política	(A)	(B)	(C)
197. Globalização	(A)	(B)	(C)
201. Esportes	(A)	(B)	(C)
202. Turismo	(A)	(B)	(C)
203. Meio ambiente, política, etc.	(A)	(B)	(C)
204. Desigualdade social, pobreza, desemprego, miséria	(A)	(B)	(C)
205. Artes, teatro, cinema, música	(A)	(B)	(C)
206. A questão das drogas	(A)	(B)	(C)
207. O acesso e a qualidade dos serviços públicos de saúde e	(A)	(B)	(C)
208. Sexualidade (prezer, sexo seguro, prevenção, doenças sexualmente transmissíveis, etc.)	(A)	(B)	(C)
209. O racismo contra negro, indígena, oriental, cigano, judeus, etc.	(A)	(B)	(C)
210. Discriminação e violência contra mulheres	(A)	(B)	(C)
211. Discriminação e violência contra homossexuals / gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuals	(A)	(B)	(C)
212. Discriminação e violência contra crianças e adolescentes	(A)	(B)	(C)
213. Discriminação e violência contra pessoas idosas	(A)	(B)	(C)
214. Discriminação e violência contra pessoas com deficiência	(A)	(B)	(C)

Dos itens listados abaixo, quais são as três principais contribuições para a sua vida pessoal que você obteve ao realizar o Ensino Médio? (Atenção: indique apenas as três principais alternativas escolhidas.)

	215. Primeira	216. Segunda	217. Terceira
Obtenção de um certificado de conclusão de curso / ou de um diploma	(A)	(B)	(C)
Formação básica necessária para obter um emprego melhor	(A)	(B)	(C)
Condições de melhorar minha posição no emprego atual	(A)	(B)	(C)
Obtenção de cultura geral / ampliação de minha formação pessoal	(A)	(B)	(C)
Formação básica necessária para continuar os estudos em uma universidade / faculdade	(A)	(B)	(C)
Aumentar a expectativa de meus pais sobre meus estudos	(A)	(B)	(C)
Formação humana e cidadã para ser uma pessoa melhor e mais respeitosa das diferenças	(A)	(B)	(C)

218. Qual é a principal decisão que você vai tomar quando concluir ou obter a certificação do Ensino Médio?

- (A) Já concluí o Ensino Médio.
- (B) Frestar vestibular e continuar os estudos no Ensino Superior.
- (C) Procurar um emprego.
- (D) Frestar vestibular e continuar a trabalhar.
- (E) Fazer curso(s) profissionalizante(s) e me preparar para o trabalho.
- (F) Trabalhar por conta própria / trabalhar em negócio de família.
- (G) Trabalhar em atividade ligada à comunidade indígena.
- (H) Trabalhar em atividade ligada à comunidade quilombola.
- (I) Ainda não decidi.

219. E a médio prazo, daqui a uns 4 ou 5 anos, você já planejou o que preferiria que acontecesse?

- (A) Ter um diploma universitário para conseguir um bom emprego.
- (B) Frestar um concurso e trabalhar no setor público.
- (C) Ganhar dinheiro com meu próprio negócio.
- (D) Envolver-me em projeto de desenvolvimento de minha comunidade indígena.
- (E) Envolver-me em projeto de desenvolvimento de minha comunidade quilombola.
- (F) Não planejo.

220. Que profissão você escolheu seguir?

- (A) Ainda não escolhi. (Passe para a pergunta 228.)
- (B) Profissão ligada às Engenharias / Ciências Tecnológicas / Matemáticas.
- (C) Profissão ligada às Ciências Humanas.
- (D) Profissão ligada às Artes.
- (E) Profissão ligada às Ciências Biológicas e da Saúde.
- (F) Professora(o) de Ensino Fundamental, Médio ou Superior.
- (G) Não vou seguir nenhuma profissão. (Passe para a pergunta 228.)

O que ou quem ajudou você a tomar essa decisão sobre sua profissão?

	Ajudou muito	Ajudou pouco	Não ajudou
221. Meus pais	(A)	(B)	(C)
222. A escola	(A)	(B)	(C)
223. Meus (minhas) amigos(as)	(A)	(B)	(C)
224. Informações gerais, revistas, jornais	(A)	(B)	(C)
TV			
225. Meu trabalho	(A)	(B)	(C)
226. Estímulo financeiro	(A)	(B)	(C)
227. Facilidade de obter emprego	(A)	(B)	(C)

APENAS DEVEM RESPONDER AS QUESTÕES DE NÚMEROS 228 A 240 OS PARTICIPANTES QUE CONCLUÍRAM O ENSINO MÉDIO ATÉ 2008 (INCLUSIVE).

(Se você não concluiu ou não cursou o Ensino Médio passe para a pergunta 241.)

228. Você continuou seus estudos depois de ter concluído o Ensino Médio?

- (A) Sim, estou estudando no momento atual.
- (B) Sim, mas não estou estudando no momento atual.
- (C) Não.

Quais dos cursos abaixo você frequentou ou frequenta?

	Sim	Não
229. Curso profissionalizante	(A)	(B)
230. Curso preparatório para vestibular	(A)	(B)
231. Curso superior	(A)	(B)
232. Curso de língua estrangeira	(A)	(B)
233. Curso de computação ou informática	(A)	(B)
234. Curso preparatório para outros concursos públicos	(A)	(B)
235. Outro curso	(A)	(B)

Qual curso ou formação fez mais falta para a sua vida, depois que você terminou o Ensino Médio?

	Sim	Não
236. Curso profissionalizante	(A)	(B)
237. Curso preparatório para vestibular	(A)	(B)
238. Curso superior	(A)	(B)
239. Curso de língua estrangeira	(A)	(B)
240. Curso de computação ou informática	(A)	(B)

APENAS DEVEM RESPONDER AS QUESTÕES DE NÚMEROS 241 A 243 OS PARTICIPANTES QUE VÃO REQUERER A CERTIFICAÇÃO DO ENSINO MÉDIO.

241. Como você realiza ou realizou o Curso de Educação de Jovens e Adultos - EJA?

- (A) Frequente curso presencial em escola pública.
- (B) Frequente curso presencial em escola particular.
- (C) Frequente curso presencial na empresa em que trabalha.
- (D) Frequente tele-aula.
- (E) Frequente curso promovido por instituição religiosa ou filantrópica.
- (F) Faz curso a distância (via rádio, teleaula, Internet, curso, com apostilas).
- (G) Não frequento.

242. Em que período você cursa a EJA (Educação de Jovens e Adultos)?

- (A) Diurno.
- (B) Noturno.
- (C) A distância.
- (D) Não curso.

243. Você já havia cursado antes a EJA e depois parou?

- (A) Sim.
- (B) Não.

No caso de ter parado de frequentar a EJA, qual (quais) foi (foram) o(s) motivo(s)?

	Sim	Não
244. Horário de trabalho difícil / não tinha tempo de estudar	(A)	(B)
245. Desistava no curso de empresa e fui demitido(a)	(A)	(B)
246. Problemas ligados à saúde ou acidentes comigo ou pessoas de minha família	(A)	(B)
247. Mudança de cidade	(A)	(B)
248. Casamento / filhos	(A)	(B)
249. Não tinha interesse / desisti	(A)	(B)
250. Senti-me discriminado(a) / sofrí agressão (física ou verbal)	(A)	(B)
251. Não frequento	(A)	(B)

252. Você já frequentou, alguma vez, escola regular?

- (A) Sim.
- (B) Não.

253. Se você já frequentou escola regular antes, em que série ou ano escolar você deixou a escola?

- (A) 1ª série do Ensino Fundamental.
- (B) 2ª série do Ensino Fundamental.
- (C) 3ª série do Ensino Fundamental.
- (D) 4ª série do Ensino Fundamental.
- (E) 5ª série do Ensino Fundamental.
- (F) 6ª série do Ensino Fundamental.
- (G) 7ª série do Ensino Fundamental.
- (H) 8ª série do Ensino Fundamental.
- (I) 1ª série do Ensino Médio.
- (J) 2ª série do Ensino Médio.
- (L) 3ª série do Ensino Médio.
- (M) Não frequento.

Quanto tempo você levou para cursar (ou terminar) cada uma das séries abaixo?

	Não cursou / não frequentou	1 ano	2 anos	Mais de 2 anos
254. 1ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)
255. 2ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)
256. 3ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)

Em que tipo de escola você cursou cada uma das séries abaixo?

	Escola de Prefeitura (municipal)	Escola estadual ou federal	Escola particular	Escola de Igreja ou Instituição filantrópica	Não cursou
257. 1ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
258. 2ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
259. 3ª série do Ensino Médio.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)

260. Quantos anos você tinha quando deixou de frequentar a escola regular?

- (A) Menos de 10 anos.
 (B) Entre 10 e 14 anos (inclusive).
 (C) Entre 15 e 19 anos (inclusive).
 (D) Entre 20 e 24 anos (inclusive).
 (E) Entre 25 e 30 anos (inclusive).
 (F) Mais de 30 anos.
 (G) Nunca frequentou.

Por que motivo você nunca frequentou uma escola regular? (Se algum dia você frequentou a escola regular, passe para a pergunta 268.)

	Sim	Não
261. Não conseguiu vaga em escola pública / a família não tinha condições de pagar os estudos.	(A)	(B)
262. Não havia escola perto de casa.	(A)	(B)
263. Não gostava de estudar / não tinha interesse.	(A)	(B)
264. Por motivos ligados ao trabalho: horário de trabalho era difícil / não tinha tempo de estudar.	(A)	(B)
265. Faltou de estudar porque casou / teve filhos / teve que cuidar da família.	(A)	(B)
266. Não tinha apoio da família.	(A)	(B)
267. Por problemas ligados à saúde: sofreu acidente / ficou doente / aconteceu algum acidente com pessoas da família.	(A)	(B)
268. Sofreu discriminação.	(A)	(B)

Por que motivo você deixou de frequentar uma escola regular? (Se você nunca frequentou a escola regular, passe para a pergunta 280.)

	Sim	Não
269. Foi reprovado(a).	(A)	(B)
270. Não conseguiu vaga em escola pública / a família não tinha condições de pagar os estudos.	(A)	(B)
271. Não havia escola perto de casa.	(A)	(B)
272. A escola que frequentava era muito ruim (tinha muita bagunça, não tinha professores, as aulas não eram boas etc.).	(A)	(B)
273. Não gostava de estudar / não tinha interesse.	(A)	(B)
274. Por motivos ligados ao trabalho: horário de trabalho era difícil / não tinha tempo de estudar.	(A)	(B)
275. Faltou de estudar porque casou / teve filhos / teve que cuidar da família.	(A)	(B)
276. Não tinha apoio da família.	(A)	(B)
277. Por problemas ligados à saúde: sofreu acidente / ficou doente / aconteceu algum acidente com pessoas da família.	(A)	(B)
278. Sofreu discriminação na escola.	(A)	(B)
279. Sofreu agressão (física ou verbal) na escola.	(A)	(B)

Por que motivos você voltou a estudar ou a cursar a Educação de Jovens e Adultos?

	Sim	Não
280. Não voltei a estudar. (Se não voltou, responda 'sim' e pare de responder ao questionário.)	(A)	(B)
281. Para conseguir meu primeiro emprego.	(A)	(B)
282. Para conseguir um emprego melhor.	(A)	(B)
283. Para melhorar de posição no meu emprego atual.	(A)	(B)
284. Para prestar vestibular e fazer uma faculdade.	(A)	(B)
285. Para fazer algum curso profissionalizante.	(A)	(B)
286. Para adquirir mais conhecimento, ficar atualizado(a).	(A)	(B)
287. Para ser alguém na vida, ter mais chances.	(A)	(B)

O que mudou em sua vida depois que você voltou ou começou a estudar?

	Sim	Não
288. Aumentei meus conhecimentos, adquiri mais informações, tenho mais preparo.	(A)	(B)
289. Melhorou minha autoestima, minha satisfação pessoal.	(A)	(B)
290. Tive reconhecimento no trabalho.	(A)	(B)
291. Surgiram novas oportunidades de trabalho.	(A)	(B)
292. Minha vida ficou pior, mais cansativa, mais corrida.	(A)	(B)
293. Não mudou nada.	(A)	(B)

Anexo 2: Roteiro de Entrevista.



Roteiro de entrevista semi-estruturada da pesquisa

“Razões do Improvável”: sucesso no campo escolar de estudantes oriundos de classes populares”,

Vinculada ao PPG Sociologia da UFRGS e ao Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UFRGS)

Nome do Entrevistado: _____

Sexo () M () F Idade: _____ Naturalidade: _____

Cor: _____ Curso em que se formou o entrevistado: _____

Local da Entrevista: _____ Data: ____/____/2014

Horário de início da entrevista: _____: _____ Entrevistador: _____

- Iniciar gravação:

Apresentação:

Bom dia/ boa tarde / boa noite, meu nome é Fernando de Gonçalves, sou estudante de mestrado em sociologia na UFRGS e estou realizando uma pesquisa sobre a trajetória escolar e profissional de alguns estudantes egressos da UFRGS. Eu gostaria de conversar com você sobre sua trajetória tanto anterior, quanto posterior à universidade. Lembro que para fins práticos de análise a entrevista será gravada e será mantido o sigilo acerca de sua identidade em todas as etapas da pesquisa. Podemos iniciar?

a) Espaços de Socialização

1) Família

1. Profissão do Pai: _____
2. Profissão da mãe: _____
3. Como era a situação econômica de sua família?
4. Alguém já esteve desempregado? Por quanto tempo?
5. Escolaridade do Pai: a) sem instrução b) fundamental incompleto c) fundamental completo / médio incompleto d) médio completo e) superior incompleto f) superior completo g) pós-graduação

6. Escolaridade da mãe: a) sem instrução b) fundamental incompleto c) fundamental completo / médio incompleto d) médio completo e) superior incompleto f) superior completo g) pós-graduação
7. Você é da primeira geração com diploma? Caso não, em qual geração sua família teve contato com o ensino superior?
8. Algum membro da família – mesmo tio, avô, etc.) exercia alguma profissão de natureza “intelectual” ou “cultural” (artista, professor primário, etc.), mesmo que sem ensino superior formal?

2) Espacial

9. Em qual cidade você nasceu? Em quais cidades você já morou e em que época?
10. Em que tipos de bairros você já morou? Como era o bairro no qual você passou sua infância?

3) Escola

11. Tipo de escola ensino fundamental: a) toda pública b) a maior parte pública c) metade pública, metade privada d) maior parte privada e) toda privada
12. Tipo de escola ensino médio: a) toda pública b) a maior parte pública c) metade pública, metade privada d) maior parte privada e) toda privada
13. Turno cursado no ensino médio: a) diurno b) diurno e noturno c) noturno
14. Tipo de ensino médio cursado: a) regular b) técnico ou normal c) EJA
15. Você pode falar um pouco da proposta pedagógica das escolas na qual você estudou? Ela era mais “tradicional” ou “moderna”, “progressista”, “inovadora”?
16. Você se lembra se seus colegas eram filhos de pessoas pobres, de classe média, etc. Lembra algo da situação econômica deles em relação a sua?
17. Algum professor marcou você? Fale a respeito dele(s).

4) Trabalho antes da universidade

18. Antes da Universidade, você trabalhou? a) sim b) não
19. Com que idade você começou a trabalhar? ____ anos.
20. Onde você começou a trabalhar. Por quê?

5) Religião

21. Sua família é religiosa? a) sim b) não
22. Caso sim, em qual denominação? _____
23. Você é religioso? a) sim b) não
24. Caso sim, em qual denominação? _____
25. (depende das outras respostas) Você participa ou participou de atividades e grupos religiosos?
26. No caso de ser religioso, qual a importância da religião em sua vida? Em quais aspectos?

6) Política

27. Sua família participa ou participou de partidos, associações de moradores ou sindicatos? a) não b) sim (caso sim, fale mais sobre)
28. Você participa ou participou de partidos, sindicatos, grêmios estudantis ou centros acadêmicos? a) não b) sim (caso sim, fale mais sobre)

29. No caso de ter participado ou estar participando de algum grupo político, qual a importância dele em sua vida? Em quais aspectos?

b) Disposições

7) Modelos de aprendizagem (formal ou informal)

30. Você se considera autodidata em algum assunto?
31. Quais cursos regulares (superiores, técnicos, etc.) você fez ou começou além de seu curso principal?
32. No caso de fazê-los (cursos regulares), são pagos ou gratuitos? E os faz em qual local?
33. Você fez ou faz cursos não-regulares (línguas estrangeiras, artes, música, artesanato, etc.)?
34. No caso de fazê-los (cursos não-regulares), são pagos ou gratuitos? E os faz em qual local?
35. Você costuma ler manuais, guias, enciclopédias?

8) Ascetismo e hedonismo

36. Você tem facilidade de se concentrar ao estudar ou realizar alguma tarefa que requeira atenção?
37. Quando necessita se concentrar, qual o local em que pode fazer isso (casa, biblioteca, etc.)?
38. Você costuma procrastinar tarefas importantes?
39. Você costuma comer o que lhe dá vontade ou prefere seguir dietas?
40. Você pratica atividades físicas? Caso sim, que tipos de atividades físicas você pratica? Prefere atividades mais lúdicas ou que exijam um maior treino?

9) Disposições em relação a regras e normas (hipercorreção /espontaneidade)

41. O que você acha dos regulamentos profissionais de onde você trabalha?
42. Você costuma se atrasar para compromissos ou no trabalho?
43. (não perguntar - verificar o uso que o entrevistado faz da língua numa situação de formalidade, como esta entrevista)
44. Você já tentou adequar seu português falado à norma culta, através de cursinhos, manuais, gramáticas, etc.?
45. Quando você recebe alguma prescrição médica, costuma cumpri-la à risca?
46. Caso tenha feito alguma dieta alimentar, você conseguiu cumpri-la?

10) Cultura legítima

47. Você costuma ler literatura (romances, contos, poesia)? Fale um pouco sobre o seu tipo de leitura.
48. Você costuma ler livros de não-ficção (biografias, livros de divulgação científica, históricos, etc.)?
49. Você costuma ir ao cinema? Que tipos de filmes você gosta de assistir?
50. Qual tipo de música você ouviu?
51. Você foi, nos últimos 12 meses, a algum recital ou concerto de música erudita ou ópera?
52. Você foi, nos últimos 12 meses, a algum museu ou exposição?
53. Você foi, nos últimos 12 meses, ao teatro?

54. Quais esportes você acompanha?

11) Disposições estéticas e utilitárias

55. O que você prefere fazer no seu tempo de lazer?

56. O que você prefere fazer nas suas férias?

57. Você tem preferência por alimentos leves ou pesado-gordurosos? Doces ou salgados?

58. Que estilo de roupa você costuma vestir no trabalho e no lazer? Você compra suas roupas em que tipo de loja?

12) Disposições de passividade / proatividade

59. Você já teve uma posição de chefia ou direção em uma situação profissional?

60. Você já concorreu a algum cargo (em sindicato, associações profissionais ou estudantis, etc.)?

61. No trabalho, você costuma propor soluções a problemas ou sugestões a aspectos ainda que não sejam de sua responsabilidade? Contribuir além de suas obrigações e do que lhe é demandado?

c) Trajetória universitária

13) “pré-universitária”

62. Como e quando você decidiu que ia fazer ensino superior?

63. Como se deu a escolha de seu curso?

64. Alguém incentivou você para cursar ensino superior? (familiar, amigos, escola)

65. Como você se preparou para o vestibular?

66. Você fez cursinho? (qual, onde, qual tipo) Como foi a experiência?

67. Como foi o vestibular em si?

14) universitária

68. Assim que entrou na universidade, teve alguma dificuldade em acompanhar o conteúdo do curso?

69. Trabalhou durante o curso? Em que?

70. Teve bolsas durante a graduação? Quais? No que elas lhe acrescentaram?

71. Participou de intercâmbio? No caso de ter participado, como ficou sabendo da oportunidade de estudo? O fez com ou sem bolsa? Como se preparou para a candidatura ao intercâmbio?

15) “pós-universitária”

72. Você se formou em quanto tempo? Se formou em palco ou gabinete? Como foi a experiência?

73. Realizou especialização, mestrado ou doutorado? Se sim, fale sobre. No caso de ainda não tê-lo feito, pretende dar continuidade aos estudos?

74. Trabalhou em que após a formatura? Fale sobre sua trajetória profissional após o curso.

Você tem algo sobre o que gostaria de falar e não foi contemplado na entrevista? Caso não, muito obrigado pela sua atenção, sua participação foi crucial para os resultados da pesquisa.